



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ - REITORIA DE PÓS - GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

LAÍS SANTOS CASTRO

**FUTEBOL E LITERATURA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES
TRANSDISCIPLINARES EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM JOÃO PESSOA-PB**

**CAMPINA GRANDE – PB
2020**

LAÍS SANTOS CASTRO

**FUTEBOL E LITERATURA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
POSSIBILIDADES TRANSDISCIPLINARES EM UMA ESCOLA
PÚBLICA EM JOÃO PESSOA-PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Linguagens, Culturas e Formação Docente.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva

**Campina Grande – PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C355f Castro, Laís Santos.
Futebol e literatura na aula de educação física [manuscrito]
: possibilidades transdisciplinares em uma escola pública em
João Pessoa-PB / Laís Santos Castro. - 2020.
262 p. : il. colorido.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Profissional em Formação de
Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria
de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.
"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."
1. Ensino de educação física. 2. Letramento literário. 3.
Futebol. 4. Transdisciplinaridade . I. Título

21. ed. CDD 372.86

LAÍS SANTOS CASTRO

**FUTEBOL E LITERATURA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
POSSIBILIDADES TRANSDISCIPLINARES EM UMA ESCOLA
PÚBLICA EM JOÃO PESSOA-PB**

Texto do Exame de defesa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, *campus* I, como parte das exigências para a obtenção do grau de Mestre em Formação de Professores.

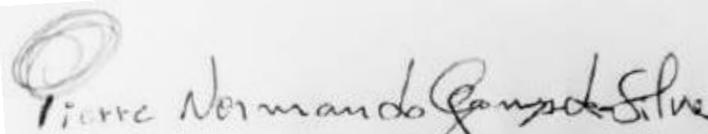
Aprovado em 11/09/2020.



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva - PPGFP/UEPB
Orientador



Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel- PPGFP/UEPB
Examinador Interno



Prof. Dr. Pierre Normando Gomes da Silva - PAPGEF UPE/UEPB
Examinador Externo

*Aos meus pais, pela resiliência, lutas e recomeços
que nos trouxeram até aqui.*

*Ao meu vô “Biu”, engenheiro autodidata, cuja
inteligência e vitalidade sempre me inspiraram.
A minha vó Maria, doce patrocinadora de
outrora, que sempre acreditou que eu podia ir além.
Por/Com vocês fui... Estou sendo... Serei.*

*A todas e a todos que, mesmo em meio às
adversidades do cotidiano, insistem em acreditar
na Educação como energia transformadora de
destinos.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que desde a concepção, semeou em minha alma o amor pelo conhecimento, e que escreveu este capítulo da minha vida com imensurável sabedoria. A Ele, rendo louvores por cada não que precisou ser recebido e administrado até o ingresso neste programa, pelo amadurecimento que nutriu minha espera e permitiu que eu desfrutasse deste período de curso com profundidade e plenitude.

Aos meus pais, Odon e Lourdes, às minhas irmãs, Maria Dulce e Layne, e à minha sobrinha Maria Isis, por todas as batalhas que enfrentamos juntos ao longo deste processo, principalmente as de vida e de morte que nos levaram ao ápice de nossa força e fé. Obrigada por acreditarem em mim, por me darem colo nas vezes em que não alcancei o êxito desejado e por festejarem comigo a cada boa notícia. Agradeço por fazerem do meu sonho o sonho de vocês e por suportarem as ausências, o mau humor e as inseguranças da jornada. Tudo o que eu sou, tenho e busco é por nós, assim como é nosso este título.

Ao meu amor, meu companheiro, Wellington Costa, por não permitir que, em momento algum, esta jornada de mestrado fosse solitária. Por nunca ter sido um espectador, por fazer com que cada trecho deste trabalho carregue consigo uma história de partilha, cuidado, incentivo e amor. Obrigada por trazer leveza e equilíbrio ao meu caminho, por nestes dois anos me cobrar apenas que eu mantivesse disciplina em meu propósito, por me amar acima, apesar e em todas as minhas escolhas. Este título é nosso, e alguns dos seus valores somente nós conhecemos!

Ao meu orientador, o prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva, que é a personificação exata do que é a literatura. Ser orientanda de Marcelo é o mesmo que deparar-se com uma obra literária de reconhecido valor, cujo encontro fatalmente implicará transformação. Alguns mais instrumentalistas serão impelidos a darem o seu melhor pelo encontro com o professor conhecido pela extrema competência e exigência. Outros, como eu, se permitirão um mergulho mais profundo... Então serão capturados por sua história de vida forte e inspiradora, se encantarão por seu comprometimento e zelo com a docência, mas é na humanidade (própria de Marcelo) que encontrarão sua face de maior deleite: no respeito, no acolhimento, na empatia experimentada em cada página do percurso de orientação. A você, professor, minha amizade, admiração e amor, obrigada por fazer novos, amplos e plurais meus horizontes.

As professoras e professores deste programa de mestrado, que partilharam conhecimentos que enriqueceram minha trajetória acadêmica e profissional. De maneira especial, ao Prof.º Dr.º Diógenes Maciel, que compôs minha banca como examinador interno, pelas assertivas contribuições que enriqueceram o meu trabalho e pelos saberes compartilhados na disciplina de Estudos Culturais que nos faziam esquecer o cansaço do terceiro turno de aulas. Obrigada por nos olhar a todos simplesmente como alunos e, pelo fato de ser egressa do curso de Educação Física, nunca ter sido motivo para distinção ou preconceito. Ao senhor, meu carinho, respeito e admiração.

Ao Prof.º Dr.º Pierre Normando, que compôs minha banca como examinador externo, por ampliar e enriquecer as possibilidades de diálogo entre a minha produção científica e a prática pedagógica em Educação Física.

À Prof.ª Dr.ª Goretti Lisboa, examinadora da externa durante o exame de qualificação, por aceitar fazer parte deste trabalho, acrescentando um olhar experiente, técnico e complexo. Que benção do Senhor o cruzamento dos nossos caminhos! Gratidão por todas as oportunidades e parcerias que estabelecemos, e por tornar-se uma de minhas referências na Educação Física e na formação docente. Amo você, professora, sua competência e comprometimento me inspiram.

À Dona Lenilde e Sr. Assis, meus sogros, à Laís e Gustavo, meus cunhados, e aos meus sobrinhos do coração Arthur e Heitor, por me receberem em suas casas e em suas vidas não como hóspede, mas como família, cujo cuidado e amor independe dos laços de sangue.

Aos familiares maternos e paternos que se alegram com minhas conquistas. Em especial à minha tia Gal, que se aventurou comigo em várias idas a Campina Grande, à prima Kaline e ao primo Felipe, que compartilham comigo do amor pelo universo acadêmico e que com generosidade sempre me auxiliaram nas construções dos meus projetos de pesquisa.

Ao meu amigo “Mestre-Doctor” e mentor intelectual [risos], Josias Silvano, um dos principais incentivadores do meu ingresso neste programa. Obrigada por acreditar no meu potencial, por acolher minhas ideias e por não me deixar desistir. Por dedicar tempo à correção dos meus projetos e alegrar-se com minhas descobertas e conquista. Que eu possa iluminar a vida de outras pessoas do mesmo modo que você iluminou a minha. Essa vitória é nossa, meu amigo.

Aos meus “Tortuguitas” do Cajá, Dani, Raquel, Ruan, Izabel “Sevé”, Elisa, Fábio e Mari. Obrigada pela compreensão sobre o meu cansaço, pelo incentivo diário, por ouvirem minhas construções textuais um milhão de vezes [risos] nos intervalos do trabalho, por supervisionarem meus slides antes de todas as apresentações, aguentarem os reclames, acolherem os meus medos, por estarem de mãos dadas comigo em todos os momentos, por essa amizade sincera que se estendeu para além do trabalho e é imprescindível em todas as áreas da minha vida.

Às “Raxinhas” Luciene, Alana, Thaizinha, Ana Cristina, Aline, Mel, Pri e Rany, amigas que me acompanham e me apoiam desde a universidade. Em especial a minha “Maguinha” Dafne Souto, pela parceria, disponibilidade e torcida de sempre. Amo tu, Maguinha, obrigada!

Às minhas amigas “Superpoderosas” Marília e Tayse, com quem partilhei a totalidade da caminhada no mestrado. Duas mulheres, fortes, admiráveis e inspiradoras para que sempre olhei como gigantes, sem precisar me sentir pequena por conta disso. Agradeço pelo encontro, pela partilha, pelo perdão e, em especial, pela ligação que vai muito além das demandas e limites da universidade.

Aos amigos da turma 2018.1 por, ao longo destes dois anos, partilharem das descobertas, desafios e vitórias proporcionadas por este curso de mestrado. Em especial, à Lúcia e Jackeline, parceiras de orientação por quem nutro um enorme carinho.

Aos colegas professores da Escola Estadual Líliosa de Paiva Leite que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização desta experiência didática, em especial ao professor de Educação Física Thúlio Ramalho, que gentilmente cedeu a turma em que atuei e, durante toda a coleta de dados, agiu de forma solidária e colaborativa.

À direção, à coordenadora pedagógica e a todos os funcionários da Escola Estadual Líliosa de Paiva Leite, em especial, ao diretor e amigo Rui Bezerra, que autorizou a realização da pesquisa e se manteve solícito e disponível em todo o seu andamento.

Aos estudantes 2º Ano B, estes “serumaninhos”, que me receberam em sua rotina escolar e se dispuseram a fazer parte do meu trabalho. Obrigada pelo processo de desconstrução que pavimentou nossa história, por me colocarem diariamente frente ao imponderável que tanto acrescentou a esta pesquisa. Gratidão por termos comprovado em nossa vivência que o

conhecimento científico, técnico e formal só ratifica seu valor quando nos conecta e aprimora nossa humanidade.

À prefeitura municipal de Gurinhém e ao Governo do Estado da Paraíba pela concessão das licenças remuneradas que custearam estes dois anos de estudo e me permitiram ter saúde mental e tranquilidade no transcorrer desta pesquisa.

À prefeitura municipal de Caldas Brandão, em especial, à Secretária de Saúde Sabrina de Moura Rolim, pela flexibilidade e compreensão em todos os momentos que eu necessitei me ausentar do meu posto de trabalho para cumprir com as atividades relacionadas ao mestrado.

Aos que de forma direta ou indireta contribuíram com esta conquista e aos que amam Educação Física, Futebol e Literatura e enxergam a educação com um olhar de complexidade, criatividade e renovação.

*“Ensinar é um exercício de
imortalidade. De alguma forma
continuamos a viver naqueles cujos
olhos aprenderam a ver o mundo pela
magia da nossa palavra. O professor,
assim, não morre jamais...”*
(Rubem Alves)

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo promover uma proposta transdisciplinar de ensino através da recepção de textos literários sobre futebol nas aulas de Educação Física, partindo da hipótese de que o consórcio entre futebol e literatura pode constituir-se como uma possibilidade didática, pedagógica, cultural e humanista em alternativa aos padrões biológico-técnicos comumente utilizados para o ensino do futebol como um conteúdo dentre os existentes na área dos esportes a serem ensinados na escola. Uma vez que, nos textos literários o futebol é representado considerando a multiplicidade de suas relações com a sociedade, a cultura e os sujeitos, por meio da recepção das narrativas, nossa proposta dirigiu-se a conduzir os/as alunos/as a uma leitura autônoma, reflexiva e questionadora sobre o futebol ressignificando a prática pedagógica com este conteúdo na escola. Este trabalho foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Liliusa de Paiva Leite, no município de João Pessoa-PB, tendo como colaboradores dezenove estudantes de ambos os sexos com idades entre 15 e 19 anos da segunda série do Ensino Médio, do ensino regular em tempo integral. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa e natureza exploratória, delineada por meio de uma pesquisa-ação. Os instrumentos da coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas, observação participativa e registros no diário de campo. Quanto à análise destes dados, orientamo-nos pelo paradigma interpretativista, utilizando as narrativas dos atores que compuseram nossa amostra como via de acesso à compreensão dos sentidos e significados que foram atribuídos por eles ao futebol, à leitura, à literatura e à experiência de que participaram como colaboradores. Este trabalho teve como produto uma sequência didática, em cuja elaboração bem como nas reflexões e análises ao longo da nossa investigação científica, foram utilizadas as orientações teóricas e metodológicas de estudiosos como: Antunes (2004), Guterman (2009), Damatta (1994), Hall (1997), Eagleton (2003) Bourdieu (1983, 1989 e 2002), Betti (2009 e 2017), Darido (2001 e 2007), Altman (2015), Neira (2014 e 2018), Jauss (1994), Cosson (2014) e Lajolo (2004). Assim, ao correlacionarmos o conhecimento teórico-científico à estruturação de ações práticas com o futebol num prisma sociológico, antropológico e cultural, esperamos, com este estudo, ter colaborado com a reflexão sobre as contribuições pedagógicas da recepção dos textos literários sobre futebol na aula de Educação Física, com a ressignificação deste conteúdo no currículo da Educação Física Escolar, com a reconfiguração do papel e do lugar desta disciplina e no projeto político pedagógico da escola e com o fomento à qualificação e à valorização do professor de Educação Física.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Letramento Literário. Educação Física Escolar.

ABSTRACT

The present study aimed to promote a transdisciplinary teaching proposal through the reception of literary texts about soccer in Physical Education classes, based on the hypothesis that the consortium between soccer and literature may constitute a didactic, pedagogical, cultural and humanist possibility as an alternative to the biological-technical standards commonly used for teaching soccer as a content among those existing in the area of sports to be taught at school. Since, in literary texts, soccer is represented by considering the multiplicity of its relations with society, culture and subjects, through the reception of narratives, our proposal was directed to lead students to an autonomous, reflective and questioning reading about soccer resignifying the pedagogical practice of this content at school. This study was carried out at Escola Cidadã Integral Professora Lílíosa de Paiva Leite, in the city of João Pessoa-PB, having as collaborators nineteen full-time High School students of both genders, between 15 and 19 years old. It is a research with a qualitative approach and exploratory nature, outlined through an action research. The instruments of data collection were semi-structured interviews, participant observation and records in the field diary. As for the analysis of the data, we guided ourselves by the interpretive paradigm, using the narratives of the students who composed our sample as a way of accessing the understanding of the senses and meanings attributed by them to soccer, reading, literature and the experience of who participated as collaborators. This study had as a result, a didactic sequence, whose elaboration as well as the reflections and analyzes throughout our scientific investigation, used the theoretical and methodological orientations of the scholars, such as, Antunes (2004), Guterman (2009), Damatta (1994), Hall (1997), Eagleton (2003) Bourdieu (1983, 1989 e 2002), Betti (2009 e 2017), Darido (2001 e 2007), Kunz (1994), Neira (2014 e 2018), Jauss (1994), Cosson (2014) e Lajolo (2004). Thus, by correlating theoretical and scientific knowledge with the structuring of practical actions with soccer in a sociological, anthropological and cultural prism, we hope, with this study, to have collaborated with the reflection on the pedagogical contributions of the reception of literary texts about soccer in Physical Education class, the reframing of this content in the Physical Education curriculum, the reconfiguration of the role and place of this subject and in the political pedagogical project of the school, and the promotion of the qualification and valorization of the Physical Education teacher.

KEYWORDS: Soccer. Literary Literacy. Physical Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Instalações da escola – Fachada; Auditório; Espaço aberto; Pátio/Refeitório coberto.....	46
Figura 2: Alunos realizando alongamento e participando da dinâmica "Troca de passes".....	77
Figura 3: Anotação de expressões sobre o que o futebol representa para os/as estudantes.....	78
Figura 4:alunos discutindo a respeito do vídeo “Abraça a linguagem universal do futebol Qiana Martin TEDxGreenville”.....	82
Figura 5:Jogo de palavras cruzadas e balões com respostas fixados na trave.....	83
Figura 6: Vista da organização espacial do jogo e aluna participando do jogo.....	84
Figura 7:Visão do "cantinho" da leitura cuidadosamente preparado para receber os alunos com almofadas, petisco, essência e música.....	89
Figura 8:Imagens de jogos que deram origem ao futebol, da esquerda para a direita de cima para baixo - Tsu Chu: China Antiga 300 a.C.; Kemari: Japão Antigo; Epyskiros Grécia Antiga século I a.C.; PoktaPok: México 900 anos a.C.; Soule: França, 58 anos a.C.; Calcio.....	90
Figura 9: Momento de leitura.....	91
Figura 10: Produção dos jogos inspirados nas experiências com o futebol na infância.....	93
Figura 11: Experimentação dos jogos produzidos pelos alunos.....	96
Figura 12:Alguns escudos e times utilizados e alunos participando da "Caça aos escudos".....	97
Figura 13:Contagem dos escudos e reprodução do áudio da crônica.....	99
Figura 14: Aula expositivo dialogada sobre as discrepâncias entre o futebol paraibanos e do Sudeste.....	105
Figura 15: Mapa mental.....	107
Figura 16: Elaboração dos cartazes vantagens e desvantagens dos sexos.....	110
Figura 17:Momento de leitura e discussão do conto Mutola.....	115
Figura 18: Jogo das meninas e turma reunida.....	122
Figura 19: Feed do <i>Instagram</i> e postagem 1.....	129
Figura 20: Postagem sobre empoderamento feminino.....	130
Figura 21:Postagem do discurso da atleta Megan Rapinoe.....	131
Figura 22: Cartazes da oficina 1.....	151

Figura 23:Experimentação de jogos da oficina 1 (um).....	152
Figura 24:Mapa mental e linha do tempo da oficina 2.....	153
Figura 25: Explanação sobre os cartazes na oficina 2 (dois).....	154
Figura 26:Visão do espaço da oficina três e experimento social.....	155
Figura 27:Roda de conversa e cartaz com as impressões dos visitantes da oficina.....	156
Figura 28:Roda de conversa e leitura da crônica na oficina 4.....	160

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Quantidade de livros na casa dos discentes.....	52
Gráfico 2: Tipos de livros disponíveis nas casas dos discentes.....	53
Gráfico 3: Frequência de leitura dos responsáveis.....	54
Gráfico 4: Frequência que os responsáveis lêem para os/as discentes.....	54
Gráfico 5: Tipos de leitura realiza pelos discentes.....	58
Gráfico 6: Meios de acesso dos discentes aos livros.....	59
Gráfico 7: Como o futebol faz parte da vida dos discentes.....	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Comparativo de profissões.....	54
Quadro 2: Livros favoritos dos/das estudantes e justificativas.....	61
Quadro 3: Acordo de convivência elaborado democraticamente com a turma.....	86
Quadro 4: Comparativo entre times paraibanos X times do Sudeste.....	100
Quadro 5: Vantagens e desvantagens de ser mulher.....	109
Quadro 6: Vantagens e desvantagens de ser homem.....	109
Quadro 7: Identidades imaginadas pelos discentes.....	134
Quadro 8: Personalidades e sujeitos negros anônimos que compuseram o "Time dos Sonhos" e "Time da Realidade.....	140
Quadro 9: Preferências dos alunos em relação às metodologias utilizadas nas aulas...	148

SUMÁRIO

PRÉ-JOGO/INTRODUÇÃO.....	18
---------------------------------	-----------

CAPÍTULO 1

ROLA A BOLA: AS MÚLTIPLAS VISÕES SOBRE O FUTEBOL ENTRAM EM CAMPO

1.1 O futebol no jogo da cultura.....	26
1.2 O futebol no jogo da cultura escolar.....	27
1.3 O futebol no currículo dos Esportes da Educação Física.....	30
1.4 O jogo do futebol na literatura.....	33
1.5 Futebol e literatura na aula de Educação Física: este jogo é possível.....	38

CAPÍTULO 2

OLHO NO LANCE: A PESQUISA AÇÃO ENTROU EM CAMPO

2.1. Do meu lugar como olheira: outros futebóis são possíveis na escola?.....	42
2.2 Sobre a pesquisa-ação como o esquema tático de nossa investigação.....	44
2.3 Sobre o campo de pesquisa.....	45
2.4 Sobre os instrumentos e procedimentos do nosso jogo investigativo.....	47
2.5 Sobre a análise dos dados.....	50
2.6 Bate bola com o time: entrevistando os craques da escola.....	50
2.6.1 O professor regente.....	51
2.6.2 Perfil socioeconômico e familiar dos alunos.....	52
2.6.3 Sobre o leitor fora da escola.....	54
2.6.4 Sobre o leitor dentro da escola.....	62
2.6.5 Sobre o leitor e o futebol.....	63
2.6.6 Sobre o leitor e a Educação Física.....	64

CAPÍTULO 3

É HORA DE VIRAR O JOGO: LITERATURA E FUTEBOL, POR UMA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR NO ENSINO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

3.1 Futebol e literatura: quando a sequência didática é escalada para o jogo....	72
---	-----------

3.2 Primeiro tempo (cinco aulas): o jogo da literatura e as representações sobre o futebol.....	75
3.3 Segundo tempo (seis aulas) - Leituras plurais para o jogo com o futebol espetáculo.....	95
3.4 Primeiro tempo da prorrogação (seis aulas):Mulheres em campo driblando os impedimentos.....	108
3.5 Segundo tempo da prorrogação (quatro aulas): O futebol e as relações étnico raciais: por uma tática para o reconhecimento das diferenças e superação das desigualdades raciais.....	131
3.6 Show do intervalo (duas aulas): virando o jogo da aprendizagem em um bate bola com a afetividade.....	142
3.7 Disputa de pênaltis: Mostra de conhecimento “Futebol e literatura: o grande jogo”.....	148
3.7.1 A preparação para a mostra de conhecimentos (1 aula).....	148
3.7.2 Jogando bonito: montagem e realização da mostra de conhecimentos (um dia inteiro - manhã e tarde)	149
4. APITO FINAL.....	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	164

SEGUNDA PARTE

SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	175
REFERÊNCIAS.....	215
APÊNDICES.....	217
ANEXOS.....	239

PRIMEIRA PARTE

PRÉ-JOGO/INTRODUÇÃO

Bastam quatro tijolos, quatro camisetas; quatro sapatos ou qualquer objeto que forme o gol. A bola pode ser moderna, passando pela bola de meia, chegando às bolas de papel e chapinhas de garrafa. Ele, o garoto, quer é movimento. Liberar as energias é uma necessidade e o gol uma tentação irresistível. (ARAÚJO, 1976, p. 24)

Em um país de proporções continentais e de características multiculturais e multiétnicas, como é o caso do Brasil, o futebol ocupa o posto de principal esporte da nação. Por todo o território nacional, ele é praticado pelos mais diferentes sujeitos, independente da classe social, gênero, raça, cor ou credo. Dentro e fora dos gramados, o futebol se faz presente no cotidiano de boa parte das pessoas. Encontra-se disseminado na mídia, é objeto de representação na literatura, nas artes plásticas, na música, é estudado por várias áreas de conhecimento e articula-se com diferentes setores sociais como a economia, a política e a educação. Podemos, portanto, dizer que no Brasil o futebol é mais que um esporte, é um fenômeno cultural, “jogo através do qual a sociedade expressa a sua interpretação de vida e de mundo” (HUIZINGA, 2018, p. 53),

No que concerne à educação, o futebol também assume lugar de destaque, uma vez que, conforme De Souza Júnior e Darido (2007), praticamente em todas as escolas, sejam elas particulares, sejam públicas, e em qualquer nível de ensino, este esporte figura como um dos conteúdos mais disseminados na disciplina de Educação Física. Entretanto, referenciada em minha experiência como professora da educação básica ao longo dos últimos sete anos, é pertinente a observação de que o enfoque dado ao futebol no contexto escolar encontra-se fortemente voltado ao rendimento esportivo, ao desenvolvimento das capacidades físicas relacionadas a esta modalidade, a execução correta dos fundamentos técnicos¹ correto, ao aprimoramento dos aspectos táticos² do jogo e a formação de equipes para competições, perspectiva que limita as potencialidades formativas do futebol.

Embora, desde a década de 1980, a intensa produção científica na área venha sinalizando avanços discursivos de base humanista sobre os objetivos e finalidades da Educação Física, a abordagem esportivizada³ do futebol continua enraizada na cultura de boa

¹ Os fundamentos técnicos são as ações motoras específicas de uma modalidade esportiva, no caso do futebol são exemplos de fundamentos técnicos o chute, o drible, o passe.

² Os aspectos táticos do futebol são as estratégias utilizadas para chegar ao objetivo do jogo que é o gol. São exemplos de aspectos táticos o posicionamento dos jogadores e os sistemas de ataque e defesa.

³ Tomaremos o conceito de esportivização a partir de González (2008, p.170) que o explica como “ato ou efeito de converter ou transformar uma prática corporal em esporte ou uma prática social em assumir os códigos próprios desse fenômeno”.

parte das escolas, sendo reproduzida compulsoriamente por muitos professores, limitando as possibilidades dos alunos de reelaborarem os significados que atribuem a este esporte, uma vez que o modelo de aula dirigido ao rendimento esportivo baseia-se na reprodução estereotipada e mecânica do movimento e não considera os aspectos históricos, culturais, sociais e afetivos inerentes a este jogo.

Além do mais, por estar voltada à seleção dos mais aptos para a composição dos times, este modo de atuar pedagogicamente abre margens para situações de segregação e exclusão principalmente no que diz respeito à participação das mulheres, à inclusão de estudantes que estejam acima do peso, que sejam menos habilidosos ou que divergem em algum ponto do perfil de atleta ideal, contribuindo para a evasão destes grupos nas aulas de Educação Física.

Outra demanda gerada pela esportivização do futebol no contexto escolar é a descontextualização do papel social e do lugar do professor de Educação Física na Educação Básica. Quando representado como um técnico esportivo, muitas vezes ficando restrito a este papel, o docente passa a ocupar um lugar à margem do Projeto Político Pedagógico da escola, que impõe barreiras ao trabalho de articulação entre os saberes da Educação Física e conteúdos e os das outras disciplinas. Esta situação de isolamento contribui para pôr à prova a relevância destes conhecimentos para a formação do aluno, e outorga-lhe uma posição secundária perante seus pares e a comunidade escolar como um todo.

De encontro a esta realidade as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2006c) salientam que o futebol, conceituado como prática corporal⁴, constitui-se como um conjunto legítimo de saberes e que sua sistematização como conteúdo da Educação Física no contexto escolar não deve ocorrer de forma fragmentada, mas considerando as múltiplas possibilidades de ensino e aprendizagem por/sobre este esporte, de modo que atenda aos objetivos para a educação escolarizada e seja apropriado pelos diferentes sujeitos da escola. O referido documento também aconselha que na escola seja valorizada uma perspectiva mais ampla de diálogo entre o futebol, enquanto prática corporal, com outras formas de linguagens, disciplinas e métodos de ensino.

Nessa perspectiva, é coerente afirmar que a elaboração de estratégias pedagógicas transdisciplinares com o futebol, baseadas no diálogo entre as disciplinas, poderiam trazer importantes contribuições para o ensino. Isto, porém, não implica na descaracterização dos aspectos constituintes deste jogo, nem na apropriação indevida de objetivos inerentes a outras

⁴ Empregamos o termo práticas corporais a partir da visão pós crítica de Neira (2014), ou seja, como produtos da gestualidade sistematizadas com características lúdicas como as danças, lutas, ginásticas, esporte, dentre outras atividades, que constituem-se como texto cultural passível múltiplas leituras e significações.

áreas específicas, mas na possibilidade do encontro de pontos de convergência entre as disciplinas que inspirem a criatividade e novas formas de atuação docente com o futebol.

Quanto às possibilidades de trânsito do saber entre as disciplinas no processo de ensino, é possível observar que: se, de acordo com Cosson (2014, p. 13), “a literatura possui a função de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores e formas intensamente humanas”, e, em conformidade com as Orientações Curriculares Nacionais (BRASIL, 2006, p. 218), as práticas corporais configuram-se como “chaves da leitura de mundo”, à medida que o futebol é absorvido por estas duas áreas dentro de suas especificidades, esse esporte pode constituir-se como um elo de disciplinas que à primeira vista poderiam ser consideradas díspares.

Além de ser o esporte mais praticado no país, e a prática corporal mais abordada na literatura brasileira, o futebol apresenta-se como um campo de furtivas produções. Escritores de prestígio no cenário nacional e internacional como Gilberto Freyre, Mário Filho, José Lins do Rego, Nelson Rodrigues, Graciliano Ramos, Coelho Netto e Rubem Alves, em seus escritos, tematizaram este esporte como elemento da identidade e da cultura do povo brasileiro, representando o futebol entrelaçado com questões políticas, sociais, econômicas e étnico-raciais. Por essa razão, à medida que nos textos os autores apresentam a multiplicidade de aspectos que compõem o futebol aos leitores, levam-nos “do mundo da leitura à leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por um vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita” (LAJOLO, 2004, p.07).

Nesta perspectiva, a efetivação de ações transdisciplinares com futebol e literatura por meio da recepção dos textos literários pode constituir-se como uma alternativa pedagógica e cultural a padrões biológicos e técnicos de ensino do futebol na disciplina de Educação Física. Isto porque, conforme Jauss (1994), a obra literária, além de antecipar experiências, faz com que o leitor rememore fatos já ocorridos em sua vida. Os fatos da experiência vivida que são retomados a partir da leitura da literatura proporcionam a reorganização do mundo do leitor. Assim, a recepção de narrativas literárias sobre futebol na aula de Educação Física poderá motivar novas construções de sentido sobre este esporte, resultando em atuações pedagógicas que remetam a uma aprendizagem mais significativa e abrangente, ressignificando a própria aula de Educação Física, por vezes, tomada como espaço apenas de execução de exercícios práticos e não necessariamente da discussão e da reflexão acerca da disciplina. Nesse sentido, lembremos que é papel da Educação Física:

[...] levar o aluno a descobrir motivos e sentidos nas práticas corporais, favorecer o desenvolvimento de atitudes positivas para com elas, levar à aprendizagem de comportamentos adequados à sua prática, levar ao conhecimento, compreensão e análise de seu intelecto os dados científicos e filosóficos relacionados à cultura corporal de movimento, dirigir sua vontade e sua emoção para a prática e a apreciação do corpo em movimento (BETTI; ZOULANI, 2009, p.75).

Assim, considerando que o trato hegemônico comumente dado às práticas esportivas, inclusive o futebol, tem contribuído massivamente com processos de seleção dos alunos tidos como aptos, culminando na exacerbação da competitividade, na reprodução de padrões de desempenho, na criação de estereótipos de estética corporal, dentre outras formas de segregação e preconceitos, percebemos que a ressignificação dos conteúdos e da aula de Educação Física apresenta-se como um importante desafio para esta disciplina na Educação Básica.

Do exposto, faz-se necessário que o professor invista em uma visão integral que abarque dimensões corporais, cognitivas, culturais, sociais e emocionais do aluno e passe a lançar um olhar sobre o futebol como prática social e cultural que, como tal, pode dialogar com diferentes campos do conhecimento, dentre eles a literatura. Do consórcio entre literatura e futebol, objetivamos a construção de saberes que estimulem a autonomia, a liberdade de pensamento e o protagonismo do educando no seu processo de aprendizagem. Neste sentido, a pesquisa que estruturamos teve como objetivo central promover uma proposta transdisciplinar de ensino por meio da recepção de textos literários sobre futebol nas aulas de Educação Física e pretendeu responder às seguintes questões norteadoras:

- *Como textos literários sobre futebol poderão ser recepcionados por alunos na aula de Educação Física?*
- *Até que ponto a leitura de narrativas sobre futebol poderá alterar o modo como, tradicionalmente o ensino deste esporte é viabilizado nas aulas de Educação Física na Educação Básica?*
- *Que contribuições a inserção de textos literários nas aulas de Educação Física pode trazer para a formação dos alunos de uma escola da rede pública de ensino de João Pessoa – PB?*

Intentando responder a estas indagações, os objetivos específicos do nosso estudo foram:

- Descrever de que modo o diálogo com os textos literários sobre futebol na aula de Educação Física podem contribuir para que os alunos construam sentidos e significados sobre este esporte na escola e em diferentes contextos;
- Correlacionar as experiências estruturadas a partir das narrativas com o futebol à possibilidade de desconstrução de padrões hegemônicos e esportivistas para o ensino do futebol na Educação Física;
- Descrever e analisar as potencialidades e limites da abordagem dos textos literários sobre futebol como espaço de diálogo transdisciplinar sobre futebol, sociedade e cultura no currículo da disciplina de Educação Física no Ensino Médio;
- Elaborar e aplicar uma sequência didática com relato de experiência a partir da recepção de crônicas literárias sobre futebol nas aulas de Educação Física.

Desta feita, nosso trabalho encontra-se organizado em duas partes: a primeira parte, distribuída em três capítulos e uma conclusão, traz a reflexão teórica e análise de nossa experiência. A segunda parte é composta pela apresentação da sequência didática que norteou a nossa experiência pedagógica e constitui-se como produto final a ser apresentado ao programa de pós-graduação.

No caso da primeira parte, o primeiro capítulo, intitulado de **“Rola a bola: as múltiplas visões sobre o futebol entram em campo”** que compreende o referencial teórico de nosso estudo, buscamos aprofundar os conceitos que sustentaram a nossa discussão acerca da articulação entre futebol, literatura e ensino e fundamentaram a construção da sequência didática que constitui o produto final de nossa pesquisa. Problematizamos as relações entre futebol, ensino e Educação Física a partir do que afirmam Betti (2009; 2017), Darido (2001; 2007), Kunz (1994) e Neira (2014; 2018) e discutimos sobre as contribuições e limites dos documentos norteadores oficiais, Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2006), Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e Base Nacional Comum Curricular (2017). Contextualizamos as relações entre futebol e literatura na cultura brasileira e analisamos o futebol como representação na literatura apoiados pelas contribuições dos estudos antropológicos e/ou sociológicos de Antunes (2004), Damatta (1994), Eagleton (2003), Guterman (2009), Hall (1997), Huizinga (2018), Bourdieu (1983; 1989; 2002) e refletimos sobre as possibilidades para o entrelaçamento transdisciplinar entre futebol e literatura na aula de educação física e suas contribuições para ressignificar o processo de ensino do futebol e a

formação dos alunos a partir de Cosson (2014), Jauss (1994), Lajolo (2004) e Morin (1999; 2001; 2003; 2014).

No segundo capítulo, **“Olho no lance: a pesquisa-ação entrou em campo”**, contemplamos a exposição dos aspectos metodológicos do nosso estudo e explanamos sobre as inquietações que suscitaram nosso estudo, justificamos a escolha pela abordagem qualitativa e o método da pesquisa-ação, apresentamos a escola que se constituiu como campo de coleta de dados. Além disso, caracterizamos os sujeitos da pesquisa, explicamos a opção pela articulação entre os instrumentos de coletas de dados (questionário e entrevista semiestruturada), explicamos sobre as bases para a construção de nossa sequência didática, discorremos sobre os procedimentos empregados para a coleta dos dados e também sobre os aspectos da abordagem interpretativista utilizada para análise e interpretação dos dados obtidos. Neste capítulo trazemos ainda a análise das respostas fechadas e abertas dos/das estudantes que participaram deste estudo, apresentando dados sobre: os contextos familiares desses/dessas alunos/as, suas práticas de leitura e de futebol, e suas representações de leitura, leitores, futebol e Educação Física.

No terceiro e último capítulo **“Hora de virar o jogo: literatura e futebol, por uma abordagem transdisciplinar no ensino da Educação Física”** contemplamos a **análise e interpretação dos dados**. Nesta seção, descrevemos as particularidades de todo o processo de coleta, transcrição, seleção, organização e análises a partir da técnica de análise de conteúdo. Com base no corpo teórico que fundamenta nossa pesquisa, já apresentado no capítulo um, realizamos inferências e reflexões sobre as práticas e percepções dos alunos sobre futebol e literatura dentro e fora da escola.

Na segunda parte de nosso trabalho, a sequência didática está dividida em aulas para cuja realização os procedimentos didáticos estão devidamente discriminados, inclusive, sugerimos encaminhamentos para os casos em que algumas atividades solicitadas aos alunos não venham a ser realizadas por eles previamente, já que essas atividades exigem que os alunos façam pesquisas ou produções em casa e não na escola. Em linhas gerais, a nossa sequência didática está estruturada em quatro eixos temáticos: as representações sobre o futebol para os sujeitos, o futebol profissional dentro e fora do Nordeste, as representações sobre a mulher no futebol e o futebol e as relações étnico-raciais.

Assim, ao correlacionar o conhecimento teórico-científico à estruturação de ações práticas, esperamos com este estudo colaborar com a reflexão sobre as contribuições pedagógicas da recepção dos textos literários acerca do futebol na aula de Educação Física no ensino médio e com a reconfiguração do papel e do lugar desta disciplina e de seus conteúdos

no currículo e no projeto político pedagógico da escola, além de também contribuir com a qualificação e valorização do professor de Educação Física.

CAPÍTULO I

ROLA A BOLA: AS MÚLTIPLAS VISÕES SOBRE O FUTEBOL ENTRAM EM CAMPO

1.1 O futebol no jogo da cultura

De norte a sul do país o futebol encontra-se inserido no cotidiano de diversos sujeitos que o apreendem e o disseminam de diferentes formas, atribuindo-lhe múltiplos sentidos e significados. O potencial que o jogo tem de moldar-se aos mais distintos sujeitos na mesma medida que é constantemente reinventado e ressignificado por eles, permite-nos observar o futebol como um fenômeno cultural e social complexo e polissêmico, que corrobora com o conceito de cultura proposto Eagleton (2000, p 11-13):

[...] na língua inglesa um dos seus significados originários é «lavoura», ou ocupação com o crescimento natural [...] A palavra *coulter*, que é cognata de «cultura», significa a lâmina do arado. Derivámos, assim, a palavra que utilizamos para descrever as mais elevadas actividades humanas, do trabalho e da agricultura, das colheitas e do cultivo. [...] Francis Bacon escreve sobre «a cultura e o adubamento das mentes»[...] Neste sentido, «cultura» significa uma actividade, e passar-se-ia ainda muito tempo até designar uma entidade. [...] Inicialmente, «cultura» designava um minucioso processo material, o qual veio a ser metaforicamente transposto para os assuntos do espírito. [...] A raiz latina da palavra «cultura» é *colere*, que pode significar tudo, desde cultivar e habitar até prestar culto e proteger. O seu significado como «habitar» evoluiu desde o latim *colonus* até ao «colonialismo» contemporâneo, pelo que títulos como *Cultura* e *Colonialismo* são, uma vez mais, levemente tautológicos. Mas *colere* também originaria, através da expressão latina *cultus*, o termo religioso «culto».

Se atentarmos para o processo histórico do futebol no Brasil, podemos dizer que, assim como a cultura, o futebol é perpassado por questões como liberdade e determinismo, hegemonia e resistência, mudança e identidade estabelecendo uma dialética entre o que é dado e o que é criado, o que o sujeito faz ao mundo e o que o mundo faz ao sujeito, traduzindo um processo de assimilação e transformação cultural que denota seu potencial para a constituição dos aspectos da vida das pessoas.

O futebol surge na sociedade brasileira como atividade da elite. Importado, é jogado por estrangeiros e aristocratas que se empenhavam em manter o seu *status quo* restrito à classe dominante. Contudo, a simplicidade do jogo deu às camadas mais pobres da população a possibilidade de reproduzir o futebol em campos improvisados, multiplicando seus sentidos no interior da sociedade e escrevendo sua história a partir de pontos de vistas múltiplos à revelia do monopólio da elite (COELHO, 2006, p.240). Esse potencial de transmutação do futebol permite-nos situá-lo para além de uma simples prática esportiva, um artefato cultural que como toda e qualquer prática social produzida pelo homem, é passível de questionamentos quanto a pressupostos naturalistas e universalistas (HALL, 1997).

De acordo com Antunes (2004), a crescente popularização do esporte fez com que sujeitos de classes pobres como operários e negros passassem a ser decisivos para que times de brancos e ricos ganhassem títulos criando um cenário de disputas entre as classes na busca pelo domínio do campo futebolístico, evidenciando que “o esporte, como toda prática, é um objeto de lutas entre frações da classe dominante e também entre as classes sociais” (BOURDIEU, 1983, p. 142).

A importância conquistada pelos clubes, os interesses financeiros a eles relacionados, a necessidade de manter o desempenho das equipes, tudo isso resultou na profissionalização do esporte, de modo que, como acrescenta Antunes (2004), a classe trabalhadora encontrou nesse esporte o âmago democrático que lhe era negado em todas as outras áreas, descrevendo um processo de ascensão e afirmação pelo esporte. Com isto, é possível perceber no futebol a possibilidade do atravessamento de fronteiras entre culturas de grupos hegemônicos e contra-hegemônicos pelo compartilhamento de seus elementos em um movimento de “recuperar para todos o que se coloca como herança da humanidade, como um direito que não passa pelas classes ou grupos sociais, mas por sua dissolução” (CEVASCO, 2003, p. 53).

De acordo com Betti (2017), o fenômeno da massificação do futebol conferiu-lhe também o sentido de espetáculo cosmopolita com grande capacidade de mobilização dos sujeitos. Neste sentido, o esporte passou a despertar interesses políticos como pode ser observado no contexto do Estado Novo. Neste período, o futebol constituiu-se como elemento da ideologia do “Brasil-Potência” e na ditadura de 1970 na “integração nacional” que o incorporou no propósito de criar um sentimento patriótico, segundo o qual, nos campeonatos, “o Brasil enfrentava inimigo estrangeiro” em uma espécie de “guerra santa” de “uma nação em luta” (CHAUI, 1994, p.90).

No processo de construção da identidade nacional, o futebol é tomado como fio que “costura o sujeito à estrutura” e que “estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis”, demonstrando o potencial do futebol em produzir sentidos e significados comuns na vida dos sujeitos (HALL, 2006, p.12). Intersubjetivamente, cada vitória brasileira fortalece o espírito de luta e união de esforços em busca de um objetivo comum, remontando às grandes possibilidades da nação, traços que são capazes de produzir identificação entre as pessoas e que, conforme o entendimento de Cevasco (2003), situam o futebol como campo de contestação e reapropriação articulado com o funcionamento de sistemas econômicos, ideológicos e políticos.

Já na década de 1980, as crises econômicas e a má administração dos clubes levam o Brasil a exportar seus craques para clubes estrangeiros causando uma espécie de “desnacionalização” do futebol, promovendo a pasteurização das táticas e técnicas brasileiras e a pulverização de fronteiras (ANTUNES, 2004). Neste contexto situado na contemporaneidade, a partir do futebol, é possível observar traços da globalização na qual a construção de times multiculturais e multiétnicos, formados por jogadores brasileiros e atletas oriundos das mais diversas nacionalidades, descortinam incontáveis possibilidades de intercâmbio e interdependência:

[...] embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago produzido e realizado por profissionais da indústria cultural dentro dos mais extremados objetivos capitalistas e burgueses ele não obstante também orchestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes valores individuais profundos e gostos individuais e singulares. (DaMATTA, 1994, p.12).

Do constatado pelo autor, é possível observar a multivocalidade do futebol expressa na capacidade deste esporte de reinventar-se como artefato cultural nos mais distintos momentos históricos, dentro e fora dos gramados, assumindo características múltiplas na vivência das pessoas, não se esgotando em sua prática, nem se restringindo aos ideais e valores do mercado. À luz de Gueertz (1989), podemos dizer que o futebol situa-se à margem de determinismos, pois como componente da cultura faz parte da teia de significados criados pelo homem e na qual o próprio homem encontra-se emaranhado.

1.2 O futebol no jogo da cultura escolar.

Constituído como paixão nacional, podemos dizer também que o futebol é o esporte da escola, uma vez que ele é um conteúdo massivamente abordado pelos professores e ocupa um lugar de destaque no currículo formal, real e oculto⁵ da Educação Física. Entretanto, estudos, como o de Faria (2014), e o de Kunz (2005), comprovam que não é a didática ou a pedagogia que fundamentam o processo de ensino e aprendizagem do futebol na escola, e que a falta ou a dificuldade de sistematização deste conteúdo é uma realidade comum nos mais diversos estabelecimentos de ensino.

⁵ Empregamos a classificação de currículo conforme sugerido por Perrenoud (1995), que salienta a existência de três currículos que disputam no cotidiano da escola: o formal, que direciona e controla o processo educativo, o real, que é o desenvolvido pelo professor em sala de aula a partir do planejamento e interação com os alunos, e o oculto, em que estão situadas as aprendizagens que ocorrem no contexto escolar, mas que não constam nos planejamentos.

Pesquisas, como as de Ferreira e Moreira (2019, p.11), evidenciam que o ensino do futebol na escola assenta-se em pressupostos do esporte-espetáculo e do currículo técnico-biológico, como a competição, a alta performance e a rigidez das regras. Esta forma esportivizada de estruturar o ensino do futebol é fruto de uma tradição cultural que, desde o Estado Novo, legitima no imaginário da Educação Física escolar, a aula centrada na aprendizagem técnica e /na formação de equipes para competições, dado seu potencial em corporificar identidades vencedoras (BRACHT, 1992).

De acordo com Bourdieu (1989), essa tradição cultural exerce um poder simbólico, que tem a capacidade de construção da realidade e tende a estabelecer um sentido imediato do mundo social, neste caso, validando a concepção de futebol como esporte-espetáculo como se fosse a única forma de pensar e fazer futebol na escola.

O modelo de ensino do futebol assentado no currículo técnico-esportivo é “formado por artefatos culturais que agregam e divulgam valores de origem euro-americana, burguesa, branca, heterossexual, cristã e masculina” (NUNES; RÚBIO 2008 p.62). Consequentemente, a adoção desta perspectiva de ensino deixa em posição de desvantagem estudantes que pertencem a grupos minoritários: mulheres, pessoas acima do peso, sujeitos homossexuais e discentes com pouca aptidão técnica para o futebol.

No pensamento de Nunes e Rúbio (2008, p. 62), “os rituais, os discursos e as práticas do currículo técnico-esportivo de Educação Física validam sujeitos cuja performance encontra-se em conformidade com o sistema simbólico e afastam os resistentes às suas imposições”. (NUNES; RÚBIO, 2008 p.62). Nessa perspectiva, contribuem para que a aula seja um espaço-tempo propício para a disseminação de práticas culturais que colaboram para a fixação das identidades dominantes de gênero, raça e classe, para a acentuação de desigualdades sociais, a manutenção de estereótipos e a disseminação de preconceitos.

Este contexto ajuda a disseminar ideia de que a aula de Educação Física, bem como a aprendizagem dos seus conteúdos têm pouco a oferecer à formação dos discentes, criando a falsa impressão de que ministrar aula desta disciplina é uma tarefa com finalidades educacionais restritas. A concepção esportivizada do futebol lhe confere o status de conteúdo hegemônico, e, segundo Kunz (1994), impede o desenvolvimento de objetivos mais amplos para a Educação Física, tais como o sentido expressivo, criativo e comunicativo de sua prática, uma vez que, enquanto componente curricular, esta disciplina é perpassada pela atribuição de:

[...] introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida. “A integração que possibilitará o usufruto da cultura corporal de movimento há de ser plena – é afetiva, social, cognitiva e motora. Vale dizer, é a integração de sua personalidade” (BETTI, M; ZULIANI 2009. p.75).

Neste entendimento, Souza Junior e Darido (2010) argumentam que a construção de um projeto curricular-guia ou a formulação de outras propostas de sistematização dos conteúdos são ações fundamentais para que a disciplina de Educação Física se consolide enquanto componente curricular e para que o futebol, esporte eleito como dínamo da alma nacional, possa servir para alunos como elemento de reflexão sobre a cultura corporal⁶. Afinal, o futebol, como vimos advogando, não é só uma prática esportiva, mas um texto da cultura que veicula significados a partir dos quais podemos compreender melhor a cultura e as relações sociais que constroem o nosso país.

1.3 O Futebol no currículo dos esportes da Educação Física

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996a), preconiza que a disciplina de Educação Física deve estar integrada à proposta pedagógica da escola. Neste âmbito, com a incumbência de fornecer subsídios para elaboração dos currículos dos estados e municípios, documentos norteadores como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997b), e as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM) (BRASIL, 2006c) apresentam diferentes visões para a construção do projeto educativo da Educação Física no interior da escola.

⁶O conceito de *Cultura Corporal* começa a ser utilizado na década de 1980, em um contexto de crítica à esportivização da Educação Física brasileira (SOUZA JUNIOR, 2011). Neste período, ele é abordado pelo Coletivo de Autores (1992, p.62), pela ótica do materialismo histórico-dialético, que postula que “os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade”. Na mesma linha de pensamento, Escobar (1995, apud SOUZA JÚNIOR, 2011 p. 396) situa a *Cultura Corporal* como “amplo e riquíssimo campo da cultura que abrange a produção de práticas expressivo-comunicativas, essencialmente subjetivas que, como tal, externalizam-se pela expressão corporal”. Mesmo explicitando sua preferência pela expressão “Cultura Corporal de Movimento”, Bracht (2005) ressalta o conceito *cultura* como o que melhor expressa a ressignificação mais importante e a necessária desnaturalização do objeto de estudo da Educação Física, e que melhor reflete a sua contextualização sócio-histórica. Em nosso trabalho, optamos pela utilização do termo *Cultura Corporal*, pois, referenciados por Souza Júnior (et. al 2011), a compreendemos como dimensão constituinte da produção cultural humana, condicionada histórica e socialmente. Neste contexto, concebemos os esportes, lutas, ginásticas e danças como “manifestações culturais corporais que materializarem a linguagem corporal, proporcionam um contexto de criação, transgressão, produção de sentidos e significados que fornecem aos sujeitos, autores ou contempladores, alternativas de inteligibilidade, comunicação e relação com a vida, reproduzindo-a e tornando-a objeto de reflexão” (NEIRA, 2011, p. 197).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam uma concepção de ensino da Educação Física que possui pontos de convergência com os caminhos apontados pelo Coletivo de Autores (1992), uma vez que, fomentam a superação dos mecanismos de seleção e segregação na aula e preconizam a integração do sujeito à cultura corporal do movimento, com finalidades de lazer, de expressão de sentimentos, afetos e emoções, de manutenção e melhoria da saúde e recomenda que as dimensões atitudinais, conceituais e procedimentais sejam contempladas no ensino dos conteúdos.

No pensamento de Souza Júnior (et al. 2011), as grandes contribuições deste documento consistem no reconhecimento dimensão cultural do corpo (e do corpo na cultura), no redirecionamento do objeto de estudo da Educação Física do exercício físico para a cultura corporal e na redefinição da base teórica da Educação Física que, além da psicobiologia, passa a agregar princípios e valores das ciências humanas. Tais reformulações paradigmáticas são imprescindíveis para o questionamento das práticas hegemônicas no ensino dos conteúdos e para a elaboração de estratégias didáticas que, ao perceberem as práticas corporais, a exemplo do futebol, como formas de expressão cultural que carregam consigo valores, características históricas, filosóficas, epistemológicas e políticas, reconhecem seu potencial de contribuição com a formação do cidadão crítico.

Dando prosseguimento às discussões dos PCNs, as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2006c) situam as práticas corporais, a exemplo do futebol, como produções culturais que carregam um conjunto de valores, sentidos e significados vinculados aos sujeitos que as praticam. Assim, muito embora o documento reconheça a apreensão das habilidades motoras e o desenvolvimento das capacidades físicas como um tipo de aprendizagem a ser considerado, sinaliza que o modelo esportivizado a partir do qual os esportes como um todo são comumente abordados em boa parte das instituições de ensino precisa ser repensado.

O mesmo documento alerta ainda sobre a necessidade de que no ensino da Educação Física se reflita sobre as contribuições dos conteúdos, a exemplo do futebol, para a formação das pessoas, e orienta sobre a importância de sistematizar as práticas corporais de modo que estas não se tornem meras atividades deslocadas do seu papel de componente curricular.

Mediante o exposto, podemos dizer que, ainda que a tradição cultural do Ensino da Educação, principalmente no que concerne ao conteúdo do futebol, continue reproduzindo compulsoriamente os valores e práticas do currículo técnico-biológico, tanto os PCNs quanto as OCNEM conclamam os professores a conduzirem a aula de Educação Física de modo que as práticas corporais não sejam simplesmente reproduzidas e praticadas acriticamente, mas

vivenciadas a partir de experiências que favoreçam a reflexão crítica de seus sentidos, significados e valores e permitam, inclusive, sua reelaboração.

Já a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) assume uma visão sobre a Educação Física marcada por inconsistências e incoerências, pois, ainda que objetive que no Ensino Médio os/as discentes possam “explorar o movimento e a gestualidade em práticas corporais de diferentes grupos culturais e analisar os discursos e os valores associados a elas, bem como os processos de negociação de sentidos que estão em jogo na sua apreciação e produção”, tenta reduzir o espaços de negociação cultural das práticas corporais ao fixá-las no campo do desempenho motor e da saúde, como podemos ler no excerto abaixo:

No Ensino Médio, além da experimentação de novos jogos e brincadeiras, esportes, danças, lutas, ginásticas e práticas corporais de aventura, os estudantes devem ser desafiados a refletir sobre essas práticas, aprofundando seus conhecimentos sobre as potencialidades e os limites do corpo, a importância de se assumir um estilo de vida ativo, e os componentes do movimento relacionados à manutenção da saúde. (BRASIL, 2018d,p. 211).

O posicionamento adotado pelo documento pré-fixa os sentidos das práticas corporais no rendimento físico, saúde e lazer, desconsiderando a gestualidade do corpo como forma de linguagem, ocultando a diversidade cultural e os traços identitários intrínsecos ao movimento humano. À luz dos estudos culturais, Neira (2018) adverte que as manifestações da cultura corporal, como é o caso dos esportes, podem significadas de muitas outras maneiras além das citadas na BNCC, dentro de um processo de negociação cultural que cada grupo trava com os demais membros da sociedade. Neste sentido, o documento parece ignorar o constante movimento de transmutação das práticas corporais na cultura, que são, a todo tempo, modificadas pelos sujeitos que criam e recriam os artefatos culturais.

Ainda que, conforme a BNCC (Brasil, 2018), o foco da área de Linguagens e suas Tecnologias no Ensino Médio seja a ampliação da autonomia, o protagonismo e a autoria dos/das estudantes na prática de diferentes linguagens, bem como a identificação e a crítica dos seus diferentes usos, a opção por um currículo marcado por competências e habilidades prescritas caminha em direção oposta daquela que tem tomado a Educação Física contemporânea e desnuda certa incongruência entre o que o normativo divulga e o que de fato propõe (NEIRA, 2018).

Assim, uma vez que, à luz de Neira (2011), propostas curriculares cujo trato com as práticas corporais esteja voltado às habilidades motoras e a noções monoculturais como a saúde e/ou o cuidado com o corpo, dificilmente possibilitarão a construção de subjetividades

mais abertas. Cabe ao professor empreender esforços para construir um processo de ensino que, à revelia das inconsistências e determinismos curriculares da BNCC, permita ao aluno o contato com a cultura corporal, sem renegar ou supervalorizar os conhecimentos e especificidades que lhe são próprias.

1.4 O jogo do futebol na literatura

Como prática cultural, o futebol é objeto de representação de várias artes: música, pintura, literatura. De acordo com Coelho (2006, p.231), a relação do futebol com a literatura, a imprensa e a música constituíram um importante tripé para sua implementação e popularização no país. Neste âmbito, o fato de ter sido absorvido e disseminado entre os mais diferentes sujeitos, num processo de hibridização cultural, fez do futebol, enquanto fenômeno cultural, “um elemento para a criação artística e para a reflexão intelectual de indivíduos e coletividades do mundo moderno” (COELHO, 2006, p. 229-230).

Desde o final do século XIX, o futebol integrou um movimento modernizador com finalidades higienistas e civilizatórias. Mais que um jogo, tratava-se de “uma atividade destinada a redimir e modernizar o corpo pelo exercício físico e pela competição dando-lhe a higidez necessária à sobrevivência num admirável mundo novo – esse universo governado pelo mercado pelo individualismo e pela industrialização” (DAMATTA, 1994. p.11). Escritores e intelectuais brasileiros contemporâneos desse período histórico acompanharam atentamente a repercussão social do futebol não apenas como elemento lúdico e esportivo, mas como um espaço de sociabilidade um meio mobilizador de pessoas e massas dando início a uma relação entre futebol e literatura que oscilava entre a paixão e a aversão (ANTUNES, 2004).

As primeiras menções ao futebol na literatura nacional ocorrem timidamente com personagens secundários na obra “O Queijo de Minas e a História de um Nó Cego”, de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, em meados de 1906. Em 1940, o jornalista paulista Tomaz Mazzoni publica “Flô, o melhor goleiro do mundo”, primeiro romance que tratou especificamente de futebol em nosso país, contudo, a obra não alcança grande repercussão no meio literário. Entre as décadas de 1920 e 1930, período de massificação do futebol pelo Brasil, esse esporte foi esporadicamente tematizado através de crônicas sociais por expoentes da literatura nacional como Mário de Andrade, Coelho Neto, Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, João do Rio, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Gilberto Amado e Graciliano Ramos (CAPRARO, 2007).

Mantendo uma postura nacionalista e preocupada com a adoção de práticas culturais estrangeiras Graciliano Ramos e Lima Barreto eram avessos ao esporte bretão que, para eles, pouco expressava valores nacionais autênticos, como podemos ver neste trecho da crônica “Traços a esmo”, de Graciliano para o jornal “O Índio”, de Palmeira dos Índios/Alagoas em 1921, sob o pseudônimo J. Calisto.

Vai ser por algum tempo a mania, a maluqueira, a ideia fixa de muita gente. Com exceção talvez de um ou outro tísico completamente impossibilitado de aplicar o mais insignificante pontapé numa bola, de borracha, vai haver por ai uma excitação um furor dos demônios, um entusiasmo de fogo de palha que capaz de durar bem um mês (RAMOS, 1921 *apud* SOARES; LOVISOLO, 1998. s/p).

Em contraponto à visão de Lima Barreto e Graciliano Ramos, à medida que o futebol vai se integrando à vida e à cultura do povo brasileiro sendo devidamente apreendido e ressignificado, bem ao estilo do modernismo antropofágico, passa a ser visto como elemento definidor da brasilidade (ANTUNES, 2004). Nesta perspectiva, o jogo passa a ser símbolo e representação da cultura nacional do Brasil integrando os discursos que constroem sentidos, influenciam e organizam ações e concepções do que é ser brasileiro (HALL, 2006). Neste cenário a crônica esportiva desponta como gênero literário que mais publicou sobre o futebol, cumprindo um papel de destaque na formação de uma consciência nacional no Brasil, esquadrihando a realidade do país, seus problemas e os modos de vida do povo (ANTUNES, 2004).

Em 1930, com a fundação do *Jornal dos Sports*⁷, especializado em tratar dos esportes no Brasil, os textos sobre futebol alcançam grande volume de produção e circulação sistemática. Entre as décadas de 1940 e 1950, a crônica esportiva obtém notável avanço literário, impulsionado pelo trabalho de Mário Filho e Nelson Rodrigues e, posteriormente, de José Lins do Rego, que redigiam seus textos em um estilo de escrita que mitificava os jogadores, conferia às partidas um ar de batalhas e ajudava a construir o imaginário do torcedor em uma época na qual as partidas eram transmitidas somente pelo rádio:

[...] crônica e futebol caminharam juntos durante todo o século XX, formaram uma excelente dupla de atacantes. Enquanto a crônica ajudou o futebol a ser divulgado, a criar seus mitos e eternizá-los nas suas linhas o futebol alavancou a venda dos jornais, ao mesmo tempo em que oferecia matéria prima para gênios como Lima Barreto, Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade e tantos outros nomes da literatura brasileira (BRAUNER, 2010 p.56).

⁷Famoso por suas páginas cor de rosa, era um periódico especializado em esportes cujo proprietário era o jornalista Mário Filho

Na crônica esportiva o futebol passa a transitar entre as fronteiras da literatura e do jornalismo, assumindo uma dimensão humana que ultrapassa a informação sobre o placar do jogo e a quantificação dos fatores técnicos e táticos da partida. Como salienta Viana (2008), não se tratava apenas de noticiar o jogo, mas de contar fatos reais a partir da experiência pessoal dos autores, conferindo-lhes emoção e poesia capazes de comover o leitor. Dentre os literatos favoráveis ao futebol, em nosso estudo, destacamos Mario Filho, José Lins e Nelson Rodrigues pela notoriedade que alcançaram na crônica literária e pelos aspectos relacionados à construção da identidade nacional presentes em seus escritos.

Nelson Rodrigues, atribui a seu irmão, Mario Rodrigues Filho, o status de precursor da evolução da crônica como gênero literário nos jornais:

[...] graças a ele o leitor se tornou tão íntimo de fato. E nas reportagens seguintes, iria enriquecer o vocabulário da crônica de uma gíria irresistível. E então o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página (...). Tudo mudou, tudo: títulos, subtítulos, legendas, clichês (RODRIGUES, 1987, p. 137-138).

Nas palavras de Antunes (2004), Mario Filho transformou a notícia em fato esportivo acrescentando-lhe dramaticidade, aproximando o torcedor ao jogador e à vida do clube, favorecendo processos de identificação. Conforme a mesma autora, a atuação de Mário como jornalista, diretor e proprietário de um jornal fez ainda com que ele exercesse grande influência sobre o estilo da imprensa esportiva e no desenvolvimento do profissionalismo do futebol, dado o respeito conquistado por ele no meio político e intelectual.

Conforme os estudos de Antunes (2004), em várias de suas crônicas, Mario Filho mostrou como a construção da identidade brasileira se vinculava ao futebol, elencando atitudes e disposições psicológicas da alma brasileira, que na visão do cronista, era carente de autoconhecimento e firmeza de decisões como pode ser observado no excerto abaixo:

O futebol não seria paixão se o povo não se identificasse com um time, o seu time com uma bandeira e uma camisa [...] No fundo o torcedor quer que o jogador seja melhor que ele. O jogador representa-o, representa seu clube, a sua cidade, seu estado sua pátria. A derrota do jogador é a derrota do torcedor, quem perdeu em 50 foi o brasileiro. Mais o brasileiro que não jogou que o que jogou (RODRIGUES, 1994 s/p)

Nesta perspectiva do cronista, o futebol funciona como um dispositivo cultural que unifica e representa os diferentes sujeitos da sociedade, a partir de uma identidade cultural para representá-los todos como pertencendo à mesma grande família nacional (HALL, 2006).

Em “O negro no futebol brasileiro” (1964), considerado uma das mais importantes obras sobre a história do futebol no Brasil, Mario Filho enfatiza a trajetória dos jogadores mulatos e negros na luta pela superação das barreiras raciais e mostra o futebol como instrumento de ascensão social do negro e para a formação de uma mentalidade que valorizava a participação do negro na cultura brasileira (DA SILVA, 2006).

Outro autor que obteve significativa ressonância social na crônica esportiva foi o escritor paraibano José Lins do Rego, que, integrado ao meio esportivo onde foi sócio-torcedor e secretário do Flamengo, secretário e presidente interino da Confederação Brasileira de Desportos (CDB) durante o Estado Novo, como bem analisa Antunes (2004), destacou-se por ter se investido no papel de escritor e observador social.

Apaixonado pelo Clube de Regatas Flamengo, o paraibano escrevia como um torcedor de arquibancada, ao passo que, pelos seus cargos na CDB, pela atuação como cronista no *Jornal do Sports*, e pela ligação com o sociólogo Gilberto Freyre, também falava como um intelectual interessado em compreender o fascínio que o futebol exercia nas pessoas:

A um escritor muito vale o aplauso, a crítica de elogios, mas a vaia, com a gritaria e as “laranjas”, os palavrões, deu-me a sensação de notoriedade verdadeira. Verifiquei que a crônica esportiva era maior agente de paixão que a polêmica literária ou o jornalismo político. Tinha mais de vinte anos de exercício de imprensa e só com uma palavra arrancava da multidão enfurecida uma descarga de raiva como nunca sentira. Volto a crônica com o mesmo ânimo, com o mesmo flamenguismo, nada de fingir neutralidade e nem de compor a máscara de bom moço. Mas só irei dizer a verdade. E este é meu compromisso que está acima do meu próprio coração de rubro-negro (LINS DO REGO, 2013. p.17).

Conforme nos diz Antunes (2004), o conceito de identidade nacional promovido por José Lins é de uma sociedade miscigenada e fundada sobre uma democracia racial, na qual esta mestiçagem é valorizada por sua novidade e o futebol é um bem cultural que sintetiza e expressa essa identidade e promove a unidade nacional:

Mário filho continua com seu magnífico ensaio sobre o negro no futebol. E para muita gente escapa a importância que esse seu trabalho representa para uma interpretação do Brasil de 1900 [...] o que ficara na sociedade de chaga do cativo não seria curado só com palavras e boa vontade. A fraternidade de raças encontraria terríveis empecilhos para a sua verdadeira realidade. O futebol seria no caso elemento de ação eficaz. (LINS DO REGO, 2013. p. 47)

Nacionalista ferrenho, em suas crônicas, Nelson Rodrigues dá ao futebol uma configuração alinhada com projeto o modernizador do Brasil dos anos de 1950, momento em que se procurou fabricar um ideário nacionalista para detectar e resolver problemas nacionais.

Como nos diz Antunes (2004), a partir do cronista, a identidade nacional compõe-se de elementos de molecagem, esperteza e habilidade associadas ao negro, e inclui também a fragilidade emocional e a insegurança que repercutia em posturas de inferioridade e falta de autoestima. Para Nelson, o Brasil tinha o melhor futebol do mundo só necessitava se convencer disto:

Eu não sei se vocês viram a página mais negra da nossa crônica. Vários colegas escalararam o escrete de Copa. Não há um único e escasso jogador brasileiro. O leitor há de perguntar: - “Nem Pelé?” Nem Pelé. O cronista patricio está de tal forma fascinado com o futebol débil mental que varreu do mapa o divino crioulo [...] Graças a Deus há duas pessoas inteligentes em nosso futebol: - o craque e o torcedor. Os dois não estão de quatro. O craque tem uma qualidade que não se deixou cretinizar pela viagem. E a torcida sabe que a finalíssima foi a festa da mediocridade chapada(RODRIGUES, 2013. s/p).

Controverso, exagerado, dramático e crítico, Nelson Rodrigues via o jogo como um elemento desencadeador de narrativas que transcendiam os fatos, colocando o futebol em uma dimensão de eternidade, transformando os jogadores em personagens fascinantes. Para Nelson Rodrigues, o futebol se oferecia como palco ao desfile dos dilemas, das frustrações e dos dramas do homem brasileiro, cabendo ao cronista postar-se diante deles observar seus movimentos e eternizá-los na literatura.

Da porta do cemitério passo para o Maracanã. Eu quero comparar as duas coisas: o defunto aplaudido, e os jogos vaiados. Tão impróprias, inadequadas, insólitas como a apoteose fúnebre foram as vaias de sábado e domingo [...] E ninguém viu o óbvio. Pergunto: que óbvio? Vaiava-se ali o maior futebol do mundo (RODRIGUES, 2013. s/p).

Em 1967, a obra “Gol de letra: o futebol na literatura brasileira” (PEDROSA, 1967) reuniu sessenta textos de escritores brasileiros que tematizam o futebol partir de gêneros diversos (poemas, trechos de romance, crônicas, ensaios, contos). A partir dos estudos de Guimarães (2016), constatamos que até os anos 1980 a maioria dos escritos literários sobre futebol têm como característica comum o fato de emparelharem a imagem do jogo à construção da identidade nacional como forma de reforçar por meio do futebol, a ideia de pertencimento do “povo brasileiro” e que a partir deste período o número de livros publicados sobre o futebol aumenta notavelmente, no âmbito ficcional, acadêmico e biográfico.

Merece nota que, conforme Guimarães (2016), em todos os períodos históricos, o futebol é tematizado na literatura principalmente em escritas masculinas, sendo também de domínio masculino os espaços ocupados nas histórias, mesmo em obras escritas por mulheres.

Contudo, se atentarmos para o fato de que na obra literária os enredos e os personagens encontram-se articulados com a representação do futebol na sociedade, a leitura de textos literários escritos por homens e/ou mulheres poderão constituir-se como prática social relevante para o entendimento das relações humanas, pois a literatura “é o resultado de uma série de convenções que uma comunidade estabelece para comunicação entre seus membros e fora dela” (COSSON, 2014, p.40).

Diante do exposto, percebemos que por meio do texto literário é possível observar o futebol a partir de um viés sociológico como um esporte capaz de “expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos” (DAMATTA, 1982, p. 40). Nesta compreensão, podemos dizer que os textos literários sobre futebol apresentam o microcosmo das contradições socioculturais constituídas no entorno deste esporte constituindo-se como uma rede de conexões rizomáticas que permitem uma percepção ampliada sobre o futebol em suas variadas articulações, possibilitando um conhecimento cada vez mais significativo e abrangente sobre este esporte em diferentes contextos (MORIN, 2001).

1.5 Futebol e literatura na aula de Educação Física: este jogo é possível?

Situado dentro da área temática “Esporte” e classificado pela BNCC como uma modalidade de invasão⁸, o futebol é regido por um conjunto de regras, institucionalizadas por organizações (associações, federações e confederações esportivas), que definem suas normas de disputa e promovem seu desenvolvimento em todos os níveis de competição. Todavia, tais características formais não possuem o mesmo sentido ou um único significado para seus praticantes, já que a modalidade pode ser realizada sob as mais diversas perspectivas, como o lazer, educação, promoção da saúde, e ser constantemente recriada pelos sujeitos.

Compreendido pelas OCNEM (Brasil, 2006, p.218) como “chave de leitura do mundo”, o futebol, tal como prática corporal, retrata concepções, valores, sentimentos que permitem que os sujeitos imprimam suas marcas culturais na sociedade. Assim, para que, na escola, ele seja compreendido como linguagem e abarcado em sua complexidade, faz-se

⁸ **Os esportes de invasão ou territoriais são um conjunto de** modalidades que se caracterizam por comparar a capacidade de uma equipe introduzir ou levar uma bola (ou outro objeto) a uma meta ou setor da quadra/ campo defendida pelos adversários (gol, cesta, *touchdown* etc.), protegendo, simultaneamente, o próprio alvo, meta ou setor do campo (basquetebol, *frisbee*, futebol, futsal, futebol americano, handebol, hóquei sobre grama, polo aquático, rúgbi dentre outros) (BRASIL, 2017d).

necessário que pensemos em abordagens didático-pedagógicas para o futebol que transcendam aos modelos hegemônicos e tecnicistas. As mesmas Orientações Curriculares (2006b) salientam a possibilidade de diálogo das práticas de movimento, a exemplo do futebol, com outras linguagens, disciplinas e métodos de ensino, desde que se respeitem as práticas corporais como sendo elas mesmas um conjunto de saberes.

Dentre as diversas articulações entre linguagens que são possíveis, advogamos que o consórcio entre futebol, literatura e ensino poderá fomentar “jogadas” de aprendizagem relevantes para a escola e para os alunos, uma vez que os dois primeiros podem auxiliar para que o terceiro obtenha sucesso em um de seus mais precípuos objetivos – a formação humana. Afinal, quando, em nosso trabalho, falamos das contribuições do futebol para os alunos a partir do contexto da aula de Educação Física, estamos nos deixando guiar pela seguinte compreensão do futebol:

[...] se o jogo de futebol fosse só a bola estava certo, mas há o ser humano por trás da bola, e digo mais: - a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe, o que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão. E o lindo o sublime [...] é que atrás dela há o homem brasileiro com seu peito largo lustroso e homérico (RODRIGUES, 1993, p. 104).

Por este prisma, admitimos que o futebol é composto da multiplicidade expressa no excerto acima. Por isso mesmo, na escola não deve ser tratado de maneira engessada, já que não se trata de algo fechado e refratário às realidades sociais (LIBÂNEO, 1985 *apud* COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Cosson (2014) assegura que “Ler implica a troca de sentidos não só entre o leitor e o escritor, mas também com a sociedade em que ambos estão localizados [...] ao ler eu estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro” (2014, p. 18). Assim, acreditamos que abrir espaço para as narrativas literárias na aula de Educação Física pode contribuir para ampliar os meios de integração dos estudantes na cultura corporal, sugerindo outras maneiras diversas para que os alunos incorporem a multiplicidade dos elementos que compõem o futebol e a cultura corporal, em um processo de conexão de saberes e transdisciplinaridade orientado para:

[...] procurar sempre as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes. Trata-se, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade; de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana (MORIN, 2003, p.25).

Uma vez que, conforme Cosson (2014), a literatura tem a função de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza desvelando a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade, postulamos que a articulação entre ensino do futebol e letramento literário na aula de Educação Física poderá constituir-se em uma oportunidade para a construção de um futebol com características mais solidárias, humanas e equitativas.

Compreendendo que “os livros assim como os fatos jamais falam por si mesmos. O que os faz falar são os mecanismos de interpretação que usamos”, confiamos que a inserção das estratégias de letramento nas aulas de Educação Física, a partir da recepção de textos literários sobre futebol, pode ajudar a problematizar a forma como este esporte vem sendo trabalhado na escola, levando alunos e professores a analisarem e refletirem criticamente sobre as vivências que permeiam a disciplina de Educação Física, dirigindo-os a ampliarem sua compreensão sobre futebol e literatura, rompendo com ideias já consolidadas e levando-os a outras formas de atuar na sociedade. Não obstante isso, acreditamos que a aproximação entre experiência literária e o futebol direcionará uma construção mais autônoma de sentidos e significados, pressupondo a possibilidade de o aluno efetuar novas leituras sobre este esporte, dentro e fora do universo escolar.

A partir do viés proposto pela literatura, a aula de Educação Física estará voltada para a “introdução dos educandos no mundo sociocultural que a humanidade tem construído, com o objetivo de torná-los parte do projeto de (re)construção.” (GONZÁLEZ, apud DARIDO; DE SOUZA JUNIOR 2006, p.920). Nesta perspectiva, a leitura literária não estará se sobrepondo à prática corporal do futebol, mas contribuindo com reflexão e ressignificação do jogo e com a promoção de uma prática pedagógica na qual a aptidão física e o rendimento esportivo como não constituem o cerne das vivências e da aprendizagem dos alunos, mas como duas entre as múltiplas possibilidades de construção do conhecimento com/sobre o esporte.

CAPÍTULO II

OLHO NO LANCE: A PESQUISA AÇÃO ENTROU EM CAMPO

2.1. Do meu lugar como olheira: outros futebolis são possíveis na escola?

“Então, na minha afeição por participar de tudo, logo de futebol que é Brasil, eu não vou entender jamais? E quando penso em tudo no que não participo, Brasil ou não, fico desanimada com minha pequenez. Sou muito ambiciosa e voraz para admitir com tranquilidade uma não participação do que representa vida. Mas sinto que não desisti. Quanto a futebol, um dia entenderei mais.” (Clarisse Lispector).

Assim como no excerto acima, esta pesquisa tem como ponto basilar o desejo que sempre tivemos de participar e de compreender melhor o futebol, jogo que, embora estivesse inscrito na alma das escolas nas quais estudamos e lecionamos, possuía um molde que deixava a nós, e a muito outros, à margem, seja na infância e na adolescência (quando a resumida habilidade técnica fazia com que estivéssemos sempre entre as últimas escolhas para os times) ou nas escolas nas quais lecionamos (onde a falta de material, espaço e tempo não nos permitiam formar as equipes competitivas que os/as alunos/as e a comunidade escolar esperavam).

Embora as vitórias dos times nos alegrassem, atuar em busca de altos níveis de rendimento esportivo nunca nos moveu, o entorno do jogo era o que nos encantava. Preferíamos a sensação de pertencimento que o fato de ser parte de uma equipe nos causava, o prazer de acertar inesperadamente alguma jogada, os amigos reunidos em volta da televisão compartilhando a fé na espera de uma cobrança de pênaltis da seleção brasileira, saber explicar o que era um impedimento numa conversa informal, rir por horas a fio dos erros ocorridos na partida. Era esse futebol que desejávamos apresentar aos/as alunos/as em nosso fazer docente, contudo, esta nossa visão comumente se chocava com a que eles já possuíam sobre este esporte.

No pensamento da maioria dos alunos que passaram por nossas turmas, todas as iniciativas pedagógicas empreendidas por nós, que se diferenciavam das aulas orientadas pelo currículo biológico-técnico, eram representadas como uma brincadeira, um não-futebol. Por esse motivo, era comum que encontrássemos dificuldades para operacionalizar o subsídio teórico das abordagens humanísticas e emancipatórias que pautavam nossa atuação, haja vista que o futebol que pretendíamos ensinar não era o mesmo que a escola exigia de nós e pelo qual boa parte dos alunos tinha interesse ou intenção em aprender.

Quando atuamos na Escola Estadual de Ensino Médio Lílissa de Paiva Leite, o cenário acima delineado também se reproduzia, mas com algumas particularidades. O prédio da escola passava por uma reforma em sua estrutura física, o que dificultava e/ou inviabilizava o trabalho com boa parte dos conteúdos da Educação Física, de maneira que não havia quadra

nem outros espaços amplos que oferecessem condições mínimas para que os esportes coletivos (conteúdos mais populares entre os/as alunos/as) pudessem ser viabilizados. Além disto, a falta de material didático esportivo também era uma problemática presente no cotidiano da escola.

Assim como ocorrera nas seis outras escolas públicas onde exercemos a docência ao longo de nossa carreira profissional, mesmo em face aos impasses logísticos e estruturais presentes no Liliosa, os/as alunos/as reclamavam o direito de jogar futebol, de competir em torneios, haja vista que, para eles, o futebol não se tratava apenas de uma modalidade esportiva como as demais, mas de uma prática cultural imbricada em seus cotidianos.

Nesta dinâmica de adversidade e superação, ainda em dois mil e dezessete, a escola promoveu uma ação pedagógica coletiva, tematizando o escritor paraibano José Lins do Rego. Na reunião de planejamento foi sugerido que, junto com o professor de artes, trabalhássemos com as danças relacionadas ao manguê e aos engenhos abordados nas obras do autor. Entretanto, ao pesquisar sobre a vida de Zé Lins e descobrir que ele era aficionado pelo futebol, tendo publicado 1.571 crônicas para o Jornal dos Sports/Rio de Janeiro, optamos por trabalhar com a temática do futebol a partir da leitura das suas crônicas, na perspectiva de levar os/as alunos/as a refletirem sobre as questões que existem no entorno deste esporte, inclusive abordando as possibilidades para a prática deste esporte no horizonte de nossa escola.

Na ocasião, trabalhamos em uma única turma com duas crônicas retiradas do livro “Flamengo é puro amor” (REGO, 2013). A primeira, “O cronista, as borboletas e os urubus”, tratava do descaso do poder público com os arredores do estádio do Flamengo. A segunda, “A violência como chave”, abordava o uso da violência dentro do jogo de futebol. Após a leitura e interpretação do primeiro texto, fizemos um mapeamento dos espaços e materiais disponíveis na escola e realizamos jogos inspirados no futebol que eram possíveis nas condições estruturais e logísticas oferecidas pela escola. Como resultado da leitura do segundo texto, realizamos um *júri-simulado*⁹ problematizando a violência nas torcidas organizadas.

Todas as atividades desenvolvidas nesta experiência tiveram excelente aceitação por parte da turma e foram o foco de conversas entre os alunos em momentos informais dentro da escola por várias semanas. Elas foram apresentadas na culminância do projeto por meio de

⁹ O júri-simulado é uma simulação na qual, a partir de determinado assunto divergente, são apresentados argumentos de defesa e de acusação em torno de um problema. Este método tem como foco central levar os alunos à refletir mais profundamente a respeito de temas que demandam uma análise teórica maior para estimular a integração, senso crítico e capacidade argumentativa e retórica dos discentes. (MITRE et. al 2008).

apresentação em pôster, no qual os alunos explanaram para a comunidade escolar sobre o trabalho experimental relacionando futebol e literatura que havíamos realizado. A partir daí, vimos que a inserção de textos literários que tematizassem o futebol poderia ser um caminho que viesse a ressignificar as aulas de Educação Física a partir da leitura e da discussão sobre a prática de esportes via discurso literário. Precisávamos testar e sistematizar alguns procedimentos, como o fizemos no terceiro capítulo desta dissertação.

2.2 Sobre a pesquisa-ação como o esquema tático de nossa investigação

No pensamento de Bracht et al. (2002 p.10), mesmo com o surgimento de abordagens de ensino humanísticas e críticas para o ensino da Educação Física, “é interessante notar que a adesão “teórica” às propostas pedagógicas críticas parece ser maior do que sua efetiva prática. Especificamente sobre futebol, Kunz (2005, p.11) acrescenta que se trata de um conteúdo que, mesmo diante de sua popularidade, “é pouco estudado, pesquisado e seriamente tratado como assunto pedagógico”.

Para a transformação deste cenário de escassez de pesquisas que se debruçam sobre elaboração de estratégias didático-pedagógicas para o ensino do futebol, Betti (2009) destaca a necessidade de que sejam realizadas pesquisas pautadas na prática pedagógica, que investiguem situações reais de ensino, sob pena que o futebol continue sendo disseminado na escola por meio de práticas de ensino acríticas que perpetuam a reprodução do currículo técnico-biológico e legitimam essa forma de trabalho pedagógico como o único modo viável de abordar os conteúdos.

Optamos por uma abordagem qualitativa delineada por meio de uma pesquisa-ação porque comungamos com o entendimento de Rufino e Darido (2014, p.243) que afirmam que a “pesquisa-ação é uma possibilidade de reflexão sobre a ação, podendo provocar uma mudança efetiva na prática”. Convergingo com estes pensamentos, nosso estudo foi motivado pelo anseio de oferecer à comunidade escolar uma alternativa para a abordagem do futebol que fosse de encontro à reprodução da ideia da aula-treino, que restringe o trabalho com este conteúdo à apreensão dos aspectos técnicos-táticos do jogo, seleciona os alunos mais aptos, segrega, exclui e subalterniza grupos minoritários (mulheres, gordos, homossexuais, pessoas com deficiência) e conduz o alunado a múltiplas (des)aprendizagens do/sobre o futebol.

Nesta compreensão, e orientando-nos pelas ideias de Minayo (2013), propusemos a articulação entre futebol e literatura na aula de Educação Física vislumbrando ampliar as representações, crenças, percepções e opiniões dos discentes sobre o jogo, compreendendo o

texto literário como elemento profícuo para ampliar a forma como os/as estudantes interpretam, sentem, se relacionam e constroem a compreensão sobre o futebol como artefato cultural e social.

A pesquisa ação deve ser aplicada a situações nas quais, por trás dos problemas de pesquisa, possa existir uma série de condicionantes sociais a serem evidenciados pela investigação (THIOLLENT, 1986). No nosso caso, pretendemos elucidar os possíveis fatores que têm contribuído para que abordagens esportivizadas sobre o futebol continuem sendo difundidas, mesmo diante das críticas às problemáticas resultantes desse modelo de ensino que seleciona os alunos mais aptos, ao passo que segrega e exclui outros grupos sociais existentes na turma.

À luz de Thiollent (1986), em nossa pesquisa-ação, assumimos um papel ativo voltado a desencadear mudanças no panorama do ensino do futebol no contexto de nossa escola, utilizando o texto literário como ferramenta humanizadora e mobilizadora de ações didáticas marcadas por características reflexivas, equitativas, inclusivas que auxiliassem a reelaborar o modo como essa prática corporal e social é disseminada e representada na escola. Afinal como corrobora Tripp (2005), esse tipo de pesquisa é uma investigação-ação, que segue um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito.

Com base neste entendimento, realizamos entrevistas semiestruturadas, fizemos registros sistemáticos no diário de campo, anotando, gravando e fotografando nossas atuações docentes e seus desdobramentos, elaboramos e desenvolvemos nossa estratégia pedagógica sob a forma de uma sequência didática articulando futebol e literatura, organizamos e analisamos os dados oriundos de nossas ações docentes produzindo conhecimentos sobre este modo transdisciplinar de tratar pedagogicamente o conteúdo do futebol tanto no momento de elaboração do processo de ensino, quanto na própria investigação da prática (TRIPP, 2005). Assim, nos tópicos seguintes descrevemos o modo como realizamos este processo de investigação-ação em nosso campo de pesquisa.

2.3 Sobre o campo de pesquisa

Nosso campo de pesquisa foi a Escola Cidadã Integral Professora Lílissa de Paiva Leite, localizada na Avenida Dom Bosco S/N, Cristo Redentor no município de João Pessoa – PB. A escola funciona em tempo integral (manhã e tarde). A opção por esse estabelecimento de ensino deu-se pelo fato de termos sido a professora titular da disciplina de Educação Física

desta instituição no ano de dois mil e dezesseis, e por conta de o exercício da docência neste contexto ter corroborado para a reafirmação de boa parte das inquietações que motivaram esta pesquisa. A relação de pertencimento ao contexto no qual a pesquisa-ação se desenvolverá é fundamental, pois este tipo de pesquisa “é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 1986, p.14).

Com relação à estrutura física, trata-se de um prédio novo, amplo, ventilado, colorido e conservado, que possui 8 salas de aula climatizadas, área verde, 1 auditório climatizado que conta com cadeiras novas, palco e acústica diferenciada, 1 despensa, banheiros femininos e masculinos para alunos/as e funcionário/as (ambos com chuveiro e acessibilidades para pessoas com deficiência e/ou dificuldade de mobilidade), 1 secretaria, 1 cozinha, estacionamento, 1 laboratório de ciências e de informática, 1 sala dos professores, 1 sala da diretoria, 2 bebedouros, 1 biblioteca climatizada e com sala de leitura articulada, 1 pátio coberto que possui estrutura de mesas e cadeiras onde os alunos fazem suas refeições, e 1 espaço aberto onde funciona uma quadra de esporte descoberta (cf. figura 1, p. 43).

Figura 1: Instalações da escola – Fachada; Auditório; Espaço aberto; Pátio/Refeitório coberto.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Inserida no regime de Escola Cidadã Integral a partir do ano de 2018, a escola Liliosa atende principalmente à comunidade de adolescentes que moram no próprio no bairro do Cristo Redentor e Rangel. Atualmente, a escola comporta cerca de 206 alunos/as, e conta com cerca de 39 funcionários/as distribuídos da seguinte forma: 18 professores/as, 2 gestores

(sendo um geral e um vice), 18 funcionários (sendo esses divididos em merendeiras, apoios de corredor, vigias e bibliotecários) e 1 secretária.

2.4 Sobre os instrumentos e procedimentos do nosso jogo investigativo.

Após a entrega formal do parecer consubstanciado emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa¹⁰ (cf. Anexo A) à direção da escola, a pesquisa teve início com uma reunião com os professores e funcionários. Neste primeiro contato, fomos recebidos de forma calorosa pela equipe técnica e pedagógica da escola, formada, inclusive, por alguns docentes que trabalharam conosco no ano em que lecionamos no Lílisa. Na ocasião, explanamos brevemente para todos sobre a pesquisa. Eles se mostraram solícitos em colaborar conosco, caso fosse necessário, e reconheceram a importância e a legitimidade do nosso estudo.

Neste mesmo dia, nos reunimos com o professor regente da disciplina de Educação Física para explicarmos sobre os objetivos e finalidades do estudo, apresentarmos os instrumentos e procedimentos que seriam utilizados na coleta de dados, realizarmos a escolha da turma que iria compor nossa amostra e realizarmos a entrevista semiestruturada com professor regente (cf. Apêndice A).

Partindo do princípio que “a pesquisa-ação por ser investigativa supõe um conjunto de procedimentos técnicos e operativos para o conhecimento da realidade ou um aspecto desta, com o objetivo de transformá-la pela ação coletiva”, elegemos como instrumentos para coleta de dados entrevistas semiestruturadas, observação participante e diário de campo (BALDISSERA, 2001. p.8).

A opção pelas entrevistas deu-se em virtude do fato de que elas são fundamentais quando se deseja mapear práticas, crenças, valores, e sistemas classificatórios de universos sociais específicos (DUARTE, 2004), o que convergia para o propósito deste estudo que foi investigar os desdobramentos da aplicação de uma proposta transdisciplinar que articula a recepção de narrativas literárias sobre o futebol na aula de Educação Física. Para complementar as informações obtidas nas entrevistas, adotamos o diário de campo por tratar-se de uma ferramenta que possibilita reflexões sobre a prática da pesquisa e de todo o processo de investigação (RICHARDSON, 2003).

¹⁰Esta pesquisa segue as diretrizes das Resoluções 466/2012 CNS/MS e 510/16 CNS/MS e teve autorização concedida pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba por meio do parecer consubstanciado de número: 3.199.247.

Conforme Baldissera (2001), um dos condicionantes para que a participação da pesquisa-ação se efetive é a criação de espaços de participação. No caso de nossa pesquisa, como a viabilidade do espaço físico para realização das atividades teórico-práticas com o futebol era um fator preponderante para a criação destes espaços participativos, realizamos a seleção da amostra a partir de um único critério: a prerrogativa de que na turma escolhida a aula de Educação Física ocorresse nas duas primeiras aulas do turno da manhã ou nas duas últimas aulas do turno da tarde, garantindo que as atividades previstas pudessem ocorrer sem que o sol e o calor constituíssem algum impedimento.

A única turma que atendeu a este critério de inclusão foi o Segundo Ano “B” do ensino médio regular em tempo integral, formado por 19 estudantes¹¹ de ambos os sexos com idades entre 15 e 19 anos. Os critérios de inclusão e exclusão utilizados para a amostra foram os seguintes: todos/as os/as os estudantes foram convidados a participar da pesquisa de maneira que o aluno só seria excluído caso se recusasse a participar da pesquisa, se tivesse um índice de evasão das aulas maior que vinte e cinco por cento ou apresentasse restrições médicas à prática esportiva. Nenhum aluno precisou ser excluído da pesquisa.

As entrevistas semiestruturadas ocorreram da seguinte forma: realizamos primeiro a entrevista com o professor regente da turma no ambiente da secretaria por cerca de trinta minutos. Nesta ocasião, entregamos a ele o roteiro de perguntas impresso (cf. Apêndice A) e, numa atmosfera de conversa informal, fomos lhe explicando sobre as indagações que estavam postas conforme ele as ia respondendo.

Nas semanas subsequentes, entrevistamos os dezenove estudantes que compuseram nossa amostra. As entrevistas com os discentes ocorreram no pátio de escola, com grupos de três ou quatro alunos/as por vez e com um tempo de aproximadamente 50 minutos por grupo, de maneira que entregávamos aos discentes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (cf. Apêndice B), o Termo de Assentimento para estudantes menores de idade (cf. Apêndice C), o Termo de Autorização para Gravação de Voz (cf. Apêndice D), o Termo de Autorização de Uso de Imagem (cf. Apêndice E), e o roteiro de perguntas impresso (cf. Apêndice F). Logo em seguida, líamos, explicávamos cada um destes documentos, respondíamos aos questionamentos e dirimíamos as dúvidas quando corriam. Em seguida, pedíamos que os/as estudantes assinassem os termos e/ou levassem para colher a assinatura de seus responsáveis e iniciávamos o roteiro de perguntas. Enquanto os alunos iam respondendo as questões, também

¹¹No capítulo três, na apresentação dos desdobramentos de nossa sequência didática para garantir o anonimato dos estudantes, os mesmos serão identificados por codinomes que foram escolhidos por eles no momento da entrevista ou atribuídos por nós para os que não optaram por nenhum nome fictício.

fazíamos anotações no diário de campo sobre os relatos e comportamentos adotados pelos estudantes neste momento.

No final deste capítulo, os dados provenientes das entrevistas encontram-se devidamente descritos, organizados e analisados. De um modo geral, eles nos permitiram traçar o perfil socioeconômico dos nossos participantes, as representações e práticas culturais com a leitura dentro ambiente doméstico, as representações e as práticas culturais dos estudantes com a leitura e o futebol dentro e fora do contexto escolar e a visão deles sobre a Educação Física e o ensino do futebol na escola.

Pelo prisma de Thiollent (1986, p.69), “para corresponder ao conjunto dos seus objetivos, a pesquisa-ação deve se concretizar em alguma forma de ação planejada, objeto de análise, deliberação e avaliação”. Nesta perspectiva, articulando nossos problemas de pesquisa e o substrato das entrevistas, elaboramos nossa sequência didática¹² que, de um modo geral, agregou os aspectos das metodologias pós-críticas para o ensino da Educação Física e delineamentos do letramento literário baseados na *sequência básica*¹³ para leitura literária proposta por Cosson (2014).

Conforme orientado por Hughes (2000 *apud* RICHARDSON, 2003), ao longo de todo o percurso de nosso trabalho, fizemos registros sistemáticos no diário de campo quanto aos itens: planejamento, ação, observação e reflexão. Além dessas anotações, realizamos registros fotográficos e gravações de áudios captados por meio de *smartphone*. O aparelho utilizado para captar os diálogos ao longo da aplicação de nossa sequência didática foi o *6S* do fabricante *Apple* e o aplicativo *gravador de áudio*.

As gravações de áudio obtidas por nós obedeceram ao processo metodológico composto por geração de dados, segmentação e transcrição (GARCEZ; BULLA; LODER, 2014). A geração dos dados, que equivale ao procedimento para a captação dos áudios, foi feita da seguinte maneira: o gravador do *smartphone* era ligado no início da aula e posicionado em uma mesa ou cadeira, mais próxima de onde ocorreriam as leituras dos textos e as rodas de conversa. Nas aulas em espaço aberto, o aparelho era colocado em um suporte posicionado em nosso pescoço. Nesse caso, no decorrer da aula nós nos deslocávamos para os

¹²No capítulo três descrevemos detalhadamente o processo de elaboração de nossa sequência didática e contextualizamos os desdobramentos de sua aplicação com base no referencial teórico do nosso estudo.

¹³A sequência básica é uma forma de organização pedagógica das atividades voltadas para o trabalho com os gêneros literários objetivando a formação de leitores de literatura. É composta por quatro momentos essenciais: a *motivação*, que deve constar de atividades para introduzir a discussão da temática do texto principal; a *introdução sobre o autor*, momento destinado à apresentação de informações sobre o autor do texto a ser lido, a *leitura* do texto literário, momento de contato efetivo com o texto e que pode ser desenvolvido a partir das mais diversas estratégias, e, por fim, a *interpretação*, momento de reflexão e de construção de sentidos sobre o texto (COSSON, 2014).

locais onde estavam ocorrendo os diálogos e as interações entre os estudantes. No final da aula, o aplicativo de gravação era desligado. No mesmo dia da intervenção pedagógica, as gravações eram transferidas para nosso computador pessoal, para que fosse dado prosseguimento à etapa de segmentação, que constava da escuta atenta dos áudios e extração dos excertos que evidenciavam os eventos de fala em interação entre os estudantes. As transcrições foram feitas utilizando não os princípios da análise da conversação. Optamos por transcrever obedecendo a ortografia vigente, uma vez que tal estratégia facilita a leitura da transcrição para um público mais amplo, já que não exige “alfabetização prévia” e reproduz para os leitores a percepção dos próprios participantes acerca da “normalidade” de suas falas (GARCEZ; BULLA; LODER, 2014).

2.5 Sobre a análise dos dados.

Nossa pesquisa filia-se ao paradigma interpretativista, uma vez que as narrativas dos atores que compõem a amostra constituem-se como via de acesso à compreensão dos sentidos e significados que são atribuídos por eles ao futebol, à leitura e à literatura. Conforme Moita Lopes (1994, p.333), em abordagens interpretativistas, “a linguagem é ao mesmo tempo a determinante central do fato social, [...] e o meio de ter acesso a sua compreensão através da consideração das várias subjetividades/interpretações dos participantes do contexto social sob investigação”.

Nesta compreensão, os dados coletados foram processados por meio da análise interpretativista respaldada no referencial teórico que embasa esta pesquisa, uma vez que nosso estudo não teve por objetivo criar leis universais sobre o uso de textos literário para o ensino do futebol na aula de Educação Física, mas dirigiu-se a observar as práticas sociais e os significados decorrentes do ensino do futebol mediado pela recepção dos textos literários em um processo de “entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34).

2.6 Bate bola com o time: entrevistando os craques da escola

Nesta seção, contemplaremos a descrição e a análise dos dados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas realizadas com o professor regente e os/as estudantes de nossa amostra. Para tanto, organizamos os dados provenientes das questões abertas e de múltipla escolha presentes nos roteiros de entrevista, a partir de gráficos e da reflexão sobre os

cenários por eles delineados em articulação com o referencial teórico que embasa nosso estudo.

Inicialmente, encontram-se os dados relativos ao perfil do professor regente. Em seguida, tratamos do perfil socioeconômico e familiar dos alunos (escolaridade dos responsáveis, profissão, renda familiar, bibliotecas familiares, frequência e práticas de leitura dos pais). Depois, detemo-nos sobre os dados que se referem aos hábitos de leitura dos alunos fora e dentro da escola (considerações sobre práticas culturais, práticas de leitura e representações de leitura e de leitores) e, por fim, atemo-nos aos dados sobre o leitor e o futebol fora da escola, na escola e na Educação Física (práticas culturais com o futebol, com futebol e leitura e sobre as representações do futebol e Educação Física na escola).

2.6.1 O professor regente

O professor titular da disciplina de Educação Física trabalha há dois anos na Escola Liliosa, ministra aulas nas oito turmas da escola, que possuem em média cerca de trinta estudantes cada. É graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), uma das maiores universidades privadas do Estado da Paraíba. Embora ainda não possua curso de pós-graduação, o docente considera importante o aperfeiçoamento profissional e ressalta a insatisfação pela falta de investimento na formação continuada de professores da rede estadual da Paraíba.

Conforme relatado, sua formação acadêmica relaciona o ensino do futebol no contexto escolar à cultura corporal, de modo que sua visão sobre o esporte o articula com a arte, contexto histórico, regras, interpretação das competições e valorização da cultura popular. A matriz teórica que fundamenta a atuação do docente e a seleção dos conteúdos a serem abordados nas aulas são os Parâmetros Curriculares Nacionais que, na voz do professor, determinam que a Educação Física trabalhe na escola por meio da cultura corporal, formando cidadãos autônomos e críticos capazes de cuidar do seu próprio corpo.

Para a construção dos seus planos de ensino, o professor regente referiu fazer uso dos Parâmetros Curriculares Nacionais e da Base Nacional Comum Curricular selecionando conteúdos como esporte, danças, lutas, ginásticas e brincadeiras, inclusive articulando-as com temas transversais propostos pelos PCNs (1997b): ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, pluralidade cultural, trabalho e consumo. Com relação ao planejamento didático pedagógico, ele afirmou que é realizado todas as sextas feiras em parceria com as demais disciplinas da área de linguagens, conforme preveem as diretrizes que orientam o

funcionamento das escolas integrais na Paraíba.

Na visão do professor, o material esportivo fornecido pelo governo do Estado da Paraíba é escasso e de baixa qualidade. Com relação aos demais recursos didáticos disponíveis na escola, ele afirmou utilizar o datashow e a sala de informática. O professor relatou que escola possui livro didático de Educação Física, mas informou que não faz uso dele em suas atuações porque concebe que tal obra não contempla as diretrizes fixadas pela BNCC.

O docente referiu ainda que costuma abordar o conteúdo do futebol e, sobre a adesão dos discentes às aulas, argumentou que, como a Educação Física é um componente curricular obrigatório, todos os alunos participam das aulas independente do conteúdo. Ressaltou que a avaliação feita por ele é atribuída de forma qualitativa e pela observação da participação dos/das estudantes nas aulas e que a não-participação ocorre apenas em casos de dispensa médica, mas que, ainda assim, os alunos dispensados da prática são cobrados quanto a parte teórica das aulas por meio da realização de pesquisas, apresentações de seminários e estudo e discussão de textos informativos elaborados pelo docente.

Todos os anos, o professor regente promove jogos interclasses organizando competições entre todas as turmas nas categorias feminina e masculina. Segundo ele, a participação de ambos os gêneros se dá de maneira igualitária.

No tocante ao uso de materiais de leitura, o professor informou que já utilizou a discussão de textos como estratégia para o ensino, contudo ressaltou o fato de nunca ter utilizado textos literários na aula de Educação Física, pois o projeto elaborado por ele na disciplina não contempla textos literários, mas textos informativos e científicos.

Concluindo a entrevista, o professor afirmou que, junto à disciplina de Educação Física, busca contribuir com o desempenho dos discentes em exames como o IDEB e ENEM estruturando ações interdisciplinares na abordagem dos conteúdos, viabilizando aulas interativas nas quais os/as estudantes têm a oportunidade expor suas visões de mundo e exercitar sua capacidade reflexiva, crítica e argumentativa, elaborando avaliações teóricas semanais com questões cuja estrutura se assemelha as dos exames citados acima e organizando as disciplinas eletivas com temáticas que contribuam com os Projetos de vida¹⁴

¹⁴O *projeto de vida* é concebido pela BNCC (2018) como o que os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória pessoal como cidadãos. Visando contribuir com esse projeto, o conceito de educação integral com a qual Base Nacional Comum Curricular esta está alinhada preza pela construção de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea por meio da superação da fragmentação disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem.

dos/das discentes.

2.6.2 Perfil socioeconômico e familiar dos alunos.

Os dezenove alunos de nossa amostra são de ambos os sexos com idade entre 15 e 17 anos. Destes 43% se autodeclararam como *brancos*, 22% como *negros*, 21% como *pardos* e 14% como *amarelos*. 57% residem com *ambos os genitores*, 36% *apenas com a mãe* e 7% com *avós e tios*.

Com relação ao nível de instrução¹⁵ dos pais ou responsáveis, cerca de 24% do alunado afirmou que seus responsáveis cursaram *até o ensino fundamental sem tê-lo concluído*, 20% que os pais têm o *ensino fundamental completo*, 12% disse que os pais chegaram a cursar o *ensino médio sem tê-lo terminado*, e 32% que cursaram o *ensino médio completo*, 12% relatou os pais haviam o *curso superior*, não tendo sido citada nessa ocasião a existência de pais analfabetos, nem com pós-graduação. Quando comparados os níveis de escolaridade paterna, materna e de outros responsáveis pelos discentes é possível notar um perfil de semelhança em todos os níveis de ensino.

Com relação às profissões paternas (eletricista, motorista, técnico de informática, pedreiro, auxiliar de serviços gerais, administrador de obras, funcionário público, médico veterinário, autônomo e empresário) e maternas (padeira, cozinheira, empregada doméstica, aposentada, artesã, cuidadora e desempregada), observamos que apenas uma exigia nível superior de escolaridade (médico veterinário) e a maioria exigia nível técnico ou médio de escolaridade, conforme pode ser constatado no quadro 1 (cf. quadro 1, p.51).

Com relação à renda média familiar dos estudantes, 28% deles afirmaram que suas famílias sobrevivem com *até um salário mínimo mensal*, 29% que vivem com *até dois*, 29% referiu que a família recebe *até três*, 7% até quatro e 7% *acima de 4 salários mensais* e destes alunos 36% *são assistidos pelo bolsa família*.

¹⁵No momento da entrevista explicamos que o ensino fundamental correspondia ao antigo primário e ginásio 1ª a 8ª série (atuais de 1º a 9º ano); o ensino médio, ao 1º, 2º e 3º anos do antigo colegial e o ensino superior ao curso de graduação em uma universidade ou faculdade.

Quadro 1: Comparativo de profissões.

COMPARATIVO DE PROFISSÕES		
PROFISSÕES MATERNAS	PROFISSÕES PATERNAS	PROFISSÕES OUTROS
DESEMPREGADA	ELETRICISTA	MÉDICO VETERINÁRIO
DONA DE CASA	MOTORISTA	APOSENTADA
PADEIRA	TÉCNICO EM INFORMÁTICA	
ARTESÃ	PEDREIRO	
CUIDADORA	AUXILIAR DE SERVIÇOS GERAIS	
DOMÉSTICA	EMPRESÁRIO	
COZINHEIRA	EMPRESÁRIO	
MASSOTERAPEUTA	ADMINISTRADO DE OBRAS	
	FUNCIONÁRIO PÚBLICO	
	AUTÔNOMO	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Considerando a análise dos dados de escolaridade dos responsáveis pelos discentes, em cruzamento com os de renda média familiar e o quadro comparativos das profissões, a partir de Mazzon e Kamura (2016), observamos que o *status*¹⁶ socioeconômico da maioria das famílias da turma pode ser considerado como baixo, haja vista que os responsáveis pelos estudantes possuem um padrão semelhante de formação acadêmica, escolar, e, em sua maioria, desempenham ocupações laborais que não são bem remuneradas e não exigem curso superior ou técnico.

De acordo com a renda declarada pelos discentes, a maioria das famílias encontra-se estratificada entre as classes *pobre, mas não extremamente pobre e média classe média*, consoante com classificação proposta por Paes de Barros et al. (2012). Tal realidade socioeconômica delimita as possibilidades de contato dos discentes com os livros e com o futebol, haja vista que inviabiliza ou dificulta a aquisição de livros, artigos esportivos, como bolas, chuteiras, camisas, visitas a estádios, tornando mais importante a intervenção da escola no sentido de promover o contato dos/das estudantes com estes bens culturais. Ademais, se considerarmos que as necessidades profissionais dos responsáveis pressupõem pouco contato com a leitura, esta atividade possivelmente não é uma prática cultural valorizada e objetivada como prioritária no contexto destas famílias.

2.6.3 Sobre o leitor fora da escola

Na segunda sessão do roteiro de entrevistas semiestruturadas, questionamos aos alunos sobre quantos livros disponíveis existem em suas casas, propondo como respostas: *nenhum, entre 1 e 20, entre 21 e 50, entre 51 e 100 e acima de 100* e também questionamos a respeito

¹⁶Aqui a noção de estrato socioeconômico enfatiza a conquista de status, usando educação e renda como causa e efeito do status ocupacional. (MAZZON, KAMURA, 2016)

dos tipos de livros disponíveis, elencando as seguintes possibilidades: *bíblia, contos, romance, poesia, religiosos, didáticos, biografias, autoajuda, técnicos e teóricos, educação, viagens e esportes, saúde e dietas, direito, idiomas, esoterismo e ocultismo, infantis, infanto-juvenis, quadrinhos economia e política, dicionários, enciclopédias, fotografia e artes plásticas, culinária, artesanato e outros.*

Nosso questionamento não se dirigia a mensurar com exatidão a quantidade de livros que os estudantes possuíam em suas residências, mas a nos permitir ter uma ideia aproximada em relação à presença dos livros no cotidiano deles bem como quais eram os seus hábitos de leitura. Conforme podemos observar no gráfico 1 (cf. p. 51), a maior parte dos acervos familiares conta com uma quantidade pequena de obras que giram em torno de vinte livros na maioria das casas. No que se refere ao tipo dos títulos, também encontramos pouca diversidade, visto que apenas a Bíblia e alguns gêneros literários e não literários diversos compõem os acervos de impressos para leitura (cf. Gráfico 2, p 50).

No que concerne às práticas de leitura dos/das responsáveis no ambiente doméstico, podemos inferir que a leitura consiste em um hábito que aparece timidamente no cotidiano das famílias, uma vez que, na percepção dos estudantes somente 53% dos pais e/ou responsáveis mantêm o hábito de ler.

Gráfico 1: Quantidade de livros na casa dos discentes.



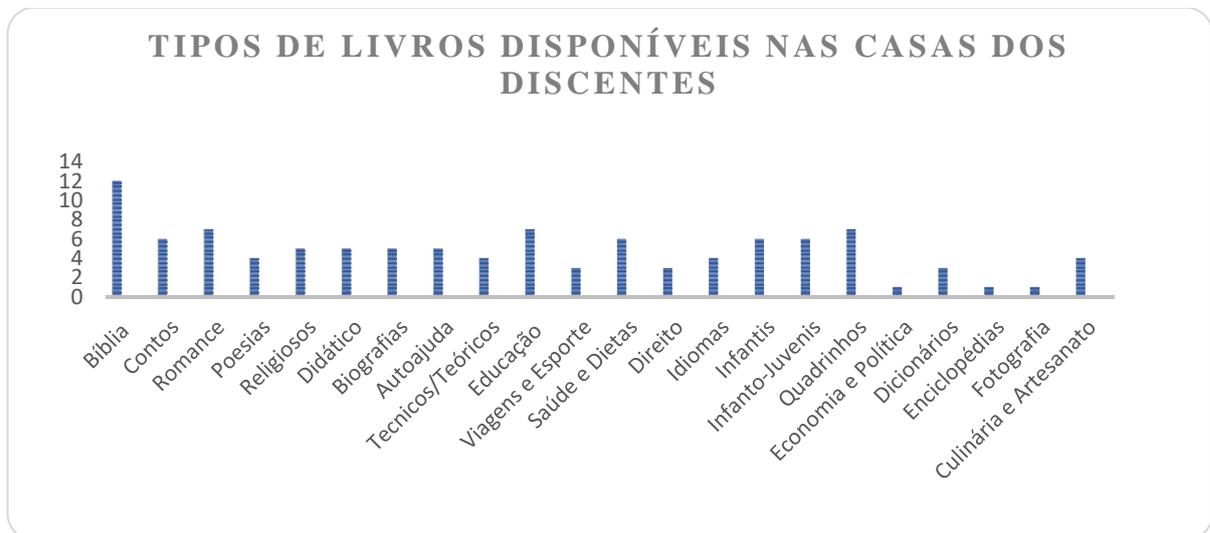
Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Dentre os responsáveis que leem, a frequência de leitura¹⁷ referida pelos/as alunos/as foi baixa (cf. Gráfico 3, p. 54). Com base no gráfico 4 (cf. p.54), podemos dizer que a prática cultural da leitura não é compartilhada pelos responsáveis com os/as discentes, pois a maioria deles/delas não costuma ler para os estudantes, e os poucos que leem não o fazem

¹⁷O questionamento sobre a frequência de leitura foi delimitado da seguinte forma: *nunca* para situações em que os alunos não percebem que os responsáveis leem em momento nenhum, *raramente*, adotado para situações de leitura esporádicas ao longo do mês, às *vezes* para eventos de leitura semanais e *sempre* para práticas diárias.

frequentemente. O local mais citado como o de leitura no lar foi o quarto e os tipos de livros mais lidos foram a Bíblia, os religiosos e os romances

Gráfico 2: Tipos de livros disponíveis nas casas dos discentes.

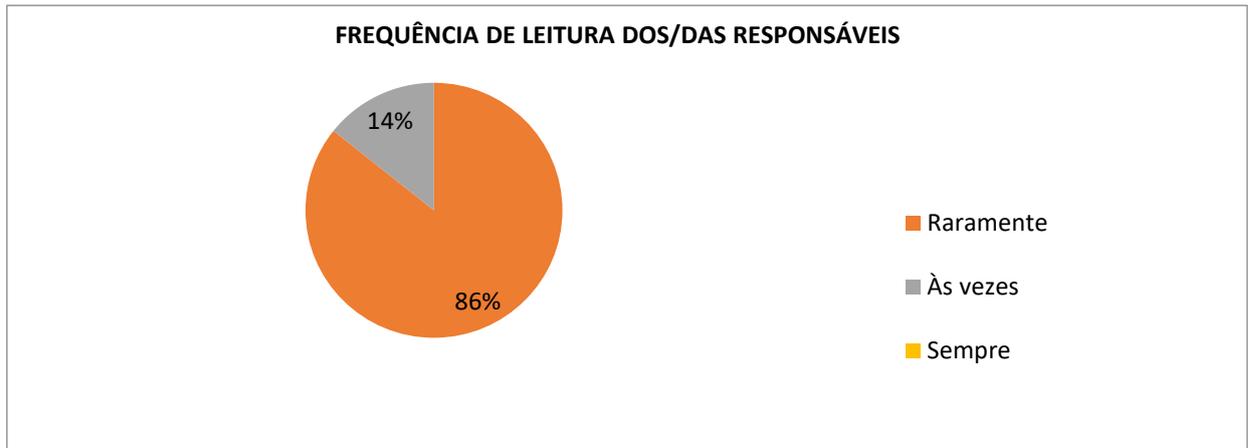


Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A partir do cruzamento entre os dados referentes às práticas de leitura dos responsáveis, frequência de leitura para os discentes, quantidade e tipo de livros disponíveis no ambiente doméstico, percebemos que a mediação leitora nas famílias dos/das estudantes de nossa pesquisa ocorre timidamente. Além disto, notamos que, mesmo nos lares onde existem acervos mais diversificados, a maior disponibilidade das obras não reverbera em práticas regulares de leitura.

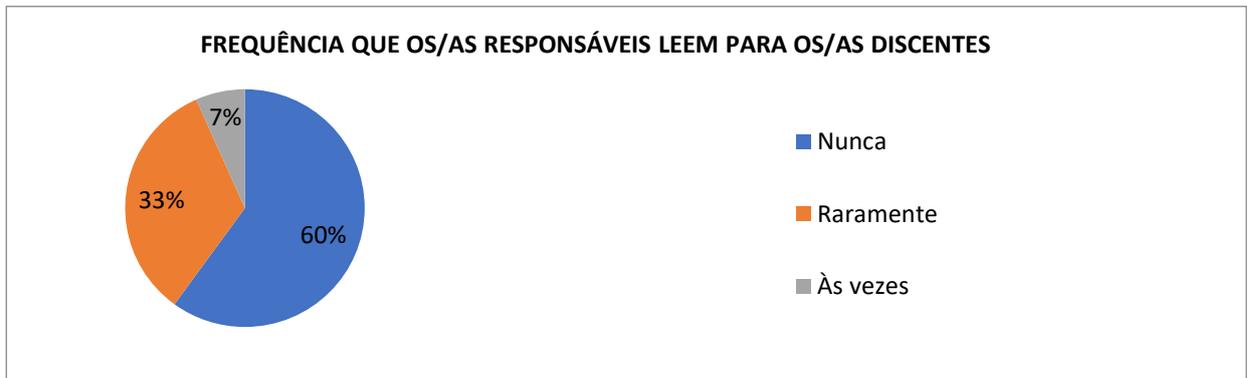
A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, organizada por Zoara Failla (2016), que avalia o comportamento do leitor brasileiro, em sua quarta edição, confirma a importância da mediação familiar, quando as respostas de leitores e não leitores constataam que 83% dos não leitores não receberam a influência de ninguém, enquanto 55% dos leitores tiveram experiências com a leitura na infância pela mediação de outras pessoas (especialmente mãe e professor). Neste sentido, se considerarmos que, a partir de Tussi e Rösing (2009), a família exerce o papel de mediadora e aproximadora da leitura, sendo indispensável para facilitar os primeiros contatos dos sujeitos com os livros de forma prazerosa e afetiva, o contexto escasso de leitura no cotidiano familiar pode contribuir como fator limitante para a formação de leitores nesta turma.

Gráfico 3: Frequência de leitura dos responsáveis



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Gráfico 4: Frequência que os responsáveis leem para os/as discentes



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

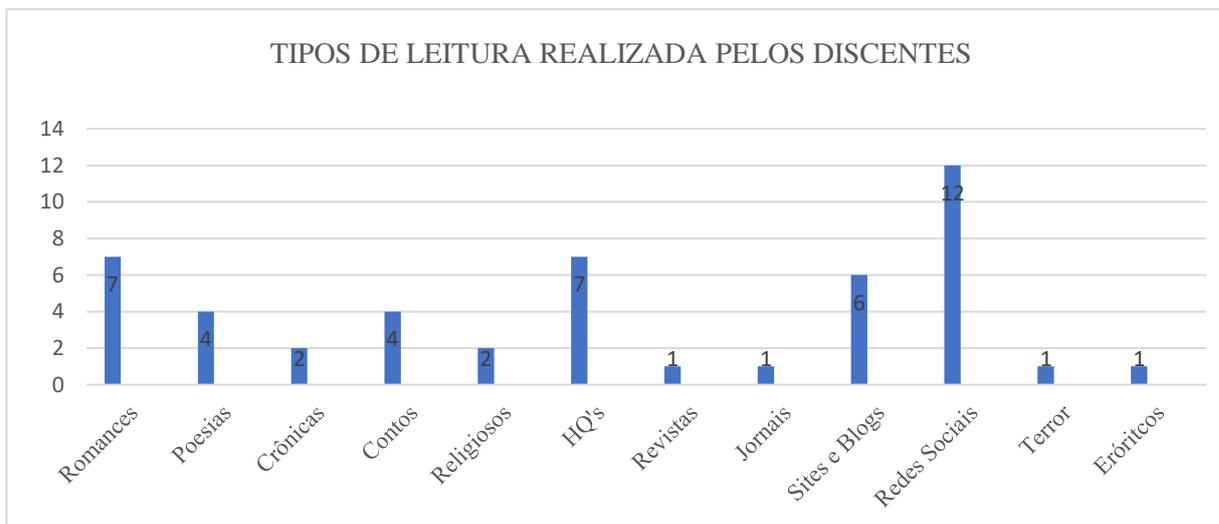
Sobre as práticas culturais de leitura dos próprios alunos, quisemos com os questionamentos de nossa entrevista semiestruturada desenhar um panorama de como a leitura é praticada pelos discentes desta turma, verificando a importância atribuída por eles a essa prática, o espaço que ela ocupa em suas vidas e as representações de leitura que carregam consigo. Na tentativa de evitar possíveis falseamento de respostas, que podem fazer parte do processo de entrevista, neste bloco de perguntas, procuramos deixar claro para os alunos que as práticas de leitura são uma, dentre tantas outras práticas culturais possíveis na sociedade atual. Nesse sentido, era natural que elas pudessem estar presentes ou ausentes em sua rotina, a depender de fatores dos mais diversos em seus contextos de vida.

Sobre o *hábito de ler fora do contexto da escola*, 76% dos discentes respondeu que lê e 27% que não mantém o hábito da leitura no contexto extraescolar. Neste sentido observamos que os discentes possuem um costume de leitura mais expressivo que seus/suas responsáveis, tendo em vista que o percentual de adolescentes que lê abarcou mais que dois

terços dos estudantes da amostra. Estes dados corroboram a pesquisa de Failla (2016) que constatou que o percentual de jovens leitores é, proporcionalmente, bastante superior ao da média do leitor brasileiro em geral. Já no que se refere à *frequência de leitura*¹⁸, obtivemos como resposta que 13% do alunado *sempre lê*, 60% *às vezes lê* e 27% *raramente lê*, por conseguinte, constatamos que leitura acontece de forma comedida no cotidiano dos adolescentes.

Tendo em vista que os adolescentes da amostra se encontram em idade escolar, poderíamos supor que o maior índice de leitura obtido por eles ocorre por conta das atividades obrigatórias da escola, contudo, quando observamos os dados sobre o *tipo de leitura realizada pelos estudantes* (cf. Gráfico 5, p. 56), e encontramos como mais citadas as leitura de redes sociais, com ênfase nas *fanfics*¹⁹, as *histórias em quadrinhos*, *romances* e os *sites e blogs* literários e não literários, percebemos que a motivação pela leitura não se dá por coerção ou finalidades pragmáticas, mas por prazer, comprovando novamente os dados da pesquisa *Retratos da Leitura*.

Gráfico 5: Tipos de leituras realizadas pelos discentes



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

¹⁸O questionamento sobre a frequência de leitura dos discentes foi delimitado do mesmo modo que na sessão que questionava os pais, da seguinte forma: *nunca* para situações em que os alunos não leem em momento nenhum, *raramente*, adotado para situações de leitura esporádicas ao longo do mês, *às vezes* para eventos de leitura semanais e *sempre* para práticas diárias de leitura.

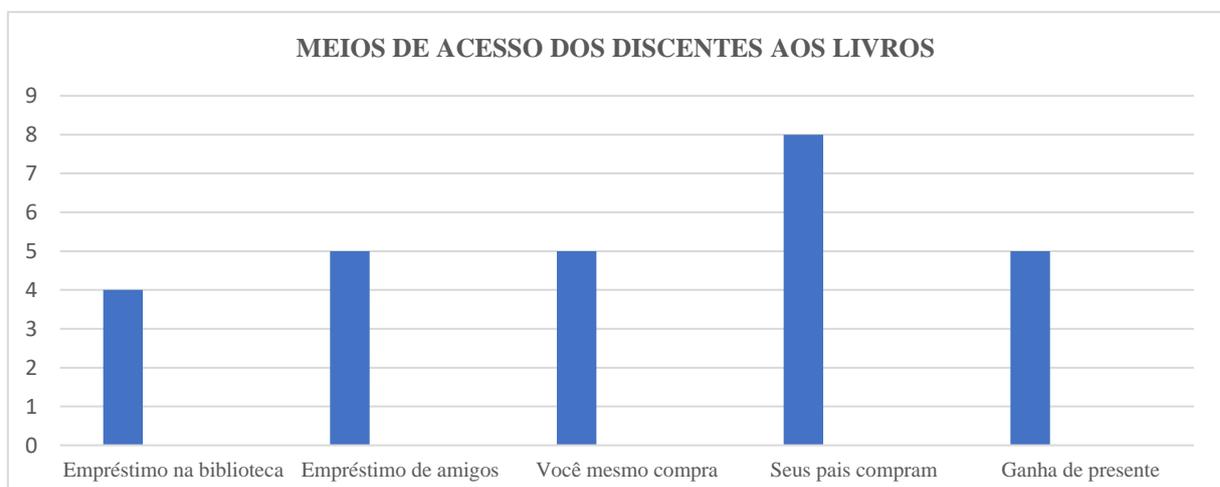
¹⁹Fanfic é a abreviação da expressão inglesa *fanfiction*, que significa ficção de fã na tradução literal para a língua portuguesa, tratam-se de histórias ficcionais que podem ser baseadas em diversos personagens e enredos que pertencem a produtos midiáticos, como filmes, séries, HQ's, videogames, mangás, animes, grupos musicais, celebridades dentre outros. Os fãs desses produtos se apropriam do mote da história ou dos seus personagens para criarem narrativas paralelas ao original. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/fanfic/>> acesso em 24 de setembro de 2019.

Em relação à *forma como os estudantes têm acesso aos livros*, se considerarmos que, de acordo com o gráfico 6 (cf. p.57), a compra, o empréstimo de amigos e o ganho de presente foram os principais meios citados, que o empréstimo na biblioteca da escola foi citado por poucos estudantes e que a leitura do acervo do lar não foi referida, percebemos que as obras dos acervos domésticos e escolar não estão sendo recepcionadas pelos jovens. Este cenário leva-nos a constatar a urgência e a necessidade de que se efetivem estudos que se debrucem em compreender e promover o acesso e a recepção do público jovem aos acervos a ele destinados.

Quanto aos *formatos dos livros lidos pelos alunos*, os *livros digitais para celular* foram citados 12 vezes, os *livros digitais para computador* mencionados 2 vezes, e os livros impressos 8 vezes. Na voz dos estudantes, esta preferência se dá porque o uso do celular minimiza os custos e facilita o acesso aos livros, já que permite a obtenção gratuita de muitos títulos pela internet. Já o livro físico figura como suporte favorito entre os discentes porque, segundo o relato deles, é mais prazeroso poder tocar e grifar o livro, fazer anotações e sentir o cheiro do papel quando ele está novo.

A ocorrência destes dados nos permite refletir sobre o olhar que nós, professores, vimos lançando às mídias digitais que estão inseridas no universo cultural de nossos alunos e nos desafia a ressignificar a presença do celular em sala de aula. Afinal de contas, se considerarmos que, mesmo preferindo os livros físicos, os adolescentes leem por intermédio do celular, cabe-nos assumir o papel de mediadores de leitura de suporte digital, como forma de promover um intercâmbio cultural que ajude a ampliar os horizontes de leitura dos alunos e a diversificar as possibilidades didático-pedagógicas em sala de aula.

Gráfico 6: Meios de acesso dos discentes aos livros



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No que diz respeito aos *livros favoritos dos estudantes*, conforme explicitado no quadro 2 (cf. p. 58) a lista é composta basicamente por *best-sellers*, sendo alguns deles internacionalmente populares como é o caso de *Harry Potter*, *A culpa é das estrelas* e *O Diário de Anne Frank*. As justificativas a respeito das preferências dos leitores pelos livros foram diversas, mas, de um modo geral, giram em torno do sentimento de empatia e identificação provocado pelas obras, ou por conta de elas terem causado divertimento ou emoção. Aqui, cabe a ressalva de que não foi mencionada nenhuma obra do cânone literário brasileiro ou internacional. A respeito deste quadro, Cosson (2014) chama atenção para a necessidade de a escola valorizar e considerar o repertório leitor dos estudantes, pois, enquanto artefatos culturais, os *best-sellers* são “parte da nossa cultura e não há maneira de se atingir a maturidade de leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para ampliá-la.” (COSSON, 2014, p.34).

Por unanimidade, a leitura foi referida pelos alunos como uma *atividade importante na vida das pessoas* e 87% dos discentes relataram a *leitura como atividade importante em suas vidas*, ainda assim 67% dos estudantes de nossa amostra não se consideram leitores. Ao cruzarmos os dados sobre frequência e preferências de leitura com os de percepção de importância da leitura e autoconceito como leitor, percebemos que, embora os discentes leiam obras literárias, a maioria deles não se considera como sujeito leitor. Neste âmbito, inferimos que, possivelmente, o modo como a escola lida com o letramento literário contribui para a construção de um imaginário sobre o que é ser leitor assentado no cânone literário e na erudição. Tal perspectiva prejudica a formação leitora do estudante, pois situa a literatura em um contexto seletivo, excludente e desconexa do seu cotidiano do alunado e denota que a escola carece de um maior investimento implementação de estratégias que acolham e valorizem as práticas leitoras dos alunos e contribuam para diversificar e ampliar seus horizontes de expectativas.

Os discursos dominantes entre os discentes que classificaram a leitura como atividade relevante tem suas razões assentadas em aspectos pragmáticos, de modo que ela é contextualizada como atividade /importante para a obtenção de conhecimentos dos mais diversos, aprimoramento da escrita, desenvolvimento da intelectualidade e da sabedoria, ampliação da capacidade argumentativa e como meio para a progressão nos estudos.

Quanto à relevância da prática da leitura na vida dos próprios estudantes, a manutenção do discurso sobre a função instrumental da leitura se repete, haja vista que boa parte do alunado classificou-a de maneira positiva, mas justificou que ela constitui-se como um meio que os auxilia na elevação do desempenho nas atividades escolares, na interpretação

de textos, no aperfeiçoamento da escrita, do potencial de argumentação e na aquisição de novos conhecimentos. Apenas um aluno destacou que considerava o ato de ler essencial, pois era uma forma de entretenimento que lhe permitia fugir da realidade.

Quadro 2: Livros favoritos dos/das estudantes e justificativas

LIVROS FAVORITOS	JUSTIFICATIVA
O diário de Anne Frank	- <i>Achei a história interessante</i>
HQs/ HQ “O Homem de ferro/	- <i>Gostei da História; - Achei divertido!</i>
A culpa é das estrelas	- <i>Meche com as emoções e leva a refletir sobre a vida, querer viver, aproveitar;</i>
Harry Potter	- <i>Já gostava dos filmes/</i>
Bíblia	- <i>Toca meu coração;</i>
O diário de uma garota nada popular	- <i>Achei engraçado</i>
O reino das vozes que não se cala	- <i>Se identificou com a história</i>
O diário de Gravity Falls	- <i>Aborda crises existenciais como as minhas</i>
Se liga Charles	- <i>Aborda Bullying e eu já sofri bullying.</i>
Revolução do inferno	- <i>Sem justificativa</i>
Amor impossível, possível amor	- <i>Gosto porque quebra tabus sobre diferenças de idade nos relacionamentos</i>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As justificativas apresentadas por 100% dos/das discentes que não se consideraram leitores estavam relacionadas, exclusivamente, ao volume e à frequência de leitura, de modo que eles não fizeram menção ou juízo de valor ao tipo de leitura, relatando apenas que avaliavam que liam muito menos do que consideravam apropriado para um dito leitor. Já os que se consideravam leitores se percebiam assim tanto pela boa frequência de leitura que mantinham quanto pelo apreço que dedicavam aos livros.

O cenário, como o delineado pelos percentuais e pela narrativa dos/das discentes, desnuda o modo técnico burocrático com o qual a literatura lhes tem sido apresentada no universo escolar, num movimento semelhante ao de um jogo de futebol centrado exclusivamente no aspecto técnico do esporte, e no qual as atividades desenvolvidas impossibilitam o prazer e um contato efetivo com o universo de sentidos e significados engendrados no jogo. Do mesmo modo as atividades eminentemente prescritivas e burocráticas produzem essa lacuna entre o leitor e a literatura na escola, e assim “inviabilizam um mergulho mais profundo na obra literária [e que] não habitua o aluno a esse movimento de análise mais profundo. Assim, não percebem o prazer que proporciona esse envolvimento com a leitura [literária], ficando apenas na superficialidade de respostas formais” (TAVARES, 2003, p. 108).

2.6.4 Sobre o leitor dentro da escola

No sentido de aprimorar a compreensão sobre a relação entre a escola e a consolidação de práticas de leitura entre os estudantes de nossa pesquisa, questionamos se o alunado costumava realizar a leitura dos livros sugeridos nas aulas. Como resposta obtivemos que mais da metade dos alunos realizam a leitura do material recomendado, mas e que apenas um terço dos estudantes classificam esta leitura como prazerosa. Na opinião dos/das discentes as obras, geralmente, são os mesmos romances antigos, que abordam temáticas que não são do interesse deles, ou não tem conexão direta com os contextos de vida que experimentam.

Os dados quantitativos e os relatos dos/das alunos/as sobre as leituras exigidas pela escola ratificam o pensamento de Petit (2008), que argumenta que a escola permanece prisioneira de velhos modelos de leitura e concepções instrumentalistas da linguagem que desconsideram e subestimam a pluralidade do leitor jovem. Este contexto evidencia ainda a necessidade de que as práticas de leitura e letramento no contexto escolar assumam uma perspectiva intercultural²⁰, que reconheça e valorize as preferências literárias dos alunos, mas que também ofereça oportunidades para que tais referências literárias sejam alargadas e articuladas, inclusive com obras pertencentes ao cânone, pois, como salienta Silva (2019, p. 5), “trabalhar com literatura a partir de uma perspectiva intercultural poderá não só contribuir para a formação de leitores para quem o texto literário seja objeto de desejo, mas para a ampliação dos horizontes culturais desses leitores”.

Ainda que a escola possua biblioteca climatizada, sala de leitura ampla com mesas, cadeiras, tatames e pufes, que disponha de um acervo com cerca de novecentas obras, 100% dos discentes relataram que a frequência de utilização deste espaço para a realização de atividades pedagógicas pelos professores é esporádica (uma vez ou outra ao longo do bimestre) e restringe-se apenas a ações propostas por docentes das disciplinas de língua portuguesa, filosofia, sociologia e história. Além disso, a *frequência de visitação espontânea à biblioteca*²¹ é de nunca para 20% do alunado, às vezes para 20% deles e raramente para 60% dos estudantes.

²⁰ A interculturalidade aqui é compreendida a partir de Pavis (2015) como ferramenta que nos permite fazer um confronto entre diferentes culturas e se configura como importante para darmos conta da dialética de trocas entre as culturas.

²¹ Com relação à frequência de visitação espontânea à biblioteca escolar para leitura, *sempre* foi atribuído para visitas diárias ou semanais, às vezes para visitas quinzenais ou mensais, *raramente* para visitas bimestrais e *nunca* para alunos que só se dirigem à biblioteca quando solicitado pelos professores.

As justificativas apresentadas para a baixa visitação foram à necessidade de autorização da direção para o acesso à biblioteca, pois o estabelecimento de ensino não possui bibliotecário, a falta de obras literárias atuais e diversificadas, e a inexistência de atividades que estimulem os alunos a frequentarem este espaço pedagógico nos momentos livres na rotina escolar. A esse respeito, Petit (2008) ressalta a importância do trabalho de professores e bibliotecários como mediadores de leitura e argumenta que uma biblioteca pode se tornar letra morta se os sujeitos não vivenciarem experiências que os estimulem a se aventurar na cultura letrada.

2.6.5 Sobre o leitor e o futebol

O penúltimo bloco de perguntas de nossa entrevista semiestruturada dirigiu-se a traçar um perfil sobre as práticas culturais dos discentes com o futebol e sobre as representações deste esporte para eles. 69% dos/das estudantes referiram *gostar do futebol* e 31% disse não gostar. Dentre o alunado, 40% referiu *nunca jogar futebol*, 33% *jogar raramente*, 20% *jogar às vezes* e 7% *jogar sempre*. De acordo com o que foi respondido pelos estudantes, próximo da residência de 87% deles, há locais onde a prática do futebol é possível, como campinhos de várzea, praças e terrenos. 53% dos/das alunos/as costumam frequentar estes espaços para assistir a jogos, 34% para jogar e 13% tanto para assistir quanto para jogar futebol.

Dentre os atributos que justificam o apreço dos estudantes pelo futebol, os mais citados foram o fato dele ser um jogo que é dinâmico, divertido, emocionante, competitivo e que trabalha as capacidades do corpo. Já as justificativas apresentadas pelos que não gostam deste esporte foram o fato de alguns alunos não se identificarem com atividades físicas de modo geral, por não saberem jogar ou por não jogarem bem.

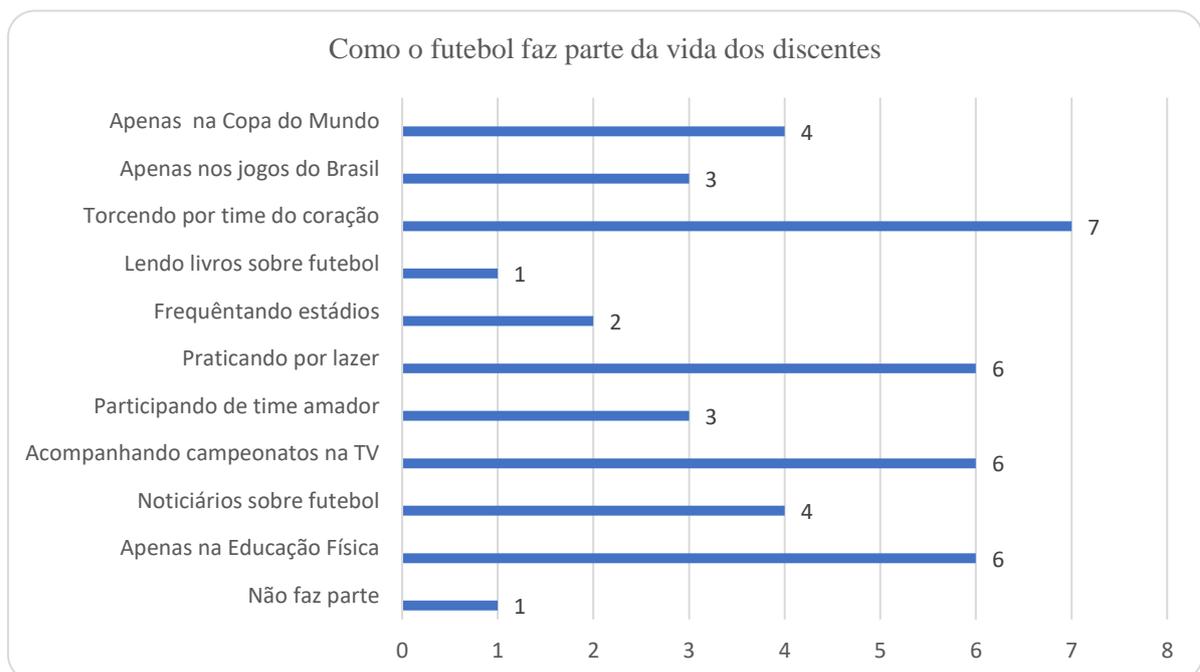
As representações negativas relacionadas ao futebol que foram relatadas remetem-nos à percepção de que, possivelmente, durante a trajetória escolar destes alunos o encontro com essa modalidade esportiva tenha ocorrido centrada na perspectiva biológico-técnica do esporte, haja vista que uma das bases de não identificação dos alunos está vinculada a inabilidade deles em relação ao domínio dos elementos técnicos e táticos do futebol. Já entre os estudantes que afirmaram gostar do futebol, a associação do esporte ao prazer, à emoção e à competitividade denota uma percepção sobre a modalidade para além do gesto motor que está intimamente relacionada com o que é jogo:

[...] atividade livre, conscientemente tomada como “não séria” e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com o qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes. (HUIZINGA, 2018, p. 16).

Sobre as formas pelas quais o futebol se insere na vida dos discentes, elencamos onze possibilidades de resposta que poderiam ser citadas pelos alunos, sendo permitido que eles indicassem mais de uma forma de inserção (cf. gráfico 7 p.62).

Ao observarmos as respostas dos discentes sobre os canais pelos quais eles se apropriam e assimilam o futebol, constatamos que a torcida pelos times favoritos, o acompanhamento dos campeonatos de futebol exibidos pelas emissoras de televisão e a vivência na Educação Física escolar obtêm destaques. Constatamos que as formas de apropriação do futebol mais citadas pelos discentes estão intimamente associadas às mídias televisivas e, conseqüentemente, ao esporte de rendimento e ao esporte-espetáculo amplamente divulgado por elas, evidenciando relevância deste meio de comunicação na disseminação de valores e sentidos e no entendimento que os alunos têm sobre o que é o futebol.

Gráfico 7: Como o futebol faz parte da vida dos discentes.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No pensamento de Busso e Daolio (2011), o futebol transita pelo contexto escolar e extraescolar, de modo que a construção dos saberes sobre este esporte se dá nestes dois tempos e espaços, em um processo contínuo de encontro, confronto e atualização. Neste sentido, considerando que a escola também é um dos principais espaços de apropriação do futebol pelos alunos, é imprescindível que esta modalidade seja abordada na aula de Educação Física em uma perspectiva que privilegie aspectos que se diferenciem do modelo de rendimento, como o prazer proporcionado pelo jogo, o rendimento possível e individual de cada sujeito, a construção de valores como a cooperação e a solidariedade, permitindo que os educandos possam encontrar, confrontar e atualizar suas concepções sobre o futebol ampliando-as.

Com relação ao *futebol ser uma atividade importante na vida das pessoas*, 56% do alunado considerou que *sim*, justificando que ele é uma atividade que integra o cotidiano da maioria dos brasileiros, faz parte da tradição de muitas famílias e permite que os sujeitos riem, chorem, se emocionem, realizem sonhos com os jogos. Além disso, esses/essas alunos/as afirmaram que o futebol é uma atividade física que faz bem para saúde e previne o sedentarismo. Já os 44% que *não* consideraram o futebol importante no cotidiano das pessoas não apresentaram justificativa. Cerca de 73% dos discentes afirmou que considera o futebol um jogo prazeroso, atribuindo tal resposta ao divertimento que o jogo provoca, à sensação de bem-estar físico, à queima de calorias e à possibilidade de estar com os amigos. Já os 27% que afirmaram que o futebol não é uma atividade prazerosa justificaram que não gostam de praticar a modalidade porque consideram que não sabem jogar, e tem extrema dificuldade para manusear a bola com os pés.

A partir destes relatos, podemos concluir que as representações dos alunos sobre o futebol são compostas tanto por aspectos que pertencem ao discurso midiático do esporte-espetáculo e de rendimento, quanto por fatores ligados às práticas e tradições familiares com o esporte, às emoções oriundas das vivências particulares com o jogo, às relações de amizade dentre outros aspectos. Neste sentido, conforme observam Macgnam e Betti (2014), tais representações sociais constituem um saber prático que orienta as relações dos alunos com o futebol, à medida em que orientam e organizam suas condutas em relação ao esporte.

2.6.6 Sobre o leitor e a Educação Física

Em nosso último bloco de perguntas, buscamos compreender a relação entre Educação Física, a prática cultural do futebol e suas representações dentro do contexto da escola.

Questionamos sobre o gosto dos estudantes pela Educação Física e obtivemos como resposta que 100% o alunado tem apreço pela disciplina. Esta afeição foi justificada em virtude da afinidade dos discentes com o professor, por considerarem a disciplina mais fácil em relação às outras, pelas atividades realizadas serem divertidas e, por conta de a aula, geralmente, ser dinâmica tendo em vista a possibilidade de trabalhar com o corpo o movimento.

Não foi possível perceber na fala dos estudantes um resgate consistente a respeito dos conhecimentos sobre o corpo, ou sobre as diversas práticas de corporais que fazem parte do arcabouço de conteúdos da disciplina de Educação Física. Tampouco foram feitas menções às características formais, históricas, culturais, ou ao universo de valores, sentidos e significados que constituem o entorno dos elementos da cultura corporal como os esportes, a dança a lutas. Isso pode, possivelmente, denotar que, ao longo da trajetória escolar destes discentes na Educação Básica, a representação da Educação Física enquanto componente curricular foi construída a partir de uma visão técnico-biológica e um tanto quanto inconsistente.

Ainda assim, cerca de 67% dos/das alunos/as considerou os *conteúdos da Educação Física como relevantes para a formação acadêmica e humana dos sujeitos* justificando que por meio deles é possível aprender sobre corpo, saúde e qualidade de vida, além de os assuntos se relacionarem com temáticas de seus cotidianos e com os conhecimentos exigidos no ENEM. Os 33% que não consideraram os conteúdos importantes justificaram que não vislumbram como possam fazer usos desses conhecimentos fora dos limites de sala de aula.

Embora a maioria dos/das alunos/as tenha considerado os conteúdos da Educação Física como relevantes para a formação escolar, e que, por unanimidade, todos afirmem gostar da disciplina, a visão esboçada em suas justificativas denota uma percepção estereotipada sobre este componente curricular. Nos argumentos dos discentes, centrados principalmente na aprendizagem sobre saúde, corpo e qualidade de vida, não foi possível perceber o resgate de conteúdos que fazem parte dos conhecimentos básicos da disciplina como a dança, as lutas, os esportes, o lazer, nem foram identificadas falas que discorressem sobre a relevância destes elementos e de seu valor simbólico na cultura, na sociedade ou mesmo no cotidiano dos discentes.

Com bases nas respostas e justificativas acima explicitadas, observamos que o apreço do alunado pela Educação Física dá-se baseado em valores exteriores à disciplina, como a percepção de que ela é mais fácil em relação às outras, o sentimento de identificação com o professor regente e a diversão causada pela possibilidade de movimento e não pela valorização do conhecimento construído no entorno das práticas corporais. Posto isso, vê-se a necessidade, como nos orienta Medina (2006), de que o professor de Educação Física elabore

meios para construção de um projeto autônomo com a disciplina, valorizando o corpo na totalidade de suas relações consigo mesmo, com o corpo na natureza, redimensionando as possibilidades da Educação Física desencadeando uma verdadeira “revolução”, em favor da humanização desta disciplina.

No que diz respeito às condições logísticas e estruturais para a prática da Educação Física, conforme relatado pelos alunos, a escola não possui quadra poliesportiva, apenas um espaço aberto, de piso grosso, com duas traves e as linhas do campo de futebol pintadas no chão, que é denominado pelos estudantes como *Quintal*, e é destinado à prática do futebol e de atividades físicas de modo geral. Na fala dos discentes, o material esportivo é classificado como escasso e de baixa qualidade, e, até o momento da entrevista, não havia sido entregue à escola pelo governo do Estado. Pesquisas como a de Shigunov (1997) e de Damásio e Silva (2008) confirmam que a precariedade das condições materiais enfrentadas na Escola Liliosa são uma realidade comum em boa parte das escolas públicas brasileiras e denotam a não valorização e o descaso do Estado com esta disciplina.

No que concerne ao *modo pelo qual o conteúdo do futebol é abordado nas aulas*, os alunos teceram seus comentários tendo como referência experiências em outras escolas, pois, tanto no ano letivo em curso quanto no ano anterior, a falta de condições logísticas e estruturais fizeram com que o conteúdo não fosse abordado ao longo dos bimestres pelo professor de Educação Física.

Assim como Damásio e Silva (2008), não defendemos a ideia de que o trabalho pedagógico só pode se processar diante de condições de trabalho idealizadas: reconhecemos que as condições materiais afetam de forma significativa o trabalho pedagógico do professor de Educação Física. Contudo, compreendemos que tal problemática exige que o professor esteja constantemente readaptando e reinventando as formas de utilizar os recursos existentes, reelaborando seus pressupostos teóricos frente às limitações e às possibilidades de trabalho para que as escolhas dos conteúdos do currículo da Educação Física não sejam sufocadas pelas limitações do cotidiano e, assim, inviabilizem a consolidação da importância e a permanência da disciplina no contexto da educação básica em escolas públicas.

Sobre as *formas de trabalho com o futebol na escola*, na visão de 89% dos/das estudantes, o futebol foi ministrado de forma errada, repetitiva, centrado principalmente no treinamento de equipes masculinas, com pouco incentivo para a participação feminina, ou com o professor deixando os alunos jogarem livremente sem fazer interferências. A respeito destas experiências, 20% dos estudantes afirmam que as discussões de textos técnicos, teóricos ou informativos sobre futebol foram realizadas nas aulas de Educação Física e 80%

dos discentes afirmaram que o uso de textos nunca ocorreu. Com relação aos textos literários, 100% o alunado declarou que este recurso pedagógico nunca foi utilizado em nenhuma aula de Educação Física.

Este cenário reitera a necessidade de que os objetivos e finalidades do ensino do futebol, enquanto conteúdo da Educação Física Escolar, sejam redimensionados, de modo que ele seja tratado como elemento da cultura corporal, um conhecimento a ser sistematizado e reconstruído pelos alunos e que o foco principal não seja a busca por altos níveis de rendimento esportivo nem se configure como uma prática livre sem finalidades, mas esteja centrado na construção de uma compreensão crítica e no seu usufruto autônomo (DAOLIO, 1996).

Quanto a situações de exclusão, preconceito em aulas de Educação Física com a modalidade do futebol, 100% dos/das estudantes relataram ter vivenciado ou presenciado este tipo de circunstância, e destes 67% afirmaram ter sofrido preconceito direto. As ocorrências mais citadas se referiam a casos relacionados com o desempenho esportivo, como a exclusão de alunos pouco habilidosos e estudantes acima do peso, e com questões de gênero como a exclusão das mulheres dos times, comparações, brincadeiras e piadas desrespeitosas, impedimento na participação das meninas, priorização do tempo e dos espaços da aula para os meninos, monopólio masculino no jogo sem interferência do professor.

Os dados obtidos acima e articulação com os relatos dos/das discentes, corroboram o pensamento de Daolio (1996) a respeito tradição cultural de ensino dos conteúdos da Educação Física Escolar, assentada em bases biológicas e tecnicistas. Nesse caso, a disciplina “tem se mostrado perversa para um grande contingente de alunos, que estão sendo alijados da Educação Física ou sendo subjugados nas aulas, em nome de uma excelência motora que só alguns são capazes” (DAOLIO, 1996, p. 41). Posto isto, é pertinente a constatação de que o ensino do futebol na aula de Educação Física deve ser repensado e reconstruído a partir do rompimento com tendências pedagógicas baseadas em perspectivas biológicas e universalizantes e da consideração da pluralidade dos corpos, do desempenho e da cultura dos alunos (DAOLIO, 1996).

As competições com o futebol ocorrem anualmente e recebem o nome de *jogos interclasses*. Trata-se de uma disputa entre todas as turmas da escola que dura cerca de dois ou três dias. Para todos os alunos, esta atividade é considerada como de grande importância, uma vez que, no relato deles, permite a quebra na rotina de cobranças e obrigações escolares, configura-se como uma oportunidade de aprendizado, lazer, convivência, inclusão e

descontração. A partir dos relatos dos estudantes, percebemos que os sentidos e significados construídos em torno das competições escolares se aproximam no sentido lúdico do jogo:

Antes de mais nada, o jogo é uma atividade voluntária. [...] Uma segunda característica, intimamente ligada à primeira, é que o jogo não é vida “corrente”, nem vida “real”. Pelo contrário, trata-se de uma evasão da vida “real” para uma esfera temporária de atividade com orientação própria. [...] O jogo distingue-se da vida “comum” tanto pelo lugar quanto pela duração que ocupa. É esta a terceira de suas características principais: o isolamento, a limitação. É “jogado até o fim” dentro de certos limites de tempo e de espaço. Possui um caminho e um sentido próprios. [...] Reina dentro do jogo uma ordem específica e absoluta. E aqui chegamos a sua outra característica, mais positiva ainda: ele cria a ordem e é ordem. Introduce na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada, exige uma ordem suprema e absoluta: a menor desobediência a esta “estraga o jogo”, privando-o de seu caráter próprio e de todo e qualquer valor. (HUIZINGA, 1971, pp.10-13)

Ao estarem inseridos nos *jogos interclasses*, seja na condição de torcedor ou de jogador, os alunos vivenciam tempos e espaços que diferem das situações do cotidiano escolar e suas imposições e exigências de produtividade. Nesse caso, o jogo passa a ser um espaço-tempo feito de outras regras que coincidem com o rompimento com a rotina, a mobilização da energia, a busca de resultados e a obtenção de prazeres que não são possíveis no dia-a-dia em sala de aula. Neste sentido, tal atividade pode constituir-se como uma ferramenta didática com potencial para promover diferentes aprendizagens indispensáveis à vivência social, corroborando o pensamento de Gastaldo (2010), quando afirma que:

[...]e apesar de todas as tentativas de capitalização do universo lúdico, esta via de acesso a sentimentos profundos ainda é, em minha opinião, uma fonte com grande potencial de promoção da humanização, um caminho para ampliar nosso conhecimento da vida, para aprender a vencer, aprender a perder, e aprender a lidar com as diferenças. (GASTALDO 2010, p.28)

Quando inquiridos sobre a *inserção das mulheres na aula de Educação Física quando o conteúdo é o futebol*, 73% dos/das estudantes consideram que ela ocorre de forma desigual. No relato dos discentes, a desigualdade é justificada pelo fato de algumas meninas não demonstrarem interesse pelo futebol ou por se recusarem a participar das aulas em virtude da pouca habilidade que possuem, e por conta de os meninos impedirem ou dificultarem a participação das meninas por considerarem que elas não sabem ou não devem jogar.

A fala do alunado demonstra que o transcorrer da aula de Educação Física, sobretudo no que concerne ao conteúdo do futebol, favorece o agrupamento dos discentes em função do gênero, criando separações que reafirmam diferenças e desigualdade entre homens e mulheres. Muito embora conforme os relatos, algumas meninas não se sintam motivadas a

participar das aulas, faz-se necessário que o professor de Educação Física se disponha a interferir nesse processo de exclusão que afasta as meninas das aulas sobre futebol:

Se admitirmos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também fabrica sujeitos, que produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através das relações de desigualdades; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com a nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades. (LOURO, 1997, p. 85)

Finalizando nossa entrevista, solicitamos que os estudantes dessem sugestões de *como gostariam que o conteúdo do futebol fosse ministrado na aula de Educação Física*, e obtivemos como resposta que os discentes gostariam que os professores priorizassem os alunos que não possuem muita habilidade, mas têm interesse em aprender, que trouxessem atividades mais lúdicas sobretudo para o ensino de regras, utilizassem times mistos para atividades de aperfeiçoamento técnico e que mesclassem elementos teóricos e práticos.

A escuta dos discentes possibilitada pela entrevista nos permitiu conhecer as suas percepções e aspirações a respeito da literatura, do futebol e da Educação Física, desvelando a complexa teia cultural que os envolve e reafirmando a necessidade de ressignificar o ensino do conteúdo do futebol na escola, situando-o como prática humana, e de lançarmos mão de recursos que possibilitem que a aula se torne um espaço no qual se valorize a reflexão crítica sobre práticas sociais da cultura corporal do universo vivencial dos alunos para, em seguida, aprofundá-las e ampliá-las (NEIRA, 2011).

CAPÍTULO 3

É HORA DE VIRAR O JOGO: LITERATURA E FUTEBOL, POR UMA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR NO ENSINO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

3.1 Futebol e literatura: quando a sequência didática é escalada para o jogo

Certo e brilhante confrade dizia-me ontem que futebol é bola. Não há juízo mais inexato, mais utópico, mais irrealista. O colega esvazia o futebol como um pneu, e repito: – Retira tudo que ele tem de misterioso e de patético. A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana. Às vezes, num corner mal ou bem batido, há um toque de evidentíssimo sobrenatural. Eu diria ainda ao confrade o seguinte: – Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola. (Nelson Rodrigues)

No excerto acima, Nelson Rodrigues critica o simplismo de concepções que reduzem o futebol ao “em si” do jogo, chamando atenção para a complexidade e a multiplicidade dos sentidos e significados que existem no entorno deste fenômeno. Em consonância com o pensamento deste autor²², no terceiro e último capítulo de nosso trabalho dissertativo, apresentamos uma sequência didática cuja abordagem transdisciplinar do futebol por meio do texto literário materializou-se considerando os aspectos culturais, sociais, políticos, afetivos e existenciais imanentes deste esporte e estendeu-se para além do ensino e aperfeiçoamento das habilidades e competências motoras necessárias ao jogo.

Nossa prática pedagógica buscou por conduzir os discentes a experienciarem o futebol por meio da palavra, possibilitando a construção do conhecimento sobre este fenômeno através da aprendizagem da/sobre/ e por meio da literatura. No caso, tratou-se também de uma proposta pedagógica voltada à construção de uma educação pelo/através do esporte, pois, à medida que o texto literário exerceu a função de elemento mobilizador dos múltiplos saberes que circundam o futebol, nos mais variados contextos, ele permitiu a construção de conhecimentos teóricos e práticos sobre o referido esporte dentro de uma visão plural, não se atendo somente a um ou outro aspecto do futebol.

A articulação entre o ensino do futebol e o letramento literário na aula de Educação Física tornou-se pertinente pela possibilidade de o texto literário conferir ao esporte um potencial de humanização que o situa para além da racionalidade técnica do jogo, sem, contudo, descaracterizá-lo, apresentando-se como uma possibilidade para a construção de um conhecimento plural que considerou a contextualização e a problematização dos elementos de

²² Nelson Rodrigues é considerado um dos maiores expoentes da crônica de futebol no Brasil, tendo obtido destaque no cenário literário no período de maior produção e disseminação deste gênero que compreendeu as décadas de 1950 e 1970, cenário no qual o autor figurou como um dos grandes incentivadores da prática do futebol no Rio de Janeiro e na sociedade brasileira. Fortemente influenciado pela escrita de seu irmão Mário Filho, na elaboração de suas crônicas, abordava o papel do futebol na sociedade brasileira expressando-se por meio da linguagem da dramaturgia, capturando as emoções do estádio e elaborando verdadeiras narrativas épicas e míticas dos jogos, de modo que, até hoje elas permitem a elaboração de roteiros televisivos e cinematográficos que enfocam a onipresença do futebol na vida da população brasileira (ANTUNES, 2004).

sua prática, de seus praticantes e seus contextos, pois à medida que a literatura humaniza o homem, confirma nele:

[...] aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2004, p. 249).

Em nossa sequência didática, tomamos o futebol a partir do princípio sistêmico-organizacional do pensamento complexo proposto por Morin (2002), ou seja, uma unidade global organizada por inter-relações. Neste sentido, ressaltamos que, embora nossa proposta pedagógica tenha ido de encontro à perspectiva tecnicista que vigora em boa parte dos estabelecimentos de ensino do país, aproximando-se de perspectivas curriculares humanistas e emancipatórias, nossa prática de ensino do futebol intermediada pela literatura não aconteceu negando características que são próprias a esse esporte, como a competitividade, a técnica motora ou tática de jogo, mas nos dirigimos a proporcionar aos discentes experiências que permitissem problematizar e contextualizar estes e outros aspectos inerentes ao esporte, bem como sua relação com os contextos de práticas e com os praticantes e espectadores.

Sob este viés argumentativo, elaboramos nossa sequência didática²³, aplicada nas aulas de Educação Física do Ensino Médio, na intenção de promover a recepção de textos literários sobre futebol na aula de Educação Física como possibilidade de favorecer o ensino transdisciplinar sobre este esporte, haja vista que a sequência didática consiste num “conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais” (ZABALA, 1998, p.18).

Valemo-nos da literatura não como o fazem professores de Língua Portuguesa, pois em nossa intervenção, ainda que tenhamos tido preocupação com a utilização de estratégias de letramento literário, nosso objetivo não era a formação de leitores de literatura na aula de Educação Física, mas, sim, usar o texto literário como recurso para a reflexão sobre aspectos dessa disciplina, tendo em vista que o texto literário é um mobilizador de saberes, conforme ensina Barthes (2007):

Num romance como Robinson Crusoé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas

²³ Nossa sequência didática encontra-se minuciosamente descrita na segunda parte do nosso trabalho.

devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devesse ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. [...]a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ela permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está atrasada ou adiantada com relação a esta [...]. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o sabor que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens (BARTHES, 2007, p. 18-19).

Ancorados neste prisma, utilizamo-nos dos gêneros literários *conto* e *crônica* no intuito de desencadear reflexões sobre o fenômeno do futebol na aula de Educação Física, tomando-os não como objeto central do processo educativo, mas “como quadros da *atividade social* em que as *ações de linguagem* se realizam” (MACHADO *apud* DOS ANJOS-SANTOS; LANFERDINI; e CRISTOVÃO, 2005, p. 384, *itálicos das autoras*). Ou seja, utilizamos o texto literário como suporte didático para tensionar, contextualizar e problematizar o futebol enquanto fenômeno sociocultural e para promover uma compreensão crítica sobre ele, como “parte de uma realidade e cultural e social permanentemente dinâmica e provisoriamente marcada” (CARLAN; KUNZ; FENSTESEIFER, 2012 p. 71).

Elencamos quatro eixos temáticos a serem trabalhados em blocos de aula: a) as representações sobre o futebol para os sujeitos; b) o futebol dentro e fora do Nordeste; c) as representações sobre a mulher no futebol; e c) o futebol e as questões étnico-raciais. Em meio às diversas possibilidades didático-metodológicas disponíveis, estruturamos nosso trabalho de acordo com os moldes da *sequência básica*²⁴, pois, dos dois modelos apresentados por Cosson (2014), acreditamos ser a sequência básica, e não a sequência expandida, um recurso metodológico adequado para o trabalho com a leitura de textos literários em disciplinas cujo objetivo precípuo não é, a priori, a formação de leitores.

No transcorrer de nossa prática pedagógica, viabilizamos atividades que compuseram as etapas de *motivação*, *introdução sobre o autor*, *leitura* e *interpretação*, visando promover uma prática de letramento literário²⁵ que fosse significativa e que conduzisse os cursistas a

²⁴ A sequência básica é uma forma de organização pedagógica das atividades voltadas para o trabalho com os gêneros literários objetivando a formação de leitores de literatura. É composta por quatro momentos essenciais: a motivação, que deve constar de atividades para introduzir a discussão da temática do texto principal; a introdução, momento destinado à apresentação de informações sobre o autor do texto a ser lido; a leitura do texto literário, momento de contato efetivo com o texto e que pode ser desenvolvido a partir das mais diversas estratégias, e, por fim, a interpretação, momento de reflexão e de construção de sentidos sobre o texto (COSSON, 2014).

²⁵ Entendemos o letramento literário como “um conjunto de atividades que, tomando o texto literário como ponto de partida e de chegada, visa, sobretudo, contribuir para a leitura competente da linguagem literária, que dá forma a esses textos, a partir do aprimoramento da competência interpretativa dos alunos” (SILVA, 2019, p. 5-6).

experienciarem o futebol pelo mergulho na obra literária como um processo de comunicação, no qual o contato com o texto guiasse o alunado a produzir novas maneiras de interpretar o futebol. Em outras palavras, os momentos de leitura objetivam ser exercícios de uma prática de leitura “que demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os mais variados aspectos” (COSSON, 2014 p. 29).

Conforme dito anteriormente, nossa sequência didática foi aplicada na turma do segundo ano do Ensino Médio, da Escola Cidadã Integral Liliesa de Paiva Leite, em João Pessoa PB, ao longo do segundo bimestre do ano letivo de 2019. Considerando que tivemos duas aulas consecutivas de Educação Física na semana, ao todo, realizamos nossas ações didáticas em 22 aulas de 50 minutos, cada. A nossa intervenção, encerrou-se com a realização de uma mostra pedagógica organizada em conjunto com os alunos e alunas da turma para socializarmos o que foi feito ao longo dessas 22 aulas, conforme descreveremos ao longo deste capítulo.

3.2 Primeiro tempo (cinco aulas): o jogo da literatura e as representações sobre o futebol

No primeiro eixo temático de nossa sequência didática, ao longo de cinco aulas, abordamos o reconhecimento das representações do futebol para os sujeitos e a valorização da experiência pessoal de cada aluno/a com o esporte. A primeira aula ocorreu no espaço do auditório e constou da etapa de motivação da sequência básica de Cosson (2014) funcionando como uma espécie de convite à leitura do texto principal. Nesta ocasião, dirigimo-nos a determinar o horizonte de expectativas²⁶ dos discentes sobre o futebol, motivar a reflexão sobre os modos como eles enxergavam este esporte, e promover o diálogo sobre suas expectativas e sentimentos em relação à prática desta modalidade na escola.

Iniciamos a aula e viabilizamos a dinâmica “Troca de passes”, na qual organizamos a turma em um único círculo, e, ao som da música “Partida de futebol”²⁷, do grupo musical Skank, convidamos os estudantes a dizerem seus nomes e executarem um movimento qualquer interagindo com a bola, o que deveria ser imitado pelos demais alunos (cf. figura 2 p. 74)

²⁶ Conforme Jauss (1994), as épocas ou as sociedades constituem horizontes de expectativa dentro dos quais as obras literárias se situam e que condicionam a recepção do texto em determinada época ou dentro de um grupo social. Isso quer dizer que o leitor possui uma bagagem cultural que direciona seu interesse e interfere na recepção das obras literárias.

²⁷ Link para o vídeo da música “Uma partida de futebol” do grupo Skank <https://www.youtube.com/watch?v=7Ie4oL17Nwc>.

Os alunos demonstraram certa demora e resistência em se organizarem conforme foi solicitado, de modo que optamos por realizar um momento de alongamento com a turma na tentativa de centrar a atenção dos discentes na atividade que seria realizada posteriormente. Logo em seguida, a dinâmica foi retomada pela professora, que realizou o primeiro movimento demonstrado e explicando como os/as alunos/as deveriam proceder na atividade, dando prosseguimento, os/as discentes participaram da atividade.

Figura 2: Alunos realizando alongamento e participando da dinâmica "Troca de passes"



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A maioria dos/as educandos/as manteve uma postura resistente, evidenciada em posturas como braços cruzados, balançar de cabeça em negação, expressão facial rígida, alguns poucos se mostraram completamente à vontade sorrindo e se divertindo ao interagir com a bola. Os gestos elaborados por eles/as mantiveram-se repetitivos e sem muita criatividade, sendo os mais utilizados: embaixadinha, parar a bola com os pés ou as mãos e efetuar um passe rapidamente para o colega. Embora o tema da aula fosse futebol, a maior parte da turma efetuou os movimentos utilizando as mãos, sem realizar associações com sentimentos ou emoções ligados ao jogo, aparentando estarem desconfortáveis e desejosos de se livrarem da bola.

Provavelmente, esta reação de estranhamento deu-se em virtude de a atividade proposta não se coadunar com a visão que os discentes possuíam sobre a aula de futebol, visto que, a todo momento, alguns deles questionavam o porquê de estarmos no auditório e não no espaço no *Quintal*, e reiteravam que o que estávamos realizando era aula de qualquer outra coisa menos de futebol. Este cenário corrobora os dados obtido em um estudo realizado por Faria (2014) sobre aprendizagens do e no futebol. A autora observou que, mesmo sendo uma

das modalidades mais recorrentes nas escolas, é comum a resistência dos alunos às intervenções pedagógicas com a modalidade nas escolas. Tal problemática ocorre porque muitos discentes possuem uma vasta gama de conhecimentos prévios, oriundos de vivências extraescolares com o futebol, e concebem que a abordagem do esporte deve ocorrer na escola de maneira análoga às suas práticas em contextos informais e cotidianos. Este contexto necessita ser administrado pelo professor e exige a elaboração por parte do docente de estratégias que favoreçam o reconhecimento dos saberes preexistentes dos estudantes e a ampliação dos seus horizontes de expectativas no processo de ensino do/sobre este esporte.

Quando todos/as os/as estudantes realizaram os gestos com a bola duas vezes, prosseguimos para o segundo momento da dinâmica. Pedimos que, em poucas palavras, ou através de expressões curtas, os/as estudantes escrevessem em um papel o que o futebol representava para eles/elas e que, caso se sentissem à vontade, justificassem porque concebiam o futebol daquele modo (cf. figura 3, p.75). Dos 20 alunos que participaram da aula, 15 atribuíram aspectos positivos ao futebol como emoção, raça, saúde, prazer, diversão, alegria, liberdade, empolgação. Cinco alunos atribuíram conceitos negativos como: cansativo, chato, uma ilusão, uma “merda” e nada.

Figura 3: Anotação de expressões sobre o que o futebol representa para os/as estudantes.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Poucos alunos/as se dispuseram a discorrer sobre o que os levou a fazer menções positivas e/ou negativas sobre o futebol. Dentre os/as que compartilharam suas experiências pessoais com os/as colegas, destacamos a fala do estudante *Dexter*:

Ah professora, meu pai que me ensinou a odiar futebol! Desde a infância eu nunca fui muito de gostar de jogar bola, mas como ele gostava, me obrigou a fazer escolinha por mais de 2 anos. Era um inferno ter de ir aprender a fazer uma coisa que eu não gostava, só porque ele queria e gostava. Eu até aprendi algumas coisas,

porque não tinha outro jeito né? Mas eu achava horrível, era uma tortura. Hoje eu posso escolher não jogar e então não joga nem a pau. (DISCENTE DEXTER)

A aluna *Miss* que também atribuiu uma característica negativa ao futebol compartilhou:

A palavra é chato, e eu acho chato mesmo, eu não entendo nada das regras, ninguém nunca tem paciência de me explicar. Quando eu pergunto algo aos meninos eles dizem que mulher não aprende isso mesmo, tiram onda se eu pergunto alguma coisa, aí eu não gasto nem o meu tempo. E para jogar eu também nem sei nem gosto, nem quero aprender viu! Tenho medo da bola, odeio ficar suada e odeio o povo rindo de mim ou das meninas quando a gente inventa de jogar e erra (DISCENTE MISS)

Nas falas acima, podemos observar a reprodução de normas de gênero, uma vez que o aluno se encontra imerso em um contexto que espera que desenvolva a preferência e a habilidade com o futebol pelo fato dele ser homem. Já a aluna tem sua falta de identificação e de habilidade com o futebol justificada por seu gênero, que, do mesmo modo, constitui uma barreira para que haja acesso à modalidade.

A narrativa dos estudantes denota que, como ressalta Altmann (2015), a vivência do esporte e a educação do corpo ocorre de modo significativamente distinto para meninos e meninas em nossa sociedade, de modo que, inclusive, na escola os incentivos e campos de possibilidades oferecidos para cada um dos gêneros colaboram para a reprodução de desigualdades, tanto nas situações educativas voltadas ao esporte, quanto nas diversas dimensões da vida social. Problemática que nos convida a assumir uma postura mais contundente para o estabelecimento de relações equitativas entre gêneros na aula de Educação Física, para que ela se constitua como um espaço-tempo onde o alunado possa vivenciar corpo e cultura corporal de maneiras plurais, democráticas e inclusivas, posto que para muitos discentes a escola será um dos poucos lugares onde eles poderão ter acesso a prática esportiva.

Os discentes que fizeram alusões positivas foram mais evasivos em suas respostas, apresentando justificativas de forma breve e objetiva, como no caso da discente *Frida* e do discente *Rasta* que se limitaram a dizer

Futebol é liberdade porque eu posso jogar, eu joga porque eu sei, mesmo que os outros não queiram. (DISCENTE FRIDA)

Futebol pra mim é torcer, é raça, quando o Flamengo ganha eu fico feliz demais. (DISCENTE RASTA)

Embora curta, a narrativa da discente Frida desnuda uma das primeiras características fundamentais do futebol enquanto jogo, isto é, “o fato de ser livre, de ser ele próprio liberdade [...] uma evasão da vida real para uma esfera temporária de atividade com orientação própria [...] e que tem uma finalidade autônoma e se realiza tendo em vista uma satisfação que consiste nessa própria realização” (HUIZINGA, 2014, p.11-12). Neste sentido, o jogo de futebol transcende uma simples atividade mecânica, consistindo em um fenômeno a partir do qual o sujeito pode exercer possibilidades de ser e estar no mundo que lhes são negadas em outros contextos. A partir do discente Rasta é evocado o poder do jogo que “permite retomar num nível simbólico a ideia de uma coletividade exclusiva [...] elos que recriam num nível moderno a ideia de família como comunidade que nos engloba (DaMATTA, 1994, p.16). Se considerados dentro do contexto pedagógico, tanto a liberdade quanto o pertencimento que estão imbricados no futebol poderão colaborar para direcionar estratégias didáticas (como a flexibilização de regras a propositura de variações) que promovam o jogo como um espaço no qual os alunos possam exercer suas individualidades ao passo que também se percebam como parte constituinte e imprescindível ao todo que compõe o futebol.

Ainda que esse primeiro encontro tenha ocorrido em uma manhã de muita chuva, o que inviabilizaria qualquer possibilidade de atividade prática no espaço do “*Quintal*”, a postura resistente e desconfortável de alguns alunos diante da atividade proposta denotou uma mistura de curiosidade, estranhamento e decepção em relação ao primeiro encontro. Estas impressões podem ser atribuídas ao fato de a metodologia de trabalho de nossa sequência didática ter características totalmente distintas dos modelos de ensino do futebol que foram citados nas entrevistas pelo professor regente e pelos/as discentes.

Enquanto organizávamos o equipamento eletrônico para a exibição do vídeo que seria o fechamento da atividade de motivação, comentários paralelos como o do aluno *Hip Hop* ratificam esse estranhamento:

Ôxe! Essa professora pensa que aula de futebol é isso, é? Uma leseira dessas? Bora acabar logo com essa chatice e jogar futebol de verdade. Era essa a “aula diferente” que ela disse que ia trazer? A gente quer é jogar! Danado de conversar besteira! Nam! Essa professora não sabe dar aula não (ALUNO HIP-HOP)

Discursos como o do aluno acima evidenciam a consolidação de uma compreensão sobre o ensino futebol assentada em perspectivas tradicionais que estão centradas na aprendizagem da prática e da técnica esportiva sem que haja a necessidade de reflexão e tematização. Embora seja alvo de críticas, dirigidas inclusive pelos próprios alunos, este modelo pedagógico, por estar disseminado nas mais diversas instituições e níveis de ensino, é

reconhecido e validado pelos alunos exatamente por possuir tais características. A esse respeito, Daolio (1996) chama atenção para as dificuldades que circundam a implementação de metodologias de ensino que divergem do paradigma tradicional salientando que:

Parece ser necessária a interferência neste círculo vicioso em que se constituiu a Educação Física Escolar: por um lado há uma tradição cultural que faz com que a Educação Física seja biológica e universalizante, excluindo muitos alunos. Mas, por outro lado, é justamente por ela ser assim que ela é conhecida e valorizada. (DAOLIO, 1996 p. 40)

Dando prosseguimento à aula, exibimos o vídeo “*Abrace a linguagem universal do futebol | Qiana Martin | TEDxGreenville*”²⁸ no qual a atleta internacional e embaixadora global do futebol Quiana Martin apresenta este esporte como uma linguagem universal, discorre sobre sua experiência com o futebol brasileiro e apresenta-o como um elemento capaz de aproximar pessoas de diferentes etnias, gêneros, classes sociais e culturas. Em seu discurso, a jogadora também ressalta a importância de expor os sujeitos às mais diversas possibilidades de contato com o futebol, na tentativa de inspirar as pessoas a se incluírem no esporte e contribuir para que sua prática não ocorra restrita a grupos específicos e favoreça com que ele seja apropriado de modo inclusivo e democrático, permitindo um diálogo global entre as pessoas (cf. figura. 4, p.79)

Por conta de um problema com o datashow, houve certa demora para que o vídeo fosse reproduzido, causando um certo prejuízo no tempo reservado ao debate. Entretanto, os alunos se mantiveram interessados e atentos ao vídeo e, ao final, mesmo no pouco tempo que restou, teceram suas colocações sobre como eles visualizavam a linguagem do futebol na escola como pode ser observado na fala do discente Unicórnio:

Ah! professora, eu nunca me senti incluído no futebol por causa da minha orientação sexual. Eu sou gay, não tenho muita habilidade, tenho problema de cansaço, e tenho mesmo medo de me quebrar jogando bola. O povo sabe que eu sou assim e sempre me exclui por causa disso. Eu não ligo muito porque eu não gosto mesmo de jogar, mas se me perguntar se eu me sinto incluído a resposta é uma *não* bem grande. (ALUNO UNICÓRNIO)

Algumas alunas também disseram brevemente externando sua insatisfação por se sentirem excluídas da linguagem do futebol pelo fato de serem mulheres, dentre elas destacamos o que disse a aluna Libélula:

²⁸Link para o vídeo “*Abrace a linguagem universal do futebol | Qiana Martin | TEDxGreenville*” disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=tkb6xZhnSOM>>.

Eu gosto de jogar, mas me sinto de fora do futebol, eu não tenho muito talento como algumas meninas aqui da turma que jogam muito, mas eu gosto de aprender, de participar mesmo sem saber fazer as coisas direito. Toda vez que tem algum jogo os meninos vêm com aquela conversinha mole de que mulher não sabe jogar, que só atrapalha e desestimulam a gente. (ALUNA LIBÉLULA)

As narrativas dos/as educandos/as a respeito de sua inclusão na linguagem do futebol que é experimentada na escola expõem que a reprodução compulsória de metodologias biológicas e técnicas para o ensino do futebol tem colaborado para acentuar relações de desigualdade e “se mostrado perversa para um grande contingente de alunos, que estão sendo alijados da Educação Física ou sendo subjugados nas aulas, em nome de uma excelência motora que só alguns são capazes” (DAOLIO, 1996, p. 41). Tal cenário aponta para a necessidade de os/as professores/as de Educação Física repensarem e ressignificarem as práticas escolares para o ensino do futebol e dos esportes de modo geral.

Figura 4: alunos discutindo a respeito do vídeo “Abraça a linguagem universal do futebol | Qiana Martin | TEDxGreenville”.



A segunda aula ocorreu no espaço *Quintal*, e consistiu na etapa de “introdução sobre o autor” proposta por Cosson (2014) para o letramento literário. Nesta ocasião, propusemos aos alunos um jogo de palavras cruzadas sob a forma estafeta²⁹ que teve por objetivo apresentar aos discentes elementos constituintes da vida e da obra dos escritores Rubem Alves³⁰, José

²⁹ Prova de revezamento realizada por vários participantes de uma equipe.

³⁰ Rubem Alves é um dos mais instigantes pensadores da atualidade, com inserção e respeito em esferas distintas: teologia, educação, psicanálise, filosofia, estudos do fenômeno religioso, literatura (adulta e infantil), crônicas do cotidiano entre outras. Seus livros têm sido traduzidos em diferentes línguas seu pensamento é alvo de estudo de pesquisadores no mundo inteiro e mais recentemente, no Brasil (DA SILVA, 2011).

Lins do Rego³¹, Paulina Chiziane³², e Nelson Rodrigues, autores dos textos literários utilizados em nosso experimento.

Escolhemos esse formato lúdico de apresentação dos autores para evitar as usuais explanações que consistem no detalhamento de dados biográficos e na supervalorização dos elementos estruturais do texto literário, estratégia que, conforme Cosson (2014), pouco contribuem para despertar o interesse dos alunos pela leitura. Ao utilizarmos o jogo como estratégia pedagógica, tivemos a intenção de proporcionar aos/às estudantes uma experiência de letramento literário³³ firmada na curiosidade e no prazer da descoberta das obras, dos contextos que perpassaram sua escrita e dos elementos que interligam autores e textos e justificativas que fundamentassem a escolha das obras, visto que, para Huizinga (2005, p.147), “o ambiente em que o jogo se desenrola é de arrebatamento e entusiasmo”.

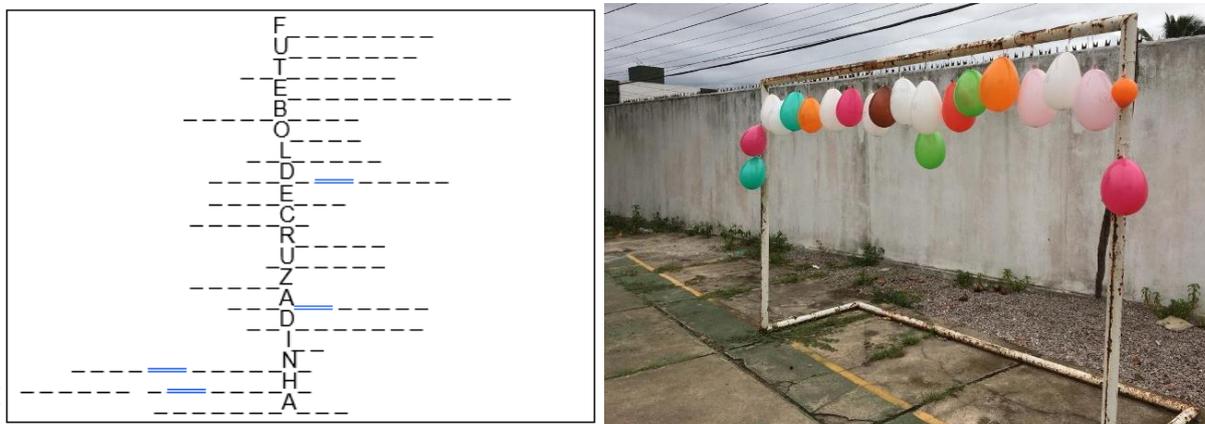
Para a realização da atividade, as letras que formam a expressão “Futebol de Cruzadinha” foram dispostas verticalmente em uma única coluna. Cada letra estava relacionada à resposta de uma pergunta sobre a vida e a obra dos autores anteriormente mencionados. Ao lado de cada letra, desenhamos a quantidade de espaços correspondentes às respostas (cf. figura 5, p. 83).

³¹ José Lins do Rego, paraibano, é um dos romancistas regionalistas brasileiros mais reconhecidos de sua época, cuja relevância como literato ajudou a trazer prestígio para a crônica esportiva. Possuía forte engajamento com futebol, uma vez que foi: torcedor, cronista esportivo, sócio e dirigente de clube, deixando a sua paixão pelo futebol registrada em mais de 1500 crônicas esportivas escritas no período compreendido entre 1945 e 1957. (ANTUNES, 2004)

³² Chiziane é uma escritora pós-moderna negra reconhecida internacionalmente. Foi a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, desafiando críticas e resistências sociais e culturais no seu país. Insere-se no rol de escritores contemporâneos africanos que privilegiam narrativas de tradição oral, e trazem possibilidades de reflexão para algumas lacunas sobre a tradição africana a partir de uma escrita que possibilita compreender reconfiguração da memória social pós-colonial de Moçambique e sua constituição identitária (DIOGO, 2010).

³³ Como no período das entrevistas informamos aos/as alunos/as que nosso estudo articulava futebol e literatura na aula de Educação Física, embora eles notassem que vez ou outra algumas estratégias utilizadas por nós também se faziam presentes nas aulas da disciplina de Língua Portuguesa, os discente não teciam comentários afirmando que estávamos fazendo o trabalho de outra disciplina. Quando estranhavam alguma estratégia metodológica utilizada teciam comentários afirmando que aquilo não era o que eles entendiam como aula de futebol, contudo também não inferiam que estivéssemos adentrando no universo de outra disciplina.

Figura 5: Jogo de palavras cruzadas e balões com respostas fixados na trave.



De um lado do *Quintal*, foram posicionados dois cones indicando os locais onde as equipes deveriam ficar em fila indiana. Do outro lado, balões com as respostas do jogo de palavras cruzadas foram amarrados à trave. Dentro dos balões, foram colocados pirulitos, na tentativa de motivar os alunos a participarem da atividade (cf. figura 6 p.83). No horário da aula, recebemos os/as alunos/as no espaço *Quintal* e solicitamos que se organizassem em duas equipes. Explicamos como a atividade iria funcionar. Nós diríamos qual seria o fundamento técnico que deveria ser realizado, faríamos uma das perguntas da cruzadinha e, ao silvo do apito, os primeiros participantes de cada fila deveriam se deslocar até a trave onde estavam as respostas realizando o fundamento técnico indicado, procurar a resposta à pergunta feita, ler em voz alta e estourar a bola.

Figura 6: Vista da organização espacial do jogo e aluna participando do jogo.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A princípio, o jogo foi bem aceito pelos/as alunos/as que se mostraram participativos, ávidos por encontrarem as respostas e ganharem os confeitos. Alguns/umas estudantes, inclusive, expressaram surpresa e empolgação pela possibilidade de aprender sobre a vida dos

autores de maneira diversa das estratégias tradicionais que são comumente utilizadas, como constam as seguintes falas:

Ôxe, professora, massa demais essa ideia! Mil vezes melhor que uma aula enfiada naquela sala que ninguém aguenta mais, vou acertar as perguntas todinhas! Fique vendo! (ALUNA MALUQUETE).

Melhor assim mesmo, professora! Se a senhora fosse botar esse povo para pesquisar, ia sair um monte de cópia da internet sem ninguém nem ter lido direito. Assim como todo mundo quer ganhar, todo mundo colabora e presta atenção. (ALUNA EMPATIA).

No decorrer da atividade, porém, ocorreram problemas relacionados ao excesso de competitividade e discrepâncias em relação às habilidades de alguns alunos/as no manuseio da bola, o que dificultou o andamento da aula. Alguns discentes começaram a burlar as regras do jogo, iniciando a corrida antes do sinal sonoro, não realizando o fundamento técnico solicitado em todo o percurso de deslocamento e retornando à fila fora de suas posições de origem, forçando confrontos com alunos/as menos habilidosos. Estes acontecimentos provocaram momentos de discussão entre os/as discentes e desencorajaram alguns alunos/as menos aptos/as que se recusaram a competir por conta do medo de se sentirem ridicularizados diante da turma. Na tentativa de contornar estes empasses no desenrolar da atividade, fizemos uma pausa para reorganizar as regras do jogo de modo a tentar atender às queixas de ambas as equipes. Ainda assim, um grupo de meninas se recusou a continuar no jogo por não concordar com os ajustes feitos, fato que contribuiu para a dispersão de outros estudantes.

Mesmo com um contingente menor de alunos, o jogo de palavras cruzadas transcorreu até o final, contudo, o momento reservado para a livre manipulação dos livros e textos literários sobre os autores a serem abordados em nossa sequência didática teve seu tempo prejudicado. Logo após o término do jogo, apresentamos rapidamente os livros e os autores e refletimos sobre os percalços ocorridos na aula junto com os discentes. Os discentes apontaram como principais dificuldades da aula: desrespeito de alguns colegas pelas regras do jogo, o que em alguns momentos colaborou para que as disputas ocorressem de forma desigual, a falta de envolvimento de alguns estudantes que ficavam todo o tempo trocando de lugar na fila como forma de se esquivar da atividade sem sair da aula, a falta de maturidade de estudantes que se recusaram a continuar no jogo por não terem concordado com a alteração de algumas regras do jogo que haviam sido reformuladas de maneira democrática com a turma.

Nestes dois primeiros encontros, a estranheza pela metodologia empregada e a desafeição de alguns alunos frente à professora foram dois pontos que merecem ser

destacados. Uma atmosfera de superestima, decepção e rebeldia entre o alunado nos havia fomentado a impressão de que os discentes esperavam que, pela condição de pertencermos a um programa de mestrado, trouxéssemos conosco um poder mágico de realizar aulas que propiciassem aos alunos a aprendizagem prática dos movimentos e a construção de novas concepções sobre o futebol de forma instantânea, mesmo em meio às particularidades da própria turma e às dificuldades³⁴ estruturais e logísticas da escola. Todas as vezes em que alguma atividade proposta diferia do modelo tradicional do ensino do futebol, quando as atividades não eram consideradas por eles como suficientemente atrativas ou se houvesse problema no seu desenvolvimento, era comum que os estudantes se reportassem ao professor regente³⁵ fazendo comentários como:

Essa professora não sabe dar aula de Educação Física, fica botando essas dinâmicas, querendo conversar, um “nhenhém”. Futebol não é isso, eu quero é jogar e pronto! (DISCENTE VIAJANTE)

Eu achava que a aula dela ia ser massa, mas essa eu prefiro o Professor. (DISCENTE MÍNION)

Ela não sabe mandar na turma, se eu desse dois gritos queria ver se o povo não ia obedecer. Não é para tá deixando aluno escolher não, quem tem moral é que manda. (DISCENTE FRIDA)

Espia mesmo, metade da turma saiu da aula depois da briga: isso porque ela é do mestrado, imagina se não fosse. (DISCENTE CACHEADA)

Por conta de impasses ocorridos nas duas aulas anteriores, como a recusa de alguns alunos em participar das atividades sem justificativa, saída de sala de aula e uso do celular sem autorização e excesso de conversas paralelas, avaliamos que era necessário reservar o terceiro encontro para dialogar com a turma a respeito do estabelecimento de regras de convivência que contribuíssem para o melhor aproveitamento das aulas. Além disso, como a reflexão sobre o vídeo “*Abrace a linguagem universal do futebol | Qiana Martin | TEDxGreenville*” ficou prejudicada por conta de problemas técnicos com o datashow na

³⁴Conforme já foi mencionado, a escola não dispõe de quadra coberta, de modo que as aulas são realizadas em um espaço aberto e de piso grosso que é chamado pelos estudantes de quintal. A utilização desse espaço fica impossibilitada em dias de chuva ou em horários de sol forte. No que se refere à logística para o ensino do futebol, uma das duas traves de futebol existentes na escola encontrava-se bastante deteriorada ficando escorada por um pedaço de madeira e no estabelecimento não havia uma única bola de futebol, de maneira que as duas, utilizadas ao lado das aulas, foram compradas por nós. Todo o material de expediente, como balões, confeitos, fotocópias dentre outros artigos de uso pedagógico foram disponibilizados com nossos recursos financeiros.

³⁵ Ao longo de todo o desenvolvimento da sequência didática, o professor regente ficou no local da aula observando e auxiliando quando, eventualmente, era necessário organizar algum ambiente, fotografar ou filmar as atividades.

primeira aula, consideramos que poderíamos retomar a discussão antes de dar prosseguimento às etapas que estavam previstas em nossa sequência didática. Acreditamos que “a preparação e o planejamento são, logicamente, necessários, mas eles não devem se pautar nos elementos da didática para a priori determinar a prática (irrefletida) a ser desenvolvida, e sim o contrário”(CAPARROZ e BRACHT, 2017 p.29).

Na intenção de resolver as questões de convívio, elaboramos regras de convivência junto com os educandos de maneira democrática e participativa. Solicitamos que eles mesmos elencassem três atitudes tomadas pela turma que prejudicavam o andamento da aula, e três penalidades que deveriam ser aplicadas aos estudantes que adotassem tais comportamentos. As atitudes que foram citadas por eles bem como as regras estabelecidas encontram-se descritas no quadro 3 (cf. quadro 3, p.86).

Quadro 3:Acordo de convivência elaborado democraticamente com a turma.

ACORDO DE CONVIVÊNCIA	
Comportamento a ser evitado	Sansão
Conversas paralelas em excessos	Descumprimento inicial: advertência verbal
Saída da aula sem autorização da professora	Recorrência no descumprimento do acordo: Encaminhamento do estudante à diretoria
Recusa de participação nas atividades sem a devida justificativa	Mais de uma recorrência no descumprimento do acordo: encaminhamento do estudante à direção e suspensão na aula posterior ao ocorrido

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao incluirmos o alunado no estabelecimento das normas de conduta por meio da reflexão sobre seus comportamentos na aula de Educação Física, não quisemos apenas organizar e orientar o funcionamento da aula, mas favorecer entre os estudantes uma cultura de responsabilidade pela própria aprendizagem, a partir da identificação de ações que prejudicam a aplicação dos conteúdos, e do reconhecimento de que a manutenção que tais condutas dificultam ou inviabilizam a construção do conhecimento. Afinal de contas, “a disciplina deve ser também um objetivo educacional” (ABUD; ROMEU, 1989, p. 89).

Embora os discentes tenham considerado positivo ter poder de decisão sobre as condutas a serem evitadas em sala de aula e sobre o mecanismo de punição para estes comportamentos, o processo de seleção das atitudes e sanções para o acordo de convivência foi demorado e conturbado, uma vez que houve grande dificuldade para que os alunos que queriam opinar se fizessem ouvir pelos demais colegas e para a aceitação dos pontos escolhidos pela maioria. Os próprios estudantes reconheceram que, embora reclamem por

liberdade de escolha e autonomia, têm certa dificuldade em exercê-las, tendendo a confundil-as com imposição e autoritarismo. A esse respeito, um dos alunos se manifestou dizendo:

Professora, todo mundo “mói”, reclama que quer que os professores escutem a gente. Mas, quando chega alguém que escuta, ficam nessa gritaria, nessa confusão que eu acho horrível. Eu acho é pouco quando algum professor é bem mandão e diz que é isso e pronto! Quando aparece alguém que quer ouvir a gente, esse povo quer logo montar em cima, aí não dá certo, e a gente perde um tempão como agora. (DISCENTE EMPATIA)

A narrativa acima deixa transparecer que a carência de bases democráticas na articulação da relação entre os professores e estudantes pode desencadear resistência e contestação por parte dos estudantes a arranjos disciplinares que diferem dos referenciais de disciplinamento já existentes na própria escola. Não obstante, se pretendemos que os alunos desenvolvam senso de autonomia e responsabilidade diante da própria aprendizagem, faz-se necessário continuar oferecendo oportunidades de reflexão e resolução de conflitos, pois:

[...] se assumimos a perspectiva de que a disciplina e a indisciplina são cotidianamente produzidas pela escola, a partir das configurações específicas adquiridas pelas relações de poder e pelo tipo de lógica que, em cada contexto, institui a ambas, é possível desnaturalizá-las, retirá-las de uma dimensão de inevitabilidade. (RATTO, 2007, p. 256).

Dando prosseguimento à aula, retomamos a reflexão sobre o vídeo “*Abrace a linguagem universal do futebol | Qiana Martin | TEDxGreenville*”, a partir de alguns pontos elencados sobre a linguagem universal do futebol. Uma vez que a atleta inicia sua explanação interrogando-se se pode jogar, questionamos os alunos se podem jogar futebol na escola integral. Em unanimidade, responderam que muito dificilmente podem ter contato com o futebol, pois a falta constante de material esportivo e de estrutura física adequada constitui um impedimento para o trabalho com o conteúdo dentro dos bimestres e também não há espaço nas disciplinas eletivas ou em outros momentos no currículo da escola integral que contemplem a prática esportiva.

Sobre o fato de ter superado ideias pré-concebidas a respeito das pessoas e do próprio futebol por meio de contatos diversificados com o jogo nos Estado Unidos, o futebol estar restrito a pessoas que têm maior poder aquisitivo, a turma respondeu que acreditava que, se a aula fosse inclusiva e democrática, algumas ideias pré-concebidas sobre o futebol, como a de que o jogo é violento e que mulher não pode (ou não sabe) jogar, poderiam ser desconstruídas. Os discentes compartilharam ainda que têm a impressão de que, dentro da escola, o futebol encontra-se relegado aos homens e aos alunos mais habilidosos que tendem a

monopolizar o jogo, dificultando a inserção de mulheres e de pessoas menos aptas. Quando questionados a respeito de como tornar o futebol uma linguagem mais universal em sala de aula, os discentes argumentaram que seria pertinente que os professores elaborassem aulas que favorecessem a participação de todos, independentemente da qualidade do desempenho, da orientação sexual, da cor da pele ou de qualquer outro fator.

As reflexões feitas pelos discentes evidenciam que a adoção de uma pedagogia para o ensino do futebol que permita o acesso dos alunos à prática esportiva reconhecendo e valorizando suas especificidades poderia suscitar um engajamento mais amplo do alunado com o esporte. Assim, partindo do pressuposto de que os sujeitos são diferentes, a aplicação de métodos de ensino que se assentam na perspectiva biológica e tendem a universalizar e homogeneizar os procedimentos metodológicos adotados pelos professores de Educação Física para o ensino do futebol necessita ser repensada (DAÓLIO, 1996).

A terceira aula correspondeu à etapa de *Leitura* do primeiro texto literário e ocorreu na biblioteca. Antecipadamente, tivemos o cuidado de preparar o ambiente para assegurar que a aula não se tornasse uma visita burocrática à biblioteca. Organizamos as almofadas sobre os tatames em forma de círculo e deixamos envelopes com imagens e textos que seriam utilizados na aula. Borrifamos uma essência de odor suave no mobiliário para tentar criar uma atmosfera aconchegante e confortável e espalhamos sobre o tatame um saquinho com biscoitos que seriam distribuídos durante a leitura e discussão do texto (cf. figura 7, p.89).

Nossa intenção foi proporcionar aos nossos educandos uma oportunidade de estabelecerem contato com o texto literário, do mesmo modo com que o fazemos em nossas leituras cotidianas, de forma leve, prazerosa e lúdica dissociada da obrigatoriedade e do produtivismo rotineiramente empregado em algumas atividades de promoção à leitura realizadas no interior das escolas, posto que:

[..] compreendemos que a literatura, a cultura e a arte não são um suplemento para a lama, uma futilidade ou um monumento pomposo, mas algo de que nos apropriamos, que furtamos e que deveria estar à disposição de todos, desde a mais jovem idade e ao longo de todo o caminho, para que possam servir-se dela quando quiserem, a fim de discernir o que não viam antes, dar sentido a suas vidas, simbolizar as suas experiências. Elaborar um espaço onde encontrar um lugar, viver tempos que sejam um pouco tranquilos, poéticos, criativos, e não apenas ser o objeto de avaliações em um universo produtivista. Conjuguar os diferentes universos culturais de que cada um participa. Tomar o seu lugar no devir compartilhado e entrar em relação com outros de modo menos violento, menos desencontrado, pacífico. (PETIT, 2009, p. 289)

Figura 7: Visão do "cantinho" da leitura cuidadosamente preparado para receber os alunos com almofadas, petisco, essência e música.



Fonte: acervo da pesquisadora.

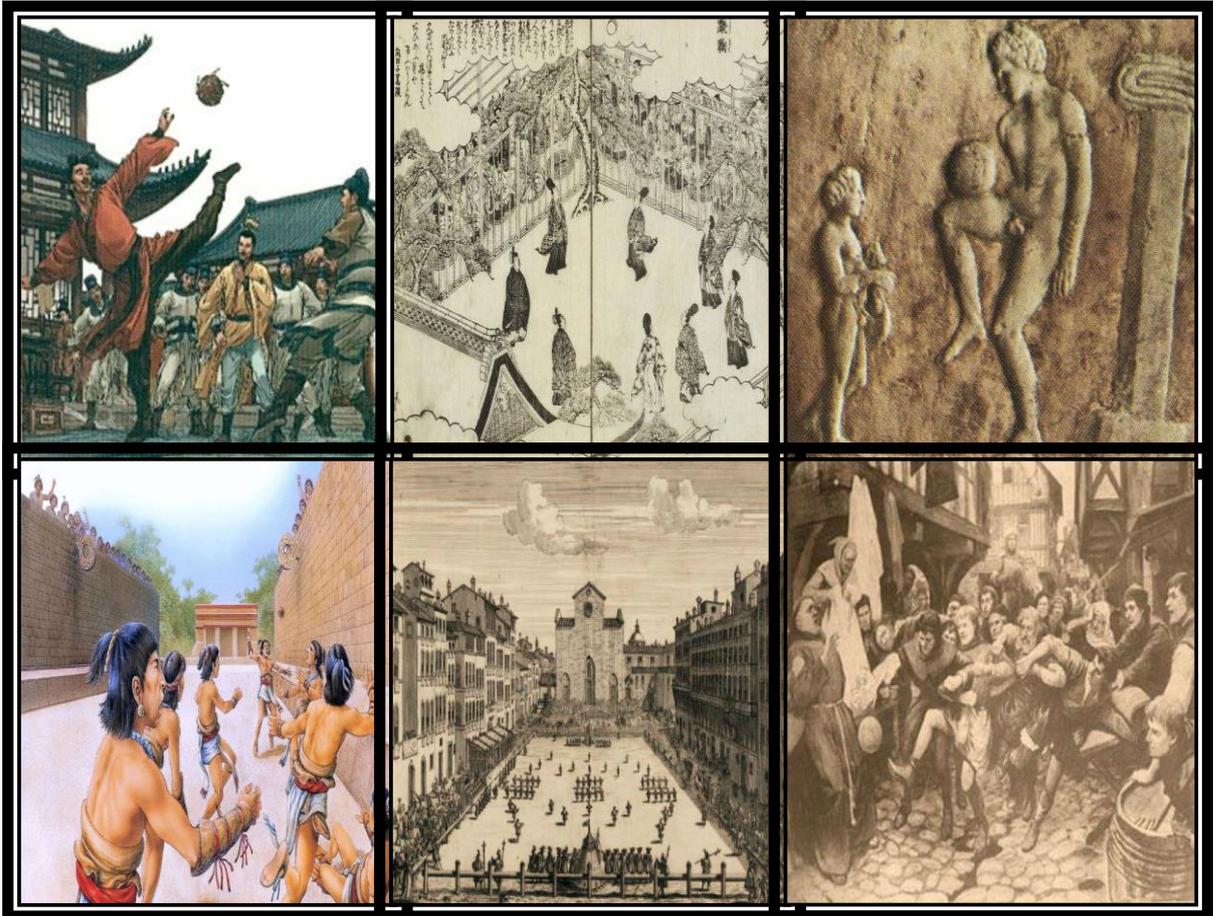
Recebemos os alunos com música calma em volume baixo e pedimos que, ao adentrarem no ambiente da aula, retirassem os sapatos, escolhessem um lugar no tatame, se assentassem e procurassem por textos e/ou imagens que estavam distribuídas sob as almofadas. Iniciamos nossa explanação discorrendo sobre as origens do futebol³⁶ no mundo. Utilizamos de algumas imagens para ilustramos as características de diversos jogos com os pés praticados pelo homem ao longo da história em diferentes civilizações do mundo e enfatizar os diferentes sentidos pelos quais os sujeitos praticavam os jogos precursores do futebol nos mais diferentes lugares (cf. figura 8, p.90).

Dando prosseguimento, explicamos que o foco da aula seria refletir sobre as representações do futebol na vida das pessoas e iniciamos a leitura da crônica “Sobre vacas porcos e bolas” (ANEXO B), de Rubem Alves. No texto, o autor apresenta uma sucessão de acontecimentos com o futebol em sua vida. Por exemplo, a mudança de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, onde, com exceção dele, todos tinham um time do coração, fato que o fazia sentir-se deslocado do mundo; a história de um torcedor palmeirense que, moribundo, mudou de time em seu leito morte para ter o prazer de ver, não um alviverde, mas um corintiano morrer, e a lembrança de um trauma de infância, quando, em uma partida de futebol

³⁶ Informações e ilustrações sobre jogos que deram origem ao futebol ao redor do mundo encontram-se disponíveis neste site: <https://www.verminososporfutebol.com.br/viagem-no-tempo/10-jogos-antigos-que-inspiraram-o-futebol/> (acesso em: 05-05-2019)

interrompida por um touro bravo, o autor da crônica foi arrastado para um chiqueiro cheio de porcos peludos cujos grunhidos lhe davam medo.

Figura 8:Imagens de jogos que deram origem ao futebol, da esquerda para a direita de cima para baixo - Tsu Chu: China Antiga 300 a.C.; Kemari: Japão Antigo; Epyskiros Grécia Antiga século I a.C.; PoktaPok: México 900 anos a.C.; Soule: França, 58 anos a.C.; Calcio.



Fonte: retirado do site “Verminosos por futebol”

A leitura foi feita de forma particionada com três pausas, sendo oralizada por quatro alunos e acompanhada silenciosamente pelo restante da turma. Nas pausas, para que a estratégia de inferência³⁷ fosse utilizada, solicitamos que os discentes levantassem hipóteses sobre os desfechos da crônica (cf figura 9, p. 91). Após o momento de leitura, viabilizamos uma roda de conversa para refletimos sobre as experiências com o futebol vividas pelos personagens e suas conexões e diferenças com as histórias pessoais dos alunos com o futebol. Problematicamos elementos trazidos pelo texto, como o apreço ou a indiferença pelo futebol,

³⁷A inferência é uma estratégia do ato de ler compreendida como a conclusão ou interpretação de uma informação que não está explícita no texto (BATAUS; GIROTTO, 2013)

a predileção por times, os meios para a apropriação do jogo, as memórias dos sujeitos. Dessa roda de conversa, destacamos a seguinte fala de um dos participantes:

Eu pareço com Rubem Alves no começo do texto, não sou Flu nem Fla, não gosto de futebol, não sei jogar. Fico perdidinha quando assisto na televisão, quando tem jogo na aula, quando os meninos ficam conversando, não entendo é nada, também nunca me interessei [risos]. (DISCENTE UNICÓRNIO).

Se for olhar direitinho, eu me pareço com a história do chiqueiro. Quando eu era pequena, eu não podia jogar, nem podia assistir porque era coisa de menino e painho não deixava, dizia que eu podia me machucar. Daí eu nunca joguei, e nem jogo porque eu tenho medo de me machucar, acho muito violento, não é para mim. (DISCENTE MALUQUETE)

Eu amo futebol, professora, eu sou louca pelo Sport. Tenho camisas, já fui em jogo no estádio com painho, não vejo a hora da Copa Feminina começar. Só não sei jogar bem porque acho que não tenho muito jeito, mesmo assim eu gosto de aprender, de jogar. (DISCENTE EMPATIA)

Figura 9: Momento de leitura



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Os relatos dos discentes confirmam o potencial do texto literário em conduzir os sujeitos a aprenderem sobre o mundo e sobre eles mesmos, ratificando o pensamento de Petit (2009, p. 292), que considera que “a literatura não é uma experiência separada da vida; a literatura, a poesia e a arte estão também na vida; é preciso prestar atenção”. A partir das reflexões e associações entre as narrativas do texto e o vivido pelos estudantes, foi possível percebermos que as experiências individuais dos sujeitos com o futebol exercem grande influência sobre o modo como eles representam este esporte. Logo, uma vez que a escola é um dos principais locais onde os sujeitos têm a oportunidade de estabelecer contato com este

e outros esportes, é imprescindível proporcionar experiências diversificadas que enriqueçam as formas com as quais educandos vivem, pensam, e atuam com o futebol.

Ao final da aula, solicitamos como tarefa para casa que os alunos produzissem um texto relatando suas memórias com o futebol se subdividissem em equipes e trouxessem materiais alternativos que nos permitissem construir jogos e brincadeiras com o futebol que estivessem relacionados com a infância deles/as. Concluímos este encontro questionando o alunado sobre suas impressões a respeito da experiência de leitura na biblioteca e obtivemos respostas como as que se seguem:

Eu fiquei muito surpresa quando entrei na biblioteca, professora, a gente não costuma vir muito aqui. Quando vem sozinho, vem para dormir. Quando vem com algum professor, é para ler algum livro chato. Hoje foi bacana poder entrar, tirar o sapato, deitar, comer um biscoitinho, ler, conversar, parar para pensar porque a gente gosta ou não gosta de futebol. Nem parecia que era uma aula de tão legal que foi. (DISCENTE EMPATIA)

Eu adorei professora. Morri de rir com o texto. O pobre do homem na lama [risos]. Estava participando da brincadeira³⁸ de ficar sem falar com o pessoal, mas quando percebi que a senhora arrumou tudo tão de uma forma tão especial para dar aula para a gente eu quis logo participar, dá raiva que algumas pessoas tenham continuado caladas sem querer discutir o texto. O texto era legal, foi bom conversar sobre ele, a aula foi top. (DISCENTE VIAJANTE)

Mediante as reflexões dos alunos, podemos observar que a ideia preconcebida de que a biblioteca e a leitura literária são entediadas está intimamente conectada com a maneira burocrática que este espaço e atividade são apresentados aos estudantes. A preocupação excessiva de alguns professores em fazer com que os alunos leiam listas de títulos obrigatórios e que absorvam o máximo possível de informação acaba privando os discentes de se conectarem com os textos, usufruírem das descobertas em suas narrativas, se reconhecerem nas histórias e vivenciarem a experiência de ler.

Para Larrosa (2000, p.28) experiência é “aquilo que nos ‘passa’ ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma”, é cabível que reflitamos sobre quais textos literários e conteúdos disciplinares estamos apresentando e cobrando a nossos alunos, e principalmente que nos indaguemos sobre os modos pelos quais temos ofertado estes textos e conteúdos. A partir dessas reflexões, nosso trabalho docente poderá ser elaborado a partir de perspectivas que, no lugar de transmitir uma quantidade cada vez mais numerosa de

³⁸ Na aula anterior a nossa os estudantes estavam participando de uma brincadeira chamada *Stop* que consistia em penalizar com tapas quem proferisse algum som durante a brincadeira. Quando nossa aula começou orientamos que eles parassem de brincar pois seria necessário que participassem da leitura e da roda de conversa, contudo alguns alunos insistiram em permanecer em silêncio.

informações aos nossos alunos, favoreça sua capacidade de “transformar as informações em conhecimento, de transformar o conhecimento em sapiência” (MORIN, 2003, p.47). Assim, estaremos estimulando a formação de leitores, em especial de textos literários, bem como a de sujeitos capazes de construir um conhecimento escolar que engendre sentido e significado em seus cotidianos.

O último encontro deste bloco inicial de aulas ocorreu em dois momentos – uma na sala de aula e o outro no espaço do *Quintal* –, e foi dedicado à construção de jogos e brinquedos relacionados com as origens do futebol no mundo e ao resgate e a produção de memórias com este esporte.

Os discentes não trouxeram o material alternativo solicitado por nós na aula anterior, contudo, como havíamos previsto esta possibilidade, levamos alguns instrumentos (sacolas plásticas, fita adesiva, e tampinhas de garrafa pet) para a produção de dois jogos: o futebol de tampinha e o futebol de saco. No primeiro momento, organizamos a turma em três grupos e realizamos a construção dos jogos. Após isto, dirigimo-nos ao *Quintal* para experimentarmos estes jogos e outras brincadeiras semelhantes ao futebol que foram sugeridas pelos alunos.

A produção dos jogos desenrolou-se num clima de descontração e tranquilidade e contou com o envolvimento de grande parte da turma. O momento de experimentação também transcorreu num clima leve e colaborativo, inclusive, discentes que em aulas anteriores, tinham vergonha de participar dos jogos pela falta de habilidade ou por não gostarem de futebol optaram por se integrarem às atividades propostas (cf. figura 10, p. 93).

Figura 10: Produção dos jogos inspirados nas experiências com o futebol na infância.



Fonte: Acervo do autor.

Ainda que os jogos executados nesta aula também possuíssem uma conotação competitiva, foi perceptível que, motivados pela leitura e reflexão do texto trabalhado antes,

os alunos vivenciaram os jogos rendendo-se ao prazer de sua prática, ao invés de se empenharem em atingir altos níveis de desempenho e de fazerem cobranças aos colegas para acertarem, como havia ocorrido no “Futebol de cruzadinha”. Tais observações podem ser evidenciadas em comentários feitos pelos discentes, a exemplo dos que se seguem.

Mulher, eu não sei jogar. Nunca nem brinquei dessas coisas na infância, mas hoje ninguém reclame, porque eu vou experimentar. Aí depois se eu não quiser, eu vou saber dizer direitinho porquê. (DISCENTE UNICÓRNIO)

Professora, hoje está divertido porque ninguém está reclamando, aí quem não sabe como eu cria coragem e participa. Se fosse assim sempre, era ótimo. (DISCENTE MISS)

Olhe, vamos mudar essas regras, porque se o campo ficar maior a gente botar mais um jogador, ou dois, mais gente participa e o jogo fica mais divertido e todo mundo joga antes do sinal tocar. (ALUNO CARINHO)

Figura 11: Experimentação dos jogos produzidos pelos alunos.



Fonte: acervo da pesquisadora

O fato de os alunos terem participado de nossos jogos e brincadeiras a partir de ações inspiradas no futebol, propondo atividades, elaborando seu próprio material, criando e modificando regras para atender tanto à necessidade dos colegas, quanto à dinamicidade dos jogos demonstrou que a diversificação dos modos de transmissão do futebol como conteúdo didático é um fator imprescindível para que o alunado seja capaz de usufruí-lo como parte da cultura corporal, apropriando-se dele, reproduzindo-o, transformando-o, ressignificando-o, transmitindo-o, incorporando-o de forma autônoma e significativa(SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2010).

Ao longo deste primeiro bloco de aulas, pudemos perceber que o potencial humanizador da literatura colaborou efetivamente com a criação de rupturas na visão técnico-biológica já consolidada entre os discentes a respeito do futebol na escola, evidenciando o que Morin (2003) classifica como a ocorrência de um processo de transformação disciplinar pela constituição de novo esquema cognitivo e pela conjugação de novas hipóteses sobre a interface futebol e literatura. Tal processo de transformação disciplinar pode ser comprovado à medida que a experiência de letramento literário, até então estranha à aula de Educação Física, tornou-se veículo para que os discentes pudessem transitar das narrativas dos textos às suas narrativas pessoais, questionar alguns paradigmas sobre o esporte e perceber que é possível construir e reconstruir os modos de conceber, reproduzir e se apropriar do futebol na escola.

3.3 Segundo tempo (seis aulas) - Leituras plurais para o jogo com o futebol espetáculo

Na ótica de Betti e Zoulani (2009, p.74), na contemporaneidade “o esporte, as ginásticas, a dança, as artes marciais, as práticas de aptidão física tornam-se, cada vez mais, produtos de consumo (mesmo que apenas como imagens) e objetos de conhecimento e informação amplamente divulgados ao grande público”, fazendo-nos a todos consumidores potenciais do esporte-espetáculo³⁹. Neste contexto, mídias acabam exercendo o importante papel de disseminar valores e sentidos com referência ao esporte, influenciando o modo como entendemos o que é esporte e ser esportista (MACAGNAN, BETTI, 2014).

Tendo em vista que estes sentidos e valores oriundos do processo de mercantilização, espetacularização e profissionalização do esporte tendem a ser incorporados pela escola, o eixo estruturante de nosso segundo bloco de aulas dirigiu-se à reflexão e problematização sobre esta forma de organizar e representar o futebol. Neste sentido, ao longo de seis encontros, utilizamo-nos do texto literário como elemento mobilizador de reflexões sobre o futebol-espetáculo, o processo de profissionalização do futebol e o reconhecimento das semelhanças e diferença entre os times profissionais paraibanos e os times da primeira divisão do Sudeste, na perspectiva de auxiliar os alunos a ampliarem suas concepções sobre o que é futebol e construir uma visão crítica sobre essa forma de representação da cultura corporal.

³⁹Na visão de Betti o esporte-espetáculo é um fenômeno esportivo contemporâneo fortemente influenciado pelo marketing, voltado à comercialização do espetáculo e na disputa mercadológica do consumo de bens e serviços relacionados ao esporte. Tal fenômeno caracteriza-se pelo deslocamento de interesses no esporte, pela difusão de hábitos esportivos modelados pela cultura de massa, ao mesmo tempo em que se acentua a profissionalização das estruturas administrativas na “era da globalização” fazendo com que as competições mais populares (a exemplo do futebol) tornem-se espetáculos altamente valorizados pela bilionária indústria do entretenimento.

A primeira aula desta unidade ocorreu no pátio da escola com a atividade de motivação “Caça aos escudos”, cuja finalidade era comparar a popularidade dos times paraibanos em relação aos times do Sudeste entre os discentes, e problematizar a possível preferência dos torcedores por times oriundos de outros estados. Antes de a aula começar, distribuímos pelo espaço do pátio escudos de times de futebol profissional da Paraíba e do Sudeste, em seguida subdividimos os estudantes em duas equipes que tinham a incumbência de recolher a maior quantidade de escudos⁴⁰ de times possível e levá-los para a biblioteca, onde deveriam nomeá-los com a equipe correspondente a cada um deles, de modo que o grupo que conseguisse nomear corretamente a maior quantidade de escudos venceria a disputa (cf. figura. 12, p.96).

Figura 12: Alguns escudos e times utilizados e alunos participando da "Caça aos escudos".



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Quando todos os escudos foram encontrados, reunimo-nos com o alunado no espaço da biblioteca para a realização de uma roda de conversa e analisarmos quais times tinham sido mais e menos reconhecidos, identificarmos os que possuíam maior e menor torcida na turma, compararmos e problematizarmos a popularidade dos times e preferência dos discentes pelos times locais em relação às equipes do sul e sudeste do país.

Chegando à biblioteca, solicitamos que as duas equipes se organizassem em um único círculo para que fizéssemos a contagem dos escudos. Dos vinte e sete escudos que haviam sido distribuídos, o grupo “A” encontrou onze e nomeou corretamente seis. Já o grupo “B” encontrou dezesseis e nomeou quinze escudos de forma correta. Todos os escudos de times

⁴⁰ As imagens dos escudos de times utilizadas nessas atividades encontram-se disponíveis para consulta no ANEXO F.

do sudeste foram nomeados corretamente, e os cinco escudos que foram nomeados de forma errada eram de times paraibanos, evidenciando maior popularidade dos times de outros estados em relação aos times locais. Os times com maior torcida entre os discentes foram o Flamengo e o Corinthians, ambos de fora do estado. Já o time paraibano com maior torcida entre os alunos foi o Botafogo.

Questionamos os alunos a que eles atribuíam o fato de não terem reconhecido alguns escudos de times paraibanos, ao passo que relacionaram corretamente todos os escudos de times do sudeste, e a respeito da maior preferência por times de fora em relação aos times locais. Os estudantes justificaram que não conseguiram reconhecer alguns escudos de times da Paraíba por conta de esses times não possuírem muita visibilidade dentro do estado, por não serem divulgados nos meios de comunicação e por eles não terem muito acesso às competições de que estes times participam, de modo que o máximo de contato que haviam tido com estas equipes foi ter ouvido rapidamente sobre elas em programas esportivos locais. Já sobre as equipes de fora do estado, em virtude da grande maioria delas pertencer à série “A” do Campeonato Brasileiro, fazia parte de cotidiano dos discentes assistir jogos televisionados com esses times, fator que, segundo os alunos, contribui para que eles tomassem gosto pela torcida, como pudemos observar na fala de alguns discentes.

Pois professora, eu estou besta que aqui na Paraíba tem esses times todinhos. Eu só conhecia o Botafogo, o Campinense e o Treze. Acho que é porque os bichinhos são pobres, daí perdem logo para os outros e a gente acaba nem conhecendo, sem conhecer como é que vai torcer? (DISCENTE MALUQUETE).

Eu torço pelo Flamengo porque eu conheço o Flamengo. Um time como o Confiança de Sapé eu quase nunca ouvi falar, aí sem conhecer não tem como torcer. Mas eu acho isso ruim, porque como a gente não conhece os times daqui não vai muito ver o jogo, não compra ingresso, camisa, não ajuda o time a crescer, aí a tendência é ele ser pequeno para sempre. Pensando direitinho, é triste isso viu, professora, e a gente quase nunca pensa nisso. (DISCENTE CARINHOSO)

As falas acima asseveram a influência dos meios de comunicação sobre as preferências dos sujeitos pelos times e sobre o que eles têm como parâmetro do que é futebol profissional. Nessa perspectiva, já que, a partir de Busso e Daolio (2011), o futebol vivenciado na aula de Educação Física insere-se em uma dinâmica de encontro, confronto e atualização com o futebol extraescolar, é imprescindível que a escola reconheça a sua parcela de responsabilidade em ampliar e diversificar as referências dos alunos sobre os elementos que compõem o universo do futebol profissional e do estado da Paraíba e no Brasil

colaborando com a construção de sujeitos críticos em relação ao consumo do esporte-espetáculo.

Dando prosseguimento a aula, iniciamos o trabalho com a crônica “O Fla-Flu em Recife” (ANEXO C), de autoria de José Lins do Rego. Por tratar-se de um texto curto, optamos por viabilizá-lo em formato de áudio, para diversificar as possibilidades de os estudantes terem acesso ao texto literário e para divulgar a informação de que, além dos livros físicos e em formato digital, os livros em formato de áudio-book também constituem-se como um suporte que permite o acesso à leitura literária.

A referida crônica foi gravada simulando uma narração de um programa esportivo de rádio, haja vista que nela José Lins do Rêgo anuncia um importante evento esportivo da época, um embate entre as equipes cariocas Flamengo e Fluminense em Recife-PE, embate esse que pela primeira vez ocorreria em terras nordestinas e tinha data prevista para 13 de julho de 1947. Conforme o texto, o “Fla-Flu” em solo pernambucano, maior clássico do Brasil, seria mais que um jogo, uma demonstração de gala, um intercâmbio cultural proporcionado pelo futebol. Por também contar com craques locais, essa partida contentaria os torcedores e mobilizaria o apoio incondicional das torcidas.

O áudio da crônica foi reproduzido por duas vezes sendo acompanhado atentamente pelos discentes. Logo em seguida, demos início a uma roda de conversa voltada a refletir sobre as seguintes temáticas suscitadas na crônica: o enaltecimento ao jogo entre Flamengo e Fluminense representado pelo cronista como uma demonstração de gala para o povo pernambucano, o tipo de futebol que já existia em Pernambuco, a relação de paridade e/ou disparidade entre os times locais e os times do Sudeste, o espaço reservado a times de primeira divisão e a times locais na mídia, o futebol como elemento de ligação entre pessoas de lugares e culturas diferentes, e a identificação dos torcedores com times de fora do estado (cf figura 13, p. 99).

Um estudante destacou que considerara exagerado que o cronista tivesse se referido ao “Fla x Flu” como “uma apresentação de gala”, “um jogo que contentaria as torcidas”, por considerar que, no futebol, não é incomum que dois times de ponta disputem partidas aguadas, sem muita qualidade e emoção, principalmente quando não há um título em jogo. Contudo, a maioria dos discentes justificou a empolgação do autor por considerarem que, na época em que o jogo ocorreu, os times em questão já gozavam popularidade no Nordeste e possuíam uma estrutura financeira e organizacional superior à dos times locais, logo, era natural que a notícia de sua passagem pelo Estado mobilizasse a atenção da população e gerasse a expectativa de que o confronto incidiria em uma grande partida:

Figura 13: Contagem dos escudos e reprodução do áudio da crônica.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Eu acho justo que eles achassem que ia ser um “jogão”, eram dois times conhecidos, com dinheiro, já deviam ter como treinar melhor do que os outros, aí já fica com uma ideia de que o jogo vai ser bom. E era o Mengão né? Todo mundo ama, espero que tenha ganhado e deixado geral feliz. (DISCENTE CARINHOSO).

Eu acho que, se fossem dois times pernambucanos, ninguém ia dar muita bola não, porque eu acho que não eram times grandes ou muito conhecidos naquela época, até porque nesse tempo nem internet tinha, e a gente não sabe como era a televisão, se davam espaço para eles, acho que as pessoas não deviam conhecer tanto os times da terra. Mas também acho que, como esses times já eram “bonzão”, com muita torcida, e mais dinheiro, deveriam ter uma condição de jogo melhor e deixar as pessoas empolgadas, acho que por isso o escritor devia estar todo empolgado. (DISCENTE EMPATIA)

Pois professora a gente já nota que o antigamente e o agora não têm muita diferença. Olhe só, esse homem que escreveu essa crônica todo empolgado com os times de fora, até parece que lá em Recife não tinha futebol, e a gente sabe que tinha. O que não tem até hoje é condição de competir de igual para igual porque tem um monte de coisa diferente principalmente o dinheiro e o reconhecimento. (ALUNA ANDRÓGINA)

As narrativas acima evidenciam que o alunado percebe a visibilidade obtida nos meios de comunicação como um elemento que exerce forte influência na preferência dos sujeitos pelos times e pelo próprio jogo de futebol, posto que, como corrobora Beneli (et. al, 2016), tais elementos permitem o intercâmbio cultural por meio do esporte e ao mesmo tempo modificam sua apropriação na sociedade.

Outro aspecto importante na fala dos discentes foi a reflexão sobre a influência do capital financeiro para a produção das desigualdades entre os times profissionais, o que dificulta ou impossibilita o crescimento e o desenvolvimento de equipes que não pertencem às categorias principais. Esse aspecto, na concepção de Beneli, (et. al, 2016), pode ser explicado

em virtude da transformação do futebol em produto de consumo e da organização do esporte como um negócio a serviço dos interesses do mercado esportivo que disputa permanentemente o controle da rentabilidade do futebol.

Um ponto importante a ser destacado ainda neste diálogo com o alunado foi a percepção de semelhanças de contexto entre times locais e do Sudeste e os times de escolas privadas e de escolas públicas, como o observado pelos discentes *Anjo* e *Neymar*:

Olhando bem, professora, o que acontece com esses times é bem parecido com o que acontece com os times de escolas particulares e de escolas do Estado. Eles ganham todas as competições, são as estrelas, sempre ficam com os primeiros lugares e a gente mal participa, mal existe, ninguém se importa. Por exemplo, a gente nunca vai para os Jogos Escolares, e quando vai é para passar vergonha, sai logo nas primeiras rodadas. Mas qual chance a gente tem? Eles têm quadra, material, acompanhamento, horário reservado para treinos, a escola integral quase não tem tempo para nada prático da Educação Física, e a gente só tem esse quintal todo aberto, as bolas que a senhora trouxe e vontade de jogar, mas isso não é o suficiente. É muito desigual né? Se for parar para pensar dá até uma tristeza, mas se olhar direitinho a gente é tipo esses times pequenos da Paraíba que ninguém conhece. (DISCENTE ANJO)

Verdade, viu! Talento a gente até tem, algumas pessoas aqui na escola jogam muito, mas não dá para ter time. Vai treinar como? Acho que a escola, sei lá, o governo nem se importa com isso, por que se importasse a gente tinha pelo menos uma bola, mas o que a gente tem é uma trave que falta pouco cair e matar o goleiro na hora do jogo. (DISCENTE NEYMAR)

As narrativas acima denotam que a transferência de princípios e valores do esporte-espetáculo e de rendimento para o esporte escolar acaba gerando entre os estudantes a falsa sensação de que a prática do futebol na escola é inviável, já que não se oferece condições de estrutura física, logística e preparação esportiva que permitam aos alunos se equipararem a times de escolas privadas que são referência na modalidade.

Neste entendimento, se conforme Betti e Zuliani (2002 p. 75), “é tarefa da Educação Física preparar o aluno para ser um praticante lúcido e ativo, que incorpore o esporte e os demais componentes da cultura corporal em sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível”, é imprescindível que, na aula sobre futebol, o estudante seja oportunizado ampliar e diversificar seu leque de referências sobre este esporte para que se torne um consumidor crítico do esporte-espetáculo e construa ideias e valores que permitam-lhe enxergar o jogo de futebol para além do esporte de rendimento. Assim, concluímos a aula solicitando que os alunos realizassem uma pesquisa traçando um comparativo entre times paraibanos e do Sudeste com base no quadro 4 (cf. p. 101).

Quadro 4: Comparativo entre times paraibanos X times do Sudeste.

TIMES PARAIBANOS X TIMES DO SUDESTE	
1	Treinamentos técnicos, táticos e físicos de times da primeira divisão da Paraíba e do Sudeste
2	Média de público de nos jogos, média salarial dos jogadores, títulos conquistados
3	Composição da comissão técnica
4	Existência de equipes femininas e categorias de base atribuídas aos times
5	Média de torcedores afiliados
6	Receita de vendas de ingressos e produtos dos times

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Na aula seguinte, realizada no mesmo dia no turno da tarde e no espaço do *Quintal*, reunimos os alunos na quadra e discutimos brevemente sobre que tipo de futebol era possível vivenciar na escola, considerando as dificuldades logísticas e estruturais elencadas por eles na aula anterior. Pedimos algumas sugestões para o trabalho de elementos técnicos e propusemos algumas atividades. Para o trabalho do fundamento do passe, os alunos propuseram o jogo “Bobinho”, que consiste em formar um círculo no qual os participantes devem tocar a bola entre si sem permitir que a pessoa que está no meio do círculo consiga roubar a bola. Para aumentar o grau de dificuldade deste jogo, propusemos algumas variações, como ter mais de um aluno dentro do círculo, realizar domínio de bola com passes específicos, além de algumas outras estafetas⁴¹, isto é, provas de revezamento, que demandavam apenas duas bolas como material de trabalho.

Próximo ao final da aula, realizamos três partidas de cinco minutos e solicitamos que os alunos que não estavam participando dos jogos observassem as potencialidades e dificuldades apresentadas pelos times durante o jogo para que pudessem ser problematizadas na aula seguinte. Alguns comentários dos alunos que estavam observando a realização das atividades evidenciaram o início de um processo de tomada de consciência em relação às possibilidades para a prática da modalidade do futebol dentro do contexto da escola:

É, professora, assistindo essa aula depois daquela nossa conversa dá pra notar que realmente é um pouco difícil trabalhar com o futebol aqui na escola. Acho que por isso o professor não deu esse conteúdo com a gente no ano passado, mesmo o pessoal gostando tanto. É difícil conseguir fazer as coisas direito sem ter material e estrutura né? Mas por outro lado se a gente tentar usar a criatividade dá para aprender um pouco a jogar e ter uma aula divertida como fizeram hoje. Hoje foi massa, viu! (DISCENTE PASSSARINHA)

⁴¹ Para acessar a definição de *estafeta* vide Nota 26.

A partir deste relato, é possível perceber o início de um processo de reforma de pensamento em relação às concepções do alunado sobre o que é o futebol, e também sobre as possibilidades de sua prática na escola. Esta mudança paradigmática reitera o potencial da literatura como ferramenta transdisciplinar para o ensino do futebol, confirmando-a como um elemento motivador das reflexões que “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a oportunidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2004, p.175). Apoiado no texto literário, o alunado teve a oportunidade reconhecer e examinar futebol como fenômeno multidimensional, em vez de isolá-lo, de maneira mutiladora em apenas uma de suas dimensões (MORIN, 2003).

Essa ressignificação do futebol reitera a pesquisa-ação como uma ferramenta de democratização do saber, pois, por meio dos seus desfechos, os sujeitos vão adquirindo domínio e compreensão dos processos e fenômenos sociais nos quais estão inseridos, e da significação dos problemas (BALDISSERA, 2001).

Na terceira aula desta unidade, os alunos deveriam ter apresentado os dados obtidos sobre treinamento, torcidas e receitas financeiras dos times de profissionais paraibanos e do Sudeste, contudo apenas um grupo realizou a pesquisa. A professora, então, realizou uma aula expositivo-dialogada (cf. figura 14, p.10) levando informações sobre o processo histórico tardio de profissionalização do futebol no Brasil, a expansão dos times no eixo Rio-São Paulo, as receitas financeiras e médias de arrecadação por jogo, salário de jogadores, estrutura dos centros de treinamentos dos clubes e composição das comissões técnicas de times da primeira divisão do Campeonato Brasileiro e de times paraibanos, exportação de jogadores profissionais para times estrangeiros, e dificuldades enfrentadas pelas equipes de base e por times femininos.

Figura 14: Aula expositivo dialogada sobre as discrepâncias entre o futebol paraibanos e do Sudeste



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Ao se depararem com os dados reunidos pela professora, os alunos manifestaram-se surpresos com a magnitude do abismo que separa a realidade vivenciada pelos times de primeira divisão e a enfrentada pelos times de divisões menores, como é o caso da maioria das equipes profissionais paraibanas. Alguns alunos ressaltaram que a impressão de riqueza fácil que as mídias constroem em torno da vida dos jogadores profissionais acaba estimulando a ideia de que todo atleta de futebol terá acesso a salários astronômicos e boas condições de trabalho, quando de fato essa realidade é restrita a uma pequena parcela de jogadores que conseguem ingressar e obter destaque em grandes clubes. Os alunos discorreram ainda sobre as dificuldades para a manutenção do custeio de times pequenos e criticaram a estrutura do sistema de funcionamento do futebol brasileiro que alimenta a desigualdade entre as equipes e a perda de talentos brasileiros para times do exterior:

Poxa vida, professora, depois de ver esses dados que a senhora trouxe a gente até passa a olhar para os times daqui com outros olhos. Não são times ruins não, são times guerreiros porque conseguem sobreviver mesmo com tanta desigualdade, ganham quase nada em comparação com os grandes, mas ainda continuam. Dá vontade de começar a torcer mais, a ir ver jogo, só para apoiar e teimosia deles de continuar lutando. (DISCENTE FRIDA)

Meu Deus, e todo mundo fica pensando que vai ficar rico feito Neymar. Doce ilusão! Acho que se as pessoas soubessem da luta que é para se tornar jogador de time grande ia ter menos meninos sonhando em ser jogador de futebol. É muito injusto, muito difícil. Mas “isso a globo não mostra” acho que por isso muita gente acaba quebrando a cara no caminho. (DISCENTE GÊMEA)

Se for time feminino então ai vocês vão ver o que é bom. Se é difícil para os meninos, para as meninas é pior ainda. Eu, como faço parte de um time feminino de base, já sabia de muita coisa que a professora trouxe. Tem que ter muita coragem e amor ao esporte para continuar tentando se tornar atleta, porque a realidade é muito difícil. (DISCENTE ATLETA)

A surpresa dos discentes quanto às problemáticas e desafios enfrentadas pela grande maioria dos atletas do futebol e pelos times de categorias menores ratifica que o discurso sobre a fácil ascensão socioeconômica obtida por meio futebol que é amplamente disseminada pela mídia precisa ser problematizada, desconstruída. Diante deste contexto, e conforme recomendam as OCNEM (2006), torna-se pertinente que, nas ações pedagógicas para o ensino do futebol, a Educação Física escolar assuma uma postura mais efetiva em relação à formação dos alunos, de modo que, ao invés de tentar adequar-se à lógica e valores do esporte de rendimento, elabore estratégias que favoreçam aos alunos o desenvolvimento de uma visão ampla e crítica sobre sistema esportivo profissional, haja vista que:

[...] a alfabetização esportiva vai muito além da aprendizagem de destrezas; o exercício da plena cidadania no plano da cultura corporal de movimento e especificamente no plano do esporte exige o desenvolvimento de competências que vão além dessas habilidades e que abranjam também a capacidade de situar histórica e socialmente essa prática humana, de perceber e analisar os valores que a orientam, os benefícios e os prejuízos de uma ou outra forma da prática esportiva. Portanto, o esporte escolar só faz sentido se for pedagogizado, ou seja, submetido aos códigos da escola. Em termos mais concretos, isso significa que não basta, para a realização da função da escola, que o esporte seja aprendido e praticado nos seus espaços, é preciso também que o esporte escolar instrumentalize o indivíduo a compreender o fenômeno esportivo (BRACHT; ALMEIDA, 2003, p. 97-98).

Na quarta aula desta unidade, ocorrida o espaço do *Quintal*, prosseguimos estruturando atividades para a aprendizagem e o aperfeiçoamento prático do futebol com base na ressignificação das possibilidades logísticas e estruturais da escola. Solicitamos que os discentes propusessem atividades com as quais pudessemos exercitar alguns elementos táticos do futebol, a exemplo do sistema de defesa homem-a-homem e da marcação por zona.

Os estudantes sugeriram o jogo de *travinha*⁴², que foi executado com quatro times em meia quadra para possibilitar a participação de um número maior de estudantes. Depois de algumas partidas dentro dos moldes originais do jogo, executamos duas variações. Na primeira delas, apenas uma trave deveria ser utilizada, de maneira que um time deveria ficar apenas na defesa executando a marcação homem-a-homem, e o outro apenas no ataque, e sempre que a equipe do ataque conseguisse fazer gol os times deveriam trocar de função. Já na segunda variação, o jogo deveria transcorrer da mesma forma alternando os times de defesa e ataque, com a ressalva de que o time da defesa deveria realizar a marcação por zona.

Solicitamos que, como tarefa para casa, os alunos buscassem informações sobre a realização do jogo que havia sido anunciado por José Lins do Rego na crônica. Encerramos a aula com duas partidas de dez minutos para que os alunos pudessem praticar os fundamentos táticos trabalhados no dia. Nos momentos de espera entre uma partida e outra, alguns comentários dos alunos evidenciaram satisfação em perceber que existem possibilidades para a prática do futebol, mesmo diante de condições logísticas e estruturais que, até então, eram notadamente limitantes.

O contentamento percebido entre os estudantes, proporcionado pelo desfrute de uma prática de aprendizagem do futebol dentro das especificidades daquele contexto escolar, põe por terra a concepção de que o tratamento crítico do esporte na aula implica em uma aula discursiva e sem movimento. A elaboração de atividades para o aperfeiçoamento de

⁴²Jogo semelhante ao futebol cuja finalidade também é marcar gol, mas que não conta a posição do goleiro e é organizado em meia quadra com traves que pode ser de brinquedo ou feitas a partir de tijolos, cadeiras, pedaços de madeira dentre outros materiais.

fundamentos técnicos e táticos do futebol que teve como finalidade o melhor aproveitamento dos recursos disponíveis na escola e foi construída coletivamente pela professora e os estudantes, evidencia que a aprendizagem técnica e a reflexão sobre o entorno cultural da prática esportiva podem coexistir na aula, permitindo que, como salienta Bracht (2000), o ensino de destrezas motoras esportivas dotadas de novos sentidos, subordinadas a novos objetivos/fins sejam construídas junto com um novo sentido para o esporte.

A quinta aula deste bloco temático ocorreu em sala de aula, e novamente os discentes não haviam pesquisado sobre os assuntos que lhes tinham sido solicitados. Antecipando-se a esta possibilidade, a professora subdividiu a turma em quatro grupos e distribuiu entre eles o texto “Fla-Flu ajudou a trazer a Copa ao Recife”⁴³, uma matéria jornalística que discorria sobre o amistoso anunciado por José Lins na crônica e apresentava seu desfecho e importância para o contexto do futebol pernambucano na época.

Conforme a matéria, o jogo terminou em um disputado empate de um a um, e não se constituía apenas como um amistoso comum. Foi um grandioso evento segundo José Lourenço Meira, presidente do Sport Recife na época. O objetivo da partida era chamar a atenção da imprensa nacional e da Confederação Brasileira de desportos para o fenômeno futebol no Recife, demonstrando que a capital pernambucana tinha todos os atributos necessários para tornar-se palco para confrontos da Copa do Mundo de 1950.

Para favorecer a visualização de um paralelo reflexivo entre o entorno do Fla-Flu em Recife e da experiência com o futebol no cotidiano da escola, elaboramos cinco perguntas que versavam sobre as possibilidades para a participação do Líliosa em eventos esportivos de futebol, as possibilidades para a preparação de times para estes eventos considerando as condições logísticas e estruturais do estabelecimento de ensino, e sobre a identificação das principais potencialidades e dificuldades existentes para a prática do futebol na escola.

Os grupos argumentaram que a participação do Líliosa em eventos esportivos era possível destacando a intenção, disponibilidade e talento dos alunos que se colocam disponíveis para colaborar com os professores sempre que ocorre algum evento de qualquer natureza na escola, inclusive em eventos esportivos. Um grupo discordou, alegando que não havia material e espaço físico adequado que criasse condições de favorecimento a essa participação. Quanto às condições já existentes que possibilitem a preparação de equipes para eventos esportivos, todos os grupos citaram que seria necessário que houvesse uma reforma no espaço do Quintal para que fosse possível desenvolver algum tipo de treinamento e que

⁴³Disponível em: <https://especiais.ne10.uol.com.br/recifeacopa/fla-flu.html> (acesso em: 10/05/2019)

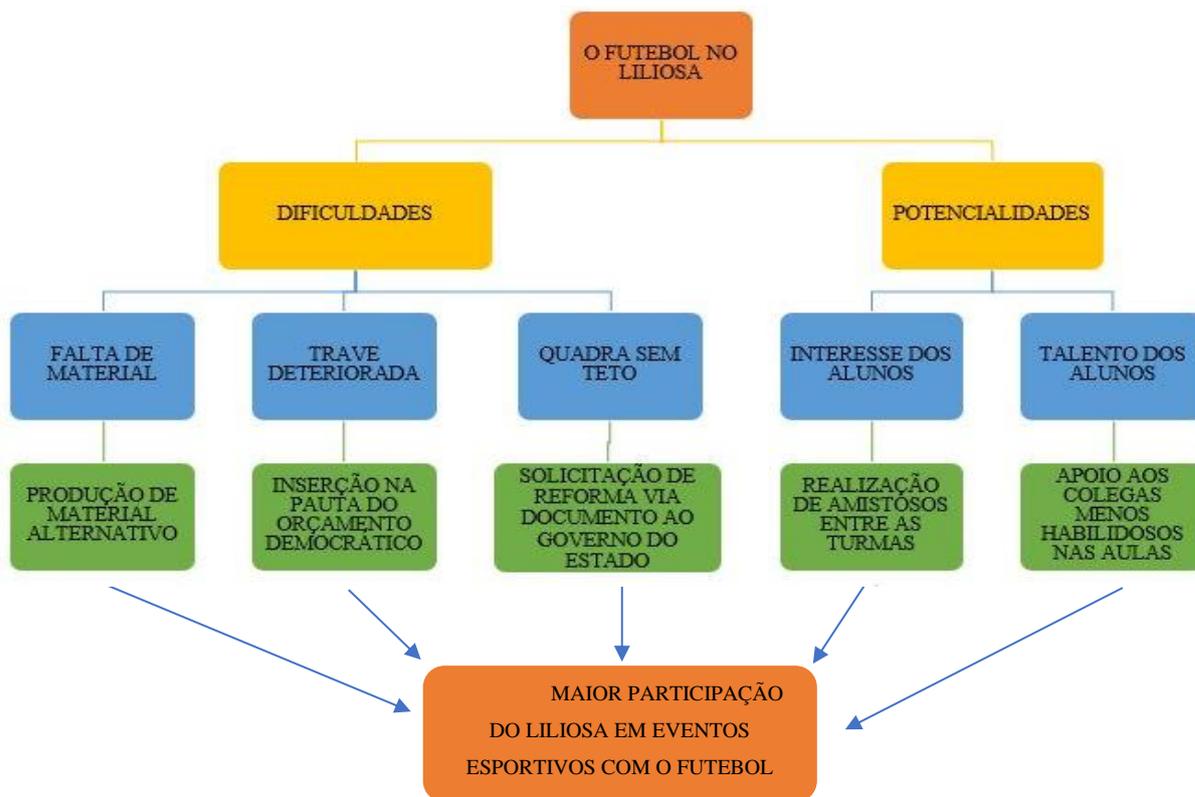
seria oportuno que a direção da escola oferecesse mais apoio e incentivo para as equipes, o que evidencia que, embora os estudantes queiram formar equipes e participar de eventos, esperam por condições ideais para que isto ocorra não se sentindo corresponsáveis por promover mudanças nesse sentido.

A respeito das potencialidades existentes na escola para o desenvolvimento do futebol, as quatro equipes responderam que o interesse dos discentes pela modalidade e a existência de muitos talentos naquele espaço, eram os principais pontos positivos. Já quanto aos impedimentos para a disseminação do futebol na escola, novamente relacionaram o fato da não existência de uma quadra coberta e a falta de material esportivo. Um dos grupos relatou também a preguiça de alguns alunos. Por meio destes discursos, pudemos perceber uma postura de apatia do alunado diante das condições adversas que dificultam, mas não impossibilitam o exercício da prática esportiva no interior da escola.

Como forma de motivar novas compreensões sobre as possibilidades para a prática do futebol no Liliosa, elaboramos, coletivamente, um *mapa cognitivo*⁴⁴ para buscar soluções para algumas problemáticas levantadas no questionário. O mapa mental foi desenhado no quadro branco e produzido da seguinte forma: no primeiro nível, anotamos a temática abordada no mapa que era a “A situação do futebol no Liliosa”; no segundo nível, à esquerda, anotamos algumas dificuldades e, à direita, potencialidades citadas pelos discentes no exercício realizado anteriormente. Já no terceiro nível, à esquerda, foram elencadas soluções propostas para resolver as dificuldades citadas e, à direita, estratégias para fortalecer as potencialidades; no quarto nível, foi anotado o desfecho esperado para as ações elaboradas, conforme mostra a figura abaixo (cf. figura 15. p. 107).

⁴⁴ Os mapas cognitivos são representações ou modelos mentais construídos pelos indivíduos a partir das suas interações e aprendizagens em um domínio específico do seu ambiente, cumprem a função de dar sentido à realidade e permitem-nos lidar com os problemas e desafios que esta nos apresenta (SWAN, 1997 *apud* BASTOS, 2003)

Figura 15: Mapa mental



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

As sugestões propostas pelos alunos na elaboração do mapa mental, oriundas do estabelecimento do paralelo entre os aspectos do texto literário e do contexto escolar vivenciado pelos próprios alunos, denotam uma tomada de consciência dos estudantes quanto à necessidade do exercício de seu protagonismo em relação à superação dos entraves para a prática do futebol na escola. As alternativas elencadas para a superação de dificuldades logísticas e o fortalecimento da promoção do futebol na escola demonstram que, muito embora existam situações complexas, a exemplo da reforma da quadra, outros impedimentos menores podem ser resolvidos ou amenizados por meio de ajustes simples, da mobilização do alunado e do apoio dos docentes e da direção escolar.

Na última aula desta unidade, os jogos e estafetas para o aperfeiçoamento técnico e tático trabalhados nas aulas anteriores foram novamente executados. Além da supervisão da professora, nesta oportunidade, contamos também com a monitoria dos alunos mais habilidosos que, durante os exercícios, auxiliaram seus colegas. Ao final da aula, ocorreram duas partidas de dez minutos para a exercitação dos aspectos técnicos e táticos que haviam sido abordados.

Na semana em que houve a aplicação das seis aulas desta unidade, ocorreu uma reunião para a discussão do orçamento democrático da escola que contou com a participação de toda a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, pais). Nela a compra de material esportivo, o reparo da trave e de um jogo de pebolim que existe na escola foram colocados em pauta, como elementos prioritários para a aplicação dos recursos de custeio da instituição. Logo após o período de recesso escolar junino, a trave foi reparada.

Ao final desta unidade, ficou evidenciado que o futebol, como esporte-espetáculo, é uma temática que necessita de espaço no currículo da Educação Física para que possa ser trabalhado não na perspectiva de que sejam elaboradas estratégias que permitam introjetar a qualquer custo este modelo de organizar o esporte na esfera do ensino público, mas no intuito de favorecer a construção de um conhecimento crítico que propicie o desenvolvimento de uma prática esportiva reflexiva e transformadora.

À medida que, por meio do texto literário, a ideia de que era impossível ter futebol na escola pela impossibilidade de equiparação com a realidade das escolas privadas deu lugar à reflexão sobre que tipo de futebol seria possível no Líliosa, evidenciou-se um processo de desconstrução de visões do senso comum e atualização dos significados, já que os/as alunos/as passaram a vislumbrar a prática do futebol dentro das especificidades do contexto da escola.

Podemos dizer que, no decorrer desta unidade didática, a ação transdisciplinar com o futebol mediada pela utilização do texto literário, resultou em práticas que favoreceram o protagonismo e a emancipação, já que em curto prazo, conseguimos resolver algumas questões logísticas e promover a prática regular do futebol dentro do bimestre. Assim, é possível esperar que, a longo prazo, tais ações possam reverberar, inclusive, na formação de times que representem a escola em eventos esportivos dos mais diversos, incluindo os de rendimento, que permitam aos discente vivenciarem uma diversidade de experiências com o futebol que amplie ainda mais as possibilidades de aprendizagem com este esporte.

3.4 Primeiro tempo da prorrogação (seis aulas): Mulheres em campo driblando os impedimentos.

O terceiro eixo temático de nossa sequência didática foi desenvolvido ao longo de sete aulas no intuito de refletir sobre o ensino do futebol à luz das relações de gênero fomentando práticas educativas e de letramento literário que ampliassem o horizonte de expectativas dos alunos a respeito das concepções naturalizadas das configurações de gênero e das construções

identitárias que acentuam hierarquias entre homens e mulheres no futebol e para além dele, partindo do princípio de que “esporte e sociedade são face da mesma moeda”, e que nesta perspectiva, os valores sociais e culturais da sociedade encontram-se projetados no esporte (DaMATTA, 1982, p.23).

Para introduzir as reflexões sobre as relações de gênero na sociedade tendo o futebol como referência, realizamos nosso primeiro encontro na biblioteca, onde viabilizamos a atividade “*Homens e Mulheres anônimos*” que constituía a etapa de *motivação*. Subdividimos a turma em dois grandes grupos (um somente com meninos e outro apenas com meninas) e cada equipe foi orientada a desenhar uma silhueta correspondente ao seu sexo biológico e a escrever ao lado dela as principais vantagens e desvantagens de pertencer a este sexo na sociedade.

A partir de um prisma cultural, consideramos que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Logo, o intuito desta atividade foi de levar os/as alunos/as a tomarem consciência de que pertencer ao gênero feminino ou masculino implica em ser e estar no mundo ocupando espaços e desempenhando papéis hegemônicos ou subalternos nas estruturas de poder da sociedade, como é o caso da escola e do esporte. A figura abaixo (cf. figura 16, p. 109) ilustra o processo de criação dos cartazes e nos quadros 5 (cf. p. 110) quadro 6 (cf. p.110) encontram-se elencadas as vantagens e desvantagens relacionadas à pertença aos gêneros.

Figura 16: Elaboração dos cartazes vantagens e desvantagens dos sexos



Fonte acervo da pesquisadora

Quadro 5: Vantagens e desvantagens de ser mulher.

VANTAGENS DE SER MULHER	DESVANTAGENS DE SER MULHER
Capacidade de organização	Ter pouca visibilidade no futebol
Empoderamento feminino	Sofrer preconceito
	Ser oprimida pelos homens
	Ter o corpo objetificado
	Sofrer assédio na rua
	Ser feita de empregada pelo marido
	Ter cólica menstrual
	Ser chamada de puta se ficar com muitos meninos ou usar roupa curta
	Desigualdade salarial em relação aos homens
	Ter medo de ser estuprada na rua
	Ser olhada com inferioridade
	Sofrer com padrões corporais
	Sofrer violência contra a mulher

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em parceria com os/as estudantes

Quadro 6: Vantagens e desvantagens de ser homem.

VANTAGENS DE SER HOMEM	DESVANTAGENS DE SER HOMEM
Urinar de pé	Ser desorganizado
Ser empregado mais rápido	Poder ser agredido
Ter maior visibilidade no futebol	Ser pouco criativo
Não ter medo de assédio ou estupro	
Ganhar melhor que as mulheres	
Ter mais força física	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em parceria com os/as estudantes

Quando, em seus cartazes os alunos, referem como desvantagens masculinas a desorganização, a resumida criatividade e a tendência a se envolverem em brigas, e as alunas apontam como vantagem feminina a capacidade de organização, eles e elas evidenciam a reprodução de estereótipos de masculinidades e feminilidades, pois justificam comportamentos que são culturalmente apreendidos a partir do aparato biológico, sugerindo que os homens e todas as mulheres, inevitavelmente, possuem tais atributos. Conforme o pensamento de Lins (2016), ao reafirmarem tais estereótipos, os/as discentes não estão apenas justificando os comportamentos a partir da diferença entre os sexos, mas também estão demonstrando como a sociedade espera que homens e mulheres se comportem.

Ainda em relação às características elencadas pelos/as estudantes, percebemos que boa parte das vantagens masculinas e das desvantagens femininas, a exemplo da questão salarial, objetificação do corpo feminino, a insegurança quanto a situações de violência sexual e as

diferenças da visibilidade no futebol, desnuda a existência de relações de poder, privilégio e hierarquias sociais criadas a partir das diferenças percebidas entre masculinidades e feminilidades, e também a existência de polos de valorização e desvalorização quanto a atividades desenvolvidas por homens e mulheres (LINS, 2016).

Esta polarização é responsável por fazer com que comportamentos semelhantes sejam enaltecidos quando realizados de forma correspondente a seu estereotipo de gênero e reprovados quando assumidos pelo gênero oposto, e pode ser evidenciada quando, por exemplo, no futebol, as qualidades de bons jogadores são exaltadas como características masculinas inatas, enquanto os atributos das boas jogadoras são, geralmente, reconhecidos quando o desempenho atlético delas pode ser comparado com o dos homens.

Prosseguindo com nossa etapa de *motivação*, em uma roda de conversa, utilizamos os atributos positivos e negativos que haviam sido referidos pelos/as discentes para refletir sobre o modo como alguns lugares e papéis sociais estão designados no imaginário social e na cultura em função do gênero. Neste sentido, problematizamos aspectos como as diferenças na forma como a sociedade espera que homens e mulheres se comportem, a existência de relações de subalternidade, dominação ou equidade entre os gêneros nos diversos contextos sociais, as possíveis divergências nos juízos de valor atribuídos a comportamentos de homens e mulheres, e as formas como as normas de gênero produzem preconceitos, estereótipos, hierarquias e desigualdades sociais.

A roda de conversa aconteceu de forma acalorada, marcada por muitas discordâncias em relação aos aspectos positivos e negativos presentes nos cartazes e por opiniões divergentes sobre os pontos sugeridos para a discussão. Nas opiniões emitidas por alguns alunos, eram marcantes a presença de estereótipos naturalizados e a reprodução compulsória de normas de gênero, como pode ser observado na fala do discente *Minion*, que tomou como naturais as desigualdades salariais e as diferenças de visibilidade entre homens e mulheres no futebol:

Mas é natural que Marta receba menos que Neymar porque ele tem resultados melhores que ela, ele chama atenção, vende camisa, ingresso, movimenta dinheiro, se ela fizesse o mesmo ganhava mais, mas como não consegue recebe de acordo, a lógica das empresas que dão salários diferentes deve ser a mesma não é injusto não (DISCENTE MÍNION)

A discente *Empatia* contra-argumentou:

Quantos títulos de melhor jogador do mundo o “menino Ney” tem? Nenhum! Marta tem cinco! Joga em times grandes há tempos, é destaque na seleção brasileira há muitos anos, mas não ganha dinheiro porque as pessoas não sabem apreciar futebol feminino! E as pessoas não sabem apreciar porque não estão acostumadas a ver mulher jogar, porque desde pequeno quem jogam são os homens! Se todos jogassem desde sempre ela seria vista, teria patrocínio e valor. E isso não é natural! Só acontece porque ela é mulher!(DISCENTE EMPATIA)

No relato do discente *Mínion*, a narrativa sobre o futebol encontra-se perfeitamente alinhada com a ordem social de base androcêntrica sob a qual este esporte se fundamenta em nosso país. Nesta fala, podemos observar traços do que Bourdieu (2002 p.18) chamou de “a força da ordem masculina” que “se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra, e não tem necessidade de se enunciar e não em discursos que visem legitimá-la”

Já a explicação da estudante *Empatia* encontra nas relações de poder entre os gênero a raiz das desigualdades de salário e visibilidade entre a jogadora *Marta*⁴⁵ e o jogador *Naymar*⁴⁶, ratificando o pensamento de Bourdieu (2002), que observa que a divisão entre os sexos parece estar em todo o mundo social, permanentemente construindo o corpo e lhe imprimindo um sistema de percepção, de apreciação e de ação. Consequentemente, a visão essencialista sobre o sexo biológico faz com que as diferenças de gênero socialmente construídas sejam consideradas naturais e legitimadoras de uma relação de dominação, como no exemplo apresentado pela aluna.

O aluno *Bob* argumentou sobre as cantadas recebidas pelos homens dizendo: “A gente também recebe cantada, as ‘novinhas’ chamam a gente de gostoso, diz que fazia os ‘paranauê’ com a gente, mas nem por isso a gente fica de ‘muído’, quando não quer pegar a mulher não pega e ‘segue o baile’”. Indignada, a aluna *Maluquete* replicou:

Minha gente eu vou fazer de conta que eu nem ouvi isso! A senhora ouviu eles, professora? Dá para acreditar uma leseira dessas? Bonitinhos, vocês não têm noção do que é sair de casa sozinha e quando ver alguém de moto se aproximando rezar para ele só querer roubar o celular e não achar de querer levar a gente na moto para nos estuprar, vocês não têm noção do que é deixar de ir para algum lugar, ou ter de voltar cedo, ou ter que andar sempre acompanhado porque você é mulher e está mais exposta. Vocês também não sabem o que é levar “encoxada” em ônibus, nem como é passar em frente de obra escutando piadinha, palavão, “fiu-fiu, gostosa”, “se eu te pego eu fazia isso e isso”, só porque eles sabem que a gente não tem como revidar,

⁴⁵ Futebolista brasileira que atua como atacante ou meia-atacante, seis vezes escolhida como melhor jogadora de futebol do mundo, sendo cinco vezes consecutivamente e maior artilheira da Seleção Brasileira com 110 gols. Recordista entre homens e mulheres, considerada uma das brasileiras mais influentes do mundo. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Marta_\(futebolista\)](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Marta_(futebolista)) Acesso em: 30/11/2019.

⁴⁶ Neymar da Silva Santos Júnior é um futebolista brasileiro que atua como ponta-esquerda. Atualmente joga pelo Paris Saint-Germain e pela Seleção Brasileira.

nem como se defender sozinha. Vocês nem sabem nem nunca vão saber, porque não estão na pele da gente. (DISCENTE MALUQUETE).

Os exemplos do ônibus, da construção e das ruas que foram mencionados pela discente *Maluquete* podem ser contextualizados, à luz de Bourdieu (2002, p.47), como situações de violência simbólica, àquela que “se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante”, haja vista que, nos relatos acima, o agressor se sente confiante em adotar tais condutas porque se percebe em uma posição de vantagem e poder em relação à mulher, seja pela força física, seja pela naturalização de seus impulsos sexuais perante a sociedade. Já o caso referido pelo discente *Bob* não converge com o conceito de violência simbólica proposto por Bourdieu (2002), porque nele o homem não está assujeitado ao desejo da mulher, tendo plena possibilidade de esquivar-se de suas investidas ou de revidá-las.

Sobre a questão da violência contra a mulher, o aluno *Rasta* opinou a respeito da lei *Maria da Penha*⁴⁷ dizendo: “E esse negócio de violência contra a mulher só gera mais preconceito, mulher também bate em homem e não tem nenhuma lei *Zé da Penha*, a gente apanha na rua, morre, e quem é que cuida? Era para ser uma lei só!”. O discente *Minion* aproveitou a ocasião e relatou a respeito da violência sexual sugerindo que situações como abuso, assédio e estupro afetam indistintamente a ambos os gêneros: “Né isso, eu, por exemplo, sou homem e tenho medo de ser estuprado, abusado, assediado! Ou vão dizer que eu não posso ter medo só porque eu sou homem? Isso é preconceito, lacração!” Em resposta a discente *Andrógena* explicou:

Meu filho, vocês apanham na rua porque gostam de bancar o galo de briga, morrem porque se metem em confusão, gostam de bancar o valentão, e não porque são homens. Mulher, quando apanha de homem, é porque o cara quer ser dono dela, porque não aceita uma “cangáia”, não sabe terminar de boa a relação. Acha que pode mandar na pessoa porque ela é mulher, e que toda mulher é para obedecer. Por isso a lei existe para, para proteger a gente de homem doido. As brigas e as mortes de vocês são por outros motivos. Vez ou outra, tem uma louca que mata ou bate em vocês, dizendo que foi por amor, mas isso é muito mais raro. (DISCENTE ANDRÓGENA)

Na tentativa de esclarecer sobre a relevância de dispositivos de proteção à mulher contra a violência de gênero, como é o caso da *Lei Maria da Penha*, a discente *Andrógena*, menciona em seus exemplos situações que diferenciam violência em um contexto amplo de

⁴⁷ Lei 11.340/2006, popularmente conhecida como “Lei Maria da Penha”, que entrou em vigor em 22 de setembro do ano de 2006 e trata de uma legislação especial cujo objetivo é criar mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher tendo como paradigma o reconhecimento da violência contra as mulheres como uma violação dos direitos humanos.

violência de gênero, isto é, situações em que as mulheres são submetidas unidirecionalmente a violências em função de seu sexo biológico (STREY e WERBA, 2001).

Mesmo diante da explicação da aluna, os dois estudantes mantiveram seus posicionamentos iniciais, reafirmando não reconhecerem como legítimos, nem os casos de violência contra a mulher, nem os dispositivos para a sua proteção, demonstrando que, embora na atualidade a temática de gênero venha alcançando grande repercussão no cenário político e midiático, pautas nesse sentido continuam sendo alvos de polêmicas e controvérsias.

Os embates protagonizados nesta roda de conversa reiteram a relevância da abordagem das temáticas de gênero nas discussões escolares, em virtude de sua importância para a compreensão do alicerce histórico e cultural sob a qual se assentam as relações sociais, e os mecanismos de poder que nelas estão imbricados, pois, se “o gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas ele poderia ser muito bem o dispositivo pelo qual estes termos são desconstruídos e desnaturalizados” (BUTLER, 2003, p.59).

No segundo encontro deste bloco temático, ocorrido na biblioteca, trabalhamos com a etapa de *leitura* lemos, portanto, o conto *Mutola* de autoria de Paulina Chiziane (cf. ANEXO D). Este conto se passa no período pós-independência moçambicana e trata de uma releitura ficcional da vida da velocista Lourdes Mutola⁴⁸. Nessa narrativa, a autora utiliza a árdua trajetória da atleta em busca de seus sonhos para retratar as situações pelas quais as mulheres passam em sociedades androcêntricas. Utilizando-se do futebol, ela põe em *xequê* o lugar de subserviência da mulher na sociedade e critica os modelos predeterminados que ditam os modos como o sujeito feminino deve viver, agir e pensar.

Por tratar-se de um texto mais extenso em relação aos que já haviam sido trabalhados nas unidades anteriores, estruturamos o momento de leitura da seguinte forma: todos/as os/as estudantes receberam fotocópias do texto e em alguns deles as falas dos personagens, ou do narrador estavam destacadas. A leitura verbalizada foi iniciada pelo discente que se dispôs a ser o narrador, sendo procedida pelos estudantes que estavam de posse de textos cujas falas dos personagens encontravam-se em destaque (cf. figura 17, p.115).

O enredo capturou a atenção dos discentes que o acompanharam atentamente, sem conversas paralelas ou condutas de indisciplina. Merece nota que, ao longo da leitura,

⁴⁸Lourdes Mutola é uma atleta moçambicana que sonhava em ser jogadora de futebol, contudo, por não ter sido aceita no campeonato de futebol de juniores masculino, tornou-se a primeira mulher moçambicana a ser medalhista olímpica após ter vencido a prova dos 800 metros rasos do atletismo na Olimpíada de Sydney, na Austrália no ano 2000.

ocorreram várias manifestações individuais de identificação com situações vivenciadas pela personagem principal, de modo que, sempre que *Mutola* enfrentava alguma situação de preconceito, silenciamento ou imposição de padrões de comportamento, as alunas balançavam a cabeça em sinal de reprovação ou comentavam: “ Olha, igualzinho!”, “ Parece uma história real!”, “Ser mulher até nos livros é um problema!”.

Em razão do conto possuir palavras do dialeto Chope e de, ao longo do enredo, existirem referências a elementos da tradição africana que poderiam causar estranhamento ao alunado, solicitamos que, logo após a leitura, os/as estudantes destacassem no texto as passagens que considerassem mais interessantes e/ou os trechos que lhes causaram dúvidas. Para Cosson (2014), esta atividade pode constituir-se como um eficiente instrumento de aferição do processo de leitura, já que permite equacionar a respeito da legibilidade do texto, o ritmo de leitura dos alunos bem como suas expectativas e interações com texto literário ao mesmo tempo em que nos permite acompanhar o processo de consolidação de sua formação.

Figura 17: Momento de leitura e discussão do conto *Mutola*



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Uma vez que, no pensamento de Cosson (2014) a interpretação do texto também se constitui enquanto ato de construção de sentido de uma determinada comunidade, logo após a leitura mediamos uma roda de conversa problematizando os trechos do conto que foram suscitados pelos discentes, permitindo que eles externassem suas impressões e posicionamentos a respeito da trajetória de *Mutola*. O primeiro aspecto do conto destacado pelos/as discentes foi a parábola da água que se comportava como galinha, sobre o qual a aluna *Frida* expressou-se dizendo:

Eu acho que, mesmo a gente vivendo num país diferente do de *Mutola*, aqui também existe muita mulher que poderia ser água vive feito galinha, e não é só no futebol não, é em tudo. Tem muita menina reprimida sim, pelos pais, pela igreja, até pela

escola, por alguns professores. Acho que muitas meninas queriam ser mais livres em tudo, nos amores, nas roupas, nas coisas que fazem, nas que querem fazer, mas acabam acreditando que não pode, vai se conformando se adequando. Quem luta vai logo sendo taxado de tudo que não presta, sofre preconceito e nem todo mundo consegue lidar com isso, por isso tem gente que prefere se esconder, se adequar, é menos difícil. (DISCENTE FRIDA)

A narrativa da estudante evidencia o modo sutil como as relações de poder entre os gêneros vão, paulatinamente, cerceando as formas de ser dos sujeitos, introjetando concepções ideias sobre o que é ser homem e ser mulher no mundo, modelando seus comportamentos, corroborando a observação de Foucault (1995, p. 220), de que “o poder não é violência nem consentimento [...] é uma estrutura de ações; ele induz, incita, seduz, facilita ou dificulta; ao extremo [...] é sempre um modo de agir ou ser capaz de ações. Um conjunto de ações sobre outras ações”.

Dando prosseguimento à roda de conversa, boa parte dos/das discentes discorreu sobre as normas de gênero reconhecendo sua influência na construção da identidade dos sujeitos. Em seus discursos, eles/elas salientaram que percebem que as normas atuam determinando comportamentos que são esperados para homens e para mulheres e que podem interferir na vida das pessoas de forma análoga ao que aconteceu com a águia do conto, contudo, observaram que tais influências se processam de forma diferenciada a depender do gênero, como pode se perceber nas falas que se seguem:

Do mesmo jeito que as amigas de Mutola ficaram se metendo na vida dela, sai gente de todo buraco para “cagar regra” na nossa vida. A igreja, por exemplo, influencia muito. Meus pais são de uma religião e veem as coisas de um jeito, algumas amigas minhas também são da igreja e pensam igual a eles. Mas eu sou diferente, gosto de ir para o culto, só que não concordo com tudo que falam lá. Aí fica essa guerra, principalmente dos meus pais que ficam querendo que eu seja um jeito que eu não sou, que faça coisas que eu quero, que acredite em coisas que eu não acredito, e tem muita imposição que eu percebo que é só porque eu sou mulher, porque ele acha que do jeito que minha mãe se curva eu deveria me curvar. E eu respeito, só que não me curvo. Eu não vejo o mundo como ele, e eu noto que as cobranças com o meu irmão são diferentes, como se ele pudesse ter o pensamento dele porque é homem. (DISCENTE FRIDA).

As pessoas também se metem na forma da gente viver, mas de um jeito diferente do que fazem com vocês. Se você tiver namorando, como eu tô, por exemplo, e os meninos souberem que você deixou de pegar alguma novinha que deu em cima chamam logo você de mole, mesmo que nem todo mundo queira ser o “fodão pegador das novinhas” (DISCENTE CARINHOSO).

À luz de Bourdieu (2002), a modelagem das identidades e dos comportamentos dos gêneros não se deve a mecanismos de origem biológica, mas trata de esquemas de pensamento de aplicação universal que contribuem para fazer existir e ao mesmo tempo naturalizar traços distintivos em função do sexo biológico dos sujeitos inscrevendo-os em um

sistema de diferença incessantemente confirmado pela sociedade. Nesse sentido, é perceptível que a discussão sobre as interconexões entre os aspectos do texto e o cotidiano dos estudantes pode contribuir para que discentes percebam que arranjos de gênero colocados em prática na sociedade exercem forças e criam expectativas a respeito de como as pessoas devem ser e se portar, podendo acentuar as desigualdades entre homens e mulheres.

Sobre as expectativas em relação aos estereótipos de feminilidade e masculinidade presentes no conto, os tópicos mais aludidos pelos/as alunos/as foram as censuras das amigas ao gosto de *Mutola* pelo futebol, as exigências de que ela tivesse comportamentos tipificados como femininos (como procurar um marido e cuidar da aparência) e o fato de os homens se sentirem menos homens por conta do gol feito por *Mutola*. A respeito destas hierarquias produzidas pela validação dos estereótipos e pólos de valorização e desvalorização dos comportamentos esperados por homens e mulheres, os/as discentes discorreram:

Professora, o mundo é muito cruel com quem não se encaixa nos padrões, eu sempre gostei de futebol, e sempre sofri preconceito, porque se você começa a jogar, se não for feminina do jeito que eles querem, não gostar de rosa, não for fissurada em maquiagem, cabelo e essas coisas que eles botam com regra para ser mulher todo mundo começa a achar que você é sapatão. É como se você gostasse de futebol porque é sapatão, e uma coisa não tem nada a ver com a outra. Você pode ser lésbica e não gostar de futebol, pode gostar de futebol e não ser lésbica. Mas ninguém quer saber! Se você for mulher e jogar, em algum momento vai passar por isso (DISCENTE FRIDA).

Fazem isso com os homens também, todo mundo espera que a gente jogue futebol, que seja machão e enfrente qualquer briga, que pegue todo mundo, que não chore. Se fizer diferente disso, dizem logo que é “baitola” (DISCENTE RASTA).

E esse negócio de casar hein? De precisar de um macho para ser alguém? É o que me dá mais raiva. Se a mulher passar dos trinta anos solteira é titia, mas se o cara for “tiozão” de cabelo branco com quarenta anos é maduro, um charme (DISCENTE MALUQUETE).

Em seus relatos, os/as estudantes evidenciam diferentes concepções validadas sobre o masculino e o feminino que compõe o entorno do futebol e que corroboram as constatações de Bourdieu (2002, p.63) a respeito da arbitrariedade exercida pelas normas de gêneros na vida dos sujeitos que submetem a mulher “a um trabalho de socialização que tende a diminuí-la, a negá-la” e faz com que “os homens também estejam prisioneiros e sem se aperceberem, vítimas da representação dominante”.

No pensamento de Cosson (2014, p.46), pelo “compartilhamento de suas interpretações os leitores vão ganhando consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade se fortalece e amplia seus horizontes de leitura”. Nesta perspectiva, a tomada de consciência sobre as forças que atuam arbitrariamente na construção das normas

e estereótipos de masculinidade e feminilidade poderá abrir caminho para construção de uma escola na qual o gênero não seja restritivo e excludente.

Estabelecendo um paralelo entre o conto *Mutola* e o cotidiano, inquirimos se os/as discentes percebiam relações de diferenças e desigualdades entre os gêneros na aula de Educação Física, se consideravam que a participação feminina no futebol era estimulada ou desencorajada, se os meninos acolhiam e ajudavam as colegas ou se as excluíaam do jogo, ao que tivemos como resposta relatos como estes:

Eu acho que a aula é bem parecida com o texto, os meninos dominam e a gente não tem muito espaço. A gente até joga às vezes, mas mesmo quando joga eles que fazem tudo, quase não passam a bola, é como se não fosse o lugar da gente, aí a gente tem raiva e sai. (DISCENTE MALUQUETE).

Mas a gente dá oportunidade sim, só que tem um monte de menina que nem jogar quer, e quando vai fica logo moendo para sair da quadra. Como é vocês querem mais espaço desse jeito? (DISCENTE CARINHOSO).

É professora, mas tem que ver que também tem isso. Algumas meninas também não jogam nem a pau. (DISCENTE MISS).

Ah, mas fala sério! Tem menino que só joga direito quando tem alguma menina que joga muito no time, se for eu, por exemplo, eu nem pego na bola, como vocês querem que a gente aprenda se não deixam a gente jogar, não ensinam? (DISCENTE CLONE).

Se for time só de menina é pior ainda que ficam tudo tirando onda da cara da gente, ninguém valoriza o fato de estarmos tentando, só olham os erros. (DISCENTE ANDRÓGENA).

Por meio das narrativas acima, percebemos que participação dos meninos nas aulas com o conteúdo do futebol se sobressai e dificulta a inserção feminina. De acordo com os estudos de Altmann (2015), esta ocupação gendrada do espaço do jogo de futebol e no tempo da aula de Educação Física consiste em um meio de os meninos exercerem domínio sobre as meninas. Consonante com o pensamento de Altmann (2015), Louro (1997) acrescenta que este cenário constitui-se como fruto de construções sociais e históricas produzidas sobre características biológicas dos sujeitos e faz com que identidades de gênero sejam marcadas de forma acentuada na aula de Educação Física.

Finalizando a roda de conversa, questionamos se os/as discentes consideravam que fosse possível criar estratégias para que a prática do futebol na escola não impelisse as meninas a desistirem deste esporte, conforme ocorreu com *Mutola*. Neste sentido, eles/elas explanaram:

Acho que para mudar teria que ter participação de todo mundo, o professor estimular mais a gente, os meninos deixarem a gente jogar e nos ajudarem e as meninas quererem, lutar por esse espaço de verdade. (DISCENTE ANDRÓGENA)

Concordo, ou todo mundo dá as mãos ou nunca vai funcionar, nunca vai mudar. (DISCENTE FRIDA)

E ao invés de ficarem tirando onda que a gente joga mal era melhor que ajudassem a gente. (DISCENTE CACHEADA).

O discurso do alunado corrobora com o pensamento de Altmann (2015) que reconhece que, para a construção de um futebol mais equitativo entre os gêneros, é necessário um investimento mais contundente na educação corporal e esportiva das meninas, o que precisa ocorrer desde as séries iniciais e permita a exploração das múltiplas possibilidades do corpo e das práticas corporais diversas. Ademais, para a construção de relações equitativas de gênero na aula de Educação Física, faz-se necessária a adoção de princípios pedagógicos que não tenham por base o currículo biológico-técnico, pois “seria um engano pensar que o corpo é regido apenas por leis fisiológicas que escapam da história e da cultura. O corpo e as relações de gênero são socialmente produzidos também dentro dos currículos escolares” (ALTMANN, 2015, p. 24).

Como forma de ampliar a discussão sobre o lugar da mulher no futebol, no terceiro encontro deste bloco temático, demos prosseguimento às atividades de nossa sequência didática com a participação de três integrantes de um time feminino do município de João Pessoa, o “*Arretadas Futebol Clube*”. Quisemos, com nosso convite, demonstrar ao alunado que existem modos de pensar e proceder com participação feminina no futebol a partir de perspectivas que se diferenciam do que ocorre na escola.

A abertura deste espaço para que outras vozes femininas discorressem sobre o próprio protagonismo no futebol foi importante porque permitiu que os/as estudantes ampliassem as oportunidades de acesso aos vários significados que podem ser atribuídos a este esporte. Além disso, conforme o pensamento de Neira (2018), a promoção deste diálogo cria condições para um exame crítico da cultura corporal e para a descolonização do currículo, através do trânsito entre as culturas e a partilha coletiva de saberes escolares e não-escolares.

Conforme o relato da fundadora, o *Arretadas* se diferencia de outras equipes femininas pessoenses porque foi criado como uma iniciativa para promover a participação democrática da mulher no futebol. Por esse motivo, desde sua fundação em janeiro de 2019, o foco do time não era o rendimento esportivo, mas a inserção de toda e qualquer mulher que deseje praticar o futebol, independente da habilidade, cor, idade, orientação sexual:

Desde que eu me entendo por gente, eu gosto de jogar futebol, mas sempre encontrei muitas barreiras, nas peladas com os meninos, na escola. Depois de passar um tempão sem jogar, e sem encontrar um espaço aqui em João Pessoa que eu pudesse me inserir, eu resolvi criar o time porque achava que muitas meninas se sentiam como eu. E começou assim tímido, somente com as amigas. Já agora, tem dias de jogo que precisamos fazer partidas mais curtas porque tem trinta, quarenta meninas querendo jogar. É muito bom ver isso acontecer. (FUNDADORA DO ARRETADAS FUTEBOL CLUBE).

Os jogos da equipe ocorrem nas terças e quintas-feiras no “Gaiolão”, a quadra de esportes de um condomínio no bairro dos Bancários em João Pessoa/PB. As interessadas necessitam apenas confirmar a presença no treino por meio da página do time na rede social *Instagram*, ou através de um grupo que a equipe possui no aplicativo *Whatsapp*. Os times vão sendo formados conforme as meninas chegam. Nesta dinâmica, são feitos rodízios para permitir que todas participem das partidas. A média de público por dia de jogo gira em torno de dez a trinta atletas, mas já houve oportunidades em que foram reunidas cerca de setenta participantes. As meninas mais habilidosas e experientes vão acolhendo as que têm menos desenvoltura, fazendo com que os jogos transcorram em uma atmosfera de colaboração e solidariedade.

Conforme a conversa foi se desenvolvendo, as reações de surpresa e contentamento das/dos alunas/os ao ouvirem sobre a história, filosofia, estrutura e funcionamento do *Arretadas* é algo que merece ser destacado. Sorrisos, expressões faciais de aprovação e comentários como o da discente *Ternura* foram constantes ao longo da conversa:

Nossa, é muito bacana saber que existe um futebol onde mulher pode entrar! Eu tô boba com o time de vocês, que coisa bonita! Imagina que massa poder ser acolhido no jogo, ter gente interessada em te ensinar, e não em tirar você do time! Assim dá para vencer a vergonha e a falta de jeito e jogar futebol com vontade. (DISCENTE TERNURA).

Estava previsto em nossa sequência didática que no quarto encontro desta unidade deveriam ocorrer quatro partidas estruturadas da seguinte forma: uma disputa entre dois times masculinos, outra entre dois times femininos, uma com um time feminino *versus* um time masculino e a última entre dois times mistos. Todavia, como as partidas aconteceram logo após a roda de conversa com o time *Arretadas* e as meninas estavam empolgadas para participarem dos jogos e exercerem seu protagonismo, julgamos que fosse mais proveitoso permitir que elas vivenciassem este momento com plenitude. Nesta perspectiva, organizamos quatro partidas de dez minutos formados por times femininos ou por times com quatro jogadoras e um goleiro homem e solicitamos que os demais alunos atuassem orientando os times durante os jogos.

Nas quatro partidas, os discursos de medo ou vergonha utilizados como justificativa por algumas estudantes para não participarem dos jogos de futebol em aulas anteriores deram espaço à adesão voluntária à atividade. Outro ponto que merece ser destacado se refere ao comportamento dos meninos que, nesta aula, mesmo fazendo alguns reclames por não estarem no comando dos times, adotaram uma postura diferente dos outros dias, estimulando a participação das colegas, orientando-as no jogo, sem censurá-las ou diminuí-las quando elas erravam algum fundamento (cf. figura 18, p.121)

O jogo feminino chamou a atenção de toda a escola, de modo que, conforme as outras turmas foram sendo liberadas, os estudantes iam se acomodando no pátio para assistir à pelada das meninas, e inclusive, alunas de outras turmas e a professora da disciplina de química também participaram das partidas.

À medida que, pela leitura, e sucessivas discussões sobre o conto e conversa com as atletas do *Arretadas* as alunas se sentiram encorajadas a cruzarem a fronteira da divisão de gêneros e a assumirem a rédeas do jogo de futebol na aula, observamos que, como nos lembra Foucault (1995, p.183), o poder “nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou bem [...] o poder funciona e se exerce em rede”. Desta forma, confirmamos que, mesmo estando sujeitas à dominação masculina no futebol, as meninas não estão aprisionadas pelo poder exercido pelos meninos, tendo, inclusive, a possibilidade de resistência caso sejam articuladas estratégias que se dirijam a modificar as estruturas de poder.

Figura 18: Jogo das meninas e turma reunida



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O quinto encontro deste bloco temático ocorreu em sala de aula, com uma roda de conversa na qual os discentes socializaram suas impressões a respeito das partidas femininas que haviam sido realizadas na aula anterior. Sobre o desenrolar das partidas ocorreram comentários como os que se seguem:

Essa aula foi diferente professora, a gente não estava preocupada em acertar, estava preocupada em jogar, em se divertir, participar. E como o jogo era nosso, não tinha a pressão de fazer como os meninos queriam, de ninguém ficar moendo. (DISCENTE MALUQUETE).

Eu achei legal esse jogo das meninas. Só que é muito diferente do nosso jogo, elas não têm muita habilidade, tinha horas que era muito engraçado de assistir. Mas se elas continuarem participando vão se desenvolver e, quem sabe, aprender a jogar como a gente. (DISCENTE MÍNION).

O que eu mais gostei foi porque as meninas que não jogam muito puderam jogar, tocar na bola. Eu como sei jogar bem, os meninos sempre me colocam nos times, tocam para mim, mas as meninas que não sabem ficam sempre voando. Hoje elas puderam participar de verdade sem serem excluídas. (DISCENTE FRIDA)

Ao observarmos a fala dos discentes, percebemos que há duas visões distintas sobre o futebol: uma centrada na habilidade, apresentada pelo discente *Mínion*, e outra voltada ao prazer do jogo, externada pelas alunas *Maluquete* e *Frida*. Em vistas disto, e, se considerarmos que a partir de Neira (2018) o futebol é um artefato cultural, texto produzido pela gestualidade que os grupos sociais elaboram e reelaboram para disseminar seus significados, o fato de termos elaborado situações didáticas que possibilitaram aos estudantes reconhecerem discursos e posicionamentos antagônicos, pode ser considerado um fator preponderante para a ampliação do leque de leituras dos alunos a respeito do futebol, fator que pode abrir caminho para práticas pedagógicas que contemplem e validem os diferentes modos dos sujeitos assimilarem e representarem este jogo.

No que se refere às situações de exclusão feminina que foram expressas no discurso da aluna *Frida*, Abreu (1995) e Altmann (2015) observaram em suas pesquisas que os mecanismos de discriminação nas aulas de Educação Física se dirigiam mais a falta de habilidade dos sujeitos do que a seu gênero. Nesta lógica, se forem oferecidas oportunidades para que, apenas, os meninos enquanto grupo social dominante validem os sentidos e significados sobre a prática do futebol na escola, a desqualificação da visão feminina sobre este esporte como um jogo de pertencimento e prazer continuará contribuindo para a exclusão das alunas nas aulas, visto que, o foco do seu interesse encontra-se voltado a elementos do jogo que se diferem dos do grupo que se encontra em vantagem.

Outro ponto recorrente na fala dos estudantes foi a generificação das habilidades esportivas:

Ah, professora, foi bom porque elas brincaram, se divertiram. Mas futebol “à vera mesmo” é com a gente. Elas são muito delicadas, têm medo da bola, ficam rindo quando erram. A gente não, a gente quando entra em campo joga duro, joga sério (DISCENTE RASTA).

Realmente nosso jogo foi muito diferente dos jogos dos meninos, a técnica deles é outra. Mas acho que não acho que tem que ficar nessa de comparar não, até para não cair naquela que mulher para jogar bem, tem que jogar igual a homem (DISCENTE ANDRÓGENA).

Ao fazermos uma ponte entre a fala do estudante *Rasta* e o olhar reflexivo de Bourdieu (2002) percebemos que o futebol se enquadra como um artefato cultural associado à identidade masculina, oportuno para a produção de signos visíveis como a força, a competitividade, a coragem, que atestam esta masculinidade. Neste âmbito, como as características do jogo das meninas não convergem com essa visão viril, ele foi classificado como uma brincadeira que não corresponde ao que é o futebol. Desta feita, o discurso do discente corrobora o pensamento de Messner (1992, *apud* ALTMAN, 1995), que afirma que os esportes são uma instituição generificada, ou seja, construída por relações de gênero e generificadora por ajudarem a construir uma ordem de gênero vigente.

Por sua vez, a apreciação da discente *Andrógena*, dirigida a analisar o futebol feminino tendo as próprias mulheres como referência e rejeitando comparações com o jogo praticado pelos homens, remete-nos à pluralidade e ao trânsito constante na construção dos gêneros, evidenciando que, como nos orienta Louro (1997), no interior de uma sociedade as concepções de feminino e masculino podem ser diversificadas e se transformarem ao longo do tempo.

Vale lembrarmos que, a partir do pensamento de Neira (2018), o futebol, como texto da linguagem corporal, é susceptível de múltiplas leituras, elaborações e reelaborações. Logo, à medida que, pela leitura e interpretação do texto literário, criamos condições para vivências, problematizações e contextualizações que favorecem a análise dos diversos ângulos que compõem esta modalidade, abrimos caminho para ressignificações culturais sobre o futebol e para a quebra de paradigmas e divisões sociais que estão culturalmente internalizados no entorno deste esporte.

Com vistas a ampliar para além dos gramados os horizontes de reflexão sobre os desafios enfrentados pelas mulheres que ocupam lugares reconhecidos como de hegemonia

masculina no sexto encontro (composto por duas aulas), demos prosseguimento à nossa sequência didática propondo a leitura de duas matérias jornalísticas: “*Saco cheio e bolso vazio. Jogar futebol tem efeito colateral para mulheres: salários baixos, assédio e preconceito até da família...*”⁴⁹, e “*Disparidade de gênero ainda é obstáculo para mulheres seguirem carreira em ciências exatas*”⁵⁰.

Para Cosson (2014), a leitura de textos que tenham ligação com a obra central possibilita uma melhor focalização sobre o tema da leitura, permitindo que se teçam aproximações entre o que já foi lido e o novo texto. Em virtude disto, selecionamos as matérias acima porque elas discorrem sobre temáticas como a sub-representação feminina nas ciências exatas, disparidade salarial, abuso e importunação sexual, assédio moral, questionamento da sexualidade, dentre outros aspectos presentes no cotidiano das atletas de futebol e das alunas de cursos superiores das ciências exatas. Neste sentido, ambos os textos permitem um diálogo intertextual com o conto *Mutola*, de Paulina Chiziane, propiciando que se fizesse um contraponto entre o contexto histórico de produção da obra moçambicana e as problemáticas enfrentadas pelas protagonistas das matérias.

Subdividimos os estudantes em quatro equipes e solicitamos que eles realizassem a leitura dos textos de forma silenciosa. Em seguida, pedimos que socializassem entre o próprio o grupo os tópicos que consideraram relevantes no texto. Depois, orientamos que, com base nos pontos destacados, cada equipe elaborasse três perguntas para compor o roteiro da “*coletiva de imprensa*” na qual entrevistáramos uma atleta de futebol amador, a professora de química da escola, e uma advogada, atleta de futebol amador e presidente da comissão esportiva da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) na seção regional de João Pessoa-PB.

A “*Coletiva de imprensa*” aconteceu ao redor de uma mesa no pátio da Escola Liliosa, de maneira que, logo depois que as convidadas se apresentaram para a turma contextualizando os locais sociais de onde falavam, as perguntas foram sendo feitas pelos/as alunos/as num clima de empatia e informalidade.

O primeiro questionamento dos/das discentes foi se, de fato, as entrevistadas encontraram dificuldades para ingressarem em seus locais sociais. Como resposta as convidadas discorreram:

⁴⁹ Matéria dos jornalistas Brunno Carvalho e Felipe Pereira para a coluna UOL Esporte a respeito as problemáticas enfrentadas pelas atletas dos 16 clubes da série A do Campeonato Brasileiro de Futebol. Disponível em: <https://www.uol/esporte/especiais/pesquisa-feminino-2017.htm>>acesso em 10/03/2019

⁵⁰ Matéria da colunista Larissa Lopes para o site Jornal do Campus da USP que aborda as dificuldades e desafios das mulheres que ingressam em carreiras ligadas a área de exatas. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2017/01/disparidade-de-genero-ciencias-exatas/>>acesso em 10/03/2019

Tanto na Química quanto na Engenharia era bem complicado porque mesmo eu convivendo bem com os colegas sempre foi muito solitário. Era comum ouvir de alguns professores que eu não ia conseguir “pagar” tal “cadeira” do curso porque eu era mulher, que não davam duas semanas para eu trancar a disciplina. Quando eu ouvia esses comentários ninguém me defendia, então era focar em estudar e mostrar que eu podia. (PROFESSORA DE QUÍMICA).

Acho que as dificuldades maiores apareceram quando eu assumi o comando da pasta dos esportes da OAB, fazer os colegas entenderem que nós tínhamos o direito e, portanto, iríamos fazer uso do nosso espaço gerou muitos conflitos no início. Alguns colegas reclamaram bastante quando começamos a usar o campo de futebol oficial da associação, eles queriam que nós utilizássemos apenas os menores, porque, na visão deles, para nosso futebol aquele já estava de bom tamanho. Mas nos mantivemos firmes e eles acabaram cedendo. (ADVOGADA).

Eu não encontrei muitas barreiras não. Meu pai sempre me incentivou, sempre brincou de futebol comigo, então isso nunca foi um problema entre a gente. Ele quem me matriculou em escolinha, que correu atrás para eu entrar no time. Minha mãe também não acha ruim não. Mas isso não é o que acontece com todo mundo, tenho muitas colegas que não têm muito apoio, outras que não têm apoio nenhum do pessoal de casa e também algumas que desistiram de jogar por conta de pressões da família. (DISCENTE ATLETA).

Por meio destas falas, observamos que em nossa sociedade é comum que a mulher seja representada como um sujeito frágil e inferior, que não dispõe de recursos intelectuais e/ou emocionais para obter a aprovação em disciplinas das ciências exatas, nem de uma habilidade técnica que justifique o uso do campo oficial de futebol. Segundo o olhar de Bourdieu (2002), isto ocorre porque “o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes”. Nesta esfera, as construções de sentido sobre o masculino e o feminino impõem usos legítimos do corpo, incentivam práticas coniventes com o seu sexo e desencorajam ou proíbem condutas relacionadas ao sexo oposto.

Ressaltando pontos de conexão entre as narrativas das entrevistadas e acontecimentos ocorridos na escola, algumas alunas também discorreram sobre situações cotidianas marcadas pela resistência à presença feminina e pela dominação masculina. Elas mencionaram o fato de, em edições anteriores dos jogos interclasses, as partidas femininas terem ocorrido com um tempo menor que as masculinas e reclamaram de a presença feminina em campo ser comumente ignorada pelos meninos em jogos mistos de futebol.

De acordo com Louro (2000), os grupos sociais que assumem posições centrais, a exemplo dos homens nas ciências exatas e no futebol, têm a possibilidade não apenas de representar a si mesmos e também aos outros apresentando sua ética e estética como padrão. Por esse motivo, tanto nos relatos das entrevistadas, quanto no das alunas, os homens se sentem confiantes para impor sua visão de mundo oferecendo resistência à presença das mulheres nos locais sociais legitimados como sendo apenas deles.

Os relatos subscritos por nossas colaboradoras sinalizam ainda que, como observa Lins (2016), as desigualdades de gênero também são operacionalizadas dentro das instituições de ensino, de modo que as normas e os estereótipos de gênero se reproduzem, inclusive, nas disciplinas e nos conteúdos escolares. Concomitantemente, reafirmam o debate sobre relações de gênero no contexto da escola como elemento fundamental para que os diferentes grupos sociais que coexistem em seu universo tenham acesso equitativo ao conhecimento e às práticas corporais, como é o caso do futebol.

Ao longo da entrevista, perguntas que se referiam a possíveis casos de importunação e/ou assédio sexual e sobre questionamentos quanto à sexualidade das entrevistadas também foram feitas pelo alunado. As respostas a seguir merecem ser destacadas:

Eu tive um professor que primeiro duvidou que eu entrasse num projeto de pesquisa dele, mas eu fiz a prova e passei. Logo nos primeiros dias no laboratório quando estávamos só nós dois ele veio com um papo estranho, se insinuando dizendo que eu sabia o que ele queria de mim. Como eu sou uma pessoa explosiva, eu dei uma senhora esculhambação nele no ato, não quis nem saber se ele ia me expulsar da pesquisa. Ele deu uma de doido e tentou desconversar e eu avisei que se isso se repetisse eu iria sair e denunciá-lo. Comigo parou por aí, mas eu fico pensando que isso pode ser comum, que talvez não pare com outras meninas, ou que elas não consigam ter uma atitude enérgica por medo. O curso já é pesado e ainda tem essa dificuldade. (PROFESSORA DE QUÍMICA).

Essa conversa de que mulher que joga bola é “sapatão” existe sim. Já me perguntaram coisa desse tipo. Eu acho idiota, mas não me importa. Algumas meninas jogam e são, outras jogam e não são. É uma coisa não tem nada a ver com a outra. (DISCENTE ATLETA)

Podemos inferir que a investida de cunho sexual citada na narrativa acima consiste em uma tentativa do ex-professor em afirmar seu poder perante a aluna, intrusa em um ambiente acadêmico que não foi representado para ela. Conforme o mesmo autor, situações como esta costumam ocorrer porque “se relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio da divisão fundamental entre o masculino ativo, e o feminino passivo” (BOURDIEU, 2002, p. 29-30).

Já a vigilância sobre a identidade sexual das atletas está relacionada à construção de estereótipos sociais que avaliam a feminilidade da mulher pela exterioridade do seu corpo. Nesta lógica, associam a prática do futebol feminino à masculinização e à homossexualidade como se aparência corporal fosse um fator que determinasse a orientação sexual. Na visão de Goellner (2005), isto acontece porque:

Agrega-se [...] ao discurso da masculinização da mulher a associação entre a aparência corporal e a identidade sexual, ou melhor, a suspeição de que a mulher que habita esse corpo "viril" vivencia seus desejos, seus amores e seus prazeres a

partir de um referente que não aquele considerado como "normal", qual seja o da heterossexualidade (GOELLNER, 2005, p.149).

A partir das situações descritas pelas entrevistadas, podemos depreender que os discursos que circulam no entorno da mulher que está inserida em contextos sociais legitimados como masculinos encontram-se fortemente ancorados em perspectivas essencialistas de gênero que, conforme Louro (2000), determinam formas universais para que todas as mulheres vivenciem os seus corpos.

Na ótica de Weeks (1995 *apud* LOURO, 2000), estes discursos têm corpo como a corte de julgamento final sobre aquilo que a mulher é ou o que pode se tornar. Logo, a representação da mulher tendo o aparato biológico como referência regula, normatiza e dissemina verdades sobre a construção da identidade e da sexualidade feminina, produzindo efeitos sociais no cotidiano de mulheres que ocupam locais sociais que não correspondem ao seu sexo biológico como os que foram aludidos ao longo da entrevista: sub-representação feminina na área de exatas, isolamento, preconceito e solidão no percurso da vida acadêmica, a falta de visibilidade, condições adversas de trabalho e baixos salários do futebol feminino.

As reflexões possibilitadas pela realização da *Coletiva de Imprensa* confirmaram a relevância de questionarmos como algumas identidades e práticas sociais e ou culturais têm sido legitimadas ou marginalizadas na sociedade e reiteraram a importância da atuação do professor como mediador das discussões sobre gênero. Como a instituição escolar é um *locus* social onde circulam múltiplos discursos, visões excludentes e processos de padronizações de comportamento para meninos e meninas podem ser legitimados ou combatidos a partir da própria escola e, em especial, a partir do exercício em sala de aula no dia a dia com cada aluno, cada aluna.

Para concluir nosso bloco temático, em nosso sétimo e último encontro, ocorrido em sala de aula, elaboramos junto com o alunado uma campanha de empoderamento⁵¹ feminino, na perspectiva de criar um espaço de discussão no meio virtual onde os/as estudantes pudessem divulgar um conteúdo digital que inspirasse outras mulheres a reconhecerem e superarem as barreiras instituídas pelas normas de gênero no futebol e na sociedade de modo geral. Além disso, intentávamos que, mesmo quando as atividades deste bloco temático fossem encerradas, o perfil fosse mantido para permitir que os/as estudantes retomassem as

⁵¹O conceito de empoderamento feminino *empowerment*, que deve ser compreendido, à luz de Léon (2001, *apud* CORTEZ; SOUZA, 2008), que o descreve como o reconhecimento das restrições sociais a que determinada categoria social está submetida e a necessidade da reversão dessa situação, por meio de mudanças em um contexto amplo (inserção em cargos de poder/decisão, educação não sexista e serviços de saúde adequados) e contextos individuais (aumento de autoestima e autonomia, reorganização do trabalho doméstico).

discussões sobre a mulher na sociedade sempre que julgassem pertinente. O perfil permanece aberto, contudo após o período de realização da pesquisa foi utilizado apenas uma vez para a divulgação de uma ação promovida pelo governo do estado para a inserção das mulheres no universo da criação dos jogos digitais.

Iniciamos a aula explanando sobre os objetivos da campanha e discutindo sobre qual rede social seria a mais indicada para desenvolvê-la. Em comum acordo com os estudantes, optamos por utilizar o *Instagram*, pois na visão deles, dentre as redes sociais disponíveis, esta era a que possuía a maior popularidade entre os adolescentes. Na oportunidade, também escolhemos o nome do perfil por meio de uma votação com a turma. Dentre os nomes sugeridos, o nome “Cartola das Minas” (que havia sido proposto pela professora) foi o selecionado. A criação do perfil ficou a cargo das discentes *Empatia* e *Ternura*, que se ofereceram para fazê-lo.

Estabelecemos que os conteúdos elaborados deveriam ser divulgados por meio de postagens no perfil *Cartola das Minas* com frequência quinzenal ou semanal, podendo constar de divulgação de histórias de atletas e personalidades femininas inspiradoras, notícias sobre problemáticas enfrentadas pela mulher na sociedade, indicação de literatura de autoria feminina, vídeos em plataformas virtuais, filmes, sites, podcasts e perfis que abordassem temáticas ligadas à mulher no futebol e na sociedade.

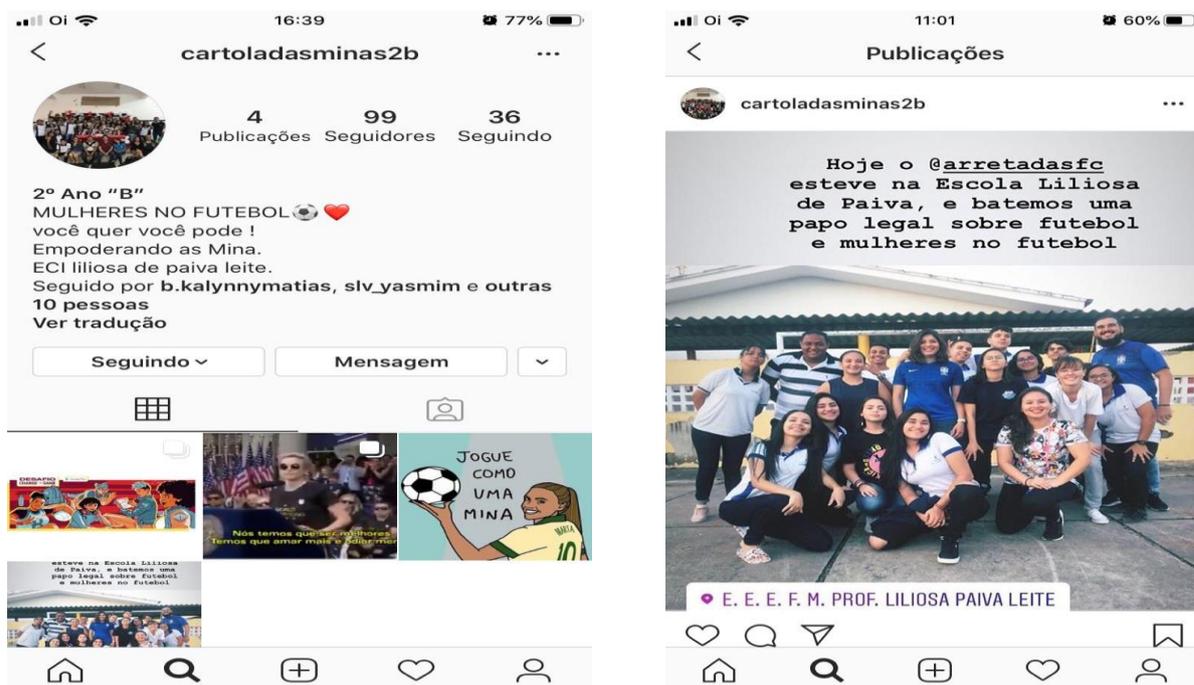
Antes do compartilhamento das postagens, poderiam ser feitas *enquetes* com perguntas a respeito da opinião e do conhecimento prévio dos seguidores sobre os temas e os/as alunos/as também teriam a opção de produzir *stories* com fotografias, vídeos e ou áudios com explicações e discussões sobre a postagem central, no objetivo de produzir tráfego na conta. A postagem principal deveria conter uma foto ou vídeo, acompanhada de uma legenda que externasse o pensamento dos estudantes a respeito do assunto que estava sendo tratado.

Como nós tivemos prejuízos no calendário de aulas por conta eventos ocorridos na escola, optamos por criar um grupo com todos os alunos no aplicativo *Whatsapp* para monitorarmos o andamento da atividade, reiterarmos as instruções sobre a campanha e dirimir possíveis dúvidas a respeito das postagens

A primeira atividade realizada pelos alunos foi a divulgação da conta *@cartoladasmina2b* que foi feita através da produção de *stories* nas contas pessoais dos/das estudantes explicando do que tratava o perfil e recomendando que as pessoas o seguissem. Como resultado do trabalho de divulgação em três dias, alcançamos a marca de setenta e três seguidores e foi dado início ao trabalho com as postagens.

Ao todo foram realizadas três postagens em nossa campanha de empoderamento (cf. figura 19, p. 129). A primeira postagem foi de uma fotografia divulgando a visita do *Arretadas Futebol Clube* na escola, o que, na ótica dos/das discentes, consistiu em uma oportunidade significativa para a percepção do futebol como um espaço de empoderamento feminino, conforme podemos ver:

Figura 19: Feed do *Instagram* e postagem 1



Fonte: acervo da pesquisadora

O segundo post constou de um desenho da jogadora Marta, cuja legenda foi dirigida a encorajar as mulheres a lutarem pela conquista de espaço no futebol e em outros espaços sociais onde elas ainda encontram barreiras para serem aceitas (cf. figura 20, p. 130).

A terceira e última postagem foi a reprodução de um vídeo do discurso da jogadora norte-americana Megan Rapione no qual, logo após a conquista da copa do mundo feminina, ela discorre sobre a importância das pessoas estarem engajadas na luta por justiça social e equidade entre os gênero e ressalta o jogo de futebol feminino como um palco que pode trazer visibilidade a estas lutas. Na legenda as estudantes destacaram o esporte como um espaço que pode dar visibilidade às lutas contra a discriminação e preconceito de gênero, haja vista que na voz delas a escolha da mulher pelo jogo de futebol é também um ato político (cf. figura 21, p. 131).

Figura 20: Postagem sobre empoderamento feminino.



Fonte: acervo da pesquisadora

Mesmo que a campanha tenha ocorrido num período curto e tenha contado com uma quantidade resumida de postagens, as figuras que contêm duas das três legendas elaboradas pelos alunos denotam que as discussões efetuadas ao longo deste bloco temático contribuíram para ressignificar as representações dos discentes sobre mulher no futebol. A visão externada em seus discursos evidencia que o futebol que, anteriormente considerado apenas como um espaço de reprodução de estereótipos feminino, hierarquizações e desigualdades entre os gêneros, passou a ser visto como um campo oportuno de subversão das normas de gênero e afirmação da identidade mulher.

Figura 21: Postagem do discurso da atleta Megan Rapinoe.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Outrossim, o curto espaço de tempo no qual os/as estudantes conseguiram conquistar seguidores e curtidas, e gerar tráfego no perfil denota que as redes sociais, muitas vezes usadas para a disseminação de discursos de ódio e para reprodução de estereótipos e preconceito de gênero, podem configurar-se como um espaço onde a voz de diferentes mulheres que lutam pela equidade entre os gêneros podem ser ouvidas, posto que as mídias sociais digitais vêm conquistando cada vez mais espaço nos últimos tempos e atingindo um público cada vez maior.

Assim, ainda que não seja inédito constatar que Educação Física precisa assumir uma postura mais expressiva no sentido de questionar as naturalizações sobre os corpos e as práticas corporais que são construídas a partir de uma divisão binária de gênero, a novidade apresentada pelo desenvolvimento das atividades pedagógicas deste bloco temático consistiu na possibilidade de trazer as discussões de gênero para o debate vislumbrando o texto literário como recurso metodológico que permitiu enxergar o futebol a partir de um viés não meramente biológico, mas, sim, como uma prática inscrita historicamente que revela muito do modo como as sociedades têm pensado os valores e os lugares para o masculino e o feminino.

Por fim, ao defendermos a utilização de textos literários que tematizam as representações da mulher no futebol na aula de Educação Física, colocamo-nos no entrecruzamento de fronteiras das estruturas de poder que determinam as feminilidades e

masculinidades dos sujeitos e que também particionam os conhecimentos disciplinares, pois advogamos que práticas de ensino transdisciplinar podem ampliar a multiplicidade de olhares e direcionamentos para este tema, permitindo que ele seja difundido a partir de um prisma cultural de equidade, inclusão e pluralidade e que, assim, seja possível haver o trânsito livre das identidades e de configurações de gênero não binárias, o que pode contribuir para a quebra de paradigmas e estereótipos e para o desenvolvimento de relações mais justas na aula de Educação Física e para além dela.

3.5 Segundo tempo da prorrogação (quatro aulas): O futebol e as relações étnico raciais: por uma tática para o reconhecimento das diferenças e superação das desigualdades raciais.

O quarto e último bloco de aulas de nossa sequência didática foi desenvolvido ao longo de quatro aulas dirigidas a refletir sobre as representações do negro na sociedade, tendo o futebol como referência, e promover a valorização da identidade negra na escola. Optamos pelo trabalho com este eixo temático, porque, alinhados com o pensamento de Daólio (1995, p. 40), cremos que, dentro e fora da escola, “mais do que um aprendizado intelectual o indivíduo adquire um conteúdo cultural que se instala no seu corpo no conjunto de suas expressões”, de modo que se faz pertinente refletir sobre os significados atribuídos ao corpo do negro e aos processos históricos e culturais que o perpassam.

Apoiados pelo pensamento de Neira (2018), concebemos que, ao tematizarmos as práticas corporais, os marcadores sociais que as atravessam podem ser questionados e a gestualidade dos vários grupos sociais reconhecidos e valorizados. Assim, ao longo deste bloco de aulas, optamos por viabilizar práticas educativas e de letramento literário com o futebol, voltadas a ampliar o horizonte de expectativas dos alunos a respeito das questões étnico-raciais no futebol e na sociedade.

Dando início às reflexões, o nosso primeiro encontro ocorreu no ambiente da sala de aula. Realizamos a dinâmica “Tá na cara” que correspondeu à etapa de *motivação*. Esta atividade teve por objetivo discutir os modos como as pessoas representam as pessoas negras e brancas na sociedade, e foi estruturada da seguinte forma: a turma foi subdividida em dois grandes grupos “A” e “B”. Cada grupo recebeu um envelope com fotos⁵² de pessoas comuns em diferentes locais sociais (mulheres e homens em casa, na escola, no trabalho, na rua).

⁵² As fotos utilizadas nesta atividade encontram-se disponíveis para consulta no ANEXO G.

Entretanto, todas as fotos contidas no envelope entregue ao grupo “A” eram de pessoas brancas, já as do grupo “B” tinham somente imagens de pessoas negras. De posse dos envelopes, as equipes foram orientadas a imaginar uma identidade para a pessoa da foto e posteriormente a explicar por que as representaram daquela forma. Os dois grupos não podiam se comunicar até o momento de discorrer sobre os sujeitos imaginados para toda a turma. Ambas as equipes tiveram 15 minutos para imaginar as identidades.

Prosseguindo com a atividade, realizamos uma roda de conversa para a qual convidamos os/as estudantes e deveriam discorrer sobre as identidades imaginadas para os sujeitos das fotos. Problematizamos as figuras que foram associadas a identidades promissoras e bem sucedidas e as que foram imaginadas subalternas e marginalizados, refletindo se os motivos que levaram os/as alunos/as a atribuírem tais identidades teve relação com a cor dos sujeitos. A revelação das identidades imaginadas para os sujeitos das fotografias foi ocorrendo de forma simultânea, de modo que, quando um grupo discorria sobre um sujeito, a outra equipe era convidada a explicar sobre o sujeito correspondente. Ao compararmos as identidades atribuídas aos sujeitos negros em relação às pensadas para os brancos, podemos observar que, em sua maioria, os brancos foram representados ocupando posições sociais privilegiadas, enquanto os negros foram imaginados como indivíduos subalternizados (cf. quadro7, p.134).

Embora nenhum dos grupos tenha utilizando a cor da pele como justificativa para a elaboração das representações, comentários como os que se seguem foram frequentes.

Olha só pessoal, vejam só se vocês não concordam. Essa mulher aqui ó, toda com cara de rica, organizada, cabelo feito, cara de enjoada, só pode ser mulher de barão. Aquelas ricas que não fazem nada em casa e gastam o dinheiro do marido no shopping. (DISCENTE MALUQUETE sobre a fotografia da mulher branca segurando roupas numa loja)

Essa menina aqui tem cara de quem é vendedora da loja, segurando as roupas que alguma cliente pediu. (DISCENTE UNICÓRNIO sobre a fotografia da mulher negra segurando roupas numa loja)

Ah professora, olhe só para esse cara, imagine a cena. – Ele sendo uma pessoa que a senhora não conhece, correndo numa rua, vindo na direção da senhora. – A senhora vai pensar que é o que? - Tem cara de “môfi”! O povo quer que eu diga que ele parece um cara correndo atrasado, ou fazendo esportes, mas se não fosse o medo de ser taxado de preconceituoso todo mundo ia dizer que parece um ladrão. Eu digo mesmo. (DISCENTE MINION sobre o homem negro correndo).

Quadro 7: Identidades imaginadas pelos discentes.

TIME DOS SONHOS	TIME DA REALIDADE
Pelé	Homem negro presidiário
Nelson Mandela	Jovem negro assassinado
Martin Lutherking	Criança negra com prato vazio
Iza	Mulher negra vítima de violência
Neymar júnior	Babalorixá em terreiro destruído por ações de vandalismo
Garrincha	Executivo negro
Carolina de Jesus	Turma de formandos de medicina com uma única formanda negra
Joaquim Barbosa	Homem negro analfabeto
Lázaro Ramos	Família negra de baixa renda
Patrícia Era Bath	Político negro

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nas respostas dos/das estudantes

Ao observarmos a narrativa do alunado percebemos uma concepção segregacionista e dicotômica respeito das identidades e das representações de sujeitos, na qual o branco é associado a um imaginário de hegemonia e privilégios, enquanto o negro é representado em uma atmosfera subalterna e marginal. De acordo com Gomes, (2002), essa associação do negro à posição de subalternidade não se dá como uma simples coincidência, mas é fruto um processo no qual as desigualdades construídas socialmente passam a ser consideradas como características próprias do negro, que passa a ser visto através dos mais variados estereótipos, que impedem que ele seja reconhecido e valorizado como sujeito histórico, social e cultural.

Continuando com o encontro, viabilizamos uma roda de conversa utilizando as identidades imaginadas pelos discentes como elementos mobilizadores de nossas reflexões. Problematicamos e refletimos sobre as relações de convergência e/ou disparidade entre os locais e papéis sociais imaginados negros e brancos na sociedade e sobre o que levou os estudantes a representá-los deste modo. Discutimos sobre a percepção dos estudantes sobre os modos como os diferentes grupos étnicos usufruem sobre os direitos assegurados pela constituição federal e dialogamos ainda sobre o preconceito racial na sociedade brasileira e no esporte. As falas a seguir sintetizam os pensamentos dos adolescentes:

Ah, professora acho que deu mais branco fazendo coisa massa e negro mais ferrado porque na vida é o que acontece. É só passar numa comunidade mais pobre, que o que mais se vê é o pessoal com a pele mais escura. Em profissão mais simples tipo pedreiro, empregada, faxineira também. Não é preconceito nosso não, é porque a gente foi imaginando igual a gente vê. (DISCENTE MALUQUETE)

Eu acho que tem mais branco bem sucedido porque o branco estudou, se passou num vestibular para algo melhor vai ter uma vida melhor obvio. Mas todo mundo

tem capacidade, de vez em quando a gente vê notícia de gente negra, gente pobre que era gari que passou para medicina. É só se dedicar. (DISCENTE VIAJANTE)

Eu acho que tem muito racismo sim, e que o tratamento é diferente com negro e branco. Eu sou branca posso ir e vir sem ninguém achar que eu estou roubando nos cantos. Nenhum segurança desconfia de mim nem me olha torto quando entro em loja, mas eu já vi fazerem isso com pessoas negras sem nenhum motivo, sem a pessoa estar fazendo nada de suspeito, só pela cor da pele. (DISCENTE EMPATIA)

Oxe, cadeia num tem negro pela cor da pele não. O “Maluco” está lá porque ele rouba, mata faz, coisa errada. Vai preso porque é ruim. Eu mesmo sou preto e sou de boa tem nada a ver isso de cor não. Todo mundo é humano. (DISCENTE RASTA)

O discurso da maior parte dos alunos evidencia que problemáticas sociais complexas como as dificuldades de acesso à educação, emprego, renda, encarceramento do povo negro não são percebidas como desdobramentos da desigualdade social e racial existente no Brasil, mas a partir de uma visão essencialista que denota desconsideração e/ou desconhecimento sobre questões históricas, econômicas e sociais que recaem sobre a população negra na sociedade brasileira. Ademais, se considerarmos que esta turma encontra-se no penúltimo ano do ensino médio, este tipo de discurso descortina ainda que no percurso estudantil da maioria destes/destas discentes a escola assumiu uma postura de isenção e silenciamento no trato com a questão racial e social colaborando para a manutenção de concepções naturalistas sobre as desigualdades raciais e sociais presentes em nossa sociedade.

Gomes (2003, p.170) considera que “é por meio da educação que a cultura introjeta os sistemas de representações e as lógicas construídas na vida cotidiana, acumulados (e também transformados) por gerações e gerações”. Assim, é profícuo salientar sobre a importância de que a escola assuma o compromisso de contribuir com a superação do silenciamento em relação a questão étnico racial no Brasil, criando oportunidades para que, além do compartilhamento dos conteúdos disciplinares, os/as discentes possam questionar e ampliar suas visões de mundo e ressignificar o modo como constroem valores, crenças e hábitos em relação aos sujeitos de diferentes etnias.

A segunda aula deste bloco foi destinada à leitura da crônica “A realeza de Pelé” (cf. ANEXO E) de autoria de Nelson Rodrigues, na qual o autor apresenta o futebolista como protagonista a partir de uma visão afirmativa do negro. A figura de Pelé é composta por características como, bravura, talento, autoconfiança, imponência que fazem do craque negro protagonista do time e do jogo, impulsionador de vitórias da seleção brasileira e fonte de inspiração para jogadores, torcedores e adversários.

[...]É preciso algo mais, ou seja, essa plenitude de confiança, de certeza, de otimismo, que faz de Pelé o craque imbatível. Quero crer que a sua maior virtude é,

justamente, a imodéstia absoluta. Põe-se por cima de tudo e de todos. E acaba intimidando a própria bola, que vem aos seus pés com uma lambida docilidade de cadelinha. [...] Na Suécia, ele não tremerá de ninguém. Há de olhar os húngaros, os ingleses, os russos de alto a baixo. Não se inferiorizará diante de ninguém. E é dessa atitude viril e mesmo insolente que precisamos. Sim, amigos: — aposto minha cabeça como Pelé vai achar todos os nossos adversários uns pernas-de-pau. (RODRIGUES, 1958, s/p)

A crônica foi lida oralmente por um dos discentes, acompanhada silenciosamente pelo restante da turma e procedida por uma roda de conversa na qual os alunos puderam socializar suas impressões e discutir sobre as temáticas suscitadas pelo texto. O fato de o protagonista ser um homem negro que teve suas qualidades exaltadas do início ao fim da crônica foi o aspecto que mais chamou atenção dos alunos. Alguns deles observaram que não é comum que nos textos literários e/ou não literários trabalhados na escola o sujeito negro seja apresentado do modo afirmativo como o que foi proposto pela crônica.

Tá ai, apesar desse texto ter algumas palavras estranhas gostei de como esse texto fala de Pelé. O negão é o cara! Não abre para ninguém, sabe seu valor. Não “passa pano” para branco de time nenhum. Deu até vontade de conhecer como era ele jogando naquele tempo. (DISCENTE VIAJANTE)

Eu achei “massa” esse texto falar de um homem negro assim, porque na escola a gente só conhece o negro como o escravo que foi roubado da África a força. Esse texto dá orgulho de ser negro, da vontade de ser foda como Pelé. (DISCENTE RASTA)

Professora a senhora já parou para ver que até na novela quase não tem personagem principal negro. Que o negro geralmente só pega mais papel para ser pessoal da comunidade essas coisas, é muito raro quando ele é a estrela. Isso também é racismo ou desigualdade né? Sei lá (DISCENTE MALUQUETE)

O discurso do alunado em relação à forma como o negro é representado na escola e nos meios de comunicação em massa ratifica o pensamento de Gomes (2002), que salienta que em vários currículos do ensino fundamental e médio é comum que o negro seja apresentado aos/as estudantes pela figura do escravo, sem passado, sem história ou através do liberto marginalizado. Conforme a mesma autora a reprodução acrítica desta narrativa faz com que as desigualdades construídas socialmente passem a ser consideradas como características próprias do negro, contribuem para que ele seja visto através dos mais variados estereótipos sociais e desconsideram sua importância para a formação social, cultural e histórica do Brasil.

Ainda na roda de conversa questionamos se os/as estudantes concebiam que, assim como Pelé, é comum que os sujeitos negros consigam desempenhar papéis e ocupar locais de

prestígio na sociedade, e se acreditavam que o povo negro encontra-se em condição de equidade em relação aos outros grupos étnicos no que se refere à distribuição de emprego, renda, acesso à educação, saúde, moradia, segurança, ao que obtivemos respostas como:

Eu sou preto e não me sinto menor que ninguém não. Nem curto essas paradas de cotas, porque parece que o cara é mais burro porque é negro e tem de ser avaliado diferente. Se eu não passar em medicina, não é por causa da minha cor não, é porque eu estudo nessa escola que é do Estado que é bem mais fraca que das escolas dos playboyzinhos das praias. Lá eles têm tudo, independentemente da cor, aqui falta. (DISCENTE RASTA)

Acho que não tem isso de desvantagem por conta da cor da pele não, todo mundo é ser humano. De vez em quando passa no jornal gente negra que era gari, não sei o que é passou para curso concorrido. Isso mostra que todo mundo é ser humano e tem as mesmas chances de conseguir as coisas, ficar justificando que a pessoa não se dá bem na vida porque é negro que é racismo. (DISCENTE MINION)

A negação sobre as situações de desigualdade social enfrentadas pelo povo negro é um ponto que merece ser destacado na narrativa de boa parte dos discentes. Outro ponto que merece atenção é a percepção da cota racial como um dispositivo de facilitação da entrada do negro na universidade, e não como uma ação afirmativa voltada a promover a igualdade de oportunidades de ingresso das minorias em determinados setores do mercado de trabalho e nas escola, e a equalizar as disparidades sociais que segregam e hierarquizam as perspectivas de futuro de estudantes negros.

A visão da cota como o privilégio, a generalização de casos de ascensão social de sujeitos negros e o teor meritocrático presente na fala de muitos estudantes desqualificam ou desconsideram as desigualdades sociais que são experimentadas por sujeitos de diferentes etnias em nosso país. Tais discursos fundamentam-se na reprodução do mito da democracia racial, e na inculcação da ideologia do branqueamento, já que advogam que o critério racial jamais foi relevante para definir as chances de qualquer pessoa no Brasil, e concordam com a negação da ancestralidade africana, que está socialmente carregada de significado negativo (BERNARDINO, 2002). Nessa perspectiva, podemos dizer que ao negar a cota o estudante negro visa ser percebido como sujeito histórico, social e cultural, possuidor dos mesmos atributos do candidato branco na competição por uma vaga na universidade fugindo estereótipo do não-lugar social que lhe é imposto.

Se observado pelo prisma de Gomes (2002), o cenário acima delineado reafirma a importância de que a escola requalifique suas análises, posicionamentos e posturas em relação a complexidade da questão racial e suas implicações políticas, sociais, econômicas e culturais em nossa sociedade para que caminhe em direção ao reconhecimento das desigualdades e

valorização das diferenças entre os sujeitos dos diversos grupos étnicos de nosso país. Segundo a mesma autora a reeducação do olhar pedagógico sobre as questões raciais e étnicas é imprescindível, uma vez que, como instituição responsável pela socialização do saber e do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade, a escola possui um relevante papel na construção de representações positivas sobre o negro e demais grupos que vivem uma história de exclusão.

Encerramos a aula solicitando que, como atividade para casa a turma se organizasse em dois grandes grupos “A” e “B”. Pedimos que os estudantes do grupo A pesquisassem sobre o histórico de jogadores de futebol negros para compor um time com cerca de onze atletas. Já ao grupo B solicitamos que reunissem dados a respeito do histórico de personalidades negras de sucesso. Ambos os grupos foram orientados a reunir as seguintes informações: dados sobre o contexto de vida dos atletas de futebol ou personalidades negras, principais habilidades técnicas e táticas do atleta negro no futebol, grandes feitos deste atleta de futebol e da personalidade, uma imagem impressa deste/desta atleta ou personalidade do tamanho de meia folha de papel A4.

Nos dois encontros subsequentes estava previsto que os/as alunos/as deveriam compartilhar com os colegas os dados obtidos sobre os atletas e personalidades negras solicitadas na atividade para casa acima explicitada e que um momento seria reservado para que o alunado exercitasse os fundamentos táticos e técnicos característicos dos craques pesquisados e também a realização de uma nova atividade de pesquisa a respeito de problemáticas relacionadas a população negra no Brasil como casos de intolerância em relação as religiões de matriz africana, números sobre a alfabetização da população negra no Brasil, índice sobre o racismo em nosso país dentre outros temas.

Por conta da realização de dois eventos referentes ao calendário pedagógico da escola no horário da aula de Educação Física, e em virtude do encerramento do bimestre, os dois encontros acima descritos não puderam ser realizados, haja vista que a aplicação da sequência didática tinha autorização para se estender somente até o final do segundo bimestre do ano letivo para que não prejudicasse planejamento anual da escola.

Para garantir o fechamento deste bloco de aulas e a mostra pedagógica que configuraria o fechamento de nossa sequência didática, o encontro que correspondeu ao momento de interpretação da sequência básica, condensou os três encontros acima em um único momento e ocorreu na perspectiva de refletir sobre o futebol como um dos espaços de afirmação da identidade e ascensão social do povo negro, mediante a construção de um mural denominado “Time dos sonhos X Time da realidade”. O mural deveria ser construído

utilizando fotos e dados sobre atletas e personalidades negras de sucesso e sobre os contextos vivenciados pelos sujeitos negros na sociedade brasileira que seriam reunidos pelos alunos encontros anteriores. Todavia, em virtude das alterações de calendário, a professora disponibilizou os dados e fotos para compor a escalação dos dois times e o mural construído com algumas adaptações em relação ao que havia sido planejado.

A sala foi disposta em um grande círculo e no meio dele foi estendido um pedaço de TNT retangular verde com medias de quatro metros de comprimento e dois de largura para compor o gramado, no qual os estudantes utilizaram fita adesiva colorida para desenhar as linhas do campo de futebol. As fotografias das personalidades⁵³ e dos sujeitos negros que vivenciam problemáticas sociais ligadas a questões étnicas foram espalhadas pelo chão (cf. quadro 8 p.140), os discentes foram convidados a escolher a imagem de um sujeito negro anônimo ou famoso que lhe chamasse atenção para que fosse colada no mural, e em sequência a professora questionava por que o/a estudante escolheu a foto, compartilhava informações a

⁵³**Pelé:** Edson Arantes do Nascimento é um ex-futebolista brasileiro que atuava como atacante amplamente reconhecido como um dos maiores jogadores de todos os tempos.

Nelson Mandela: Nelson Rolihlahla Mandela, foi advogado, líder rebelde e presidente da África do Sul de 1994 a 1999, considerado como o mais importante líder da África Negra, vencedor do Prêmio Nobel da Paz de 1993.

Martin Lutherking: Martin Luther King Jr. foi pastor protestante batista e ativista político estadunidense que se tornou a figura mais proeminente e líder do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos de 1955 até seu assassinato em 1968. King é amplamente conhecido pela luta dos direitos políticos através da não-violência e desobediência civil, inspirado por suas crenças cristãs e o ativismo não-violento de Mahatma Gandhi.

Iza: é uma cantora, compositora, apresentadora e publicitária brasileira, indicada no ano de 2018 ao Grammy Latino de Melhor Álbum Pop Contemporâneo em Língua Portuguesa

Neymar Júnior: Neymar da Silva Santos Júnior, é um futebolista brasileiro de destaque na atualidade que atua como ponta-esquerda e atualmente joga pelo Paris Saint-Germain e pela Seleção Brasileira.

Garrincha: Manuel Francisco dos Santos, o Mané Garrincha foi um futebolista brasileiro que se notabilizou por seus dribles desconcertantes. Conhecido como “O Anjo de Pernas”, é considerado por muitos o maior driblador da história do futebol.

Carolina de Jesus: Carolina Maria de Jesus, é considerada uma das mais importantes escritoras do Brasil. Moradora da favela do Canindé na zona norte de São Paulo, em 1958 teve seu diário publicado sob o nome *Quarto de Despejo*, com auxílio do jornalista Audálio Dantas, uma de suas obras mais expressivas que fez um enorme sucesso e chegou a ser traduzido para quatorze línguas.

Joaquim Barbosa: Joaquim Benedito Barbosa Gomes é um jurista e ex-magistrado brasileiro que foi ministro do Supremo Tribunal Federal de 2003 até 2014, tendo sido presidente do tribunal de 2012 a 2014. É formado em Direito pela Universidade de Brasília em 1979, especializou-se em Direito e Estado, também é mestre e doutor em Direito Público pela Universidade de Paris-II (Panthéon-Assas). Foi membro do Ministério Público Federal de 1984 até 2003, quando foi indicado para o Supremo Tribunal Federal.

Lázaro Ramos: Luís Lázaro Sacramento de Araújo Ramos é um ator, apresentador, dublador, cineasta e escritor de literatura infantil brasileira, indicado ao prêmio Emmy (2007) de melhor ator por sua interpretação na novela *Cobras & Lagartos*, como *Foguinho*.

Patricia Era Bath: foi inventora, humanitarista e acadêmica. Primeira mulher do Instituto de Olhos Jules Stein, primeira mulher a liderar um programa de pós-graduação em oftalmologia e a primeira mulher eleita para o quadro honorário do Centro Médico da UCLA. Também foi a primeira pessoa afro-americana a servir como residente em oftalmologia na New York University e a primeira mulher afro-americana a atuar como cirurgiã no Centro Médico da UCLA. Bath é a primeira médica afro-americana a receber uma patente para um propósito médico. Detentora de cinco patentes, ela também fundou o Instituto Americano para a Prevenção da Cegueira, sem fins lucrativos, em Washington, D.C.

respeito deste sujeito e problematizava estas informações com a turma. O ponto central da reflexão inspirada pelo mural era a problematização⁵⁴ dos entrecruzamentos dos marcadores de raça e classe social presentes cotidiano dos sujeitos negros anônimos e das personalidades.

Quadro 8: Personalidades e sujeitos negros anônimos que compuseram o "Time dos Sonhos" e "Time da Realidade

TIME DOS SONHOS	TIME DA REALIDADE
Pelé	Homem negro presidiário
Nelson Mandela	Jovem negro assassinado
Martin Luterking	Criança negra com prato vazio
Iza	Mulher negra vítima de violência
Neymar júnior	Babalorixá em terreiro destruído por ações de vandalismo
Garrincha	Executivo negro
Carolina de Jesus	Turma de formandos de medicina com uma única formanda negra
Joaquim Barbosa	Homem negro analfabeto
Lázaro Ramos	Família negra de baixa renda
Patrícia Era Bath	Político negro

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Esta aula transcorreu de forma conturbada, pois aconteceu um dia antes da realização de um festival de ginástica promovido pelo professor regente da escola. Embora a turma que compunha a nossa amostra não fosse apresentar nenhuma coreografia e fizesse parte somente da comissão organizadora do evento, cerca de metade dos alunos optou por não participar da aula para colaborar com a logística de preparação da escola para o festival.

A evasão destes estudantes ao longo da aula fez com que muitos dos discentes que optaram por ficar em sala de aula comesçassem a repreender os colegas que estavam se dirigindo para fora, uma vez que os mesmo tinham consciência de que não haveria outro momento para a realização das atividades previstas para este encontro. Como as tentativas da professora em convencer o alunado a permanecer na aula por meio do diálogo não surtiram efeito, ela os alertou sobre a possibilidade de haver prejuízo na nota qualitativa para aqueles que insistissem em sair de sala de aula sem autorização. Todavia o aviso foi ignorado, e inclusive, alguns discentes afirmaram que caso a penalidade ocorresse, eles também não participariam da mostra pedagógica como forma de revide.

⁵⁴ Para embasar nossa discussão sobre as desigualdades sociais e o racismo no Brasil, utilizamos da matéria "Você é racista – só não sabe disso ainda" da revista eletrônica *Galilleu* de autoria de Túlio Custódio e Gabriela Loureiro publicada em 5 de outubro de 2015. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/10/voce-e-racista-so-nao-sabe-disso-ainda.html>

Logo após o ocorrido acima, mesmo com uma quantidade resumida de alunos a produção do mural e as discussões realizadas foram produtivas. Os seguintes comentários a respeito das fotografias que comporiam O “Time dos sonhos” e “Time da Realidade” merecem ser destacados:

Ah professora eu acho engraçado que as pessoas morrem de pena das crianças negras da África, mas não ligam para as crianças daqui. As daqui são todas tratadas como trombadinha, como mofí, mal educado, morto de fome. O povo passa reto e nem ajuda. Mas se ver algum desastre ou coisas de fome por lá logo se compadece. É muito ruim isso. (DISCENTE EMPATIA sobre a criança negra com prato vazio).

Poxa professora eu tô besta, com essa informação que metade da população é branca e a outra metade é negra. E também tô besta com quantidade de jovens negros que morrem nesse país. Realmente se a população é meio a meio, por que só o negro morre? Tem que ter alguma coisa errada mesmo, alguma desigualdade. A gente fica com esse “fala” de que quem morre é porque faz coisa errada, mas se for parar para olhar as coisas por esse ângulo o buraco é mais em baixo, tem outras coisas envolvidas. (DISCENTE RASTA sobre imagem de adolescente negro morto).

A que mais me chamou atenção foi Iza. Essa mulher é muito linda, chega faz gosto de ver. Canta, dança, faz tudo. Mostra que não é preciso ser branco para ser bonito. Há vários tipos de beleza outras referências. (DISCENTE UNICÓRNIO sobre a foto da cantora Iza).

Eu escolhi essa achando que ela era apenas uma mulher negra e pobre. Fiquei passada com a senhora dizendo que ela é uma escritora famosa. Olhando para ela ninguém diz né? Mas é bom para a gente saber que há muitos talentos escondido por aí nas favelas nos lugares que a gente nem pensa, basta que esse pessoal tenha oportunidade. (DISCENTE MALUQUETE sobre a fotografia da escritora Maria Carolina de Jesus).

Joaquim Barbosa é um ícone, não sabia da história dele, se ele já era de família rica antes de ser juiz ou não, mas já admirava. Mas admirar ele tem um lado ruim porque ele é uma exceção, é muito difícil ver pessoas negras conseguirem chegar onde ele chegou. E eu acho que isso é culpa da desigualdade, porque ele teve que enfrentar muito mais coisa do que um branco enfrentaria, e a maioria dos negros se quiser melhorar de vida precisa enfrentar coisas a mais também. (DISCENTE CACHEADA sobre a fotografia do magistrado Joaquim Barbosa)

Professora eu gostei dessa atividade, porque a gente tá podendo entender melhor os porquês das coisas. Porque todo mundo ouve que tem mais negro analfabeto, pobre, presidiário, e a gente acaba se acostumando que esse é o normal, mas não é e tem vários fatores para isso. (DISCENTE BARBIE sobre os aspectos da desigualdade racial discutidos na produção do mural).

Ao longo desta atividade, conforme íamos explanando sobre as problemáticas ligadas as desigualdades de raça vivenciadas pela população negra no Brasil, pudemos observar uma postura mais sensível e empática por parte dos estudantes em relação a este assunto. Alguns discentes que em outras atividades apresentaram um discurso marcadamente meritocrático e

essencialista em atividades anteriores elaboraram novos posicionamentos a respeito das desigualdades sociais que estão presentes no cotidiano do negro reconhecendo os desafios enfrentados por esses sujeitos para a manutenção da própria sobrevivência e sua existência na sociedade. Nesta perspectiva esta experiência corrobora com o discurso de Gomes que argumenta que:

Mais do que simplesmente apresentar aos alunos e às alunas dados sobre a situação de discriminação racial e sobre a realidade social, política e econômica da população negra, a escola deverá problematizar a questão racial. Essa problematização implica descobrir, conhecer e socializar referências africanas recriadas no Brasil e expressas na linguagem, nos costumes, na religião, na arte, na história e nos saberes da nossa sociedade. (2002, p.46)

A aula foi finalizada com a fixação das fotografias dos dois times no mural que foi guardado para ser exibido e discutido na mostra pedagógica que seria realizada na semana seguinte. Mesmo com o prejuízo causado pela impossibilidade de realização de dois encontros, a efetivação desse bloco de aulas alertou-nos sobre o longo caminho que a escola precisa percorrer para favorecer um processo de implementação da Lei nº 10.639/2003⁵⁵ ajudando a superar a invisibilização e/ou a estereotipagem do trabalho com a temática racial ao longo dos conteúdos didáticos.

Do mesmo modo, as experiências desenvolvidas neste bloco de aulas nos mostraram que, como argumenta Hall (2003 p. 346) um dos caminhos para promover a identidade negra na escola e combater o racismo sem esbarrar em essencialismos culturais que silenciam as temáticas relacionadas a grupos minoritários, é voltar a “a nossa atenção criativa para a diversidade da experiência negra”, de modo permitir que o sujeito negro assuma seu protagonismo na reprodução da sua existência e na construção e reconstrução da sua cultura.

3.6 Show do intervalo (duas aulas): virando o jogo da aprendizagem num bate bola com a afetividade.

E necessário pontuar que em virtude da evasão ocorrida na aula anteriores da ameaça de boicote de praticamente metade da turma ao evento de finalização da pesquisa, julgamos necessário realizar um encontro que não estava previsto na sequência didática, a fim de que,

⁵⁵A Lei nº 10.639, de 2003, estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas públicas e privadas (fundamental e médio).

na ocasião, pudéssemos resolver conflitos e refletir com os discentes sobre condutas desrespeitosas assumidas por alguns deles na última aula.

Na oportunidade, consideramos pertinente discutir sobre importância da afetividade nas relações sociais estabelecidas no cotidiano escolar, realizar uma breve avaliação formativa sobre os conhecimentos produzidos nos quatro blocos de aula que haviam sido finalizados e dialogar sobre a realização da mostra de conhecimento.

O encontro-extra⁵⁶ ocorreu no espaço da sala de aula, um dia depois da realização do Festival de Ginástica, foi organizado em três momentos (experimento social⁵⁷, avaliação formativa e planejamento da mostra de conhecimentos) e teve a duração de duas aulas geminadas cedidas pela professora de biologia.

Preparamos o ambiente da aula dispondo as cadeiras em um grande círculo e no centro dele arrumamos uma mesa com suco, café, bolo e biscoitos finos. Numa caixa, também disposta sobre a mesa, anotamos algumas falas ditas pelos alunos para serem utilizadas em um experimento social que seria realizado neste encontro. Este experimento tinha o intuito de levar os estudantes a pensarem sobre o impacto afetivo de alguns dos seus discursos em vários momentos da aplicação da sequência didática.

Reescrevemos em primeira pessoa fragmentos de conversas entre alunos ocorridas em aulas anteriores. Nestes diálogos alguns estudantes se referiam à professora-pesquisadora de forma desrespeitosa e agressiva, utilizando expressões como – “Essa puta não sabe dar aula.” – “Eu odeio até a fala dessa mulher!” – “Eu quero mais que ela se fôda, não vou fazer o que ela está pedindo porque não quero e ponto!” – A ideia era que essas falas pudessem ser lidas pelos estudantes diante da turma e da docente, na tentativa de favorecer no alunado o desenvolvimento da empatia frente a situações de exclusão e desrespeito na escola.

Logo que os estudantes adentraram em sala pedimos que eles se sentassem nas cadeiras dispostas no círculo e informamos que gostaríamos que a aula acontecesse sem a expectativa do uso de métodos e técnicas efetivas de aprendizagem, mas que se desenrolasse na forma de uma conversa, franca e horizontal semelhante à de um grupo de amigos ao redor da mesa. Reiteramos que objetivávamos que o encontro transcorresse despido dos binômios

⁵⁶ O plano de aula deste encontro-extra encontra descrito no APÊNDICE G.

⁵⁷ O experimento social realizado na aula foi inspirado no experimento “Ninguém nasce racista. Continue Criança.” disponível no canal *Globo* na plataforma *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qmYucZKoxQA> acesso em:03/03/2019.

professor-aluno e pesquisadora-amostra para todos pudessem ser observados como sujeitos imersos nas relações sociais e afetivas estabelecidas dentro da escola.

Dando prosseguimento à aula, solicitamos que quatro pessoas se voluntariassem a participar de um experimento social e pedimos que eles sorteassem um papel dentro da caixa, mas que somente quando autorizados lessem seu conteúdo de forma silenciosa, para em seguida dizer em voz alta o que estava escrito, falando por três vezes nos olhando nos olhos.

A estudante *Estrangeira* foi a primeira a participar da atividade, a frase sorteada por ela foi – “Eu odeio você, odeio até o seu jeito de falar”. Após fazer a leitura silenciosa a aluna afirmou que não considerava correto dizer o que estava escrito no papel, e avisou que não conseguiria verbalizar a expressão de forma séria, olhando em nossos olhos, pois não era o que ela sentia. Fitando o chão, a aluna proferiu a frase duas vezes tentando eufemizá-la adotando um tom de brincadeira. Neste momento foi possível observar em muitos dos discentes expressões de desconforto e constrangimento por presenciarem o experimento.

A estudante *Empatia* ficou com a frase – “Sua puta, você não sabe dar aula!” – contudo, após fazer a leitura silenciosa da expressão, sua reação foi de negar-se a dizê-la em voz alta e de rapidamente rasgar o papel. Ela explicou que não conseguia falar porque considerava que o que estava escrito no papel era desrespeitoso, que não gostaria de ouvir algo semelhante e que, portanto, também não iria falar, nem conosco, nem com ninguém.

O discente *Mínion* sorteou a última frase – “Eu quero mais que você se fôda, não vou fazer o que você está pedindo e ponto!” – Após fazer a leitura silenciosa ele afirmou que aquilo era muito forte para ser dito diante de todos, mas que ia tentar dizer. Olhou-nos fixamente, adotou uma expressão séria e por duas vezes disse em voz alta o que estava escrito no papel. Na segunda repetição da frase o discente afirmou que não gostaria de dizer aquilo novamente e se desculpou com a professora. Neste momento a turma parecia atônita com a situação, todos estavam em silêncio, com uma expressão séria. Nós nos dirigimos a turma explicando:

Todas essas frases foram ditas por pessoas desta turma ao longo das nossas aulas, ainda que de forma indireta, sem olhar nos olhos, sem considerar que elas causavam impactos em quem ouvia. Elas foram ditas por vários alunos sobre a professora sem levar em consideração que a professora é gente. Gente de carne e osso, com uma certa experiência docente, mas que como qualquer um chora, se sente insegura, se entristece, se magoa. Muitas vezes, aqui na nós nos esquecemos de nos olhar como gente. Por conta disto vocês muitas vezes me viram somente como pesquisadora, ou como uma professora que tinha a obrigação de ministrar boas aulas e suportar tudo no meu ofício. Na condição de professora experiente e de pesquisadora ávida por desenvolver uma pesquisa de excelência, em alguns momentos, eu também esqueci que antes de serem os estudantes que compõem a amostra da minha pesquisa, vocês são pessoas com história de vida, sentimentos, emoções, expectativas que interferem no modo como vocês se portam na escola e nas minhas aulas. O humano que há no outro não pode ser desconsiderado, porque no final das contas é para isso que a escola está formando cada um de vocês, para serem vidas que futuramente de algum lugar social irão lidar com outras vidas, e isso é profundo e extremamente complexo, não pode estar em segundo plano. Minha intenção, com esse experimento, foi de fazer com que relebrássemos de nossa humanidade para que possamos encerrar nossas atividades mais conscientes de que conhecimento que estamos construindo deve ultrapassar o jogo de futebol, nos ajudando a elaborar formas mais humanas de ver a literatura, o esporte e principalmente pessoas que estão nas histórias, nos campos e fora deles. (PROFESSORA PESQUISADORA)

Após esta explanação, facultamos a palavra para que o alunado pudesse expressar suas impressões a respeito do experimento. Alguns comentários tecidos pelos discentes podem ser destacados.

Eu não consegui falar o que tinha escrito no papel porque achei muito feio professora. Imagina falar dessa forma com alguém, é muito errado. Eu fico triste que algumas pessoas tenham conseguido falar, rindo ou falando sério, porque antes de dizer ou fazer qualquer coisa a gente deveria pensar no que o outro pode sentir, se vai fazer ou bem. A gente sabe que coisas desse tipo aconteceram muitas vezes em muitas aulas em que algumas pessoas acabaram esquecendo de ser humanas com o outro. (DISCENTE EMPATIA)

Eu me senti muito mal em dizer isso olhando nos seus olhos professora. Mesmo eu tendo pensando em colaborar com a realização da dinâmica. É ruim perceber que a gente está fazendo alguém chorar. Vou refletir sobre isso daqui para frente. Queria me desculpar por ficar agitando para o pessoal não participar da mostra de conhecimento e pelas vezes que eu agi mal nas aulas, às vezes a gente não tem muita noção do que isso pode causar. (DISCENTE MÍNIO)

Passada com essa dinâmica. Fiquei pensando que a gente não pensa muito no que a gente diz e faz com os outros aqui na escola. Vai fazendo e pronto, não pensa na pessoa, sabe? Acho que isso aconteceu e acontece muito aqui na turma. Teve gente que não quis se abrir, lhe conhecer, gostar da senhora. E tem gente que não se abre nem para os colegas também. Acho que se gente olhasse para a senhora e para as pessoas da turma com mais carinho nossas atitudes eram outras. Mas, muitas vezes, a gente não está acostumado a olhar para as pessoas, só para a gente. Vou guardar essas lágrimas e essas coisas que eu aprendi hoje para sempre. Doe, mas foi legal. (DISCENTE MALUQUETE)

Ao analisarmos o conflito ocorrido na última aula (que teve seu cerne na falta de comprometimento de alguns estudantes com as atividade de finalização da sequência

didática), e se observarmos as reações provocadas pela realização do experimento social, bem como a nossa fala e as dos discente acima mencionados, podemos inferir que o componente afetivo é um elemento que pode favorecer ou dificultar o processo de ensino e aprendizagem, e a construção de relações interpessoais saudáveis no ambiente escolar, pois “ a afetividade está organicamente vinculada ao processo de conhecimento, orientação e atuação do ser humano, no complexo meio social que o rodeia” (MOSQUERA, e STOBÄUS, 2006. p.129)

A opção dos alunos em contribuir com a organização do Festival de Ginástica, idealizado pelo professor regente, em detrimento da participação nas atividades finais da sequência didática, bem como a resposta punitiva dada por nós a essa atitude comprovam o pensamento de Leite (2006), que assegura que a afetividade pode aproximar ou distanciar docente e discente e ambos do objeto de conhecimento, à medida que ela contribui para que se estabeleça uma comunicação sem bloqueios ou impede que essa comunicação seja fluida, favorecendo a motivação e produtividade do aluno, ou fazendo com que sua participação em sala de aula seja passiva e/ou improdutiva.

O fato de não pertencermos ao quadro efetivo da escola, não termos vínculo afetivo anterior com os alunos e nossa condição de desenvolver uma dinâmica que requereu a observância de certos rigores técnicos são fatores que, eventualmente, podem ter contribuído para dificultar a consolidação da relação afetiva entre nós e os discentes constituindo-se também como um dos limites da pesquisa-ação.

Nossa avidez da em produzir um trabalho de excelência e obter sucesso na aplicação das atividades previstas na sequência didática fez com que, em alguns momentos, deixássemos em segundo plano elementos como proximidade, receptividade, atenção e a alegria, que, conforme Silva e Andrade Neta (2017), são fundamentais para o desenvolvimento da afetividade no processo de ensino e aprendizagem.

Em relação ao experimento social realizado na aula-extra, podemos inferir que ele inspirou sentimentos positivos como empatia, solidariedade e compaixão entre o alunado e entre nós. De acordo com Silva e Andrade Neta (2017), tais emoções podem contribuir favorecendo a aprendizagem e a relação professor-aluno. A partir das mesmas autoras, depreendemos que a negativa da estudante *Empatia* em proferir a ofensa, a tentativa da aluna *Estrangeira* em eufemizar o xingamento por meio do humor e o pedido de desculpas do estudante *Mínion* logo após ter efetuado os ultrajes orientados na atividade demonstraram que a atividade aflorou emoções e pensamentos positivos relacionados com essa vivência, resultando em um estado emocional favoráveis à resolução dos conflitos ocorridos na aula anterior e em outros momentos.

A partir desta experiência, percebemos que afetividade é um elemento intrínseco ao cotidiano de sala de aula, que faz com que as posturas e decisões assumidas pelo professor na mediação pedagógica produzam impactos negativos ou positivos na subjetividade dos alunos podendo atrapalhar ou colaborar com o processo de aprendizagem. Nesta perspectiva, faz-se necessário que a afetividade, as emoções e os sentimentos sejam considerados na prática pedagógica para que se tornem aliados ao processo de ensino, haja vista que, de acordo com Damásio (2004, p.79), “a aprendizagem vem associando emoções e pensamentos numa rede que funciona em duas direções. Certos pensamentos evocam certas emoções e certas emoções evocam certos pensamentos.”

O segundo momento da aula-extra foi reservado à aplicação de um questionário formativo (Apêndice H) dirigido a compreender as impressões dos estudantes a respeito das experiências vivenciadas ao longo dos quatro blocos de aulas de nossa sequência didática. As perguntas do questionário foram feitas em sala de aula para todo o alunado de uma única vez, de maneira que as respostas positivas e negativas às questões fechadas foram contabilizadas, e as respostas às questões abertas foram anotadas e serão apresentadas mais adiante.

Todos os alunos consideraram positivo o uso dos textos literários na aula de futebol. De forma unânime, eles reconheceram o texto literário como um instrumento capaz de fomentar discussões que vão além dos aspectos técnicos e táticos do esporte. Em sua totalidade, os estudantes avaliaram como importante discutir sobre temáticas sociais e culturais por meio dos textos e do esporte. Todo o alunado manifestou interesse em participar de outro trabalho que articulasse literatura e futebol, ou literatura e algum outro conteúdo da Educação Física.

Dentre as temáticas discutidas, as representações sobre a mulher no futebol foi considerada como a mais interessante, seguida pelo futebol dentro e fora da escola, a história do futebol e o futebol na história do sujeito, as relações étnico-raciais e o futebol, conforme pode ser observado no gráfico a seguir. No que concerne às estratégias metodológicas utilizadas ao longo da aplicação da sequência didática. No quadro abaixo (CF. quadro 9 p. 148), podemos observar as que mais agradaram aos discentes:

Quadro 9: Preferências dos alunos em relação às metodologias utilizadas nas aulas

ORDEM DE DOS/DAS ALUNOS/AS PREFERÊNCIA EM RELAÇÃO ÀS METODOLOGIAS UTILIZADAS EM NOSSA SEQUENCIA DIDÁTICA	
1º	Entrevista com o time de futebol feminino
2º	Dinâmicas de motivação
3º	Discussão dos textos literários
4º	Produção de jogos e brinquedo relacionados ao futebol
5º	Atividades práticas com o futebol elaboradas em parceria entre a professora e os alunos
6º	Leitura dos textos literários no ambiente da biblioteca

Fonte: elaborada pela pesquisadora com base na resposta dos estudantes.

Quando questionados sobre o que menos agradou nas aulas 73,7% dos alunos respondeu *nada*, e 26,3% referiram que se incomodaram com *desentendimentos causados pelos conflitos de opiniões em algumas discussões sobre as temáticas de estudos*. Sobre os textos literários, os alunos os classificaram como *interessantes, inspiradores e inovadores*. Com base nas respostas deste questionário formativo, pudemos comprovar que, embora o trabalho com o texto literário não seja um recurso comumente utilizado na aula de Educação Física, teve uma boa adesão e receptividade dos estudantes de nossa amostra.

Finalizando o encontro, explanamos a respeito de como seria a estrutura e o funcionamento da mostra de conhecimentos, percorrendo sobre as particularidades de cada uma das oficinas e subdividimos as equipes de trabalho considerando as preferências dos discentes em relação às temáticas de estudo e às atividades as serem desenvolvidas. A construção e desenvolvimento da mostra de conhecimento será abordada na próxima seção deste trabalho.

3.7 Disputa de pênaltis: Mostra de conhecimento “Futebol e literatura: o grande jogo”.

3.7.1 A preparação para a mostra de conhecimentos (1 aula)

Para o fechamento de nossa sequência didática, sugerimos aos discentes a realização de uma mostra de conhecimento, que seria composta por quatro oficinas que tinham o propósito de socializar entre a comunidade escolar o conhecimento produzido de forma colaborativa ao longo dos quatro blocos de aula. Optamos por este formato de evento, pois concebemos que as oficinas podem configurar-se como:

[...] uma forma de ensinar e aprender, mediante a realização de algo feito coletivamente. Salienta-se que oficina é uma modalidade de ação. Toda oficina necessita promover a investigação, a ação, a reflexão; combina o trabalho individual e a tarefa socializadora; garantir a unidade entre a teoria e a prática. (VIEIRA E VOLQUIND, 2002 p. 11)

Nesta perspectiva, tal atividade poderia constituir-se como um tempo-espaço oportuno para a promoção da aprendizagem a partir de vivências significativas que, baseadas no diálogo, na reflexão e participação, pudessem estimular o compartilhamento de ideias, valores e a (re)construção dos conhecimentos sobre a interface futebol e literatura.

Foi esclarecido para os estudantes que as quatro oficinas ocorreriam em espaços distintos, de maneira simultânea e com visitação em rodízios para permitir que toda a comunidade escolar visitasse todos os espaços. Propusemos que a oficina tivesse a duração de aproximadamente trinta minutos e que em cada espaço temático fosse abordado um dos eixos de trabalho da sequência didática. Para a finalização da atividade, sugerimos a realização de um torneio comemorativo de futebol, que contaria com a participação dos discentes, professores e funcionários que se dispusessem a compor os times.

Antes de fazermos a distribuição dos discentes pelas oficinas, retomamos de forma breve os conteúdos e temas centrais que haviam sido abordados nas aulas anteriores, permitindo que os estudantes pudessem rememorá-los e indicar com clareza a preferência sobre seu grupo temático de trabalho. Logo em seguida, formamos os grupos e dialogamos sobre a estrutura e funcionamento de cada oficina.

Indicamos que a oficina 1 (um) fosse organizada na *Quintal* com a exposição das memórias dos alunos com o futebol, o repasse de informações sobre as origens históricas deste esporte no mundo e a experimentação de jogos e brinquedos produzidos em aula. Recomendamos que a oficina 2 (dois) ficasse localizada em um dos corredores do estabelecimento de ensino no qual haveria a exposição de troféus e cartazes que contassem a história do futebol na Escola Liliosa de Paiva Leite. Para a oficina 3 (três), direcionamos o espaço do auditório que ficaria reservado para a exibição de vídeos sobre empoderamento feminino e futebol, exposição de cartazes e realização de dinâmicas. Na biblioteca, acomodariamos a quarta oficina, destinada à exposição do mural “Time dos sonhos x Time da realidade” e exibição de vídeo sobre as representações do negro na sociedade e a realização de roda de conversa.

No que se refere às partidas comemorativas, propusemos que elas tivessem curta duração (cerca de, no máximo, dez minutos) para permitir que fossem realizados muitos jogos. Explicamos que os times poderiam ser formados por estudantes da mesma turma ou de

salas distintas, e que contariam com a participação de professores/as e funcionários/as. Aconselhamos ainda que fossem intercaladas partidas com times femininos, masculinos e mistos para garantir condições equitativas de gênero nos jogos. Para as partidas que terminassem empatadas, orientamos que deveriam ser decididas por cinco cobranças de pênaltis. A arbitragem seria formada pelos próprios alunos e professores que se disponibilizassem a ocupar estas funções.

Depois de nossa explanação, solicitamos que os grupos se dividissem e discutissem entre si sobre a construção detalhada de cada oficina, separação de material e distribuição de tarefas. Apesar de o conflito ocorrido na aula na penúltima aula ter culminado em uma ameaça de boicote, a sensibilização afetiva favorecida na aula-extra surtiu efeito, pois nesta ocasião o alunado se mostrou envolvido e entusiasmado com a produção da mostra pedagógica e satisfeito com as propostas apresentadas para todas as oficinas. Ficou acertado junto à direção que no dia da mostra de conhecimentos os discentes seriam liberados de todas as aulas, para que no turno da manhã estivessem envolvidos na montagem das oficinas e no turno da tarde na sua execução.

3.7.2 Jogando bonito: montagem e realização da mostra de conhecimentos (um dia inteiro - manhã e tarde)

A mostra de conhecimentos pode ser considerada como um dos momentos de maior integração e comprometimento do alunado no percurso de desenvolvimento de nossas atividades, mas frisemos aqui que o conjunto de atividades realizadas ao longo de nossa experiência pedagógica não teve como fim a realização de tal mostra. Ela foi a finalização de um processo ao longo do qual cada uma das etapas teve uma relevância formativa para os alunos. Neste evento, que encerrou as nossas ações na escola, todas as equipes trabalharam pensando no bem coletivo, praticando o respeito mútuo e a solidariedade, de maneira que os estudantes não estavam empenhados apenas em organizar os espaços de seus grupos, mas também mostravam atentos e disponíveis em auxiliar os colegas quando surgia alguma necessidade.

A oficina 1 foi composta por quatro estudantes e recebeu o nome de “O futebol e as nossas memórias”, em referência à temática abordada no primeiro bloco de aulas que versava sobre a história do futebol no mundo e sobre o futebol na história de vida dos sujeitos. Em sua construção, os estudantes pesquisaram imagens da internet para produzir um cartaz sobre a história do futebol. Como a turma não havia realizado a atividade de criação de textos sobre

suas experiências pregressas com o esporte, eles buscaram imagens para elaborar um outro cartaz no qual os visitantes da oficina deveriam escrever frases curtas a respeito de suas vivências com o jogo. Além disso, os alunos organizaram os jogos produzidos na primeira unidade (dois *Pregobol* e dois *Futebol de Tampinha*) e separaram material para a experimentação do jogo de *Travinha* e *Bola ao Arco*.

Durante a mostra, a equipe recebeu os visitantes discorrendo sobre a crônica “Entre vacas porcos e bolas” de Rubem Alves que foi trabalhada em sala de aula, explicando sobre os diferentes modos como o futebol é absorvido e disseminado pelos sujeitos e sobre a relação entre as vivências pessoais e representações que cada pessoa constrói em torno do esporte. Em seguida, os visitantes eram direcionados ao cartaz sobre as origens históricas do futebol sobre o qual outro estudante argumentava expondo as características dos jogos precursores deste esporte. Finalizando a oficina, os visitantes eram convidados a experimentarem os jogos produzidos pelos alunos e a assinalarem no cartaz reservado para que eles anotassem impressões sobre o esporte (cf. figura 22 p. 151).

Figura 22: Cartazes da oficina 1.



Fonte: acervo da pesquisadora

Este espaço temático foi elogiado e desfrutado com muita empolgação pelos visitantes, que ouviam com atenção as explicações sobre o trabalho com o texto literário, a apresentação dos cartazes e participavam em massa da experimentação dos jogos (cf. figura 23 p.152). Muitos deles se mostraram surpresos com a utilização do texto literário na aula de Educação Física, classificando a iniciativa como diferente, inovadora, inimaginável. Especificamente a respeito dos jogos, alguns visitantes relataram que consideraram como agregadora essa perspectiva lúdica de ter contato com o esporte. Na visão deles, os jogos de tabuleiro conseguiram incluir os estudantes que não se agradavam do contato físico inerente ao futebol,

e os outros jogos propostos eram atrativos porque envolviam os participantes em uma atmosfera de brincadeira e diversão.

Figura 23: Experimentação de jogos da oficina 1 (um).



Fonte: Arquivo da pesquisadora

A oficina 2 (dois), denominada de “O futebol na minha escola”, constava da exposição de troféus, medalhas, fotografias e padrões referentes a torneios interclasses e extraescolares disputados pela escola em anos anteriores. Além disso, previa a produção de três cartazes: uma linha do tempo sobre a história da modalidade no estabelecimento de ensino, a representação ampliada do mapa mental construído no sétimo encontro e um quadro para que os visitantes anotassem suas expectativas para o desenvolvimento da modalidade esportiva na escola.

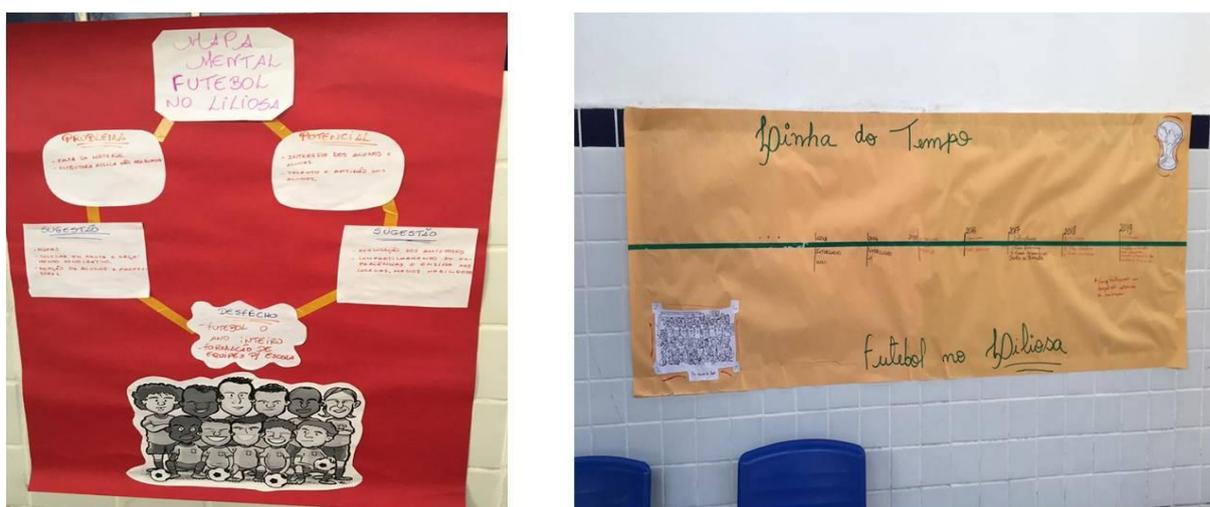
É necessário pontuar que os estudantes não conseguiram autorização da direção que os troféus fossem exibidos no corredor, nem obtiveram fotografias e padrões antigos. Em vista disso, os discentes concentraram seus esforços na elaboração da linha do tempo sobre o futebol na escola reunindo dados sobre a participação feminina e masculina em torneios escolares e extraescolares e produzindo os outros dois cartazes.

A equipe responsável recebeu os visitantes explicando que a montagem da oficina era fruto do trabalho com a crônica “Fla X Flu no Recife” de autoria do escritor paraibano José Lins do Rego, que havia sido trabalhada no segundo bloco de aula motivando a reflexão sobre desigualdades existentes não só no futebol profissional dentro e fora do Nordeste como também nas escolas públicas e privadas.

Na exposição da linha do tempo, os alunos discorriam sobre o desempenho da escola em competições de futebol nos últimos cinco anos. Conforme visto na figura 24 (cf. p.153), o

instrumento revelava que a escola esteve ausente de competições extraescolares com o esporte nos últimos cinco anos e que nos jogos interno promovidos neste espaço de tempo as mulheres participaram apenas de duas edições, ainda assim com um número resumido de times e atletas.

Figura 24: Mapa mental e linha do tempo da oficina 2.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Prosseguindo com o repasse de informações, os estudantes realizavam a apresentação do mapa mental, que, voltado a refletir sobre as possibilidades para o desenvolvimento do futebol no estabelecimento de ensino, apresentava dificuldades existentes na escola, como falta de material esportivo e estrutura física inadequada, e potencialidades, como o interesse dos estudantes pelo esporte e a aptidão física de muitos alunos. Além disso, o instrumento indicava possíveis soluções para driblar os desafios e amplificar o potencial de promoção do esporte na escola como a realização de rifas, inclusão da compra de material esportivo no orçamento democrático da escola, a realização de amistosos entre as turmas e de jogos treinos após o período de aulas. Após concluir as explanações, os estudantes convidavam os visitantes a utilizarem os espaços reservados no terceiro cartaz para escreverem suas sugestões e expectativas para a expansão do esporte na escola (cf. figura 25, p.154).

Os dados da linha do tempo que explicitavam a resumida participação da escola em eventos extraescolares motivaram reflexões sobre o pouco espaço destinado à promoção do esporte no currículo escola, justificando-se pela falta de material e espaço adequado. Já o Mapa Mental que apresentava alguns impedimentos e sugestões para o desenvolvimento esportivo na Escola Liliosa de Paiva Leite gerou discussões sobre a importância de atuações

colaborativas entre professores, estudantes e direção para que ações efetivas de promoção do esporte pudessem ser impulsionadas na escola.

Figura 25: Explicação sobre os cartazes na oficina 2 (dois)



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Alguns estudantes argumentaram sobre a importância de o conteúdo ter sido trabalhado neste bimestre, já que há dois anos ele não fazia parte do currículo da disciplina. Na visão desses discentes, trabalhar com o futebol, apesar de todas as dificuldades materiais e logísticas existentes na escola, acabou colocando o assunto em pauta, mobilizando a comunidade para a resolução de problemas antigos como o conserto da trave da escola e abrindo caminho para outras ações.

Com relação ao quadro sobre as expectativas dos alunos para o desenvolvimento esportivo na escola, as mais citadas foram: a reforma da quadra da escola, a aquisição de material esportivo, a formação de times femininos e a criação de mais oportunidades para o treinamento e a aprendizagem da modalidade.

Fazendo referência ao bloco de aulas que discuti as representações sobre a mulher no futebol, a oficina 3 (três) ocorreu no auditório e foi denominada como “Futebol e empoderamento feminino” (cf. figura 26 p.155). Este espaço foi composto por cartazes, um experimento social sobre machismo e futebol, a exibição do vídeo “Discurso Megan Rapinoe”⁵⁸ e a realização de uma roda de conversa.

Os responsáveis pela oficina receberam os visitantes, convidando-os a participarem de um experimento social que foi estruturado da seguinte forma: três alunas que estavam

⁵⁸Link para o discurso da atleta Megan Rapinoe exibido na oficina 3. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h2cMWwgti2s> acesso em: 15/04/2020

fantasiadas de jogadora de futebol, torcedora e musa escolheram aleatoriamente alguns visitantes para participarem do experimento. Cada visitante deveria escolher um envelope e aguardar que as estudantes fantasiadas autorizassem que eles lessem seu conteúdo, quando autorizados eles deveriam ler o conteúdo do envelope em voz alta olhando nos olhos das estudantes. Os envelopes continham xingamentos elaborados pelos estudantes que faziam referência a mulheres que participam do futebol.

Figura 26: Visão do espaço da oficina três e experimento social.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Após todos os voluntários participarem do experimento, os estudantes responsáveis pela oficina problematizavam os seguintes pontos: como os visitantes se sentiram ao proferir os xingamentos, por que alguns não o fizeram, e como as meninas que se sentiram ao serem destratadas ou poupadas e como os expectadores se sentiram ao observar a situação. Após esse momento, eram feitas explicações sobre os desafios enfrentados pelas mulheres que ocupam locais sociais e desempenham papéis culturalmente considerados como masculinos, e sobre trabalho realizado no terceiro bloco de aulas com o conto “*Mutola*”.

Dando continuidade à oficina, o vídeo com o discurso jogadora de futebol norte-americana Megan Rapione era exibido. Neste discurso, proferido após a conquista da Copa do Mundo de Futebol Feminino, a atleta discorre sobre a importância de as pessoas estarem engajadas na luta por justiça social e equidade entre os gêneros e ressalta o futebol feminino como um palco que pode trazer visibilidade a essas lutas. Após a exibição do vídeo, era feita uma breve problematização do seu conteúdo e a oficina era encerrada com os estudantes convidando os visitantes a completarem as frases dos cartazes com suas opiniões e percepções

Os cartazes a serem assinalados foram os seguintes “Lugar da mulher é onde ela quiser. Onde é o seu?” e “Como empoderar as mulheres em nossa escola” (cf. figura 27, p.156).

Figura 27: Roda de conversa e cartaz com as impressões dos visitantes da oficina.



Fonte: arquivo da pesquisadora.

O experimento social foi uma ação de destaque nesta oficina, por ter causado grande comoção nos espectadores e participantes. As reações dos selecionados para participar da atividade foram diversas, havendo hesitação, tentativas de eufemismo e brincadeira, frases ditas em tom firme e algumas recusas. As reações das discentes que estavam fantasiadas também variaram entre riso, surpresa e choro. Dentre os espectadores o desconforto em presenciar os xingamentos era evidenciado na expressão séria da face, no balançar a cabeça em sinal negativo em relação as falas desrespeitosas, no cruzar de braços e desvios de olhar da maior parte do público que assistiu ao experimento.

As discussões em torno do experimento foram acaloradas e giraram em torno de três eixos: a empatia em relação às mulheres que sofrem preconceitos de gênero relacionado ao futebol, a impotência da mulher diante de situações de machismo e violência de gênero e a necessidade de desnaturalização do preconceito de gênero.

Algumas espectadoras relataram que a situação simulada pela atividade traduzia fielmente situações do cotidiano, nas quais, em circunstâncias de agressão verbal e/ou violência psicológica, a mulher assume uma posição de passividade temendo sofrer, além da violência psicológica, a violência física. Outras falas se dirigiram à necessidade de desnaturalizar comentários preconceituosos que recorrentemente são direcionados às mulheres inseridas em contexto de futebol. No pensamento dos estudantes, expressões como “Maria-macho” e “Maria-Chuteira” encontram-se arraigadas no dia-a-dia e por esse motivo

passam despercebidas, mas externam uma visão preconceituosas em relação às mulheres que se interessam por atividades relacionadas ao futebol.

Na voz dos discentes, a dinâmica foi uma oportunidade grandiosa para que as mulheres pudessem expor suas vivências e serem vistas e ouvidas pelos colegas a partir de um lugar de empatia. Alguns alunos do sexo masculino, inclusive, se comprometeram em prestar mais atenção nas próprias posturas e falas para evitarem discursos e posturas que coadunam com o preconceito de gênero.

Com relação ao vídeo do discurso da jogadora de futebol norte-americana um posicionamento que merece ser destacado foi o discurso da aluna-oficineira e estudante Empatia, que explanou que, com o decorrer das aulas relacionando futebol e empoderamento feminino, percebeu que jogar futebol em uma sociedade machista como a que vivemos é mais que praticar um esporte, é um posicionamento político, é como dizer para o mundo que as mulheres podem fazer tudo o que elas quiserem, inclusive jogar futebol.

A quarta e última oficina denominada “O futebol como espaço de afirmação da identidade negra” aconteceu na biblioteca e teve como atividades principais: a discussão sobre o painel “Time dos sonhos X Time da realidade”, que foi produzido pelos/as discentes no décimo sexto encontro, a exibição de vídeo e uma roda de conversa.

A equipe responsável por esse espaço pedagógico recebeu os visitantes, explicando brevemente sobre o trabalho realizado com o futebol e a crônica “A realeza de Pelé” na disciplina de Educação Física, e destacou o esporte como um espaço propício para a afirmação da identidade negra (cf. figura 28, p.157). Prosseguindo com a oficina, o trailer do filme “WakandaForever”⁵⁹ era exibido.

Figura 28: Roda de conversa e leitura da crônica na oficina 4



Fonte: Acervo da pesquisadora.

⁵⁹ Link para o trailer do filme “Wakanda Forever” exibido na oficina 4. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4xymmvx> Acesso em: 15/04/2020.

Este longa metragem é uma produção da *Marvel Comics* de 2018 que, além de ter seu elenco formado quase que totalmente por atores negros, representa o negro a partir de uma perspectiva de protagonismo, poder, inteligência e força. Após a exibição do vídeo, os estudantes indagaram sobre as impressões dos visitantes a respeito do vídeo, se já haviam assistido ao filme, se perceberam nele alguma particularidade e se consideravam comum que o negro fosse representado na sociedade da mesma forma que no vídeo.

Concluindo a oficina, os estudantes discorriam sobre o processo de produção do painel “Time dos sonhos X Time da realidade”, e realizavam uma roda de questionando sobre quais personalidades e atletas negros eram conhecidos pelos visitantes e problematizando sobre os fatores preponderantes para que os sujeitos negros pertençam a um time ou ao outro.

Tanto a crônica quanto o trailer chamaram atenção dos visitantes pela visão positiva e de protagonismo que ambos utilizaram para representar o sujeito negro. Na fala dos discentes, esse olhar afirmativo da negritude não é comum de ser observado na maioria dos filmes, textos literários e novelas presentes em seus cotidianos. A quantidade de atores negros no filme também foi um ponto destacado, entretanto, na opinião de boa parte do alunado, filmes como *Wakanda* são exceção no meio cinematográfico, não por conta do racismo, mas em virtude de fatores como: a preferência pessoal dos diretores, questões de roteiro, adequação e talento dos atores para os papéis e não por questões relacionadas ao racismo e às desigualdades sociais.

No que se refere ao mural “Time dos sonhos X Time da realidade”, as personalidades que foram reconhecidas ao longo dos rodízios foram: Pelé, Iza, Joaquim Barbosa, Neymar e Lázaro Ramos. Sobre as causas que levam um sujeito negro a pertencer ao “Time dos sonhos” ou ao “Time da realidade”, as mais citadas foram: a pobreza, a oportunidade, a sorte, o caráter, a inteligência e esforço o esforço pessoal.

De um modo geral, percebemos entre os visitantes a predominância de um discurso que reproduz estereótipos sociais e ideias meritocráticas e essencialistas em relação às problemáticas ligadas ao racismo enfrentado pelo povo negro. Por sua vez, a existência destas narrativas reafirma a necessidade de que a abordagem da questão racial na escola seja trabalhada de maneira contínua, transversalmente entre as disciplinas e dentro de uma perspectiva crítica e reflexiva, a fim de colaborar com o reconhecimento e redução das desigualdades sociais e raciais e contribuir na luta contra o combate ao racismo.

A mostra cultural terminou com a realização de quatro partidas comemorativas, uma masculina, uma feminina, uma mista e uma com professores (as) e alunos (as). Esta atividade ocorreu em um clima de integração e diversão. Os times foram formados por alunos de turmas

diferentes, as torcidas acompanharam os jogos motivando as equipes e se divertindo com os erros.

Após o término dos jogos e do desmonte das oficinas, os estudantes se reuniram com o professor regente e a professora-pesquisadora, agradeceram por todo o percurso trilhado ao longo de nossa pesquisa, ressaltando a importância das experiências vividas, do conhecimento construído e a oportunidade de ter contato com o futebol de forma tão diferente e significativa.

4. APITO FINAL

Desde o início de nossa partida/pesquisa, sabíamos que no jogo da Educação Física Escolar o futebol figurava como o “grande craque”, assumindo um papel de destaque no currículo, na cultura de estabelecimentos de ensino públicos e privados, no cotidiano dos estudantes de todos os níveis de ensino, a despeito de implicações logísticas e/ou estruturais. Na aula de Educação Física, o alunado clama para que se deixe “rolar a bola”, e de norte a sul do país a bola rola nas quadras, nos pátios, nos espaços de terra, motivando, alegrando, encantando, mas também, segregando, excluindo, traumatizando, produzindo sabores e dissabores na trajetória escolar e pessoal dos estudantes.

Inevitavelmente, em algum ponto de seu percurso docente, o professor de Educação Física será incumbido da missão de lidar com o futebol em sua aula, transitando entre a magia que transforma a pelota no objeto de desejo da maioria dos discentes, e os inúmeros estereótipos e paradigmas que este esporte engendra. E é este cenário delineado que traz à baila uma antiga questão da Educação Física, a mesma que nos trouxe até aqui: O que ou como fazer para que a aula de Educação Física, com o conteúdo, do futebol ultrapasse o simples “rolar a bola”?

A partir de nosso estudo, evidenciamos que o rolar a bola no jogo de futebol não é simples, uma vez que está imerso em uma complexa teia cultural, social, afetiva, existencial e motora. Com fruto de nosso trabalho, ao invés de produzimos uma resposta redentora para a indagação acima, direcionamos o cerne deste questionamento para outro prisma: De que modo é possível apresentar ao discente a multiplicidade de saberes que residem no entorno do futebol? Deste outro ponto, ao promovermos uma proposta transdisciplinar para o ensino do futebol, utilizando textos literários na aula de Educação Física, evidenciamos a literatura como um caminho possível para humanizar este conteúdo e permitir que o estudante tenha acesso aos múltiplos conhecimentos que o compõem.

A abordagem do futebol por intermédio da Literatura proposta em nossa pesquisa permitiu-nos dialogar com esta prática corporal dentro de uma ótica humana, reconhecendo-a como uma atividade multifacetada que ao mesmo tempo, e em todo momento, é uma ação motora, cultural, social, política, afetiva e existencial. Do mesmo modo, o encontro dos estudantes com os textos literários propiciou-lhes olhar para o futebol a partir desta perspectiva complexa, pelo reconhecimento de semelhanças e diferenças entre suas experiências cotidianas e as histórias das narrativas. Encontrar nos fragmentos do texto aspectos similares aos da própria história motivou os estudantes a questionarem e refletirem

sobre paradigmas relacionados ao jogo, ajudando-os a desconstruir ideias preconcebidas e favorecendo com que assumissem uma postura de protagonismo na construção do seu conhecimento sobre o esporte.

À medida que os textos foram sendo introduzidos nas aulas, a reprodução de discursos hegemônicos que colaboram para naturalizar práticas discriminatórias e hierarquizadas relacionadas ao futebol foram dando lugar à problematização e à ressignificação de concepções e valores relacionados ao jogo. Sincronicamente, o texto literário inspirou vivências com o futebol estruturadas sob perspectivas que, diferindo de modelos eminentemente técnicos e competitivos, permitiram aos discentes descobrir no jogo interfaces de prazer, ludicidade e partilha, ratificando que é possível construir e reconstruir os modos com os quais os sujeitos se apropriam e reproduzem o futebol dentro e fora da escola.

Nossa experiência evidenciou a necessidade de trabalhar com o esporte dentro da escola despidendo-se de modelos que tentam introjetar nos estabelecimentos públicos de ensino as mesmas bases do esporte de alto rendimento. Transitar pelas interconexões entre o texto e as problemáticas cotidianas da escola favoreceu o reconhecimento da impossibilidade de equiparação entre o esporte praticado em instituições privadas e públicas, bem como motivou a reflexão sobre quais futebolis são possíveis quando o contexto real da escola é considerado.

Ademais, o texto literário mostrou-se um importante aliado no processo de emancipação e protagonismo estudantil, uma vez que desencadeou reflexões sobre as dificuldades e potencialidades para a prática esportiva na escola e motivou ações de mobilização coletiva que, em curto prazo, conseguiram transpor impedimentos logísticos que dificultavam a prática esportiva no estabelecimento de ensino. Resolver questões como reparo da trave de futebol, cujo estado de deterioração há tempos impedia o jogo, sugere que, presumivelmente, operar outras mudanças em longo prazo seria possível, confirmando que as narrativas literárias favorecem um modelo de educação voltado à transformação social no qual a organização da comunidade escolar desempenha um papel indispensável para implementação de transformações estruturais que possibilitem ver o esporte de rendimento não como objeto primeiro da aula de Educação Física, mas como um direito e uma possibilidade de aprendizagem para os estudantes.

Outrossim, a tematização das representações sobre a mulher na sociedade por meio do diálogo entre futebol e literatura não só ajudou a promover massivamente a participação feminina na aula, como também criou um espaço de discussão onde a voz da mulher, enquanto grupo minoritário e historicamente segregado e invisibilizado na aula de Educação Física, pôde ser ouvida. As concepções de feminino e masculino apresentadas pelo texto de

Paulina Chiziane desencadearam reflexões que permitiram vislumbrar o jogo de futebol para além do paradigma biológico, reconhecendo-o como prática humana historicamente situada, na qual estão inscritas relações de poder que determinam o modo como sociedade atribui valor e designa lugares e papéis para o feminino, o masculino. Paralelamente, o compartilhamento de diferentes experiências e visões sobre o ser homem e o ser mulher no universo do futebol pôs em xeque naturalizações arraigadas nos corpos e no jogo, colaborando para a desconstrução de concepções excludentes e fazendo do futebol que, inicialmente, era um espaço de domínio masculino um território de luta, afirmação e empoderamento feminino.

O trabalho com o futebol e a temática étnico-racial por intermédio da literatura nos permitiu verificar entre os discentes a predominância de um discurso marcadamente essencialista e meritocrático em relação às desigualdades sociais e ao racismo que se faz presente no cotidiano do povo negro em nosso país. Do mesmo modo, este contexto descortinou uma fragilidade do sistema público de ensino em promover a aprendizagem sobre história e a cultura afro-brasileira e africana, de modo que contribua para sua valorização e reconhecimento. Nosso estudo salientou a literatura como instrumento que permite refletir sobre a temática racial perpassando transversalmente o ensino do futebol, posto que, por meio dela, foi possível estimular a problematização de processos que tentam fixar identidades marginalizadas e subalternas nos sujeitos em função de sua origem étnica, promover o reconhecimento de privilégios brancos e fomentar o reconhecimento e a valorização do negro como sujeito histórico, cultural e social.

Ao nos situar no entrecruzamento das fronteiras disciplinares entre a Literatura e a Educação Física, esta pesquisa colocou-nos também na intersecção entre marcadores sociais e culturais como raça e gênero, fazendo do futebol uma complexa teia onde estes diferentes elementos, com seus saberes e valores, transitam, coexistem e tensionam-se. Nesta perspectiva, este estudo também evidenciou o trabalho pedagógico transdisciplinar como ponte para a descolonização do currículo, haja vista que permitiu desenvolver uma mediação pedagógica marcada por múltiplas oportunidades de reflexão, essenciais para o processo de (re)significação do futebol, a desconstrução de paradigmas e estereótipos sociais e culturais a ele relacionados, e para o desenvolvimento de relações mais justas e equitativas no esporte na escola.

Em relação aos desafios enfrentados para o desenvolvimento deste trabalho, destacamos as altas expectativas dos alunos em relação à pesquisa e o fato de eles não possuírem nenhum vínculo anterior conosco. Seremos oriundos de uma universidade pública

prestigiada acabou contribuindo para despertar uma considerável expectativa nos discentes em relação ao desenvolvimento das aulas. Entretanto, em virtude destas expectativas estarem, inicialmente, associadas às concepções hegemônicas sobre o futebol, elas colaboraram para que os estudantes assumissem uma postura de resistência em relação às nossas primeiras atividades. Quando chegada a hora da aula de Educação Física, os alunos desejavam movimento e jogo, mas, quando se deparavam com atividades de leitura e diálogo, alguns deles se sentiam frustrados e respondiam com comportamentos arredios. Todavia, no transcorrer da aplicação da nossa experiência o aprimoramento da compreensão de que ler e discutir sobre o futebol era fundamental para ampliar o trabalho com o esporte fez com que a resistência inicial fosse dissipada.

Embora a escola tenha sido nosso ambiente de trabalho em anos anteriores, o fato de estarmos desenvolvendo uma pesquisa-ação sem possuímos vínculo com os estudantes de nossa amostra constituiu-se como um entrave para o andamento de algumas aulas e para o cumprimento de determinadas atividades propostas. Passar do status de “professora do mestrado” para a condição de “nossa professora” exigiu-nos tempo e equilíbrio e mostrou-nos que o desenvolvimento da afetividade é um fator relevante no processo de ensino. Atitudes de solidariedade, empatia, comprometimento, que contribuem para a participação e envolvimento dos discentes nos ambientes de aprendizagem, só foram mais facilmente assumidas por alguns estudantes conforme a relação afetiva conosco foi sendo consolidada e aprimorada. Tal experiência denota a afetividade como um elemento que precisa ser favorecido no contexto da escola, já que ela interfere e perpassa a relação professor-aluno e o processo de ensino e aprendizagem.

Isto posto, esclarecemos que, mesmo estando no cerne de nossas descobertas, Sequência Didática que elaboramos para nortear nossa jornada pedagógica não apresenta um modelo didático fixo, cuja aplicação prática garantirá ao professor obtenção de resultados previamente determinados, e que nosso relato não intenta oferecer ou fórmulas redentoras capazes de resolver de maneira definitiva antigas questões ligadas ao ensino do futebol na escola. Destarte, pretendemos que a socialização de nosso produto de pesquisa convide o professor de Educação Física a revisitar sua prática pedagógica, observando-a por um prisma de complexidade, criatividade e reflexão, no qual a literatura apresenta-se como uma aliada à ressignificação do ensino do esporte e à (re)construção constante da prática docente. Por fim, almejamos que este trabalho motive e contribua com pesquisas que versem sobre a construção saberes oriundos do “bate-bola” entre as práticas corporais e a literatura.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Naíse. Análise das percepções de docente e discentes sobre turmas mistas e separadas por sexo nas aulas de Educação Física. In: ROMERO, Elaine (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas. Papirus, 1995. p. 99-108.

ABUD, Maria; ROMEU, Sonia. A problemática da disciplina na escola: relato de experiência. In: D'ANTOLA, Arlette (Org.). **Disciplina na escola**. São Paulo : E.P.U.1989. p. 79-90

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Ed. Cortez, 2015, 174 p.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com brasileiro, não há quem possa**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2004. 301 p.

ARAÚJO, S. **O Futebol e seus fundamentos: o futebol força a serviço da arte**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 133 p.

BALDISSERA, Adelina. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, v. 7, n. 2, p. 5-25, 2012. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yxjzg6kp>> Acesso em: 06/06/2019

BARTHES, Roland. **Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária no Colégio de França, pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 15.ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

BATAUS, Vanessa; GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelin Simões. Leitura literária em sala de aula: a prática colaborativa no ensino de estratégias de leitura. **Revista Profissão Docente**, v. 13, n. 27, p. 45-56, 2013. Disponível em: < <https://tinyurl.com/yxjzg6kp> > Acesso em 12/11/2019

BERNARDINO, Joaze. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. **Estudos afro-asiáticos**, v. 24, n. 2, p. 247-273, 2002. Disponível em < <https://tinyurl.com/y483tcsk> > Acesso em 09/10/2020

BETTI, Mauro. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação**. Ijuí: Unijuí, 2009. 344 p.

_____. Cultura corporal e cultura esportiva. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 7, n. 2, p. 44-51, 2017.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, 2009 Disponível em: < <https://tinyurl.com/yyb6qawz> . Acesso em 15/06/2019> Acesso em 23/10/2018.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y39obpdj>> Acesso em 02/04/2019

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. Série Estratégias de Ensino, n. 8.São Paulo: Parábola. 2008. 135 p.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo?. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

_____. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1989. 322 p.

_____. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena. Kühner. - 2a ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 208 p.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992. 122 p.

_____. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, v. 6, n. 12, p. 14 - 24, 2000. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y25mo595> > Acesso em 15/04/2019

BRACHT, Valter et al. A prática pedagógica em Educação Física: a mudança a partir da pesquisa-ação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 23, n. 2, p. 9 – 29. 2002. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y4lrso5r> > . Acesso em: 03/03/2019

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Q. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, V.24, N.3, 2003, p. 87-101. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y2g7h6wo> > Acesso em 02/07/2019

BRACHT, V. Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento? In: SOUZA JÚNIOR, M. **Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. Recife: EDUPE, 2005. p. 97-106.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____, **Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1) Disponível em: <https://tinyurl.com/y34843wz>. Acesso em 03/03/2019

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

_____. Presidência da República. **Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8o do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Diário Oficial da União 2006 Disponível em: < <https://tinyurl.com/y35fdcz6> > Aceso em 02/10/2018.

BRAUNER, Eugenio Ferreira. **Entre as quatro linhas: da crônica sobre o futebol ao**

colunismo esportivo ou da profissionalização do futebol e do cronista. 2010. 123p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y5en6qhd>> Acesso em: 07/09/2018.

BUSSO, Gilberto Leandro; DAOLIO, Jocimar. O jogo de futebol no contexto escolar e extraescolar: encontro, confronto e atualização. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 1, p. 69-86, 2011. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y6n9xocu>> Acesso em: 28/09/2019

BUTLER, Judith. 2003. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 236 p.

CANDIDO, Antônio. “O direito à literatura.” In: _____. **Vários escritos.** 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.

CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. “O tempo e o lugar de uma didática da educação física.” **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 2, p. 21-37, 2007. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yxqatlc6>> Acesso em 13/04/2019

CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX.** 2007. 361p Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Paraná, Departamento de História. Curitiba, 2007. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yyuw5wbp>> Acesso em 15/01/2019

CARLAN, Paulo; KUNZ, Elenor; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. O esporte como conteúdo da Educação Física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica inovadora". **Movimento**, v. 18, n. 4, p. 55-75, 2012. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yxk372fp>> Acesso em: 01/02/2020

CARVALHO, Edgard de Assis. Saberes complexos e educação transdisciplinar. **Educar em Revista**, n. 32, p. 17-27, 2008. Disponível em <<https://tinyurl.com/y4gtgz7e>> Acesso em: 10/09/2018

CEVASCO, Maria E. O tema “cultura e sociedade”. **Dez lições sobre Estudos Culturais**, p. 9-26, 2003.

CHAUI, Marilena. **Conformismo e resistência.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. 336 p.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática / Rildo Cosson.** – 2. ed. , 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014. 144 p.

COELHO, Frederico de Oliveira. Futebol e a produção cultural no Brasil: a construção de um espaço popular. In: DOS SANTOS, Ricardo Pinto. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional.** Mauad Editora Ltda, 2006. p.229 - 258

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992. 211 p.

DAMÁSIO, Antônio R. **Em busca de Espinoza: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. Campinas: Pontes, 2004. 360 p.

DaMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio-Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, n. 22, p. 10-17, 1994. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y3qhupzh>> Acesso em: 03/05/2019

DaMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DaMATTA, Roberto. (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p.19-42

DA SILVA, Marcelino Rodrigues. **Mil e uma noites de Futebol: o Brasil moderno de Mario Filho**. Minas Gerais. Editora UFMG, 2006. 238 p.

DAMAZIO, Márcia Silva; SILVA, Maria Fátima Paiva. O ensino da educação física e o espaço físico em questão. **Pensar a prática**, v. 11, n. 2, p. 189-196, 2008. Disponível em:< <https://tinyurl.com/y3jers58> > Acesso em 29/09/2019.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, Papirus, 1995. 96 p.

_____. Educação Física Escolar: em busca da pluralidade. **Revista Paulista de Educação Física**, p. 40-42, 1996. Disponível em: <https://tinyurl.com/y6yaaj3n> Acesso em: 20/08/2019

DA SILVA, Anaxsuell Fernando. Rubem Alves, uma trajetória de gestos poéticos. **Revista Inter-Legere**, n. 8, 2011. Disponível em: <https://tinyurl.com/y3qjueyb> Acesso em: 12/13/2019

DARIDO, Suraiya. Cristina. Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Revista Fluminense de Educação Física Escolar**, Niterói, v.2, n.1, p.5-26, 2001. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5sk2cx5> Acesso em: 08/07/2018

DE SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira; DARIDO, Suraiya. Cristina. M. **Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas: Papirus, 2007.

DE SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar. **Motriz: Revista de Educação Física**, p. 920-930, 2010. Disponível em : <<https://tinyurl.com/y2ny2vgt> > Acesso em: 15/03/2018

DE SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. et al. Coletivo de autores: a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, p. 391-411, 2011. Disponível em < <https://tinyurl.com/yygj434p> > Acesso em 10/10/2019

DIOGO, Rosália Estelita Gregório. Paulina Chiziane: as diversas possibilidades de falar sobre o feminino. **Scripta**, v. 14, n. 27, p. 173-182, 2010. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5rmznlk> Acesso em: 12/11/2019

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y43tosrl> > Acesso em: 02/03/2018

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Lisboa: Ed. Temas e Debates, 1ª ed. 2003. 208 p.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 4. Rio de Janeiro: Sextante**, 2016.296p. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y2a5xz32> > Acesso em 12/11/2019

FARIA, Eliene Lopes. Quando “rola a bola”: reflexões sobre as práticas futebolísticas e a forma escolar nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 2, 2014. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y4do88mp> > Acesso em 05/06/2019

FERREIRA, Talita; MOREIRA, Evando Carlos. Educação física escolar e futebol: o que pensam os alunos do ensino médio. **Motrivivência**, v. 31, n. 58, 2019. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y3qkoamv> > Acesso em: 10/10/2019

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995. 259 p.

_____. Sujeito e Poder. In: REYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica** (além do estruturalismo e da hermenêutica). ;Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GASTALDO, Edison. Arquibancada Cotidiana: jogos, sociabilidade e interação entre torcedores de futebol no Brasil. **Logos**, v. 23, n. 1, p. 21 – 30, 2016. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y2h5dux5> > Acesso em: 04/10/2019

GOELLNER, Silvana. Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y55fhwhd> > Acesso em: 06/11/2019

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria: revista de estudos de literatura**, v. 9, p. 38-47, 2002. Disponível em: < <https://tinyurl.com/yym9exm4> > Acesso em: 07/08/2019

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003. Disponível em < <https://tinyurl.com/y67xuhko> > Acesso em: 12/12/2019

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Esportivização. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico da educação física**. 2. ed. rev. Ijuí: Editora Unijuí, 2008. p.170-174

GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. Inventariar contos sobre futebol: o estrangeiro e a mulher nas antologias brasileiras. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 26, n. 3, p. 87-121. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y67xuhko> > Acesso em 15/08/2019

GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil. **Uma história da maior expressão popular do país**, 2009. 309 p.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, 1997. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yxwqqraf>> Acesso em: 19/05/2019

_____. **Da diáspora, identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Humanitas, 2003. 434p.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ªed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006. 104 p.

HUGHES, Ian. How to keep a researchdiary. In: RICHARDSON, Roberto Jarry. **Como fazer pesquisa-ação**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2003. 242p.

HUIZINGA, Joah. **Homo Ludens. O jogo como elemento da cultura**. Tradução de João Paulo Monteiro. 8ªed. 2ª reimpr. São Paulo: Perspectiva 2018. 256 p.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994. 78 p.

KUNZ, Eleonor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994. 152 p.

_____. Apresentação. In: Didática da Educação Física 3: futebol. Ijuí: Editora Ijuí, 2005. 168 p.

LAJOLO, Marisa. **No mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo, SP: Ática, 2004. 112 p.

LEITE, Sérgio A. S. (Org.). **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006. 312 p.

LEÓN, Magdalena. (2001). El empoderamiento de las mujeres: encuentro del primer y tercer mundos em los estudios de género. In: CORTEZ, Mirian Béccheri; SOUZA, Lídio de. Mulheres (in) subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** Vol. 24 n. 2, p. 171-180 2008. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxfelwly> Acesso em: 20/12/2019

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. In: COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

LINS DO REGO, José. **Flamengo é puro amor: 111 crônicas escolhidas**. Seleção introdução e notas: Marcos de Castro. 3ªed. Rio de Janeiro. José Olympio, 2013. 228 p.

LISPECTOR, Clarisse. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro. Ed. José Olympio,1997. 82 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p.

_____. (Org). **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva - 2ª Edição. Belo Horizonte. Autêntica, 2000. 224 p.

MACAGNAN, Leandro Del Giudice; BETTI, Mauro. Futebol: representações e práticas de escolares do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, n. 2, p. 315-327, 2014. Disponível em < <https://tinyurl.com/y6yaaj3n> > Acesso em: 29/09/2019

MACHADO, Anna Rachel. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: DOS ANJOS-SANTOS, Lucas Moreira; LANFERDINI, Priscila AF; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. Dos saberes para ensinar aos saberes didatizados: uma análise da concepção de sequência didática segundo o ISD e sua reconcepção na revista Nova Escola. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 11, n. 2, p. 377, 2011. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y6mqsy7e> > Acesso em 29/09/2019

MAZZON, José Afonso; KAMAKURA, Wagner A. **Estratificação socioeconômica e consumo no Brasil**. Editora Blucher, 2016. 286 p.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo e... "mente": bases para a renovação e transformação da Educação Física**. Campinas, SP: Papirus, 2006. 160 p.

MESSNER, Michael. A boyhood, Organized. Sports&theConstruction of Masculinity. In ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. Cortez Editora, 2015. 176 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 80 p.

_____. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Editora Hucitec. 13ª edição, 2013. 57 p.

MITRE, Sandra Minard. et al. Metodologias ativas de ensino e aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência & Saúde Coletiva**, 13 (Sup2): 21332144, 2008. Disponível em < <https://tinyurl.com/y2a6esxc> > Acesso em 09/10/2018

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 10, n. 2, 1994. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y2yh4jhc> > Acesso em: 10/10/2019

MORIN, Edgard. **Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental**. Natal: EDUFRRN, 1999.

_____. **Ciência com consciência**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2002. 350 p.

_____. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 128 p.

MORIN Edgard (Dir.). **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Trad. Flavia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 584p

MORIN, Edgard et al. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Cortez Editora, 2014. 104 p.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação. **Educação**, v. 29, n. 1, p. 123-133, 2006. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y57ul5lf>> Acesso em: 29/08/2019

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física**. São Paulo: Blucher, 2011. 173 p.

_____. Teorias pós-críticas da educação: subsídios para o debate curricular da Educação Física. **Dialogia, São Paulo**, v. 2, n. 14, p. 195-206, 2011. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y4gbrpvm>> Acesso em: 10/11/2019

_____. **Educação física cultural**. Editora Blucher, 2018. (versão digital)

_____. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 215-223, 2017. Disponível em: <https://tinyurl.com/y6xgsaso> Acesso em: 10/11/2019

NUNES, Mário Luiz Ferrari; RÚBIO, Kátia. currículo (s) da educação física e a constituição da identidade de seus sujeitos. **Currículo sem fronteiras**, v. 8, n. 2, p. 55-77, 2008. Disponível em: <https://tinyurl.com/yyy7xpgu> > Acesso em: 02/07/2018

PAES DE BARROS, Ricardo et al. **Relatório de definição da classe média** (2012). Recuperado em 3 de setembro de 2018 Disponível em: <<https://tinyurl.com/yxfswa8b>> Acesso em: 26/09/2019

PALAVIZINI, Roseane Simões. **Uma abordagem transdisciplinar à pesquisa-ação**. Revista Terceiro Incluído, v. 2, n. 1, p. 67-85, 2012 Disponível em: <<https://tinyurl.com/y4fsfwmk>> Acesso em 31/07/2020

PAVIS, Patrice. **O teatro no cruzamento das culturas**. São Paulo: Perspectiva. 2015. 232 p.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**. Editora 34, 2008. 192 p.

_____. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009. 304 p.

PEDROSA, Milton (Org.). **Gol de letra: o futebol na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1967.

PERRENOUD, Philippe. Currículo real e trabalho escolar. In: **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto: Porto Editora, 1995.

RATTO, Ana Lucia. Silva. Disciplina, vigilância e pedagogia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.131, p. 481-510, 2007. Disponível em: <https://tinyurl.com/yy9ubcjm> Acesso em: 31/07/2020

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Como fazer pesquisa-ação**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2003. 242p.

RODRIGUES, FILHO Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 344 p.

_____. **O sapo de Arubinha. Os anos de sonho do futebol brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras. 1994. 248 p.

RODRIGUES, FILHO Mário Filho, o criador de multidões. In: RODRIGUES Nelson; RODRIGUES FILHO, Mário. (Orgs.). **Fla-Flu... e as multidões despertaram.** Rio de Janeiro: Europa, 1987. p. 136-138.

RODRIGUES, Nelson. Complexo de vira-latas. À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol. São Paulo, Cia das Letras, p. 61-63, 1993.

_____. A pátria de chuteiras/ Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro. Fronteira, 2013. (Versão digital)

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto.; DARIDO, Suraiya Cristina. PESQUISA-AÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ANALISANDO O ESTADO DA ARTE. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 1, 10 mar. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y24v83tr>> Acesso em: 09/11/2019

SANCHES, Manuela Ribeiro. Nas margens: os estudos culturais e o assalto às fronteiras acadêmicas e disciplinares. **Etnográfica**, v. 3, n. 1, p. 193-210, 1999.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva a partir do original inglês. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y2dzvg5j>> Acesso em 01/10/2019.

SHIGUNOV, Viktor. A influência dos espaços físicos e materiais esportivos das escolas públicas no desempenho do professor de educação física. In: X COMBRACE, 1997, Goiânia. **Anais do X COMBRACE**. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1997. v. 1. p. 679-686.

SILVA, Francielle Ferreira; ANDRADE NETA, N. F. Afetividade e ensino-aprendizagem: influência favorável na relação professor-aluno-objeto de conhecimento. **Especiaria: Cadernos de Ciências. Humanas, Ilhéus**, v. 17, n. 31, p. 31-49, 2017. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y3g6y99s>> Acesso em: 03/03/2020

SILVA, Marcelo Medeiros da. “Uma estranha na sala de aula: interculturalidade, letramento literário e ensino”. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 57, e. 575, 2019. p. 1 - 13 Disponível em: <<https://tinyurl.com/y2dqmqc3>> Acesso em: 15/01/2019

SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. O futebol é fogo de palha: a “profecia” de Graciliano Ramos. **Lecturas: Educación Física y Deportes**. Ano 3, nº10 Buenos Ayres.,1998. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y3vhqxo3>> Acesso em: 12/01/2020

STREY, Marlene Neves; WERBA, Graziella Cucchiarelli. (2001). Longe dos olhos, Longe do Coração: ainda a invisibilidade da violência contra a mulher IN: GROSSI, Patrícia; WERBA, Graziella Cucchiarelli. *Violências e Gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre. EDIPUCR, 2012. p. 73-83.

SWAN, Jacky. Using cognitive mapping in management research: decisions about technical innovation In: BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt. Mapas cognitivos e a pesquisa organizacional: explorando aspectos metodológicos. **Estudos de psicologia**, v. 7, n. 1, p. 65-77, 2002.

TAVARES, Edson. Literatura na escola: o “assassinato” do gosto literário. In: SWARNAKAR, Sudha (org.). **Tecidos metafóricos**. João Pessoa: Ideia, 2003. p. 103-122.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação (Coleção temas básicos da pesquisa ação). 2ªed. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1986. 136 p.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005. Disponível em: < <https://tinyurl.com/yy9pdkhj> > Acesso em: 08/10/2019

TUSSI, Rita de Cássia.; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker. **Programa Bebelendo: uma intervenção precoce de leitura**. São Paulo: Global, 2009. 201 p.

VIANA, Rodrigo. A bola e o verbo: o futebol na crônica brasileira/Rodrigo Viana. – 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2013 (Versão Eletrônica).

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Léa. **Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?.**4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 54 p.

WEEKES, Jeffrey. O corpo e a sexualidade (2000). In. LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. p. 35 - 82

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998. 224 p.

SEGUNDA PARTE



 **SEQUÊNCIA DIDÁTICA** 
**FUTEBOL E LITERATURA NA AULA DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES
TRANSDISCIPLINARES NO ENSINO MÉDIO**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO PROFISSIONAL
ORIENTADOR: PROF. DR. MARCELO MEDEIROS DA SILVA
MESTRANDA: LAÍS SANTOS CASTRO

APRESENTAÇÃO



Esta sequência didática, intitulada “Futebol e Literatura na aula de Educação Física: possibilidades transdisciplinares no Ensino Médio”, foi elaborada com a finalidade de auxiliar o trabalho docente do esporte no contexto escolar, especificamente no que se refere à modalidade do futebol. Dentro de uma perspectiva cultural, utilizamos textos literários (crônicas, contos e notícias) sobre futebol como elementos mobilizadores do conhecimento.

Não se trata de um manual que deve ser reproduzido à risca e acriticamente, mas de um instrumento didático pedagógico que pode contribuir para a reflexão acerca do futebol enquanto fenômeno cultural e social na sociedade brasileira, colaborando para que, na escola, a multiplicidade de saberes que compõe o entorno deste jogo seja considerada, reconfigurando o ensino desta modalidade para além do esportivismo que comumente lhe é atribuído.

Nosso trabalho articula futebol e literatura e é sistematizado em quatro blocos de aulas que totalizam dezesseis encontros, vinte e duas aulas e uma mostra pedagógica, que se orientam pelos seguintes eixos temáticos.

- As representações sobre o futebol para os sujeitos;
- O futebol dentro e fora do Nordeste;
- As representações sobre a mulher no futebol;
- O futebol e as relações étnico-raciais.

Em meio às diversas possibilidades didático-metodológicas disponíveis, esta ação é delineada sob os moldes da *sequência básica*¹, apresentada por Cosson (2014), de modo que, em cada bloco de aulas, viabilizamos atividades que compõem as etapas de motivação, introdução sobre o autor, leitura e interpretação, visando a promover uma prática de letramento literário significativa que conduza o alunado a experimentar o futebol pelo mergulho na obra literária

Assim, confiamos que este instrumento pedagógico pode contribuir para a construção do conhecimento sobre o futebol através da aprendizagem da/sobre/ e por meio da literatura, coincidindo em uma educação pelo/atraves/ do esporte que permita a construção de conhecimentos teóricos e práticos sobre o futebol dentro de uma visão plural, que não se atém somente a um ou outro aspecto que compõe o jogo.

¹A sequência básica (SB) é uma forma de organização pedagógica das atividades voltadas para o trabalho com os gêneros literários objetivando a formação de leitores de literatura. A SB é composta por quatro momentos essenciais: a motivação, que deve constar de atividades para introduzir a discussão da temática do texto principal; a introdução, momento destinado à apresentação de informações sobre o autor do texto a ser lido; a leitura do texto literário, momento de contato efetivo com o texto e que pode ser desenvolvido a partir das mais diversas estratégias, e, por fim, a interpretação, momento de reflexão e de construção de sentidos sobre o texto (COSSON, 2014).

PRIMEIRO BLOCO DE AULAS



CONTEÚDO: As origens históricas do futebol no mundo.

OBJETIVO GERAL: Conhecer jogos que deram origem ao futebol ao redor do mundo e reconhecer os diferentes modos de os sujeitos absorverem, incorporarem e representam o futebol em seus cotidianos.

ESPAÇOS UTILIZADOS: Sala de aula, auditório, ginásio poliesportivo, ou algum espaço aberto existente na escola, pátio, biblioteca e/ou sala de leitura.

RECURSOS NECESSÁRIOS: bola de futebol, canetas coloridas, papel A4, data show, computador, caixa de som, fotocópias, cartolina, bexigas coloridas, marcador permanente, confeitos, livros.

DURAÇÃO: Quatro encontros distribuídos em quatro aulas, ficando a critério do professor estender a quantidade de aulas por encontro a depender do andamento das atividades propostas.

PRIMEIRO ENCONTRO (UMA AULA)

OBJETIVO: Reconhecer as representações do futebol para os sujeitos como um resultado das experiências pessoais de cada pessoa com o esporte.

ESPAÇO: auditório.

MOTIVAÇÃO – DINÂMICA “TROCA DE PASSES”

Dinâmica “Troca de passes”:

A turma deverá ser organizada em um único círculo no chão. Dentro do círculo, estarão dispostas algumas canetas e papéis para serem assinalados pelos alunos ao som da música “Partida de futebol”², do grupo musical Skank. Um a um, os estudantes deverão:

- Dizer seus nomes;
- Executar um movimento interagindo com a bola (este movimento deverá ser imitado pelos demais alunos do círculo).

Quando todos tiverem interagido com a bola, os discentes deverão assinalar em um dos papéis dispostos no chão uma palavra ou expressão que denote o que o futebol representa para cada um deles. Em seguida, deverá ser viabilizada uma roda de conversa problematizando as interações dos estudantes com a bola e os sentimentos e impressões mencionados por eles

Figura 1: Dinâmica troca de passes



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 2: Papéis com as impressões dos discentes sobre o futebol



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Questionamentos como os que se seguem poderão ser feitos:

- Você se sentiu à vontade, envergonhado ou temeroso de interagir com a bola?
- Por que você acha que se sentiu assim?
- Por que você utilizou esta palavra ou expressão para descrever o futebol?
- O movimento realizado e a palavra ou expressão assinalada remetem à alguma experiência que você vivenciou com futebol?

MOTIVAÇÃO – EXIBIÇÃO DE VÍDEO

Exibição do TED Talks³ “Abrace a linguagem universal do Futebol– TEDxGreenville”⁴, no qual, a partir de sua experiência com o futebol brasileiro, a atleta norte-americana Quiana Martin apresenta o futebol com linguagem universal capaz de conectar pessoas oriundas de diferentes universos socioculturais. Após a exibição do vídeo, sugerimos que a roda de conversa seja retomada dialogando sobre os pontos suscitados por ele.

² Link para a música “ É uma partida de futebol” do grupo Skank disponível em <https://tinyurl.com/yyzaclzw> acesso em 24/07/2020

³ **TED (Tecnologia, Entretenimento e Design)** é uma organização sem fins lucrativos com o objetivo de compartilhar ideias por meio das *talks* (conversas) que são um modelo palestras mais curtas e eficazes para chamar a atenção para um único tópico podendo abranger assuntos dos mais diversos como política, políticas públicas, educação, comunicação, saúde, entre outros.

⁴ Link para o vídeo “Abrace a linguagem universal do Futebol – Quiana Martin – TEDxGreenville” encontra-se disponível em: <https://tinyurl.com/y5ahsrpw> acesso em 31/07/2020.

Questionamentos sobre o vídeo poderão ser feitos:

- A atleta inicia sua explanação com a expressão – Eu posso jogar? - Você enquanto aluno se sente confiante e incluído para jogar futebol no seu cotidiano e na aula de Educação Física? Por que você se sente dessa maneira?
- Caso a resposta seja negativa, algo poderia ser feito para transformar essa situação? O que você sugere?
- A atleta discorre que a partir de suas vivências com o futebol no Brasil foi possível desconstruir alguns preconceitos sobre o esporte e sobre as pessoas, você acha que, se na aula de Educação Física, as vivências com o futebol fossem mais diversificadas algumas ideias preconcebidas sobre o futebol e seus praticantes poderiam se desconstruídas?
- Atleta discorre que nos Estado Unidos o futebol encontra-se relegado a grupos sociais com maior poder aquisitivo. Na escola este esporte encontra-se monopolizado algum grupo específico? É possível democratizá-lo? Como?
- No vídeo a atleta chama atenção para a importância de expor as pessoas ao contato com o futebol e ressalta a necessidade de se buscar formas plurais de promover este contato. Você acha que a escola configura como um espaço no qual o futebol é disseminado de forma plural entre os sujeitos? Por quê?
- Dê sugestões de como tornar o Futebol uma linguagem mais universal em sala de aula?



TREINO DURO, JOGO FÁCIL

Como atividade para casa será requisitado que os alunos pesquisem sobre a vida e obra dos seguintes escritores: Rubem Alves, José Lins do Rego, Paulina Chiziane, Nelson Rodrigues, para que possam participar de uma atividade na aula seguinte.

SEGUNDO ENCONTRO (UMA AULA)

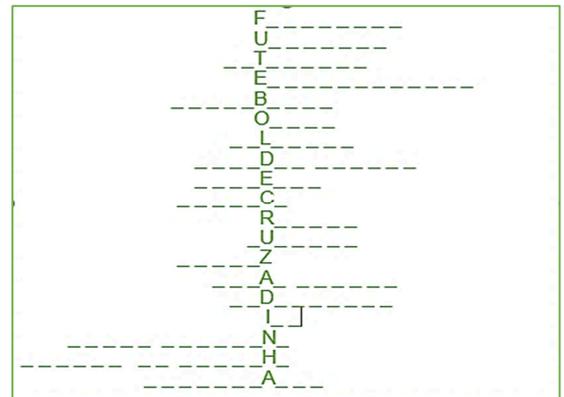
OBJETIVO: Conhecer elementos da vida e obra de escritores que tematizam o futebol dentro e fora do Brasil.

LOCAL: Ginásio poliesportivo, pátio ou algum espaço aberto da escola.

INTRODUÇÃO SOBRE OS AUTORES JOGO DE PALAVRAS CRUZADAS

No intuito de apresentar aos discentes elementos da vida e da obra de escritores que tematizam o futebol dentro e fora do Brasil, sugerimos a realização da atividade “*Futebol de Cruzadinha*”. Neste jogo, as letras que formam a expressão “*Futebol de Cruzadinha*” deverão ser escritas em uma cartolina, sendo dispostas em uma coluna vertical conforme mostra a figura abaixo. Cada letra estará relacionada à resposta de uma pergunta sobre a vida e a obra dos autores⁵ cujos textos serão utilizados nesta sequência didática.

Figura 3: Exemplo do jogo de palavras cruzadas.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

PERGUNTAS DO JOGO DE PALAVRAS CRUZADAS

- 1- Movimento político e social que caracteriza a história de Paulina Chiziane enquanto mulher, e que também é uma das temáticas de seu primeiro romance: **F**eminismo.
- 2- Uma das mais conceituadas universidades de São Paulo onde Rubem Alves atuou como professor, criou diversos grupos de pesquisa e recebeu o título de Professor Emérito: **U**nicamp;
- 3- Assunto principal das produções teatrais de Nelson Rodrigues: Co**T**idiano.
- 4- Doença mental do pai de José Lins do Rego que levou ao assassinato de sua mãe: **E**squizofrenia.
- 5- País de origem da escritora Paulina Chiziane onde ela viveu, cresceu e iniciou seus estudos na área de linguística: Moçamb**B**ique.
- 6-Primeiro nome do título do livro de Rubem Alves que ficou em 2º lugar do Prêmio Jabuti na categoria “Contos e Crônicas” cujo nome também é de um crustáceo que produz uma joia: **O**stra feliz não produz pérola.

⁵Os autores cujas obras serão abordadas nesta sequência didática são:

Rubem Alves: um dos mais instigantes pensadores da atualidade, com inserção e respeito em esferas distintas: teologia, educação, psicanálise, filosofia, estudos do fenômeno religioso, literatura (adulta e infantil), crônicas do cotidiano entre outras. Seus livros têm sido traduzidos em diferentes línguas seu pensamento é alvo de estudo de pesquisadores no mundo inteiro e mais recentemente, no Brasil (DA SILVA, 2011).

José Lins do Rego: paraibano, um dos romancistas regionalistas brasileiros mais reconhecidos de sua época, cuja relevância como literato ajudou a trazer prestígio para a crônica esportiva. Possuía forte engajamento com futebol, uma vez que foi: torcedor, cronista esportivo, sócio e dirigente de clube, deixando a sua paixão pelo futebol registrada em mais de 1500 crônicas esportivas escritas no período compreendido entre 1945 e 1957. (ANTUNES, 2004)

Paulina Chiziane: escritora pós-moderna negra reconhecida internacionalmente. Foi a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, desafiando críticas e resistências sociais e culturais no seu país. Insere-se no rol de escritores contemporâneos africanos que privilegiam narrativas de tradição oral, e trazem possibilidades de reflexão para algumas lacunas sobre a tradição africana a partir de uma escrita que possibilita compreender reconfiguração da memória social pós-colonial de Moçambique e sua constituição identitária (DIOGO, 2010).

Nelson Rodrigues: considerado um dos maiores expoentes da crônica de futebol no Brasil, tendo obtido destaque no cenário literário no período de maior produção e disseminação deste gênero que compreendeu as décadas de 1950 e 1970, cenário no qual o autor figurou como um dos grandes incentivadores da prática do futebol no Rio de Janeiro e na sociedade brasileira. Fortemente influenciado pela escrita se seu irmão Mário Filho, na elaboração de suas crônicas, abordava o papel do futebol na sociedade brasileira expressando-se por meio da linguagem da dramaturgia, capturando as emoções do estádio e elaborando verdadeiras narrativas épicas e míticas dos jogos, de modo que, até hoje elas permitem a elaboração de roteiros televisivos e cinematográficos que enfocam a onipresença do futebol na vida da população brasileira (ANTUNES, 2004).

7- Sessão de jornal onde Nelson Rodrigues escreveu pela primeira vez: <u>Pol</u> icial.
8- País onde Rubem Alves viveu exilado por ter sido acusado de conduta subversiva pela Igreja Presbiteriana e após ter sofrido perseguição política durante o Regime Militar (1964-1985): Esta <u>D</u> os Unidos;
9- Nome do engenho onde José Lins nasceu e morou por um grande período de sua vida: Corr <u>E</u> dor;
10-Paulina Chiziane foi a primeira mulher moçambicana a ter uma obra publicada, e o gênero textual desta obra era: <u>Roman</u> Ce;
11- Cidade onde Nelson Rodrigue nasceu, conhecida como terra do frevo: <u>R</u> ecife;
12- Práticas de perseguição que levaram Rubem Alves a ter uma infância e adolescência solitárias na escola por ser um garoto de sotaque “caipira” e pobre que estudava entre os ricos: b <u>U</u> llying;
13- Ave cujo canto alegre nomeia o quinto livro de Paulina Chiziane publicado em 2008, que conta a história de Delfina e Maria, enfocando o olhar da mulher negra sobre questões sociais e o racismo que permeia a mistura de etnias resultantes do colonialismo africano: Perdi <u>Z</u> ;
14- Estado conhecido como terra do pão de queijo onde José Lins atuou como Promotor no Ministério Público: Min <u>A</u> s Gerais;
15- Movimento cultural ocorrido na primeira metade do século XX onde ocorreu a Semana de Arte Moderna, no qual a produção literária de Nelson Rodrigues se insere: Mo <u>D</u> ernismo;
16- Árvore que produz flores amarelas cujo as cinzas do Rubem Alves foram depositadas logo após a sua morte por falência múltipla dos órgãos em julho de 2014: <u>I</u> pê-amarelo;
17-Falha genética caracterizada por uma fenda labial, da qual filha do escritor é portadora: Lábio Lepori <u>N</u> o;
18- Livro pelo qual José Lins do Rego obteve o Prêmio da Fundação Graça Aranha: Menino de Engen <u>H</u> o
19-Contexto religioso e familiar que a escritora nasceu e cresceu: Protest <u>A</u> nte.

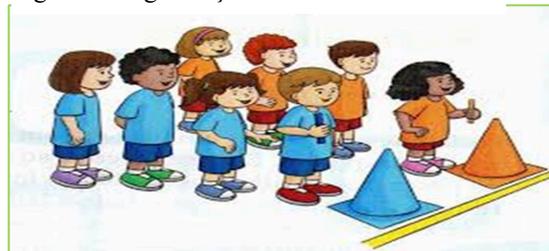
JOGO DE PALAVRAS CRUZADAS

O “futebol de cruzadinha” será organizado da seguinte forma:

- os alunos devem ser dispostos em duas equipes, organizadas em duas colunas como na imagem⁶ ao lado;
- ao silvo do apito, o primeiro estudante de cada coluna deve se dirigir até a trave realizando um fundamento técnico do futebol estabelecido pela professora (cabeceios, condução, fintas, dentre outros);
- o discente que chegar à trave primeiro terá o direito de responder uma pergunta do jogo de palavras cruzadas e marcar ponto para sua equipe;
- Cada resposta será discutida com os alunos e complementada pelas informações que eles mesmo trouxeram ou por dados trazidos pela professora;
- Poderá ser dado um confeito de brinde para motivar aos alunos que forem acertando as perguntas.

Para incentivar a adesão à leitura dos textos e ao jogo de futebol, quando o jogo de palavras cruzadas acabar, os alunos das duas equipes poderão realizar uma partida recreativa e os que não estiverem nos times poderão aproveitar o momento para ler obras⁷ dos autores tematizados na sequência didática.

Figura 4: Organização da estafeta.



Fonte: Portal do professor link disponível na nota 6

Figura 6: Organização do espaço.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 5: Disposição das bexigas no jogo.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

⁶Ilustração das crianças em colunas encontra-se disponível em: <https://tinyurl.com/y4vqjqfn> Acesso em 31/07/2020.

⁷O professor deverá disponibilizar livros e/ou fotocópias com textos dos referidos autores.

TERCEIRO ENCONTRO (UMA AULA)

OBJETIVO: ler e discutir a crônica esportiva “Entre vacas, porcos e bolas” de autoria de Rubem Alves.
ESPAÇO: Biblioteca ou sala de leitura.

PREPARAÇÃO DO AMBIENTE DE LEITURA

Sugerimos que o professor prepare antecipadamente o ambiente da aula, para que a ida à biblioteca não se torne uma visita convencional, mas uma experiência de leitura. Se houver cadeiras, tatames e/ou almofadas neste ambiente, aconselhamos que eles sejam organizados em círculo para que os alunos possam se ver e ouvir durante a leitura.

Se o ambiente da biblioteca estiver com cheiro de mofo ou de local fechado, recomendamos que o professor abra as janelas para arejar o espaço e que se desejar acenda um incenso ou borrife alguma essência de cheiro suave no mobiliário para criar uma atmosfera confortável e agradável.

Caso o docente considere cabível, é recomendável que leve petiscos (biscoito, pipoca amendoim, dentre outros) para serem distribuídos durante a leitura e discussão do texto. Música calma em volume baixo também pode ser utilizada para ajudar a compor um clima aconchegante e prazeroso para a experiência com o texto literário. Ao lado, as fotos exemplificam como preparamos nosso ambiente de leitura.

Figura 7: Organização do espaço de leitura



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 8: Vista do espaço de leitura.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

INTRODUÇÃO PARA A LEITURA DO TEXTO

Recomendamos que a aula seja iniciada com uma explanação sobre as origens históricas do futebol⁸, de modo que o professor discorra brevemente sobre os jogos com os pés praticados pelo homem ao longo da história em diferentes civilizações do mundo.

Neste momento, é importante que o docente ressalte os diferentes sentidos pelos quais os sujeitos praticavam os jogos precursores do futebol em diferentes culturas, questione sobre o conhecimento prévio que os alunos têm a respeito desses jogos e complemente as informações trazidas com imagens como as que estão dispostas abaixo (da esquerda para a direita de cima para baixo - Tsu Chu: China Antiga 300 a.C.; Kemari: Japão Antigo; Epyskiros Grécia Antiga século I a.C.; Pok ta Pok: México 900 anos a.C.; Soule: França, 58 anos a.C.; Calcio Fiorentino: Itália 1580).

⁸Informações e ilustrações sobre jogos que deram origem ao futebol ao redor do mundo encontram-se disponíveis em: <https://tinyurl.com/y45qyq99> Acesso em 31/07/2020

Figura 9: Jogos de deram origem ao futebol



Fonte: Verminosos por futebol, link para consulta disponível na nota 8.

LEITURA DO TEXTO “SOBRE VACAS, PORCOS E BOLAS”

Após a explanação sobre a expansão futebol no mundo, indicamos que seja realizada a leitura da crônica “Sobre vacas, porcos e bolas” (Cf. Anexo B) de Rubem Alves. A leitura poderá ser feita de forma verbalizada por quatro alunos e acompanhada silenciosamente pelo restante da turma.

Para permitir que os discentes utilizem a estratégia de inferência⁹, o texto deve ser entregue particionado em quatro envelopes para que seja lido com pausas em três etapas:

- Envelope 1: início do texto até a expressão “Eu sou flu. E você?” nas linhas 3 e 4
- Envelope 2: da linha 4 até as linhas 12 e 13 na expressão “Filho, estou morrendo... Quero que você faça a minha última vontade”;
- Envelope 3: da linha 13 até a expressão “E eis que, de repente, uma cena esquecida me apareceu...” na linha 25;
- Envelope 4: da linha 26 a partir da expressão “Era um campo de futebol de roça, um pastinho...” até o final do texto.

Nas pausas deverá ser solicitado que os discentes levantem hipóteses sobre os desfechos da história e para isto os seguintes questionamentos poderão ser feitos:

- Quanto ao envelope 1: O que o narrador respondeu ao colega que era Flu?
- Quanto ao envelope 2: Qual teria sido o último pedido que o pai moribundo fez ao seu filho?

⁹A inferência é uma estratégia do ato de ler compreendida como a conclusão ou interpretação de uma informação que não está explícita no texto (BATAUS; GIOTTO, 2013)

- Quanto ao envelope 3: O que você acha que ocorreu na cena lembrada pelo narrador?

Figura 11: Envelopes para a dinâmica



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 10: Leitura da crônica.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Após a conclusão da leitura, indicamos que seja realizada uma roda de conversa que poderá ser conduzida partindo dos seguintes questionamentos.

- O que vocês acharam do texto?
- Vocês se identificaram com algum dos personagens? Qual? Por quê?
- Por que o fato de o narrador não ter um time do coração fazia com que ele se sentisse inexistente?
- Dentro e/ou fora da aula de Educação Física, você se já se sentiu excluído, desprestigiado ou deslocado por não simpatizar com a modalidade ou não se considerar habilidoso no futebol? Comente sua experiência.
- O fato de o narrador não se interessar por futebol, como a maioria das pessoas, exercia alguma influência quanto à inserção dele nos círculos sociais?
- Por que algumas pessoas são tão apaixonadas por futebol e outras não?
- Você se considera apaixonado por futebol? Por quê?
- Você tem algum time do coração? Qual? O que o levou a escolher esse time? Qual sua opinião sobre as pessoas que acompanham os jogos dos seus times favoritos, participam de torcidas organizadas, consomem produtos e participam de eventos esportivos?
- Você já teve alguma experiência negativa ou traumática com o futebol em sua vida? Relate.
- Sobre sua relação com o futebol, você considera possível criar condições para ressignificá-la dentro do contexto da escola? De que modo?
- Você acha que algo poderia ter sido feito para ressignificar a relação do autor da crônica lida com o futebol? O que você sugeriria?
- Você acrescentaria algo na narrativa do texto? O que?
- Compartilhe com a turma experiências que você vivenciou com o futebol ao longo de sua história.

Fonte: Arquivo da pesquisadora

Para finalização desta aula, sugerimos que algumas das atividades lembradas pelos alunos sejam selecionadas para serem experimentadas pela turma na próxima aula.



TREINO DURO, JOGO FÁCIL

Como atividade para casa, sugerimos que a professora (o) solicite que os discentes construam um texto lembrando seu histórico pessoal com o futebol a ser entregue na aula seguinte e também tragam material alternativo (garrafas pet, tampinhas de garrafa, cartolina, copos de plástico barbante, dentre outros materiais) para construção e experimentação de jogos, brinquedos e brincadeiras inspiradas nas atividades lembradas.

QUARTO ENCONTRO (UMA AULA)

OBJETIVOS: Construir jogos, brinquedos e brincadeiras relacionados ao futebol com base nos jogos que originaram este esporte no mundo e na rememoração de experiências com este esporte vivenciadas pelos/as alunos/as.

ESPAÇO: Sala de aula, pátio e quadra ou espaço aberto.

CONSTRUÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO DE JOGOS INSPIRADOS NO FUTEBOL

De posse dos materiais alternativos que foram solicitados na aula anterior, os discentes deverão ser subdivididos em duplas ou trios para produzirem jogos e brincadeiras relacionadas ao futebol, inspiradas nas memórias com este esporte na infância e/ou nos jogos originários do futebol que foram apresentados pelo professor na última aula. Cada grupo de alunos deverá construir seu jogo, brinquedo e brincadeira da seguinte forma:

- Elaborar e construir o jogo ou brinquedo;
- Descrever suas regras e funcionamento em forma de texto corrido;
- Apresentar e experimentar com a turma.

Figura 12: Construção dos jogos com o futebol.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 13: Experimentação dos jogos com o futebol.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

REAJUSTE TÁTICO

É necessário considerar que existe a possibilidade de os alunos não se mobilizarem para levar o material alternativo necessário para a construção dos jogos e brincadeiras. Caso isto ocorra, recomendamos que o professor utilize algumas estratégias acessórias a seguir.

- Construir dois jogos com material alternativo de baixo custo e acesso fácil disponibilizado pelo próprio professor e a partir de material disponíveis na escola:

FUTEBOL DE TAMPINHA

Materiais:

- 6 tampas de garrafa pet;
- Fita adesiva colorida;

O jogo:

- Numa mesa, marque o campo fazendo um retângulo com cerca de 1,5 m de comprimento por 1 m de largura, demarque a linha do meio, e as duas pequenas áreas com cerca de 15cm de largura por 8 de comprimento;
- Envolve três tampinhas com fita adesiva colorida para diferenciar os times;
- Sorteie quem vai iniciar o jogo no par ou ímpar;
- O jogador sorteado para iniciar a partida posiciona as 3 tampinhas próximas à linha de fundo do seu campo formando um triângulo e o adversário posiciona uma tampa próximo a sua pequena área.
- O deslocamento das tampinhas deve ocorrer com toques leves com as pontas dos dedos, a lateral da palma da mão ou com a lateral dos dedos dobrados, não sendo permitido que a condução seja

- A tampinha deslocada a deve sempre passar pelo meio das outras duas;
- Cada jogador pode dar 3 toques na jogada, ou seja, cruzar 2 vezes e, no último cruzamento finalizar ao gol.
- Para evitar que ocorram gols inválidos, quando o jogador que está no ataque for realizar o cruzamento para gol o jogador que estiver na defesa deve, na linha de fundo simular uma trave posicionando os dois indicadores na posição vertical apontando para o chão e os dedos polegares posicionados horizontalmente e unidos nas pontas.
- Se, durante o ataque, alguma tampinha sair do campo pela lateral ou pela linha de fundo, ou se a tampinha tocada não passar pelo meio das outras duas, o jogador perde a vez e o adversário inicia sua jogada.
- Ganha quem fizer mais gols em dois tempos de 2 minutos.
- Se ao final dos dois tempos o jogo permanecer empatado cada jogador terá direito a um lance para o desempate.

FUTEBOLDE SACO ARTESANAL

Material

- 1 fita adesiva grossa;
- 20 sacolas plásticas;
- 2 ou três folhas de rascunho;
- 2 metros de *TNT*.
- 2 cadeiras;
- 1 pedaço de giz.

O jogo:

- Este jogo é uma adaptação do Futsac, modalidade origem brasileira criada em Curitiba, no Paraná, pelo curitibano Marcos Juliano Ofenbock entre os anos de 2002 e 2008.
- O jogo tem por objetivo não deixar a bolinha cair no seu campo e devolvê-la ao campo oposto, de modo que, a bola deve ser arremessada com os pés para o campo adversário por cima da rede;
- O giz deve ser utilizado para demarcar o campo, desenhando-se um retângulo no chão com 4 metros de comprimento por 2 metros de largura, e a linha do meio de campo também deve ser desenhada.
- As cadeiras devem ser colocadas na altura da linha do meio, uma de cada lado fora das linhas laterais.
- Uma faixa de TNT de 20 cm de largura deve ser posicionada à aproximadamente um metro de altura, unindo as duas cadeiras simulando uma espécie de rede.
- A bola deve ser feita amassando-se as duas folhas de rascunho dando-lhes um em formato semelhante ao de uma bola, que deve ser envolvida sucessivas pelas sacolas até que atinja o tamanho de uma bola de futebol, e coberta com fita adesiva para que não desmanche durante o jogo.
- O jogo pode ocorrer de forma individual ou em duplas.
- Para jogos individuais ou em dupla são obrigatórios dois toques na recepção do saque;

- Nos jogos individuais, são permitidos até dois toques por jogador, de modo que durante o jogo o atleta pode usar um ou dois toques para passar a bola para o campo adversário;
- Nos jogos em duplas são permitidos no máximo dois toques consecutivos por jogador (domínio e passe), podendo ser realizado um total de cinco toques entre a dupla, sendo que são permitidos no máximo três serviços seguindo a mesma dinâmica do Vôlei: recepção, levantamento e ataque;
- No jogo em dupla é obrigatório que na recepção do saque os dois integrantes do time toquem na bola antes de devolverem-na ao campo adversário (com a bola em jogo é permitido passar de primeira);
- Os jogos devem ser realizados com três sets de 21 pontos corridos, e caso o set desempate atinja o placar de 20 a 20 o jogo deve prosseguir até que um dos times consiga dois pontos de vantagem;
- O único momento no qual se pode tocar a bola com as mãos é no saque.
- Mais regras para o jogo de Futebol de Saco encontram-se disponíveis no site: <https://bit.ly/35sTfgg>

Figura 14: Jogo de Futsac.



Após o momento de produção de jogos acima descritos, aconselhamos que o professor organize pequenos torneios para que todos/as os/as estudantes tenham a oportunidade experimentação e prática das referidas atividades.

Recomendamos ainda que seja reservado tempo para a experimentação de jogos¹⁰ com bola nos pés que foram rememorados pelos estudantes e que o professor também proponha outros jogos da cultura do futebol de rua¹¹ tais como: timinho, bobinho, barra-barra.

O acervo com os textos que rememoram o histórico das vivências dos alunos com o futebol junto com os brinquedos produzidos nessa aula deverão ser guardados para que posteriormente sejam exibidos e experimentados por toda a comunidade escolar na atividade de culminância desta sequência didática.

¹⁰A ilustração do jogo de futsac encontra-se disponível em: <https://tinyurl.com/yxvu684y> Acesso em: 31/07/2020.

¹¹É possível encontrar a descrição das atividades do futebol de rua mencionadas disponíveis em: <https://tinyurl.com/y48ypbkb> Acesso em 31/07/2020.

SEGUNDO BLOCO DE AULAS



CONTEÚDO: O futebol profissional na Paraíba e no Brasil.

OBJETIVO GERAL: Reconhecer as semelhanças e diferenças entre os times de futebol profissional da primeira divisão da Paraíba e do Sudeste fazendo um paralelo entre o futebol na escola pública e na escola privada.

ESPAÇOS UTILIZADOS: Sala de aula, auditório, ginásio poliesportivo, ou algum espaço aberto existente na escola, pátio, biblioteca e/ou sala de leitura;

RECURSOS NECESSÁRIOS: bola de futebol, canetas coloridas, papel A4, data show, computador, caixa de som, fotocópias, cartolina, marcador permanente.

DURAÇÃO: Três encontros distribuídos ao longo de seis aulas, ficando à critério do professor estender a quantidade de aulas por encontro à depender do andamento das atividades propostas.



QUINTO ENCONTRO (UMA AULA)

OBJETIVO: Comparar a popularidade dos times paraibanos e de times do Sudeste entre os discentes entre os discentes, e problematizar a preferência dos torcedores pelos times de fora do estado da Paraíba.

ESPAÇO: pátio e sala de leitura

MOTIVAÇÃO – DINÂMICA “CAÇA AOS ESCUDOS”

Em um momento anterior à aula, o professor deverá imprimir escudos¹² de times de futebol profissional da Paraíba e do Sudeste (cf. Anexo F), conforme a imagem ao lado, e escondê-los por diversos locais da escola (pátio, biblioteca, corredores, sala de aula, dentre outros espaços). No momento da aula, a dinâmica deverá ser organizada da seguinte maneira:

- Os alunos devem ser subdivididos em três grandes equipes;
- As equipes procurarão pelos escudos por toda escola objetivando encontrar a maior quantidade de escudos possíveis;
- Os escudos encontrados devem ser nomeados com o time correspondente a cada um deles;
- Marcará maior número de pontos a equipe que conseguir nomear corretamente a maior quantidade de escudos.

Ao final da atividade, analisaremos quais foram os times mais e menos reconhecidos pelos alunos, os que possuem maior e menor torcida dentro da sala, comparando e problematizando a popularidade e preferência pelos times locais em relação aos times do Sul e Sudeste do país.

Figura 15: Escudos de times.



Fonte: Escudos FC⁹

Figura 16: Caça aos escudos.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

LEITURA CRÔNICA “FLA X FLU EM RECIFE”

Após a atividade de motivação, recomendamos que os alunos ouçam a crônica “Fla X Flu em Recife” (cf. Anexo B) de autoria de José Lins do Rego, por meio da reprodução de um áudio, no qual a referida crônica seja narrada como se fosse simulando um programa esportivo de rádio. Este áudio pode ser produzido por meio do recurso gravação de voz em aparelhos smartphones.

Após este momento, sugerimos que seja viabilizada uma roda de conversa para a reflexão sobre as temáticas suscitadas pela audição da crônica: a popularidade e a preferência pelos times locais em relação aos times do Sul e Sudeste do país.

Figura 17: Leitura da crônica "Fla x Flu em Recife.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

¹²Os escudos de times paraibanos utilizados para esta atividade encontram-se no Anexo F, e também Disponíveis em: <https://tinyurl.com/y3s8463s> Acesso em 31/07/2020

Recomendamos que os seguintes pontos sejam problematizados na roda de conversa.

- Embora não se trate de uma partida decisiva, por que o autor utiliza o termo “demonstração de gala” para se referir ao jogo entre os times cariocas nos gramados pernambucanos?
- Na atualidade, os times de futebol profissional do Sudeste mantêm uma relação de paridade ou de discrepância em relação aos times do Nordeste? Por que você acha que isso ocorre?
- O autor destaca que a partida entre Flamengo e Fluminense “ao certo, contentará os numerosos fãs dos dois clubes” dando a ideia inevitavelmente de que os times sulistas farão um grande jogo. Você acredita que é possível supor de forma antecipada que um jogo de futebol transcorrerá com elevado grau de qualidade? Argumente a respeito.
- Para você, a perspectiva sob a qual o narrador narra o jogo de Futebol, enaltecendo os times do Sudeste, ainda persiste hoje em dia?
- Por que o autor afirma que no contexto deste jogo o futebol se transforma num elemento de ligação e festa para o povo?
- O autor afirma que o flamengo é o clube do povo de Pernambuco assim como é do povo carioca, e que contará com o apoio em massa da torcida local, ainda que o Fluminense conte com a presença de craques pernambucanos no seu time. Na sua opinião, quais os possíveis fatores que contribuem para que o sentimento de identificação seja maior com o time que não conta com jogadores pernambucanos? Você crê que isso também ocorre na Paraíba? Por quê?
- Na atualidade os times paraibanos vivenciam uma situação de paridade ou disparidade no futebol em relação aos times do Sudeste? Essa relação interfere na identificação dos torcedores com os times? Como?
- Que desdobramentos podem ocorrer quando a identificação com times de fora do estado é maior que com os times locais? É possível reverter essa situação? Como?
- A escola tem equipes de futebol? Você conhece o histórico de participações de sua escola em campeonatos escolares e interclasses?

TREINO DURO, JOGO FÁCIL

Recomendamos que os/as alunos/as sejam subdivididos em duas equipes para a realização de atividade de pesquisa a ser entregue nas próximas

Grupo 1:

Pesquisar sobre:

- Como é um treinamento técnico no futebol em um time de primeira divisão paraibana e de um time do Sudeste;
- Quais os principais esquemas táticos utilizados por um time da primeira divisão paraibana um time do Sudeste;
- Preparação física dos times de um time da primeira divisão do Sudeste e da Paraíba;
- ¹Traçar um comparativo sobre média de público de nos jogos, média salarial dos jogadores, títulos conquistados, composição da comissão técnica das equipes, quantidade de torcedores afiliados aos times, existência ou não de equipes de futebol feminino e categorias de base, receitas de vendas de ingressos e produtos de um time do Sudeste e um time paraibano da primeira divisão.

Grupo 2:

Reconstruir a partida citada na crônica de “Fla x Flu em Recife” reunindo informações como:

- Andamento e resultado da partida entre flamengo e fluminense em Pernambuco;
- Principais craques do flamengo na época;
- O público que compareceu ao evento e o comparativo entre as torcidas do flamengo e fluminense no evento;

REAJUSTE TÁTICO

No caso de os alunos não realizarem a atividade de pesquisa proposta no quadro acima, recomendamos que o próprio docente realize a pesquisa e organize os dados coletados em uma apresentação de *power point* para que possa discutir sobre eles com os/as estudantes em uma aula expositivo-dialogada.



SEXTO ENCONTRO (DUAS AULAS)

OBJETIVO: reconhecer as potencialidades e dificuldades das realidades experimentadas pelos times de futebol profissional paraibano em relação times do Sudeste.

ESPAÇO: quadra poliesportiva e/ou sala de aula

APRESENTAÇÃO DE ATIVIDADE DE PESQUISA

Indicamos que este encontro seja reservado para que os/as alunos/as apresentem os dados obtidos na atividade de pesquisa solicitada na aula anterior.

Inicialmente, deverão ser apresentadas as informações que se referem aos treinamentos técnicos, táticos e de preparação física com times do Sudeste¹³ e da Paraíba¹⁴.

Dando prosseguimento, deverão ser socializadas as informações que comparam média de público nos jogos, média salarial dos jogadores, títulos conquistados, composição da comissão técnica das equipes, quantidade de torcedores afiliados aos times, existência ou não de equipes de futebol feminino e categorias de base, receitas de vendas de ingressos e produtos de um time do Sudeste e um time paraibano da primeira divisão.

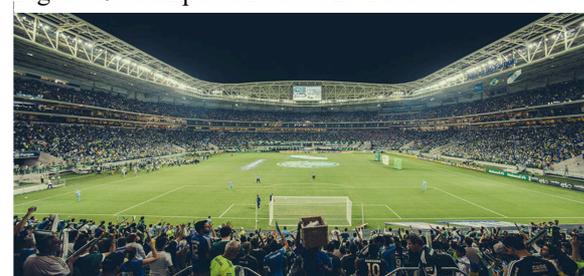
Em sequência, deverá ser mediada uma roda de conversa problematizando as semelhanças e discrepâncias entre os times paraibanos e os times da primeira divisão do Sudeste.

Figura 18: Aula expositiva e roda de conversa.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 19: Campo de futebol no Sudestes 1º divisão



Fonte: Link para a imagem disponível na nota 13

Figura 20: Campos de futebol no Nordeste divisões



Fonte: Link para a imagem disponível na nota 14

Os questionamentos abaixo poderão ser utilizados para nortear as discussões na roda de conversa

- Existem diferenças entre os tipos de treinamento técnico/tático/preparação física dos dois times? Quais?
- Existem semelhanças entre os tipos de treinamento técnico/tático/preparação física dos dois times? Quais?
- De que modo as discrepâncias entre o futebol profissional Paraibano em relação ao do Sudeste influenciam na expansão do futebol paraibano?
- Em torneios como os “Jogos Escolares” que abrangem todas as escolas da Paraíba, na sua opinião, quando se trata de times de escolas privadas e escolas públicas, existe uma relação de equilíbrio ou disparidade técnico/tática/estrutural entre as equipes? Por que isso ocorre?

¹³ Imagem do campo do futebol do Palmeiras, primeira divisão do futebol brasileiro. Disponível em <https://tinyurl.com/y662otdx> acesso em: 31/07/2020

¹⁴ Imagem do campo de futebol do Auto Esporte, terceira divisão do futebol paraibano. Disponível em: <https://tinyurl.com/yy9ujfmg> Acesso em 31/07/2020

- Você conhece o histórico da participação da sua escola nos torneios escolares estaduais? Comente.
- Apresente sugestões poderiam ajudar a popularizar e difundir o futebol profissional paraibano em nosso estado:
- Apresente sugestões ajudem a fortalecer a participação de sua escola em torneios escolares de futebol.

EXPERIMENTAÇÃO DE EXERCÍCIOS TÉCNICOS E TÁTICOS

A segunda aula deste encontro deverá ser destinada à experimentação dos exercícios técnicos, táticos e de preparação física que foram obtidos na pesquisa e tenham condições de ser reproduzidos na escola, assim como à realização de partidas nas quais os elementos treinados possam ser aplicados.

REAJUSTE TÁTICO

No caso de os alunos não terem encontrado exercícios de preparação física, tática e técnica que possam ser experimentados na aula, recomendamos que o professor viabilize alguns exercícios de preparação física e aperfeiçoamento técnico e tático com os recursos disponíveis em sua escola.

SÉTIMO ENCONTRO (TRÊS AULAS)

OBJETIVOS: reconhecer as potencialidades e dificuldades das realidades experimentadas pelos times de futebol profissional paraibano em relação times do Sudeste.

ESPAÇO: sala de aula

APRESENTAÇÃO DE ATIVIDADE DE PESQUISA PROBLEMATIZAÇÃO SOBRE O DESFECHO DO JOGO FLA X FLU EM RECIFE

Os dados obtidos sobre o jogo¹⁵ anunciado na crônica “FlaxFlu em Recife” deverão ser compartilhados com a turma pela equipe que ficou a cargo de pesquisá-los.

Conforme os/as estudantes forem socializando as informações com a turma, o docente deverá refletir com eles e problematizando os desfechos do jogo.

Figura 21: Jogo "Fla x Flu" em Recife.



Fonte: Torcedores.com¹⁶

Indicamos que os seguintes pontos sejam problematizados na roda de conversa.

- Pode-se dizer que o jogo Fla x Flu em Recife realmente coincidiu numa apresentação de gala?
- Existem indícios que comprovem que a iniciativa de trazer o clássico carioca para terras pernambucanas configurou-se como uma iniciativa de sucesso?
- A oportunidade desta partida de fato configurou-se como um elemento de ligação dos povos por meio do futebol naquela época? Por quais motivos?
- Com base nos dados obtidos é possível observar se o desenvolvimento do futebol no Recife se dava de forma semelhante ao Sudeste?

REAJUSTE TÁTICO

Caso os estudantes não obtenham os dados sobre o desfecho do jogo, aconselhamos que o docente disponibilize um texto contendo as informações sobre a partida para que seja possível realizar a roda de conversa e a elaboração do mapa mental.

ELABORAÇÃO DE MAPA MENAL

O “Fla x Flu” em Recife não se tratava de uma partida qualquer, mas fazia parte de um grandioso evento organizado por José Lourenço Meira, presidente do Sport Recife na época, que tinha por objetivo chamar a atenção da imprensa nacional e da Confederação Brasileira de Desportos para o fenômeno futebol no Recife, demonstrando que a capital pernambucana tinha todos os atributos necessários para tornar-se palco para confrontos da Copa do Mundo de 1950. Assim recomendamos que seja feita uma breve discussão sobre o texto ressaltando os aspectos da partida e as potencialidades e limites da cidade de Recife para

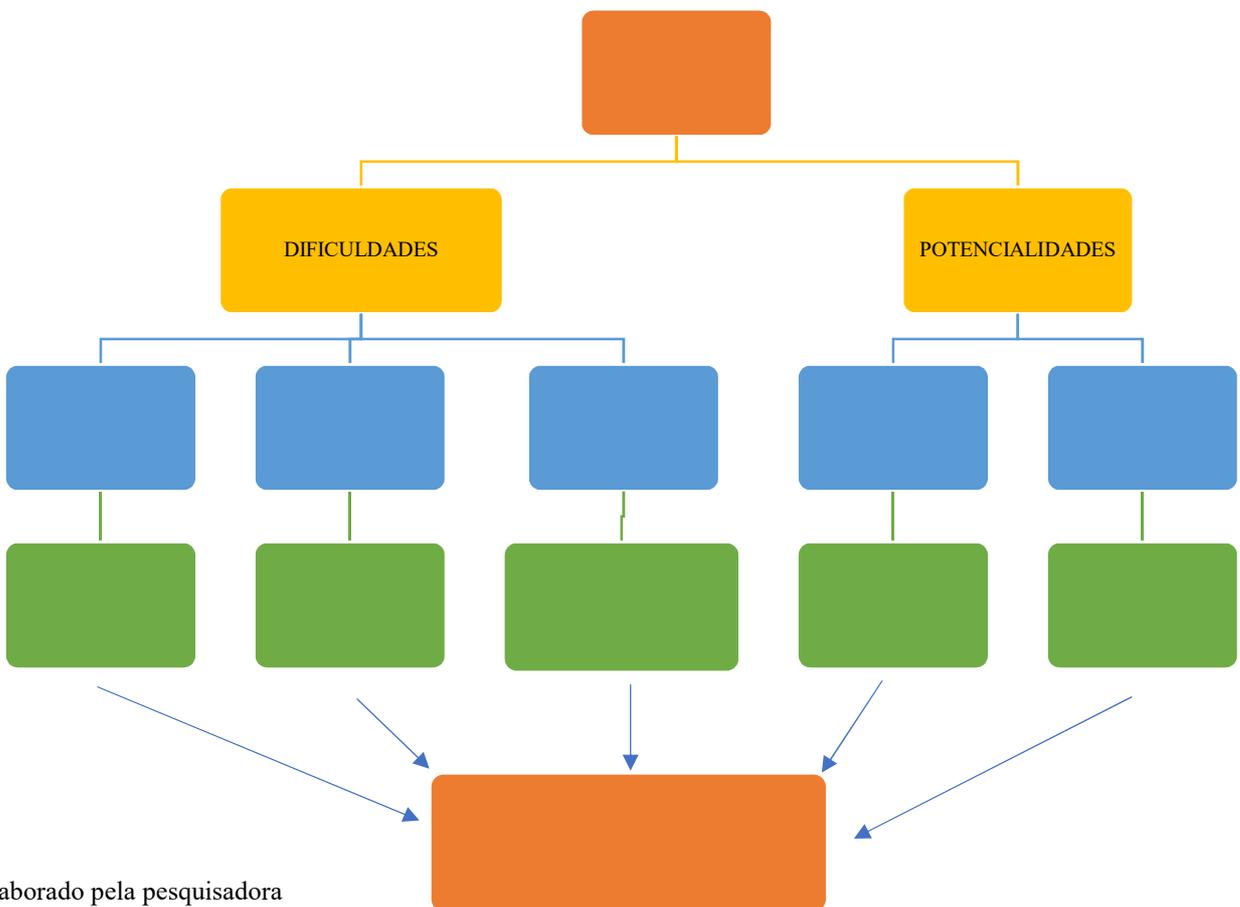
¹⁵ Disponível em: <https://tinyurl.com/y662otdx> Acesso em: 30/07/2020.

¹⁶ Informações sobre o desfecho do jogo “Fla x Flu” em Recife encontram-se disponíveis nesse endereço eletrônico: <https://tinyurl.com/y39ng62l> Acesso em 30/07/2020.

receber os jogos da Copa. Em seguida, indicamos que seja elaborado junto com os/as aluno/as um mapa cognitivo¹⁷ destinado a promover a prática do futebol na escola, conforme o exemplo da figura abaixo.

- No topo deverá ser citada a ação que se pretende desenvolver: A PROMOÇÃO DO FUTEBOL NA ESCOLA.
- No primeiro nível, à esquerda, escrever a palavra DIFICULDADES e, à direita, POTENCIALIDADES;
- No segundo nível, à esquerda, os estudantes deverão citar as DIFICULDADES percebidas por eles para a promoção do futebol na escola e, à direita, apontar as potencialidades observadas;
- No terceiro nível, à esquerda, os/as discentes devem apresentar sugestões que contribuam para SUPERAR as dificuldades e MAXIMIZAR as potencialidades;
- No último nível, deverá ser descrito o desfecho esperado caso as ações sejam desenvolvidas.

Figura 22: Mapa mental.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Recomendamos que a aula seguinte seja reservada para que as ações que foram sugeridas no mapa mental possam ser realizadas.

¹⁷Os mapas cognitivos são representações ou modelos mentais construídos pelos indivíduos a partir das suas interações e aprendizagens em um domínio específico do seu ambiente, cumprem a função de dar sentido à realidade e permitem-nos lidar com os problemas e desafios que esta nos apresenta (SWAN, 1997 *apud* BASTOS, 2003)

TERCEIRO BLOCO DE AULAS



CONTEÚDO: A mulher no futebol brasileiro.

OBJETIVO: Refletir sobre as relações de gênero na sociedade por meio das representações sociais sobre a mulher em textos literários sobre futebol.

ESPAÇOS UTILIZADOS: Sala de aula, auditório, ginásio poliesportivo, ou algum espaço aberto existente na escola, pátio, biblioteca e/ou sala de leitura;

RECURSOS NECESSÁRIOS: bola de futebol, canetas coloridas, papel A4, data show, computador, caixa de som, fotocópias, cartolina, marcador permanente e papel madeira.

DURAÇÃO: Cinco encontros distribuídos ao longo de sete aulas, ficando a critério do professor estender a quantidade de aulas por encontro a depender do andamento das atividades propostas.

OITAVO ENCONTRO (UMA AULA)

OBJETIVOS: Refletir sobre as relações de gênero na sociedade por meio das representações sociais sobre a mulher em textos literários sobre futebol.

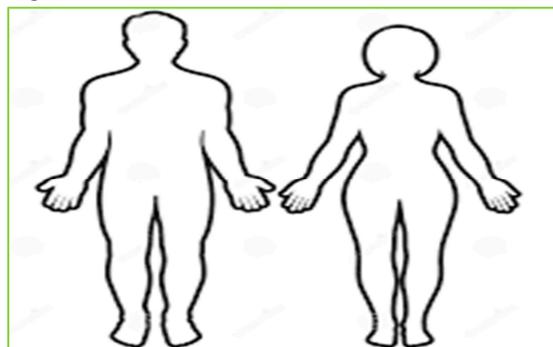
ESPAÇO: sala de aula

MOTIVAÇÃO – DINÂMICA “HOMENS E MULHERES ANÔNIMOS”

Esta dinâmica tem por finalidade introduzir a reflexão sobre relações de gênero na sociedade tendo o futebol como pano de fundo. Esta aula deve ter início com a atividade “*Homens e Mulheres anônimos*” que transcorrerá da seguinte maneira:

- A turma deve ser organizada em duas equipes: uma composta somente por homens e outra apenas por mulheres;
- Cada grupo deverá desenhar uma silhueta¹⁸ correspondente ao seu sexo biológico (vide imagem ao lado).
- À esquerda da silhueta, deverão anotar as vantagens de ser homem/mulher na sociedade e, à direita, elencarão as desvantagens;
- Os alunos deverão desenhar uma silhueta feminina e outra masculina em papel madeira e posicionarem-nas no centro do círculo;
- Quando todas as vantagens e desvantagens tiverem sido enumeradas pelas/os estudantes, o professor mediará uma roda de conversa problematizando os pontos abordados pelos/as estudantes.

Figura 23: Silhuetas.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Figura 24: Realização da dinâmica com as silhuetas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Indicamos que os seguintes pontos sejam problematizados na roda de conversa.

- Há diferenças na forma com a qual a sociedade espera que homens e mulheres se comportem?
- Com base nos relatos da atividade anterior existe uma relação que tende a subalternidade e dominação, ou a linearidade e igualdade entre os gêneros femininos ou masculinos?
- Há divergências quanto aos juízos de valor atribuídos a comportamentos de homens e mulheres?
- Na sua opinião, a magnitude das situações impeditivas relacionados ao gênero afetam principalmente pessoas do gênero masculino ou feminino ou afeta ambos da mesma forma?

Ao final desta aula, fotocópias do conto “Mutola” deverão ser entregues aos discentes para que eles possam fazer uma leitura prévia em casa. Algumas destas fotocópias devem conter trechos do texto destacados, e os alunos que na próxima aula estiverem de posse destes textos grafados farão a leitura verbalizada.

¹⁸Duas ou três folhas de papel madeira ou cartolina deverão ser unidas no seu comprimento com fita adesiva para que as silhuetas sejam desenhadas. Será solicitado que um aluno do gênero feminino e outro do gênero masculino deite sobre a folha para que os contornos de sua silhueta sejam desenhados na folha.

NONO ENCONTRO (DUAS AULAS)

OBJETIVOS: Discutir sobre as representações da mulher no futebol e na sociedade a partir da leitura do conto *Mutola*.

ESPAÇO: sala de aula, biblioteca ou sala de leitura

LEITURA DO TEXTO “MUTOLA”

O conto *Mutola* (cf. Anexo D) será lido de forma verbalizada pelos alunos que na aula anterior receberam fotocópias do texto com os seguintes trechos destacados:

- Falas do narrador
- Falas do biólogo
- Falas do criador de galinhas
- Falas Lourdes Mutola
- Falas das amigas de Mutola
- Falas do locutor de rádio
- Falas do treinador reinador da equipe
- Falas do homem que percebeu o talento de *Mutola*

O aluno que estiver de posse de fotocópia com algum dos trechos acima em destaque deverá lê-lo em voz alta quando a leitura chegar neste ponto.

Após a leitura do conto, recomendamos que seja viabilizada uma roda de conversa.

Figura 25: Leitura do conto *Mutola*.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Figura 26: Maria de Lourdes Mutola.



Fonte: Achivangila¹⁹

Os seguintes questionamentos poderão ser utilizados para nortear a roda de conversa:

- Você acha que o ambiente em que vivemos pode influenciar nossa identidade ou nosso comportamento, assim como aconteceu com a águia no conto *Mutola*?
- Existe alguma analogia entre a história da águia e das galinhas no conto, com as representações de masculinidade e feminilidade em nossa sociedade?
- É comum que as mulheres adotem uma postura semelhante à da águia que se comportava como uma galinha? E os homens? Por que você acha que isso acontece?
- Você já deixou de fazer algo por ser mulher?
- Por que as amigas de *Mutola* diziam que ela não era uma mulher? Você concorda com as justificativas apresentadas por elas? Argumente.
- Em sua opinião, o que dificulta o acesso das mulheres à ocupação de alguns lugares na sociedade e ao desempenho de alguns papéis na sociedade?
- Você acredita que para a mulher ser reconhecida pela sociedade de forma positiva ela necessita seguir os conselhos das amigas de *Mutola* e abandonar posturas e atitudes consideradas masculinas? Comente.
- O que você acha de *Mutola* ter desconsiderado os conselhos das amigas e ter seguido seu sonho de jogar futebol?
- Na sua opinião, por que os homens se sentiram “menos homens” após o gol de *Mutola*?

¹⁹ Imagem da atleta Mutola disponível em: <https://tinyurl.com/y66eokes> Acesso em: 31/07/2020

- Há, em sua visão, alguma divisão ou diferença nas atividades realizadas por meninos e meninas?
- Em sua opinião, é comum que mulheres que desempenham papéis e ocupam lugares considerados masculinos sejam tratadas pelos homens da mesma forma que *Mutola* foi tratada no time? Exemplifique.
- Como você interpreta a frase dirigida à *Mutola*: “É uma águia numa capoeira de galinhas machos”?
- De acordo com o texto, as diversas formas de preconceito sofridas por *Mutola* por conta de seu gênero levaram-na a mudar de esporte, mesmo diante de sua paixão e talento com o futebol. É comum que situações como esta ocorram na sociedade? Qual sua opinião a respeito?
- A participação mulheres nas aulas de Educação Física sobre futebol ocorre de forma semelhante ao texto? Comente.
- É possível imaginar desfechos para o conto nos quais *Mutola* não necessite abandonar o futebol? Comente.
- É possível estruturar meios para que a prática do futebol na escola ocorra com equidade entre os gêneros? Discorra.

Após a roda de conversa, indicamos que sejam realizadas quatro partidas de futebol, com duração de cerca de 5 a 10 minutos cada. Essas partidas deverão ser organizadas da seguinte maneira:

- Partida 1: dois times masculinos
- Partida 2: dois times femininos
- Partida 3: um time feminino contra um time masculino
- Partida 4: dois times mistos

A cada partida, cerca de quatro estudantes que não estiverem compondo os times deverão ser selecionados para realizar o papel fictício de “olheiro” fazendo anotações numa ficha com tópicos a serem observados jogos:

SUGESTÃO DE ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

- Indique as equipes obtiveram melhor desempenho dos fundamentos táticos e técnicos do futebol e destaque as principais qualidades destas equipes;
- Indique as equipes apresentaram pior desempenho dos fundamentos técnicos e táticos do futebol? E enumere suas principais falhas;
- Ressalte em quais disputas foi possível observar uma relação de equilíbrio quanto ao desempenho técnico-tático das equipes? Explique.
- Em quais disputas foi possível observar uma relação de disparidade quanto a qualidade técnica e tática das equipes? Explique.
- A ação de simplesmente unir meninos e meninas no mesmo time favoreceu a equidade entre meninos e meninas durante o jogo? Comente:
- Em outros momentos do calendário escolar, a exemplo dos jogos interclasses, prevalece a equidade ou a desigualdade quanto a participação e desempenho de homens e mulheres no futebol? Comente:
- Existem outros espaços na sociedade que podem ser considerados de domínio masculino? Espaços nos quais as mulheres têm dificuldade de se inserir simplesmente por conta do seu gênero? Que lugares são estes? Qual sua opinião a respeito disto?
- Apresente sugestões para ajudar a promover equidade entre homens e mulheres no futebol da escola.

As anotações feitas pelos/as estudantes serão discutidas em uma roda de conversa na próxima aula.

DÉCIMO ENCONTRO (UMA AULA)

OBJETIVO: Reconhecer as diferenças na inserção de homens e mulheres em diferentes papéis e lugares da sociedade a partir da observação das relações de poder entre os gêneros no futebol.

ESPAÇO: sala de aula, biblioteca ou sala de leitura

RODA DE CONVERSA

Esta aula terá início com uma roda de conversa na qual os/as “alunos/as olheiros/as” deverão socializar com a turma as anotações que realizaram sobre as partidas que ocorreram na aula anterior destacando suas impressões em relação aos tópicos presentes no roteiro de observação.

A intenção dessa discussão é levar os/as discentes a observarem que homens e mulheres se apropriam e incorporam o futebol de maneiras distintas, bem como perceberem que o trato comumente dado a este esporte dentro e fora da sala de aula pode criar barreiras para a inserção das mulheres nesse esporte. Ancorados pela análise e reflexão das relações de gênero no futebol, discutiremos também sobre as normas de gênero que restringem ou dificultam a inserção e atuação nos diversos espaços da sociedade.

Figura 27: Menino e menina jogando futebol.



Fonte: Repórter Martha News²⁰

Alguns destes aspectos sobre as partidas da aula anterior poderão ser problematizados em uma roda de conversa:

- Diferenças e semelhanças quanto ao desempenho das equipes;
- Apropriação e utilização de recursos técnicos e táticos por meninos e meninas nas partidas;
- Semelhanças e disparidades existentes entre as equipes femininas e masculinas;
- Domínio do jogo durante as partidas homogêneas e mista.

Após a roda de conversa, recomendamos que os/as estudantes sugiram regras e variações que contribuam para diminuir as disparidades entre homens e mulheres nas partidas e que as modificações sugeridas sejam experimentadas. Logo em seguida, a atividade para casa deverá ser explicada²¹.

🏃. TREINO DURO, JOGO FÁCIL

Como atividade para casa, solicitaremos que os alunos se organizem em quatro grandes grupos, escolham um dos textos de apoio citados no quadro abaixo e elaborem 6 perguntas para as protagonistas femininas correspondentes ao texto selecionado:

TEXTO	PROTAGONISTA
(1) “Saco cheio e bolso vazio Jogar futebol tem efeito colateral para mulheres: salários baixos, assédio e preconceito até da família...”	Jogadoras e árbitras de futebol
(2) ¹ “Disparidade de gênero ainda é obstáculo para mulheres seguirem carreira em ciências exatas”	Mulheres que atuam na área de exatas

As perguntas elaboradas serão utilizadas numa atividade na próxima aula.

²⁰ Imagem de menino e menina jogando futebol disponível em: <https://tinyurl.com/y39zf7n5> Acesso em 31/07/2020.

²¹ (1) Matéria dos jornalistas Brunno Carvalho e Felipe Pereira para a coluna UOL Esporte a respeito as problemáticas enfrentadas pelas atletas dos 16 clubes da série A do Campeonato Brasileiro de Futebol. Disponível em: <https://tinyurl.com/y3zfbars> Acesso em: 31/07/2020.

(2) Matéria da colunista Larissa Lopes para o site Jornal do Campus da USP que aborda as dificuldades e desafios das mulheres que ingressam em carreiras ligadas a área de exatas. Disponível em: <https://tinyurl.com/y3zfbars> Acesso em 31/07/2020.

DÉCIMO PRIMEIRO ENCONTRO (DUAS AULAS)

OBJETIVO: Reconhecer os desafios para a inserção da mulher em espaços culturalmente considerados masculinos.

ESPAÇO: auditório, pátio, ou sala de aula.

RODA DE CONVERSA

Para ampliar as discussões sobre os desafios para a inserção da mulher nos mais diversos segmentos da sociedade, nesta aula, deverá ser realizada uma entrevista simulando uma coletiva de imprensa. Para tanto, aconselhamos que o docente convide uma jogadora de futebol e/ou uma árbitra de futebol, uma professora e/ou uma profissional da área de exatas para serem entrevistadas pelos/as alunos/as e compartilhem suas experiências na ocupação de lugares na sociedade culturalmente representados como de domínio masculino.

Sugerimos que, se possível, a “*Coletiva de Imprensa*” ocorra no espaço do auditório ou pátio para possibilitar que as outras turmas da escola participem deste momento e que seja estruturada da seguinte forma:

- O roteiro da entrevista será composto pelas perguntas que foram elaboradas pelos alunos na atividade para casa proposta na aula anterior;
- Os alunos da turma farão as perguntas do roteiro às convidadas em ordem aleatória;
- Quando as perguntas do roteiro forem respondidas outros questionamentos poderão ser feitos às convidadas pelos demais alunos.
- As convidadas terão em torno de 2 minutos para desenvolverem suas falas.

Figura 28: A jogadora Marta em uma coletiva de imprensa.



Fonte: CBF.com²².

Ao final da “*Coletiva de Imprensa*”, deverá ser reservado um momento para que os estudantes compartilhem suas impressões a respeito das falas das convidadas.

²² Imagem da jogadora de futebol feminino Marta em uma coletiva de imprensa, disponível em: <https://tinyurl.com/y29sv82w>. Acesso em: 31/07/2020.

DÉCIMO SEGUNDO ENCONTRO (UMA AULA)

OBJETIVO: Elaboração de uma campanha de empoderamento feminino para uma rede social popular entre os estudantes.

ESPAÇO: sala de aula, biblioteca ou sala de informática.

ELABORAÇÃO DE CAMPANHA VIRTUAL DE EMPODERAMENTO FEMININO

Esta aula será destinada à elaboração de uma campanha virtual de empoderamento feminino. Essa campanha terá como objetivo criar um espaço de discussão sobre as problemáticas vivenciadas pela mulher no futebol e na sociedade na rede social *Instagram*²⁴, uma das mais populares entre o público adolescente na atualidade.

O funcionamento deverá obedecer aos seguintes preceitos:

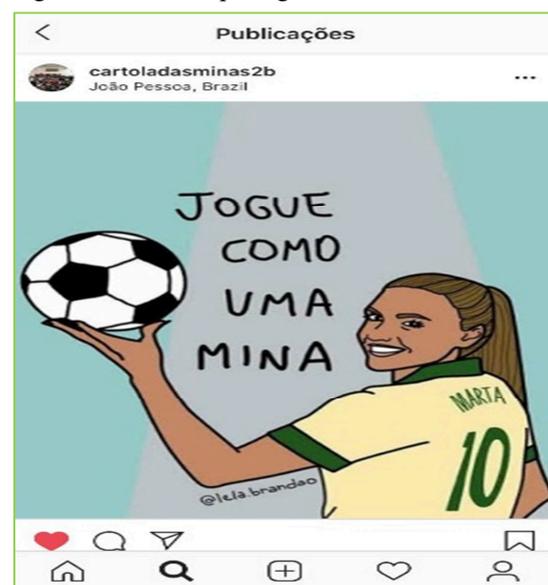
- Dentre os conteúdos a serem compartilhados no *feed* poderão constar histórias de atletas inspiradoras, notícias sobre problemáticas enfrentadas pela mulher na sociedade, indicações de literatura de autoria feminina, vídeos em plataforma virtuais, filmes, sites, *podcasts* e perfis que abordem temáticas ligadas a mulher.
- Na ferramenta *stories*²⁵, poderão ser elaboradas enquetes com perguntas a respeito da opinião e do conhecimento prévio dos seguidores sobre os temas a serem abordados no *feed*;
- Os alunos deverão produzir *stories* com fotografias, vídeos e ou áudios com explicações e discussões sobre as temáticas abordadas no *feed*.
- Uma foto ou vídeo sobre a temática abordada deverá ser escolhida e postada no *feed* junto com uma legenda discorrendo sobre o assunto.

Figura 29: Logomarca do Instagram.



Fonte: Wikiversity²³

Figura 30: Print de postagem em rede social.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

PASSO A PASSO PARA A ELABORAÇÃO DA CAMPANHA

- Dois estudantes deverão ser escolhidos para criar um perfil para a campanha na rede social *Instagram*. Esses estudantes serão os administradores responsáveis pela página.
- O nome do perfil/campanha deverá ser elaborado pelo alunado em sala de aula e ser escolhido pelos estudantes por meio de votação. Nesta ocasião, uma imagem que represente a campanha também deverá ser selecionada para ser postada como foto do perfil;

²³ Logotipo da rede social Instagram, disponível em: <https://tinyurl.com/yvfjrsz4>. Acesso em 31/07/2020.

²⁴ *Instagram* é uma rede social *online* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais.

²⁵ Ferramenta pela qual qualquer usuário pode enviar vídeo ou foto de 10 segundos, que fica disponível por 24 horas ao clicar na foto de perfil.

- Após a escolha do nome e da criação do perfil, a conta deverá ser divulgada pelos/as estudantes da turma por cerca de sete a quinze dias na perspectiva de captar seguidores e garantir tráfego na página;
- Os estudantes da turma deverão ser subdivididos em equipes pequenas com cerca de quatro integrantes cada uma, e cada grupo deverá escolher uma temática para abordar em sua postagem;
- O docente deverá criar junto com a turma um cronograma estipulando datas e temáticas para as postagens dos grupos;
- Uma das equipes será escolhida para realizar a postagem inicial;
- A postagem inicial que deverá conter a mesma foto exibida no perfil e uma legenda explicando do que se trata o perfil e a campanha de empoderamento.
- Pelo menos dois *stories* (contendo vídeos ou textos) deverão ser elaborados pelo grupo questionando os seguidores sobre sua opinião acerca do conteúdo da postagem do feed como forma de gerar tráfego na página.
- O/A docente poderá estipular uma quantidade mínima de curtidas e/ou comentários que as postagens deverão alcançar;
- As outras equipes deverão realizar suas postagens de acordo com o cronograma elaborado junto com a docente obedecendo à estrutura:
 - 1- postagem de vídeo e/ou imagem no feed com legenda discorrendo sobre a temática apresentada
 - 2- produção de pelo menos dois stories contendo textos, vídeos, ou enquetes questionando sobre a opinião dos seguidores e seus conhecimentos prévios sobre o assunto da postagem,
 - 3- alcance da quantidade mínima de curtidas e comentários estipulados pelo/a professor/professora

QUARTO BLOCO DE AULAS



CONTEÚDO: As relações étnico raciais e o futebol.

OBJETIVO GERAL: refletir sobre as representações do negro na sociedade a partir do futebol e promover a valorização da identidade negra na escola.

ESPAÇOS UTILIZADOS: Sala de aula, auditório, ginásio poliesportivo, ou algum espaço aberto existente na escola, pátio, biblioteca e/ou sala de leitura;

RECURSOS NECESSÁRIOS: bola de futebol, canetas coloridas, papel A4, data show, computador, caixa de som, fotocópias, cartolina, marcador permanente, cola quente, pistola de cola quente.

DURAÇÃO: Quatro encontros distribuídos ao longo de cinco aulas, ficando a critério do professor estender a quantidade de aulas por encontro a depender do andamento das atividades propostas.

DÉCIMO TERCEIRO ENCONTRO (UMA AULA)

OBJETIVO: Refletir sobre as representações do negro na sociedade.

ESPAÇO: sala de aula

MOTIVAÇÃO – DINÂMICA “TÁ NA CARA?”

Esta atividade tem por objetivo discutir os modos como as pessoas representam sujeitos negros e brancos na sociedade. Ela será estruturada da seguinte forma:

- A turma será subdividida em dois grandes grupos;
- Cada grupo receberá um envelope com fotos diversas de pessoas em seus locais sociais (casa, escola, trabalho dentre outros locais);
- Os grupos não poderão comunicar-se entre si;
- Cada grupo deverá indicar que atividade a pessoa da foto exerce na sociedade e por que acredita que ela desempenha essa atividade;
- Quando todos tiverem indicado os locais sociais dos sujeitos das fotos, a(o) professor deverá revelar as identidades reais dos sujeitos.

Em seguida deverá ser viabilizada uma roda de conversa analisando quais sujeitos foram associados ao exercício de funções mais promissoras e bem sucedidas e quais foram imaginados como sujeitos marginalizados e problematizando se os motivos que levaram os alunos a atribuírem determinados locais e papéis sociais aos sujeitos brancos e negros teve relação com a cor de sua pele.

Figura 31: Fusão de rostos.



Fonte: Educação Uol²⁶

Recomendamos que os seguintes pontos sejam problematizados na roda de conversa:

- Mulheres brancas, mulheres negras, homens negros e homens brancos foram imaginados ocupando locais e papéis sociais semelhantes?
- Quais homens e mulheres foram imaginados ocupando melhores lugares e desempenhando melhores papéis na sociedade? Por que você acha que isso ocorre?
- A cor da pele exerceu alguma influência em relação ao modo como os sujeitos das fotos foram imaginados? Comente a respeito.
- Na sua opinião, na sociedade brasileira homens e mulheres negros ocupam locais sociais de forma semelhante ou díspar aos brancos? Apresente argumentos e exemplos que ajudem fundamentar sua opinião.
- Embora cidadãos brancos e negros gozem dos mesmos direitos constitucionais, você acredita que ambos tenham as mesmas condições de acesso e usufruto destes direitos? Por quê?
- Você acredita que na atualidade o preconceito racial se faz presente na sociedade brasileira? De que forma?
- E no cenário esportivo, a exemplo do futebol, episódios de preconceito racial são comuns?
- Você se lembra de como a figura do negro vem sendo representado ao longo de sua trajetória estudantil nas disciplinas escolares?
- Como o negro é representado dentro do esporte?
- De que forma você gostaria que a história do negro fosse contada na escola?
- Apresente sugestões de combate ao preconceito racial dentro e fora da escola.

²⁶ A imagem da fusão dos rostos das duas crianças negras encontra-se disponível em <https://tinyurl.com/yx94lnf8>. Acesso em 31/07/2020.

DÉCIMO QUARTO ENCONTRO (UMA AULA)

OBJETIVO: Refletir sobre as relações étnico raciais na sociedade a partir da leitura e discussão da “Crônica a realeza de Pelé”.

ESPAÇO: sala de aula

LEITURA DA CRÔNICA “A REALEZA DE PELÉ”

A aula deverá ser iniciada com a distribuição de fotocópias da crônica “A realeza de Pelé” (cf. Anexo D) de autoria de Nelson Rodrigues, que deverá ser lida silenciosamente pela turma e depois de forma verbalizada por um dos alunos. Em sequência, será realizada uma roda de conversa.

Figura 32: Pelé jogando futebol.



Fonte: Jornal GGN²⁷

Recomendamos que os seguintes pontos sejam problematizados na roda de conversa:

- O que você achou do texto? Por quê?
- O que mais lhe chamou atenção no texto? Argumente a respeito.
- Na sociedade de modo geral, é comum que o negro seja visto e representado de maneira semelhante à apresentada no texto? Comente.
- A forma como o autor representa Pelé no texto possui semelhanças ou diferenças com o modo como a figura do negro é geralmente abordada na literatura, na televisão e em disciplinas escolares? Por que você acha que isso acontece?
- No trecho: “E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: - A de se sentir rei da cabeça aos pés.” - É possível observar a elevada autoestima e o autoconceito positivo que o jogador tinha sobre si mesmo. Você acredita que jovens negros oriundos de comunidades suburbanas conseguem se perceber assim como Pelé, tendo plena convicção de suas potencialidades e perspectivas de futuro? Por quê?
- O trecho: “...Na Suécia, ele não tremerá de ninguém. Há de olhar os húngaros, os ingleses, os russos de alto a baixo. Não se inferiorizará diante de ninguém.” - Ressalta que Pelé não se sentia em desvantagem aos jogadores de outras etnias e denota uma postura de segurança do jogador em relação a seus adversários no futebol. Fora o universo do futebol, você crê que os jovens negros se percebem em condição de equidade em relação aos outros grupos étnicos da sociedade quanto ao enfrentamento de suas demandas cotidianas?
- Você já se sentiu em desvantagem, já presenciou ou teve conhecimento de alguma situação na qual alguém que ficou numa posição de desvantagem em um contexto do cotidiano por conta da cor da pele? Qual sua opinião a respeito?
- Você acredita que existe preconceito racial no futebol? E na sociedade? Comente a respeito?
- Aponte caminhos para combater situações de preconceito racial dentro e fora do futebol.

²⁷ Link para a imagem de Pelé jogando futebol disponível em: <https://tinyurl.com/y4so95fr>. Acesso em 31/07/2020.

✦ TREINO DURO, JOGO FÁCIL

- ✦. Como atividade para casa a turma deverá ser subdividida em dois grandes grupos. Os estudantes do grupo um deverão pesquisar sobre o histórico de jogadores de futebol negros para compor um time. Já os do grupo dois deverão pesquisar sobre o histórico de personalidades negras de sucesso. Ambos os grupos deverão reunir as seguintes informações:
- Dados sobre o contexto de vida dos atletas de futebol e/ou personalidade negra
 - Principais habilidades técnicas e táticas que levaram o atleta negro a obter notoriedade no futebol;
 - Feitos deste atleta de futebol ou personalidade;
 - Uma imagem deste/desta atleta ou personalidade do tamanho de meia folha de papel A4.

DÉCIMO QUINTO ENCONTRO (UMA AULA)

OBJETIVO: Construir uma imagem positiva do sujeito negro a partir do reconhecimento de suas potencialidades dentro e para além futebol.

ESPAÇO: sala de aula

CONHECENDO E APRENDEDO COM A HISTÓRIA DOS ATLETAS E PERSONALIDADES NEGRAS

Nesta aula os/as alunos/as deverão compartilhar com os colegas os dados obtidos sobre os atletas e personalidades negras solicitadas na atividade para casa da aula anterior. Nesta ocasião, o grupo que ficou responsável por pesquisar sobre os atletas negros deverá enfatizar os elementos técnico-táticos que levaram estes atletas a obter notoriedade no futebol.

Após este momento, haverá um espaço para experimentação prática dos fundamentos técnicos e táticos citados na explanação dos/das estudantes que será organizado da seguinte forma:

- Os/As alunos/as serão subdivididos em pequenas equipes que irão aprender e exercitar os fundamentos técnicos e táticos característicos das personalidades negras;
- Após o momento de aprendizagem e exercitação dos fundamentos técnicos e táticos serão realizadas pequenas partidas de 5 minutos para que os alunos tentem executar esses fundamentos no transcorrer da partida.

Figura 33: Garrincha jogando futebol.



Fonte: Museu da Pelada²⁸

Figura 34: Romário jogando futebol.



Fonte: Meiahora.Com²⁹

🏃. TREINO DURO, JOGO FÁCIL

Como atividade para casa, a turma deverá ser subdividida em pequenos grupos e cada grupo ficará responsável por pesquisar sobre uma das problemáticas relacionadas à população negra no Brasil citadas abaixo:

- Média salarial dos negros em relação aos brancos no Brasil;
- População carcerária negra em relação à branca;
- Casos de intolerância contra as religiões de matriz africana;
- Alfabetização da população negra no Brasil;
- Índices sobre o racismo no Brasil;
- Dados relativos ao ingresso da população negra em cursos superiores e pós-graduação;
- Dados sobre violência e assassinatos envolvendo jovens negros no Brasil;
- Dados sobre violência contra a mulher negra no Brasil;
- Dados relacionados à população negra e à pobreza no Brasil;
- Dados sobre a representatividade negra em cargos políticos (Congresso/Senado/Governos Estaduais);
- Dados sobre a representatividade negra na magistratura brasileira.

Cada grupo deverá trazer ainda uma imagem em meia página de A4 que represente a temática pesquisada.

²⁸ Imagem do jogador Garrincha, disponível em: <https://tinyurl.com/yxt3g36n> . Acesso em 31/07/2020.

²⁹ Imagem do jogador Romário disponível em: <https://tinyurl.com/y42eeqyj> . Acesso em 31/07/2020.

DÉCIMO SEXTO ENCONTRO (DUAS AULAS)

OBJETIVO: Discutir sobre a importância do futebol enquanto espaço de empoderamento e criação de oportunidades para transformação social na vida de sujeitos negros

ESPAÇO: sala de aula

ELABORAÇÃO DO MURAL “TIME DOS SONHOS X TIME DA REALIDADE”

De posse das fotografias e informações sobre os atletas e personalidades negras de sucesso e sobre os contextos vivenciados pelos negros na sociedade brasileira, os estudantes deverão criar um mural simulando a escalação de dois times: o “Time dos sonhos” com as personalidades e atletas de futebol e o “Time da realidade” com as pessoas comuns. Este mural deverá ser elaborado da seguinte forma:

- Sugerimos que o pano de fundo do mural seja feito de TNT verde, um retângulo com dimensões de dois metros de altura, por quatro metros de largura, simulando um campo de futebol;
- No TNT deverão ser dispostas as linhas do campo de futebol, para isso poderá ser utilizada fita adesiva colorida ou fita crepe;
- As fotografias dos atletas e personalidades negras e dos negros do cotidiano deverão ser distribuídas nos dois campos. Do lado esquerdo, deverão ser fixadas as fotografias das personalidades negras de destaque no futebol e, do lado direito, deverão ser fixadas as fotografias dos negros do cotidiano (vide imagens ao lado).

Figura 35: Mural "Time dos Sonho x Time da Realidade"



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Após a construção coletiva do mural, os /as estudantes irão discorrer sobre o histórico de vida dos atletas e personalidades e das pessoas do cotidiano que estão presentes no mural. Dando prosseguimentos, deverá ser realizada uma roda de conversa discutindo sobre os históricos pessoais dos atletas e personalidades negras e das pessoas comuns, ressaltando a importância da criação de oportunidades de crescimento pessoal e profissional como fundamento imprescindível para a construção da equidade social entre as diferentes etnias que compõem o Brasil. Além disso, a roda deverá também dialogar sobre soluções para combater o racismo dentro e fora do futebol. Com o substrato das discussões, deverá ser criado o cartaz.

Figura 36: Construção do mural.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

DÉCIMO SÉTIMO ENCONTRO (MOSTRA PEDAGÓGICA)

OBJETIVO: Apresentar, a partir de uma mostra pedagógica e da realização de partidas comemorativas, o trabalho desenvolvido com os alunos nas aulas anteriores que relacionaram futebol e literatura em uma perspectiva transdisciplinar.

ESPAÇO: sala de aula, auditório, quadra ou espaço aberto e biblioteca.

ELABORAÇÃO DA MOSTRA PEDAGÓGICA

A amostra pedagógica será composta pela apresentação das produções dos alunos e pela realização de um torneio comemorativo de futebol. Estas ações serão distribuídas ao longo de um dia da seguinte forma:

- Um turno deverá ser destinado à organização dos espaços para a exposição dos materiais pedagógicos que foram produzidos ao longo dos encontros.
- Serão quatro espaços temáticos. Cada um deles fará referência a um ou mais de um dos conteúdos trabalhados nos blocos de aula desta sequência didática:
 - ESPAÇO 1: Será organizado na quadra ou espaço aberto onde haverá exposição das memórias dos alunos com o futebol e experimentação de jogos e brinquedos produzidos em aula.
 - ESPAÇO 2: Será organizado em um dos corredores da escola onde haverá a exposição de troféus e cartazes fazendo menção ao futebol na escola.
 - Espaço 3: Será organizado no auditório onde ocorrerão a exibição de vídeo sobre empoderamento feminino e futebol, a exposição de cartazes e a realização de dinâmicas.
 - ESPAÇO 4 – Será organizado na biblioteca onde ocorrerão a exposição do mural “Time dos sonhos x Time da realidade” e a exibição de vídeo sobre as representações do negro na sociedade.

A organização do trabalho nos espaços temáticos da mostra ocorrerá da seguinte forma:

- A turma será subdividida em quatro equipes e cada equipe ficará responsável pela organização e arrumação de um espaço;
- Os espaços temáticos serão distribuídos para os grupos por sorteio;
- Em cada espaço, deverá constar o material produzido pelos alunos e alguma decoração opcional relacionada ao tema;
- As apresentações nos espaços temáticos deverão ter a duração máxima de 30 minutos cada;
- A visitação das turmas aos espaços temáticos deverá ser feita de forma simultânea sob a forma de rodízio para permitir que todos os discentes do estabelecimento de ensino visitem todos os espaços.

Após as apresentações nos espaços temáticos, toda a escola deverá ser convidada a se dirigir para a quadra para que sejam realizadas partidas comemorativas.

- É recomendável que as partidas tenham curta duração (cerca de dez minutos) para permitir que sejam realizados muitos jogos;
- Os times poderão ser formados tanto por estudantes da mesma turma ou de turmas distintas;
- Aconselhamos que sejam intercaladas partidas com times femininos, masculinos e mistos para garantir condições equitativas entre os gêneros.
- As partidas que terminarem empatadas deverão ser decididas por cobrança de pênaltis.

OFICINA 1 – JOGOS E MEMÓRIAS COM O FUTEBOL

Neste espaço, deverão constar os jogos e textos produzidos pelos discentes no primeiro bloco de aulas, jogos de rua inspirados no futebol, cartazes e fotocópias da crônica “Entre vacas porcos e bolas”, de Rubem Alves.

Os discentes deverão produzir um cartaz com imagens sobre os jogos precursores do futebol ao redor do mundo e outro no qual os visitantes da exposição possam anotar palavras sobre o que o futebol representa para eles.

Durante a mostra, a equipe responsável deve discorrer sobre as origens do futebol no mundo, a crônica de Rubem Alves que foi trabalhada no primeiro bloco de aulas e a produção dos jogos inspirados no futebol. Em seguida, deverá convidar os visitantes a experimentarem os jogos produzidos, realizarem a leitura dos textos com as memórias dos/das/ discentes com o futebol e assinalarem o cartaz sobre o que o futebol representa para eles.

Figura 37: Experimentação de jogos.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 38: Preenchimento de cartaz de impressões.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 39: Cartaz origens do futebol.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

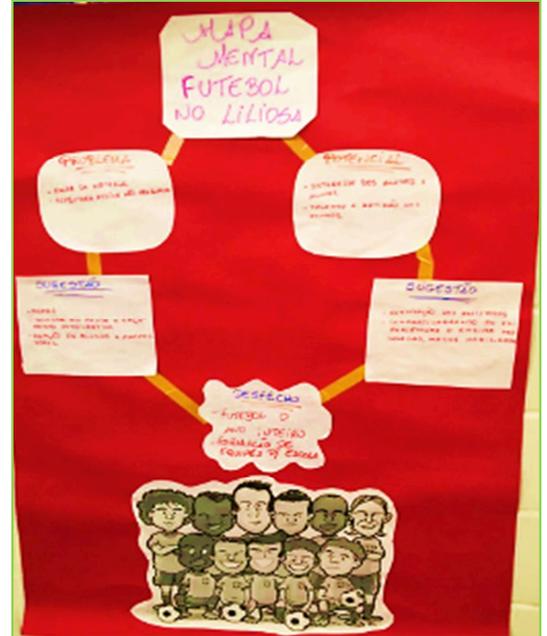
OFICINA 2 – O FUTEBOL NA MINHA ESCOLA

Neste espaço, deverão constar troféus e/ou medalhas que a escola tenha conquistado em torneios de futebol em anos anteriores, fotografias e padrões de times antigos da escola, cartazes e de fotocópias da crônica “Fla X Flu em Recife”, de José Lins do Rego.

Os/as discentes deverão produzir cartazes sobre o futebol na escola onde estudam. Em um primeiro cartaz, os estudantes precisam traçar uma linha horizontal no papel e anotar dados sobre a participação ou realização de torneios de futebol na escola. Um segundo cartaz deve conter a representação do mapa mental produzido no sétimo encontro. E outro terceiro cartaz deve conter espaços reservados para que os visitantes assinalem como gostariam que o futebol estivesse presente na escola nos próximos anos.

Durante a mostra, a equipe responsável deve discorrer a crônica de José Lins trabalhada no segundo bloco de aulas, a produção do mapa mental, o percurso histórico do futebol na escola e convidar os visitantes a assinalarem o cartaz sobre as perspectivas futuras para o futebol na escola.

Figura 40: Cartaz mapa metal



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 41: Cartaz linha do tempo.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

OFICINA 3 – FUTEBOL E EMPODERAMENTO FEMININO

Este espaço deverá ser composto por cartazes, fotocópias do conto “Mutola”, dez envelopes contendo xingamentos direcionados às mulheres, três alunas fantasiadas e um projetor ou televisão. Os/as discentes receberão os visitantes convidando-os para participarem de um experimento social que deverá ser estruturado da seguinte forma:

- Três alunas que estarão fantasiadas, respectivamente, de jogadora de futebol, torcedora e musa do time escolherão quatro ou cinco visitantes aleatoriamente para participarem do experimento;
- Os visitantes deverão escolher um envelope e aguardar que as estudantes fantasiadas autorizem que eles leiam seu conteúdo;
- Quando autorizados pelas alunas, os visitantes deverão ler o xingamento escrito no envelope olhando nos olhos das estudantes.

Quando todos os voluntários tiverem participado do experimento, os estudantes responsáveis pela sala deverão problematizar os seguintes pontos:

- Se os visitantes tiverem conseguido proferir os xingamentos, deverão ser questionados sobre como se sentiram ao fazê-lo;
- Caso não tenham conseguido xingar as meninas, indagar por que não o fizeram;
- As meninas também devem externar para o grupo como se sentiram ao serem xingadas.

Em seguida, um discente deverá discorrer brevemente sobre os desafios enfrentados pelas mulheres que ocupam locais sociais e desempenham papéis culturalmente considerados como masculinos, como é o caso do futebol, e explanar brevemente sobre o trabalho realizado com o conto Mutola no terceiro bloco de aulas.

Dando continuidade, o vídeo com o discurso jogadora de futebol norte-americana Megan Rapione deverá ser exibido. Neste discurso, proferido após a conquista da Copa do Mundo de Futebol Feminino, a atleta discorre sobre a importância de as pessoas estarem engajadas na luta por justiça social e equidade entre os gêneros e ressalta o futebol feminino como um palco que pode trazer visibilidade a estas lutas.

Finalizando, os estudantes devem convidar os visitantes a anotarem suas opiniões nos cartazes:

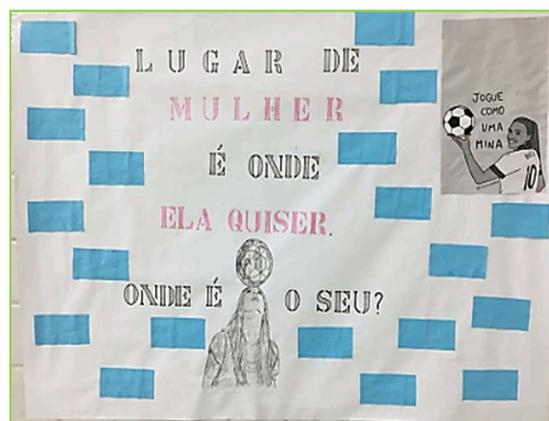
- Lugar da mulher é ...
- Como empoderar as mulheres em nossa escola...

Figura 42: Explicação sobre empoderamento feminino



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 43: Cartaz "Lugar de mulher é onde ela quiser".



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 44: Experimento social



Fonte: Acervo da pesquisadora.

³⁰O discurso da atleta Megan Rapione encontra-se disponível em: <https://tinyurl.com/y4s7hvj6>. Acesso em: 31/07/2020

OFICINA 4 – O FUTEBOL COMO ESPAÇO DE AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Este espaço deverá conter o painel “Time dos sonhos X Time da realidade” que foi produzido pelos/as discentes no décimo sexto encontro, fotocópias da crônica “A realeza de Pelé”, de Nelson Rodrigues, e um projetor ou televisão.

Durante a mostra, a equipe responsável deve receber os visitantes com a exibição do trailer de “Wakanda Forever¹⁷”, uma produção da Marvel Comics de 2018 que, além de ter seu elenco formado quase que totalmente por atores negros, representa o negro a partir de uma perspectiva de protagonismo, poder, inteligência e força. Após a exibição do vídeo, os estudantes deverão fazer algumas indagações aos discentes:

- O que vocês acharam do vídeo? Já haviam assistido ao filme?
- Conseguiram perceber alguma particularidade no vídeo?
- É comum que o negro seja representado em nossa sociedade da mesma forma que no vídeo? Fale um pouco a respeito.

Em seguida, os estudantes deverão chamar a atenção dos visitantes para o painel “Time dos sonhos X Time da realidade”, discorrendo, inicialmente, sobre as personalidades e atletas negros e, em seguida, sobre os negros do cotidiano, questionando que fatores são preponderantes para que o sujeito negro esteja em um time ou no outro.

Encerrando a visita, os estudantes devem explicar brevemente sobre o trabalho com a crônica “A realeza de Pelé”, destacando o futebol como um espaço propício para a afirmação da identidade negra.

Figura 45: Elenco do filme Wakanda Forever



Fonte: Cineclik³¹

Figura 46: Roda de conversa.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

³¹ Link para a imagem do elenco do filme Wakanda Forever disponível em : <https://tinyurl.com/y3wjze8z> . Acesso em: 31/07/2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com brasileiro, não há quem possa**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2004.
- BARBOSA, Claudio Luis de Alvarenga. **Educação Física e Didática: um diálogo possível e necessário**. 4. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BATAUS, Vanessa; GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelin Simões. Leitura literária em sala de aula: a prática colaborativa no ensino de estratégias de leitura. **Revista Profissão Docente**, v. 13, n. 27, p. 45-56, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2XICP0B>. Acesso em 12/11/2019
- BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.
- _____. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares Nacionais**. Brasília, 2006.
- _____. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **D.O.U.** de 10/01/2003
- CHIZIANE, Paulina. **As andorinhas**. Nandyala Livros, 2013.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática / Rildo Cosson**. – 2. ed., 4ª reimpressão. – São Paulo:Contexto, 2014.
- DAOLIO, Jocimar. Educação física escolar: uma abordagem cultural. **Educação física escolar: ser... ou não ter**, v. 3, p. 49-58, 1993.
- DARIDO, Suraya. Cristina. Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Revista Fluminense de Educação Física Escolar**, Niterói, v.2, n.1, p.5-25, 2001.
- DA SILVA, Anaxsuell Fernando. Rubem Alves, uma trajetória de gestos poéticos. **Revista Inter-Legere**, n. 8, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2OdUY3c>>Acesso em: 12/13/2019
- DIOGO, Rosália Estelita Gregório. Paulina Chiziane: as diversas possibilidades de falar sobre o feminino. **Scripta**, v. 14, n. 27, p. 173-182, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2QNx7t5>>Acesso em: 12/11/2019
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. Editora Contexto, 2013.
- HUIZINGA, Joah. Homo Ludens. **O jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 5ª ed. 2001.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

MARTIN, Quiana. Abrace a linguagem do futebol. Disponível em: <https://bit.ly/2Daees8>. Acesso em: 20/01/2019

METODOLOGIA, DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Coletivo de autores**. 1992.

MORIN E (Dir.). **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Trad. Flavia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

REGO, José Lins do. **Flamengo é puro amor: 11 crônicas escolhidas. Seleção, introdução e notas de Marcos Castro**. – 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

RODRIGUES, Nelson. **A realeza de Pelé**. Disponível em: <https://bit.ly/2KKLCdh>. Acesso em 27/08/2018

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva a partir do original inglês. Disponível em: <<http://bit.ly/2DerjRi>> acesso em 01/10/2019

SWAN, Jacky. Using cognitive mapping in management research: decisions about technical innovation In: BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt. Mapas cognitivos e a pesquisa organizacional: explorando aspectos metodológicos. **Estudos de psicologia**, v. 7, n. 1, p. 65-77, 2002.



APÊNDICES

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA PARA A
PROFESSORA REGENTE DA TURMA**

I. INFORMAÇÕES GERAIS

1. Nome da escola: _____

2. Município: _____

3. Rede: () Estadual () Municipal () Privada

4. Segmento de ensino em que o(a) professor(a) atua na escola:

() Ensino Fundamental I () Ensino Fundamental II () Ensino Médio () EJA

() Outros: _____

5. Média de alunos/as por turma? _____

6. Formação do(a) professor(a) pesquisado: _____

7. Instituição de ensino em que o (a) professor (a) se formou e ano: _____

8. Você possui alguma pós-graduação? Qual? _____

9. Comente como você percebe a necessidade de o docente ter formação e investir na formação continuada? _____

10. Comente sobre as características da sua formação acadêmica em relação ao ensino do futebol na escola : _____

II. DO EXERCÍCIO PEDAGÓGICO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

1. Considerando que a Educação Física não possui um currículo definido, como você seleciona conteúdos para suas aulas? _____

2. Sua atuação é pautada em alguma abordagem pedagógica da Educação Física? Qual?

(Se a resposta à questão anterior for negativa pedir para justificar porquê não opta por orientar a prática pedagógica por nenhuma abordagem metodológica da Educação Física)

3. Você costuma recorrer aos documentos norteadores do ensino no Brasil para a elaboração de seus planos de ensino e planos de aula?

()sim

()não

Comente a respeito: _____

4. O planejamento da sua disciplina é realizado de forma articulada com o Projeto Político Pedagógico da escola? ()sim ()não

Comente a respeito: _____

5. Sua escola possui ginásio ou quadra poliesportiva? ()sim ()não

(Caso não possua, especifique onde realiza as aulas) _____

6. Sua escola possui material esportivo para as aulas de educação física? ()sim ()não

7. Comente sobre a quantidade e a qualidade do material esportivo disponível.

8. Você utiliza outros recursos didáticos além do material esportivo nas suas aulas? Quais?

9. Existe livro didático de Educação Física na sua escola? ()sim ()não

10. Caso a questão anterior seja positiva, com que frequência você recorre ao livro como instrumento didático em suas aulas? ()nunca ()às vezes ()sempre

11. O livro didático é adequado para que você ministre as aulas?

12. Você aborda o futebol como conteúdo de suas aulas no ensino médio?

()sim ()não

13. Comente sobre como se dá a adesão dos alunos à aula quando o conteúdo é futebol?

14. Comente se há resistência de determinados grupos de alunos em participar da aula quando o conteúdo é futebol: _____

15. Com que frequência você costuma promover torneios de futebol na escola?

()nunca ()às vezes ()sempre

16. Como se dá a adesão e participação dos alunos nestes eventos? Existe alguma diferença entre meninos e meninas? _____

17. Você trabalha com materiais de leitura na aula de Educação Física? ()sim ()não

18. Já utilizou textos literários? Quais? Como foi sua experiência? Comente:

19. Caso você não tenha utilizado textos literários, por que não os utilizou?

20. Considerando-se que leitura e escrita são competências importantes para a formação dos/as alunos/as, e que fazem parte das avaliações de desempenho como o IDEB e o ENEM, na sua disciplina você busca contribuir para o aprimoramento dessas competências em seus/as alunos/as? De que modo? (Em caso negativo, justifique) _____

21. Como você considera que os professores de outras disciplinas, alunos e direção da escola enxergam você? () professor () treinador

22. Como você se sente a respeito? _____

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa: **“FUTEBOL E LITERATURA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES TRANSDISCIPLINARES EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM JOÃO PESSOA-PB”**. Declaro ser esclarecido (a) e estar de acordo com o objetivo principal deste estudo, que é, promover uma proposta transdisciplinar de ensino por meio da recepção de textos literários sobre futebol nas aulas de educação física, que buscará articular práticas de movimento e de letramento para que a aula seja um espaço aberto a múltiplas experiências com literatura e futebol, e permitam o diálogo entre estas áreas de conhecimento e ampliando os meios como os quais os alunos atuam e aprendem sobre esporte dentro e fora do contexto escolar.

Ao voluntário caberá a autorização para a coleta de dados que se dará por meio da realização entrevistas semiestruturadas com duração média de trinta minutos, participação nas aulas de Educação Física que irão compor a sequência didática deste estudo e serão ministradas pela pesquisadora, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Os riscos previstos conforme a Resolução CNS 466/12/ CNS/MS Item V, são classificados como mínimos, ou seja, são semelhantes aos de uma aula de Educação Física comum no dia-a-dia escolar, que serão minimizados pela pesquisadora que estará comprometida em zelar pela integridade física e psíquica de todos os participantes alunos.

A pesquisadora caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. O voluntário poderá ser recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho a proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo. Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial. Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número: **(083) 98851-0591**, com **Laís Santos Castro**, (pesquisadora responsável junto a CONEP – PLATAFORMA BRASIL) ou ter suas dúvidas esclarecidas e liberdade de conversar com os pesquisadores a qualquer momento do estudo. Se houver dúvidas em relação aos aspectos éticos ou denúncias o Sr (a) poderá consultar o CEP/UEPB no endereço: Rua das Baraúnas, 351- Complexo Administrativo da Reitoria, 2º andar, sala 229; Bairro do Bodocongó - Campina Grande-PB nos seguintes dias: Segunda, terça, Quinta e Sexta-feira das 07h00 às 13h00.

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse. Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

João Pessoa, _____, de _____ de 20_____.

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica do Participante da Pesquisa



APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO - (TA)

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **“FUTEBOL E LITERATURA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES TRANSDISCIPLINARES EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM JOÃO PESSOA-PB”**. Neste estudo pretendemos: promover uma proposta transdisciplinar de ensino por meio da recepção de textos literários sobre futebol nas aulas de educação física. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é articular práticas de movimento e de letramento para que a aula seja um espaço aberto a múltiplas experiências com literatura e futebol, e permitam o diálogo entre estas áreas de conhecimento e ampliando os meios como os quais os alunos atuam e aprendem sobre esporte dentro e fora do contexto escolar.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: coleta de dados que se dará por meio da realização entrevistas semiestruturadas com duração média de trinta minutos, participação nas aulas de educação física que irão compor a sequência didática deste estudo e serão ministradas pela pesquisadora.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Para efeito deste termo, considera-se vulnerabilidade como sendo o estado de pessoas ou grupos que, por quaisquer razões ou motivos, tenham a sua capacidade de autodeterminação reduzida ou impedida, ou de qualquer forma estejam impedidos de opor resistência, sobretudo no que se refere ao consentimento livre e esclarecido. Este texto foi

elaborado preservando-se os princípios norteadores dos direitos fundamentais previstos na Constituição Federal de 1988 e em observância aos Artigos 3º, II e III; 4º, II, III e IV e 5º, do Código Civil Brasileiro.

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações junto à pesquisadora responsável Laís Santos Castro, telefone: (83) 988510591, ou ainda como Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Estadual da Paraíba, telefone (83) 3315-3373. Estou ciente que o meu responsável poderá modificar a decisão da minha participação na pesquisa, se assim desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

_____, de _____ de 20____.

Assinatura do (a) menor ou impressão dactiloscópica.

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa



Nome legível: _____

Endereço: _____

RG _____ Fone: _____

Data ____ / ____ / ____

Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE D - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ (TAGV)

Eu, _____, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada “**FUTEBOL E LITERATURA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES TRANSDISCIPLINARES EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM JOÃO PESSOA-PB**”, poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha voz, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Laís Santos Castro e seu Orientador o pesquisador Marcelo Medeiros da Silva a realizar a gravação de minha voz nas aulas, sem custos financeiros a nenhuma parte. Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações só poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art.5º, XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988.
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, na responsabilidade da pesquisadora coordenadora da pesquisa, Laís Santos Castro e após esse período, serão destruídos.
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

João Pessoa, _____ /de _____ de 20_____.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura e carimbo da pesquisadora responsável

APÊNDICE E
TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS) –
(TAUI)

Eu, _____, AUTORIZO a Professora Laís Santos Castro, coordenada da pesquisa intitulada: **“FUTEBOL E LITERATURA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES TRANSDISCIPLINARES EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM JOÃO PESSOA-PB”**, a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de FOTOGRAFIA E VÍDEO com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988.

A pesquisadora responsável, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio HD externo e em nuvem virtual, sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas. Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens. Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

João Pessoa, _____ de _____ de 20 _____

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura e carimbo da pesquisadora responsável

**APÊNDICE F - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA PARA OS/AS
ALUNOS/AS**

E.E.E.F.M Liliosa de Paiva Leite Ensino Médio Série: _____
Turno: _____ Turma: _____ Idade: _____ Sexo: () Masculino () Feminino

I. PERFIL SOCIOECONÔMICO DO LEITOR

1. Você se considera:

()branco/a ()negro/a ()pardo/a ()indígena () amarelo/a

2. Com quem você mora?

()Pai ()Mãe ()Tios ()Avós ()Outros_____

3. Qual o grau de instrução de seu(s) responsável(eis):

Responsável1- _____ () Não alfabetizado () Ensino Fundamental Completo

() Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Médio Completo

() Ensino Médio Incompleto () Nível Superior

Responsável1- _____ () Não alfabetizado () Ensino Fundamental
Completo

() Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Médio Completo

() Ensino Médio Incompleto () Nível Superior

4. Qual a profissão do(s) seu(s) responsável(eis)?

Responsável1- _____ Profissão _____

Responsável2- _____ Profissão _____

5. Qual a renda mensal total de sua família?

() Até 1 salário mínimo () Até 2 salários mínimos () Até 3 salários mínimos

() Até 4 salários mínimos () Acima 4 salários mínimos

6. Sua família é atendida pelo programa social Bolsa Família? () Sim () Não

7. Você desenvolve algum tipo de atividade para ajudar a complementar a renda da sua família? () Sim () Não

Atividade: _____

II. SOBRE O LEITOR FORA DA ESCOLA

1. Quantos livros há em sua casa?

() nenhum () entre 1 e 20 () entre 21 e 50 () entre 51 e 100 () acima de 100

2. Que tipo de livros há em sua casa (Baseado em: FAILLA, 2016):

() bíblia	() educação	() economia e política
() contos	() viagens e esportes	() dicionários
() romance	() saúde e dietas	() enciclopédias
() poesias	() direito	() fotografia e artes
() religiosos	() idiomas	plásticas
() didáticos	() esoterismo e ocultismo	() culinária e artesanato
() biografias	() infantis	() outros _____
() autoajuda	() infanto-juvenis	_____
() técnicos/ teóricos	() quadrinhos	

3. Seus responsáveis têm o hábito de ler?

() sim () não

4. Onde e o que eles leem: _____

5. Com que frequência seus responsáveis leem para você:

() nunca () raramente () às vezes () sempre

6. Você costuma ler fora da escola? () sim () não

Onde: _____

7. Com que frequência você costuma ler?

() nunca () raramente () às vezes () sempre

8. O que você costuma ler? (Marque mais de uma opção se desejar)

romances

poesias

crônicas

contos

textos religiosos

HQ's

revistas

jornais

sites e blogs

redes sociais

outros _____

9. Como você tem acesso aos livros?

empréstimo da biblioteca

emprestado de amigos

você mesmo compra

seus pais compram

ganha de presente

outros _____

10. Você costuma ler livros em que formatos?

impresso

celular

tablets e afins

computador

11. Dos livros que você já leu, qual você mais gostou? Por quê? _____

12. Você já leu livros literários sobre futebol? Qual? (caso negativo, você se interessaria por livros sobre essa temática?) _____

13. Você se considera leitor? Por que? _____

14. Caso tenha respondido negativamente à pergunta anterior, por que você não se considera um leitor? Você, no entanto, acredita que poderia tornar-se leitor? Por quê? _____

15. Você considera a leitura uma atividade importante na vida das pessoas? Por quê? _____

16. E na sua vida, a leitura é uma atividade importante? Por quê? _____

17. Você considera a leitura uma atividade prazerosa? Por quê? _____

II. SOBRE O LEITOR DENTRO DA ESCOLA

1. Você realiza a leitura de livros recomendada pela escola? () sim () não

2. Você considera a leitura recomendada pela escola prazerosa? () sim () não

3. Qual sua opinião sobre os livros recomendados pela escola?

4. Sua escola dispõe de biblioteca ou sala de leitura? () sim () não

5. Os professores realizam atividades pedagógicas na biblioteca da sua escola?

() nunca () às vezes () sempre

6. Caso a resposta anterior seja positiva indique quais as disciplinas dos professores que

6. Você considera o futebol uma atividade importante na vida das pessoas? Por quê?__

7. Você considera o futebol uma atividade prazerosa? Por quê?_____

V. SOBRE O LEITOR EDUCAÇÃO FÍSICA E FUTEBOL

1. Você gosta da disciplina de Educação Física? ()sim ()não

Comente:_____

2. Você considera os conteúdos abordados na disciplina de Educação Física importantes para sua formação? ()sim ()não

Justifique:_____

3. Sua escola possui ginásio ou quadra poliesportiva? ()sim () não

(Em caso negativo especificar onde ocorrem as aulas)

4. Existe material esportivo disponível na sua escola?()sim ()não

5. Qual sua opinião o modo como a aula de Educação Física é ministrada quando o conteúdo é futebol?_____

6. Quando o conteúdo é o futebol, você já sofreu/presenciou alguma situação de preconceito ou exclusão entre os alunos na aula?Comente:_____

7. Com que frequência competições de futebol ocorrem em sua escola?

()nunca ()às vezes ()sempre

8. Qual sua opinião sobre a importância desse tipo de atividade para a escola:

10. Quando o conteúdo é futebol, você considera que a participação entre meninos e meninas na aula é semelhante? ()sim ()não

Comente:_____

11. Quando o conteúdo é futebol, há momentos para leitura e discussão de textos literários e/ou não-literários na aula de Educação Física? ()sim ()não

Comente:_____

12. Deixe sua sugestão para as aulas de Educação Física com o conteúdo do futebol?

APÊNDICE G – AULA EXTRA (DUAS AULAS)

OBJETIVO GERAL: Refletir sobre importância da afetividade na construção dos conhecimentos e nas relações sociais estabelecidas no cotidiano escolar

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Discutir sobre o impacto afetivo de discursos com teor ofensivo na aprendizagem dos conteúdos e no cotidiano de sala;
- Realizar uma avaliação formativa sobre os conhecimentos produzidos nos quatro blocos de aula da sequência didática;
- Dirimir dúvidas a respeito da realização da mostra de conhecimentos.

ESPAÇO: sala de aula

MOTIVAÇÃO – DINÂMICA “OLHOS NOS OLHOS”

Dinâmica “*Olhos nos olhos*”:

A sala deverá organizada em um grande círculo e em seu centro uma mesa deve ser posicionada. Para conferir um clima de proximidade e partilha o professor poderá trazer lanches para serem distribuídos entre ele e os discentes e organizá-los sob a mesa. Uma caixa deverá ser posta na mesa e dentro dela devem ser colocados papeis nos quais serão escritos xingamentos e expressões ofensivas (estas frases podem ser fragmentos de conversas que podem ter ocorrido entre os discentes em outras aulas, ou insultos que ocorrem de forma corriqueira em sala de aula). O/A professor/a deverá solicitar quatro voluntários para participar do experimento e orientar-lhes que um a um, os estudantes deverão:

- Sorteiem um papel dentro da caixa;
- Façam uma leitura silenciosa do escrito.
- Digam em voz alta a expressão contida no papel olhando nos olhos do/da docente ou de algum/a colega;

Quando todos tiverem efetuado os comandos da atividade interagido com a bola, uma a uma, os discentes deverão ser viabilizada uma roda de conversa problematizando sobre o desenrolar da atividade.

Figura 2: Pote de bilhetes:



Fonte: Artesanato passo a passo¹

Figura 1: Discussão



Fonte: Ana Fraimam²

Questionamentos como os que se seguem poderão ser feitos:

- O que você achou da expressão escrita no papel sorteado?
- Você se sentiu à vontade para dizê-lo ao outro? Por quê?
- Como você se sentiria ouvindo expressão semelhante de alguém?
- Como você se sentiu observando uma pessoa receber uma ofensa diante de todos?
- Que sentimentos e emoções esse experimento inspirou em você?
- Que impactos emocionais e sociais você acha que esse tipo de ofensa pode trazer quem a recebe?
- Você acredita que a afetividade pode influenciar na aprendizagem dos conteúdos das disciplinas? Por quê?
- Você considera importante que tenhamos responsabilidade emocional em nossas relações dentro da escola? Por quê?

¹Disponível em: <https://tinyurl.com/y3phudwo> acesso em 20/07/2020.

²Disponível em: <https://tinyurl.com/y22tfbrq> acesso em 20/07/2020.

APÊNDICE H – QUESTIONÁRIO FORMATIVO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES

QUESTIONÁRIO FORMATIVO

1. Você considera positivo o uso dos textos literários sobre futebol na aula Educação Física?

() SIM () NÃO

2. Com base na experiência das aulas, você acredita que texto literário é um instrumento capaz de fomentar discussões que vão além dos aspectos técnicos e táticos do futebol na aula de Educação Física?

() SIM () NÃO

3. Você considera o texto literário foi um elemento importante para levantar discussões sobre temáticas sociais e culturais relacionada ao futebol na aula de Educação Física?

() SIM () NÃO

4. Você participaria de outro trabalho que articulasse literatura e futebol, ou literatura e algum outro conteúdo da Educação Física?

() SIM () NÃO

5. Dentre as temáticas discutidas qual você considera a mais interessante?

6. Que estratégia metodológicamais lhe agradou ao longo da aplicação de nossa da sequência didática?

7. O que menos lhe agradou nas aulas ao longo da aplicação de nossa sequência didática?

8. Em uma única palavra classifique os textos literários utilizados em nossa sequência didática?

ANEXOS

ANEXO A
PARECER CONSUBSTÂNCIADO CEP FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA
PARAÍBA

ANEXO A

FACULDADE DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DA PARAÍBA -
FCM/PB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FUTEBOL E LITERATURA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES TRANSDISCIPLINARES EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM JOÃO PESSOA-PB

Pesquisador: LAIS SANTOS CASTRO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 03933418.4.0000.5178

Instituição Proponente: Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.147.326

Apresentação do Projeto:

Este estudo trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória de abordagem qualitativa, pois se dirige a compreender de que modo a recepção de textos literários sobre futebol na aula de educação física pode contribuir com o ensino sobre este esporte nesta disciplina, versando pela apreensão do universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Quanto ao procedimento metodológico, ela será delineada por meio de uma pesquisa-ação. A pesquisa será realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Lílisa de Paiva Leite, localizada na Avenida Dom Bosco S/N, Cristo Redentor no município de João Pessoa – PB, funcionando nos turnos da manhã e tarde. A população que compõe este estudo é constituída por estudantes de ambos os gêneros com idades entre 15 e 19 anos, a amostra será composta por alunos de uma das turmas das séries iniciais do Ensino Médio, do ensino regular no turno da manhã. A escolha da turma se dará de forma parcialmente aleatória tendo como único parâmetro a prerrogativa de que a aula de Educação Física aconteça no primeiro e/ou segundo horário do dia, para garantir que as atividades práticas sejam realizadas na quadra da escola sem que o calor do sol seja um impedimento, uma vez que, este espaço não é coberto. Todos os alunos e alunas da turma serão convidados a participarem da pesquisa. O aluno só será excluído caso se recuse a participar da pesquisa, tenha

Endereço: Prédio Sede, Ladeira São Francisco, 16.

Bairro: Centro

CEP: 58.010-630

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3565-1057

Fax: (83)3044-0313

E-mail: comitedeetica@cienciasmedicas.com.br

FACULDADE DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DA PARAÍBA -
FCM/PB



Continuação do Parecer: 3.147.326

um índice de evasão às aulas maior que vinte e cinco por cento ou apresente restrições médica à prática esportiva. Os instrumentos para coleta de dados serão entrevistas semiestruturadas, observação participativa e diário de campo. A coleta de dados será realizada obedecendo aos seguintes procedimentos

descritos a seguir. No início da pesquisa a pesquisadora aplicará entrevistas semiestruturadas de forma individual ao professor regente da turma e aos alunos que fazem parte da amostra. Posteriormente ao longo de todo o percurso do trabalho em campo serão feitos registros sistemáticos no diário de campo quanto aos itens: planejamento, ação, observação e reflexão, além desses, poderão ser inseridos também registros de resumo de acontecimentos do dia, conversações, discussões, questões a serem aprofundadas, planos de ação, a cada aula serão feitos ainda registros fotográficos e/ou filmográficos por meio de smartphone como forma de complementar os escritos no diário. Os dados coletados serão processados por meio da técnica de análise de conteúdo, obedecendo as etapas propostas por Bardin.

Objetivo da Pesquisa:

- Descrever de que modo o diálogo com os textos literários sobre futebol na aula de educação física contribui para que os alunos construam sentidos e significados sobre este esporte na escola e em diferentes contextos;
- Correlacionar às experiências estruturadas a partir das narrativas com o futebol à possibilidade de desconstrução de padrões hegemônicos de ensino na educação física;
- Descrever e analisar as potencialidades e limites da abordagem das crônicas esportivas de José Lins do Rego como espaço de diálogo transdisciplinar sobre futebol, sociedade e cultura no currículo da disciplina de educação física no ensino médio;
- Elaborar e propor uma sequência didática com relato de experiência a partir da recepção crônicas literárias sobre futebol nas aulas de Educação Física.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os pesquisadores, esta pesquisa adequa-se aos princípios científicos e éticos por prevalecer os critérios de respeito e preservação da dignidade dos atores envolvidos no estudo. Tal pesquisa acarretará risco mínimo para os seus colaboradores, o qual será minimizado pela conduta do pesquisador, pois será mantido o compromisso de não identificar os nomes reais dos indivíduos envolvidos nesse processo visando, assegurar o caráter confidencial das informações relacionadas com a privacidade dos sujeitos da pesquisa.

Endereço: Prédio Sede, Ladeira São Francisco, 16.
Bairro: Centro **CEP:** 58.010-630
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3565-1057 **Fax:** (83)3044-0313 **E-mail:** comitedeetica@cienciasmedicas.com.br

FACULDADE DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DA PARAÍBA -
FCM/PB



Continuação do Parecer: 3.147.326

A presente pesquisa beneficiará os discentes de ambos os gêneros do segundo ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Lílissa de Paiva Leite de João Pessoa - PB que serão atores da aplicação de uma proposta transdisciplinar baseada na recepção de narrativas literárias sobre futebol nas aulas de Educação Física. Esperamos que a articulação entre as práticas de movimento e de letramento façam da aula um espaço aberto a múltiplas experiências com literatura e futebol, que permitam o diálogo entre estas áreas de conhecimento e amplie os meios como os quais os alunos atuam e tecem suas leituras sobre este esporte dentro e fora do contexto escolar. Além disso, espera-se alcançar novas possibilidades de atuação

docente, otimizar o uso dos espaços de aprendizagem existentes na escola tais como: biblioteca, pátio esportivo, auditório, sala de recursos audiovisuais, promovendo uma rotina de aula dinâmica que vá de encontro com a monotonia, muitas vezes, associada ao cotidiano escolar.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante e está bem redigida, estruturada e fundamentada, tendo significativa contribuição nas estratégias metodológicas de aprendizado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Quanto aos termos de apresentação obrigatória (folha de rosto, declaração de anuência, projeto completo, instrumentos da pesquisa, orçamento, termo de assentimento, termo de consentimento, termo de autorização para uso de imagens e gravação de voz) estão todos de acordo com as normas.

O cronograma deve ser atualizado considerando que a coleta de dados só pode acontecer após aprovação pelo comitê de ética.

Recomendações:

A pesquisadora deve seguir as sugestões indicadas neste parecer, procurando considerá-las em cadastros de projetos futuros, para evitar a condição de projeto pendente e atraso no início da coleta de dados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado com recomendações:

- 1_ Atualizar o cronograma respeitando o período de avaliação do projeto pelo comitê de ética.

Considerações Finais a critério do CEP:

Aprovado com recomendações:

- 1_ Atualizar o cronograma respeitando o período de avaliação do projeto pelo comitê de ética.

Endereço: Prédio Sede, Ladeira São Francisco, 16.

Bairro: Centro **CEP:** 58.010-630

UF: PB **Município:** JOAO PESSOA

Telefone: (83)3565-1057 **Fax:** (83)3044-0313 **E-mail:** comitedeetica@cienciasmedicas.com.br

FACULDADE DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DA PARAÍBA -
FCM/PB



Continuação do Parecer: 3.147.326

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1264051.pdf	02/12/2018 23:16:21		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDePesquisa.pdf	02/12/2018 23:15:02	LAIS SANTOS CASTRO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMADEEXECUCAO.pdf	02/12/2018 23:11:54	LAIS SANTOS CASTRO	Aceito
Outros	ENTREVISTAPROFESSORREGENTE.pdf	02/12/2018 23:09:34	LAIS SANTOS CASTRO	Aceito
Outros	ENTREVISTAALUNOS.pdf	02/12/2018 23:08:29	LAIS SANTOS CASTRO	Aceito
Outros	FORMULARIODEENTREGADEPROJETODEPESQUISAAOCEPUEPB.pdf	02/12/2018 13:04:49	LAIS SANTOS CASTRO	Aceito
Outros	autorizacao_gravacao_de_voz.pdf	02/12/2018 13:01:59	LAIS SANTOS CASTRO	Aceito
Outros	termodeautorizacao_imagem_e_video.pdf	02/12/2018 12:58:10	LAIS SANTOS CASTRO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaodeconcordanciacomapesquisadores.pdf	02/12/2018 12:36:39	LAIS SANTOS CASTRO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termodecompromissodopesquisadorresponsavel.pdf	02/12/2018 12:15:44	LAIS SANTOS CASTRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeassentimento.pdf	02/12/2018 11:57:23	LAIS SANTOS CASTRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeconsentimentolivreeesclarecido_lais.pdf	02/12/2018 11:56:16	LAIS SANTOS CASTRO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_de_autorizacao_da_intituicao_escolar.pdf	02/12/2018 11:47:27	LAIS SANTOS CASTRO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTOLAISSANTOSCASTRO.pdf	01/12/2018 16:12:50	LAIS SANTOS CASTRO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Prédio Sede, Ladeira São Francisco, 16.
Bairro: Centro **CEP:** 58.010-630
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3565-1057 **Fax:** (83)3044-0313 **E-mail:** comitedeetica@cienciasmedicas.com.br

FACULDADE DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DA PARAÍBA -
FCM/PB



Continuação do Parecer: 3.147.326

JOAO PESSOA, 14 de Fevereiro de 2019

Assinado por:
Cristiani Garrido de Andrade
(Coordenador(a))

Endereço: Prédio Sede, Ladeira São Francisco, 16.
Bairro: Centro **CEP:** 58.010-630
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3565-1057 **Fax:** (83)3044-0313 **E-mail:** comitedeetica@cienciasmedicas.com.br

ANEXO B

CRÔNICA “SOBRE VACAS, PORCOS E BOLAS...”

Eu havia acabado de me mudar de Minas para o Rio de Janeiro, ano de 1945. Caipira, desconhecia as regras da sociabilidade da capital. Foi então que um colega do curso de admissão chegou-se a mim sorrindo e, num gesto de amizade me disse: “Eu sou flu. E você?” Fiquei abobalhado. Ele era “flu”. “Flu” deveria ser uma coisa muito importante, ao ponto de ele me confessar ser “flu”. Mas eu não sabia o que era “flu”. Diante do meu silêncio ele se dirigiu a um outro colega e lhe disse a mesma coisa. “Eu sou flu...”, ele repetiu. “Eu sou ‘mengô’, o outro respondeu. Iniciavam-se assim as relações sociais não com a troca de cartões de visita mas com a troca de nomes de times. Eu não tinha nome a dizer. Portanto não existia...

Contaram-me de um palmeirense roxo que odiava o Corinthians. Já velho, na cama, em agonia, aguardava o apito do Grande Juiz que o expulsaria de campo. Chamou o filho e com voz trêmula lhe disse: “Filho, estou morrendo... Quero que você faça a minha última vontade. Vá lá no Corinthians e inscreva-me como torcedor...” O filho achou que o velho já estava tendo alucinações, estava mais pra lá que pra cá. Argumentou. Mas o pai foi irredutível. O filho fez, então, a vontade do pai. Voltou com a carteirinha de torcedor do Corinthians. O velho, vendo o seu rosto na carteirinha, sorriu um sorriso angelical e disse: “Oh, a suprema alegria de ver mais um corintiano morrer...” Ditas essas palavras, entregou a alma.

Essa minha indiferença ao futebol, exceto quando o Brasil está jogando, tem sido causa de muitos embaraços e cheguei mesmo a levar esse problema à minha psicanalista. “Por que é que todo mundo se entusiasma com futebol e eu não me entusiasmo?” Ela me sugeriu que, com certeza, deveria haver algum trauma infantil não resolvido no início dessa perturbação. Sugeriu-me entregar-me às associações livres, que eu me deixasse levar pelas minhas memórias da mesma forma como os urubus se deixam levar pelo vento. Voei. E eis que, de repente, uma cena esquecida me apareceu. Era um campo de futebol de roça, um pastinho. Dois times estavam jogando. Meu irmão me levava até aquele lugar. Eu nada entendia do que estava acontecendo, todos aqueles homens em calções correndo para chutar uma bola.

Tudo estava acontecendo sem maiores percalços quando, de repente, veio pela estrada de terra um cavaleiro conduzindo uma vaca. A vaca, vendo aquele alvoroço, a bola que era chutada pra lá e chutada pra cá, resolveu entrar no jogo, arremeteu contra a bola, cabeça

abaixada como os touros na arena. Os jogadores e o juiz fugiram espavoridos. Muitos subiram em árvores. Eu, menino pequeno, não conseguiria subir numa. Meu irmão, pra me salvar, arrastou-me para um chiqueiro cheio de porcos e colocou-me lá dentro. Ele ficou de pé na segunda tábua do chiqueiro apreciando, de uma posição segura, o desenrolar do futebol bovino.

A vaca, não contente em chifrar a bola, dispunha-se a chifrar tudo o que se movesse. Mas eu, dentro do chiqueiro, nada via, a não ser aqueles porcos peludos que grunhiam grunhidos que eu desconhecia. Fiquei com muito medo. Minha analista, comovida com o meu relato, concluiu que minha indiferença ao futebol se devia a essa experiência em que o jogo aparece ligado a uma vaca desembestada e a porcos mal cheirosos. Concordei. Minha primeira experiência com o futebol foi traumática: bovina e suína. E não é raro que uma partida termine em tourada e seja ocasião para a manifestação do espírito de porco...

ALVES, Rubem. **O futebol levado a riso: lições do bobo da corte**. Verus Editora, 2011

ANEXO C

CRÔNICA “O FLA X FLU EM RECIFE”

A grande parada esportiva dos gramados cariocas vai ao Recife para uma demonstração de gala.

E, assim, Flamengo e Fluminense vão se encontrar em terras pernambucanas numa partida que, ao certo, contentará os numerosos fãs dos dois clubes

Mais uma vez o futebol se transforma num elemento de ligação, alegria e festa para o povo. Os promotores do encontro de domingo foram felizes na iniciativa, que terminará em sucesso. E assim teremos em Recife o duelo das duas mais simpáticas torcidas do Brasil. O Flamengo é o clube do povo de Pernambuco como é do povo Carioca. Mas contará dessa vez o fluminense com a simpatia de grandes correntes de fãs, porque com ele irão até lá os dois craques mais populares em Recife, o Ademir do Sport Clube, o Orlando do clube Náutico Capibaribe.

Mas apesar de tudo o Flamengo será o favorito das massas.

10/07/1947

REGO, José Lins do. **Flamengo é puro amor: 11 crônicas escolhidas. Seleção, introdução e notas de Marcos Castro.** – 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

ANEXO D

CONTO “MUTOLA”

1

O *chivambo* gostava de contar histórias, mas esta era a sua preferida. Contava-a tantas vezes quanto podia. Uns ouviram-no quando pregava na Igreja Presbiteriana de Chamanculo, lá para os anos 1960. Os colegas ouviram-no no quarto do colégio da missão. Outros ainda ouviram-no de armas nos ombros, na marcha da libertação. 1

Era uma vez... Um homem que apanhou uma águia pequenina. Levou-a para casa e pô-la na capoeira. Educada como uma galinha, a águia até comia a comida dos patos. Comportava-se como uma verdadeira galinha. Um biólogo passou por ali e exclamou: - Uma águia na capoeira de galinhas! - Era uma águia mas transformei-a em galinha apesar de todo o seu tamanho – respondeu o dono da capoeira, muito vaidoso. - Não, responde o biólogo. Uma águia é uma águia. Nasceu para governar o mais alto dos céus. - Esta nunca mais voará! Discutiram. O dono da capoeira teimava e, por isso, fizeram a aposta. O biólogo erguendo a pesada ave, disse: - Águia, águia, abre as tuas asas e voa. A ave olhou para todos os lados. Viu o farelo e as galinhas a debicar. Voltou para o chão e continuou a sua vida de galinha. O dono afirmou, contente: - Viu? O biólogo teimou. Fizeram a experiência mais três vezes e nada! Á águia era mesmo galinha. Na quinta tentativa, o biólogo obrigou a ave a confrontar o sol enquanto implorava: - Águia, águia, abre as tuas asas e voa! A ave real abriu as asas e lançou-se no voo, subiu, subiu até desaparecer no horizonte. As águias, como as andorinhas, são filhas da liberdade.

2

- És completamente maluca Lurdes – diziam as amigas lá do bairro – tu não és mulher!
 - Por quê? O que significa ser mulher? – questionava incrédula.
 - Ah! Mas que pergunta! – diziam com ar de gozo.– Será que nunca viste nas revistas, nas novelas?
 - Não tenho vontade nenhuma de perder o meu tempo e entrançar cabelos de boneca. – respondia zangada.

- Devias sim, preocupar-te com coisas de mulher. Por exemplo: ser mais sensual. Fazer enxoval. Concluir um curso de cozinha e outro de boas maneiras enquanto esperas um noivo, para casar e fazer filhos. Não é para isso que as mulheres servem?

- Farei tudo isso um dia!...

- Um dia? Vais perder essa juventude toda à espera do tal dia?

Manifesta-se a cegueira humana diante dos seres eleitos. Contemplando os gênios, nós, os vulgares, achamo-los diferentes, estranhos, curiosos e dignos das mais severas críticas. Diante deles, nos sentimos perfeitos e, vezes sem conta, ferimo-los com os sabres venenosos que residem nas nossas línguas...

- Conheço uma boa estilista, queres vir?

- Não tenho tempo, vou treinar.

- Ah, só faltava essa. Não nos venha dizer, amanhã, que não tens namorado.

- As andorinhas, correndo às voltas no céu, me inspiram. Atrás de uma bola no relvado, sinto-me a voar na conquista do mundo. Vou inscrever-me num clube de futebol. Que mal há nisso?

- Vais estragar o corpo, Lurdes? Vais ficar com os músculos rijos. Os homens gostam de mulheres de peles lisas como caju. Gostam de músculos suaves como carne de frango. Vais jogar futebol? Enlouqueceste de vez?

- Pode ser que esteja louca sim. Mas a bola me atrai. Depois dos treinos e da competição, poderemos ir? - Essa é boa! As duas coisas não casam. Ou escolhes uma, ou escolhes outra.

- Tudo bem. Vou pensar, mas, por favor, deixem-me realizar os meus sonhos e seguir a minha estrada. Ninguém conseguia entender muito bem como é que ela conseguiu entrar num clube de futebol masculino. Devem tê-la aceite por curiosidade ou para experimentar. Ou para perseguir com fidelidade o postulado constitucional, no que toca a igualdade entre homens e mulheres. Talvez porque, nas leis do futebol, se esqueceram de escrever que esse desporto era o santuário exclusivo dos homens. Ou simplesmente por lapso, nunca ninguém imaginara tal embaraço!...

No dia da partida, ela jogou futebol mestria e marcou golos na equipa de homens. E ela jogou com elegância e sem a menor inquietação, para o assombro do mundo.

- Gôôôôlo! - Mas quem marcou o golo?

Depois do golo tão desejado, o embaraço da equipa. Como podiam eles celebrar a golada com abraços efusivos, abraços, saltos mortais, carregadas nas costas, tal como cabritos felizes rebolando nos prados, se ela era uma mulher? Como podiam abraçá-la,

amassá-la, carregá-la, com toda aquela loucura e liberdade, se o corpo de mulher só pode ser tocado apenas pelo seu homem? Os comentaristas da rádio relatam o fato com vozes sincopadas. Não sabem o que dizer ao certo, não foi ainda desenvolvido o vocabulário jornalístico para golos de mulher. Para remediar a situação, o locutor da rádio diz muitas asneiras.

- Ah! Que estranho. Nesta vitória os golos foram de mulher, de homem não – gritava o locutor da rádio – as mulheres normalmente não jogam futebol.

O desconforto não tardou a vir dentro da equipa. Porque os homens começavam já a sentir-se menos homens e ela, uma mulher acima dos homens.

- Isto é nefasto para o estado psicológico da equipa – diziam os treinadores. Esta mulher não pode continuar aqui. O treinador da equipa adversária grita, esbaforido, para os seus jogadores.

- Gastei o meu melhor tempo, a minha melhor energia, a treinar uma equipa cacarejante. Se ao menos fossem galinhas poedeiras, poderiam, pelo menos, pôr um golo. Como homens, deviam ser superiores a ela. Ela sim, tem muito valor. É uma águia numa capoeira de galinhas macho. Não posso suportar semelhante humilhação, demito-me!

O caso desta menina abalou o país inteiro. Os homens defenderam o seu espaço por decreto. Já não podem jogar – disseram. Era o regulamento. Cumpra-se. E assim a Lurdes foi legalmente afastada do santuário dos homens. As mulheres celebraram o afastamento. Porque ser mulher de verdade é ser a beldade. Maquilhada. Uma miss escovada e lisa como uma boa montada. Os homens celebraram. Porque é mesmo incômodo ter um rival no feminino.

Na vitória das mulheres, reside a desonra dos homens. Pobre Lurdes. Sofreu a pressão das mulheres. Suportou com dureza a exclusão dos homens, que elegantemente a afastaram em nome da lei. Foi discutida em reuniões magnas, onde só entravam os homens de fato e gravata, discutidas nos encontros dos bares, pelas mulheres dos mercados, por jornalistas, comentaristas, desportistas, que só falavam do seu caso. Mais difícil ainda deve ter sido ouvir o caso propalado aos quatro ventos, pelo jornal, rádio, televisão.

Um dia, passou um homem que viu, no meio da equipa, uma jogadora de estatura fenomenal. Aproximou-se dela e disse: - Menina, tu és um monumento. O teu lugar é entre os deuses. Na altura, ela não percebeu nada. Então, o homem a levou para longe da equipa e disse:

- Menina, tu és uma águia. Tu pertences ao céu e não a terra. Abre as tuas asas e voa!

Ela olhou para todos os lados e estremeceu, invadida pelo medo das alturas. E não voou. Voltou a experimentar, com o olhar fixo no dourado solar. Concentrou-se e lançou-se

no voo. Subiu, subiu e se colocou um ponto invisível além do horizonte. Ela era, afinal, uma águia de ouro. Águia d'Ouro era também o nome do clube de onde foi afastada por decreto. Os olhos cegos deste mundo não enxergaram a verdade. No clube, afastaram a águia e ficaram com as galinhas macho, por não perceber que a verdadeira águia de ouro era ela!

3

Na escola, lhe chamam Maria de Lurdes. Outros a tratam simplesmente por Maria. De sobrenome, Mutola, porque os antepassados untavam o corpo com óleo sagrado de mafurra. Eles tolam – untam-se – por isso lhe chamam Mutola, os ungidos pelos deuses! Depois de deixar o futebol, ela abraçou outra arte. Tornou-se atleta. No mundo das corridas, chamaram-lhe apenas Maria Mutola. Mutola coloca os olhos no céu em cada passo e corre, de alma leve e limpa, lubrificada pelo m'tona, o mágico óleo de mafurra. Em cada gesto, elevando a bandeira da nação, na síntese de todos os sonhos de todas as gerações de toda a gente da nossa terra. Águia real, ela vai ao encontro dos deuses. De lá, nos traz os cálidos raios de sol que confortam as nossas almas e iluminam as noites das nossas vidas. Vitória aqui, medalha acolá, a nossa bandeira flutuou vitoriosa até alcançar o trono dourado do Zulwine, o Olimpo!

Por isso, cada vez que passa uma águia, as andorinhas bailam no céu e a terra inteira levanta os olhos para o alto em êxtase e delírio: “- Obrigado Mutola, que encarnaste o espírito de Mondlane, e te lançaste no voo da águia! Que transformou o próprio corpo em Chivambo. Filha dos espíritos dos N'wanati, de Kambana, de Dzovo. de Maundlane, de Maxele, de Ngomati, de Nyathe – o grande Zambeze! Das tuas asas de águia teceste o Chitlango que nos elevou ao mais alto do Zulwine, onde a morte não existe. Ungiste o corpo e alma do nosso povo com o m'tona, óleo sagrado do olimpo. Obrigado, Mutola, águia dos deuses!”

GLOSSÁRIO Chitlango – escudo de defesa Chivambo – objeto ou lugar de tortura Dzovo – pele m'tona – óleo de mafurra Maundlane - criador Mafurreira – árvore de grande porte (oleaginosa) Zulwine – céu, paraíso

CHIZIANE, Paulina. **As andorinhas**. Nandyala Livros, 2013.

ANEXO E

CRÔNICA “A REALEZA DE PELÉ”

“Depois do jogo América x Santos, seria um crime não fazer de Pelé o meu personagem da semana. Grande figura, que o meu confrade Laurence chama de “o Domingos da Guia do ataque”. Examino a ficha de Pelé e tomo um susto: - 17 anos! Há certas idades que são aberrantes, inverossímeis. Uma delas é a de Pelé. Eu, com mais de 40, custo a crer que alguém possa ter 17 anos, jamais. Pois bem: - verdadeiro garoto, o meu personagem anda em campo com uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-ia um rei, não sei se Lear, se “Imperador Jones”, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: - ponham-no em qualquer rancho e sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor.

“O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: - a de se sentir rei, da cabeça aos pés. Quando ele apanha a bola, e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento. E o meu personagem tem uma tal sensação de superioridade que não faz cerimônias. Já lhe perguntaram: - “Quem é o maior meia do mundo?”. Ele respondeu, com a ênfase das certezas eternas: - “Eu”. Insistiram: - “Qual é o maior ponta do mundo?”. E Pelé: “Eu”. Em outro qualquer, esse desplante faria rir ou sorrir. Mas o fabuloso craque põe no que diz uma tal carga de convicção que ninguém reage e todos passam a admitir que ele seja, realmente, o maior de todas as posições. Nas pontas, nas meias e no centro, há de ser o mesmo, isto é, o incomparável Pelé.

“Vejam o que ele fez, outro dia, no já referido América x Santos. Enfiou, e quase sempre pelo esforço pessoal, quatro gols em Pompéia. Sozinho, liquidou a partida, liquidou o América, monopolizou o placar. Ao meu lado, um americano doente estrebuchava: - “Vá jogar bem assim no diabo que o carregue!”. De certa feita, foi, até, desmoralizante. Ainda no primeiro tempo, ele recebe o couro no meio do campo. Outro qualquer teria despachado. Pelé, não. Olha para frente e o caminho até o gol está entupido de adversários. Mas o homem resolve fazer tudo sozinho. Dribla o primeiro e o segundo. Vem-lhe ao encalço, ferozmente, o terceiro, que Pelé corta, sensacionalmente. Numa palavra: - sem passar a ninguém e sem a ajuda de ninguém, ele promoveu a destruição minuciosa e sádica da defesa rubra. Até que chegou um momento em que não havia mais ninguém para driblar. Não existia uma defesa.

Ou por outra: - a defesa estava indefesa. E, então, livre na área inimiga, Pelé achou que era demais driblar Pompéia e encaçapou de maneira genial e inapelável.

Ora, para fazer um gol assim não basta apenas o simples e puro futebol. É preciso algo mais, ou seja, essa plenitude de confiança, de certeza, de otimismo que faz de Pelé o craque imbatível. Quero crer que a sua maior virtude seja, justamente, a imodéstia absoluta. Põe-se por cima de tudo e de todos. E acaba intimidando a própria bola, que vem aos seus pés como uma lambida docilidade de cadelinha. Hoje, até uma cambaxirra sabe que Pelé é imprescindível na formação de qualquer escrete. Na Suécia, ele não tremerá de ninguém. Há de olhar os húngaros, os ingleses, os russos de alto a baixo. Não se inferiorizará diante de ninguém. E é dessa atitude viril e, mesmo, insolente de que precisamos. Sim, amigos: - aposto minha cabeça como Pelé vai achar todos os nossos adversários uns pernas de pau.

“Por que perdemos, na Suíça, para a Hungria? Examinem a fotografia de um e outro times entrando em campo. Enquanto os húngaros erguem o rosto, olham duro, empinam o peito, nós baixamos a cabeça e quase babamos de humildade. Esse flagrante, por si só, antecipa e elucida a derrota. Com Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós”.

A realeza de Pelé", escrita por Nelson Rodrigues para a revista Manchete Esportiva, em 8 de março de 1958. Disponível em: <http://umacriticaviva.blogspot.com/2010/10/nelson-rodrigues-realeza-de-pele.html> acesso em 27/08/2018

ANEXO F

ESCUDOS DE TIMES⁵⁷

CSP JOÃO PESSOA	QUEIMADENSE QUEMIADAS	SABUGY FUTEBOL CLUBE / SANTA LUZIA	ESPORTE CLUBE DE PATOS - PATOS
--------------------	--------------------------	---------------------------------------	-----------------------------------



CAMPINENSE CAMPINA GRANDE	PERILIMA CAMPINA GRANDE	SERRANO SERRA REDONDA	AUTO ESPORTE CLUBE
------------------------------	----------------------------	--------------------------	-----------------------



CONFIANÇA SAPÉ	ATLÉTICO CAJAZEIRAS	ATLÉTICO GUARABIRA	FLAMENGO RIO DE JANEIRO
-------------------	------------------------	-----------------------	----------------------------



⁵⁷ As figuras com os escudos de times encontram-se disponíveis em: <https://tinyurl.com/y5mmtz97> acesso em 24/07/2020

VASCO RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO SÃO PAULO	PALMEIRAS SÃO PAULO	FORTALEZA DE FORTALEZA
-------------------------	------------------------	------------------------	---------------------------



GRÊMIO PORTO ALEGRE	CSA MACEIÓ	CORINTHIANS SÃO PAULO	SANTOS SÃO PAULO
------------------------	---------------	--------------------------	---------------------



BAHIA BAHIA	ATLÉTICO MINEIRO MINAS GERAIS	BOTAFOGO RIO DE JANEIRO
----------------	----------------------------------	----------------------------



ANEXO G

Figura 1: Mulheres observando roupas.



Fonte: Agência de Notícias de Paraná⁵⁸

Figura 2: Mulheres fazendo faxina



Fonte: Vix⁵⁹ (Imagem da mulher branca) –

⁵⁸Disponível no site: <https://tinyurl.com/y4xymmvx> acesso em 24/07/2020.

⁵⁹ Disponível em <https://tinyurl.com/y37vskqt> acesso em 24/07/2020.

Figura 3: Mulher negra fazendo faxina



Fonte: Depositphotos⁶⁰

Figura 4: Crianças sorrindo



Fonte: Freepik⁶¹

⁶⁰ Imagem da mulher negra disponível em <https://tinyurl.com/y4xymmvx> acesso em 24/07/2020.

⁶¹ Disponível em: <https://tinyurl.com/y4zuncyo> acesso em 24/07/2020

Figura 5: Criança negra sorrindo



Fonte: Facebook – Crianças negras são lindas⁶²

Figura 6: Homens correndo



Fonte: Mercado e Consumo⁶³

⁶² Disponível em: <https://tinyurl.com/y4zuncyo> acesso em 24/07/2020.

⁶³ Disponível em: <https://tinyurl.com/y4zuncyo> acesso em 24/07/2020.

Figura 7: Homens de terno



Fonte: Buzzfeed⁶⁴

Figura 8: Homem negro fazendo jardinagem



Fonte: Wbur⁶⁵

⁶⁴ Disponível em: <https://tinyurl.com/y4zuncyo> acesso em 24/07/2020.

⁶⁵ Disponível em: <https://tinyurl.com/y5392m7x> acesso em 24/07/2020

Figura 9: Homem branco fazendo jardinagem



Fonte: Dissolve⁶⁶

Figura 10: Homens no computador



Fonte: Freepik⁶⁷

⁶⁶ Disponível em: <https://tinyurl.com/y59rnaoe> acesso em 24/07/2020

Figura 11: Homem negro no computador



Fonte: Dreamstime ⁶⁸

⁶⁷ Disponível em: <https://tinyurl.com/yxp3smv3> acesso em 24/07/2020.

⁶⁸ Disponível em: <https://tinyurl.com/y5bvb3h2> acesso em 24/07/2020.